

MD Magno



SóPapos

2 0 1 9

NOVamente
editora

SóPapos

2 0 1 9

Este livro transcreve a fala de MD Magno em 2019. Continua aqui a publicação de seus *SóPapos*, iniciados em 2011 (“deixando correr os papos no aleatório, mas sem jogar conversa fora”), após os *Seminários* (1976-1999) e os *Falatórios* (2000-2010), todos realizados sem interrupção. É a conversa sobre a Nova Psicanálise, ou NovaMente, desenvolvida por ele desde a década de 1980: reformatação que unifica o aparelho teórico-prático da psicanálise e o mantém em consonância com os avanços do pensamento. De saída, os papos apontam duas narrativas sobre o conhecimento. As *verossímeis*, que reportam suas descrições, por mais mirabolantes que sejam, a algum acontecimento – caso da literatura. E as *verificáveis*, que buscam maior exatidão na abordagem da realidade – caso das ditas ciências duras. Ambas são polos de orientação, há muita coisa no meio. O pensamento psicanalítico vive entre o verossímil e o verificável. Daí, por exemplo, a psicanálise atual buscar entender o *Sintoma* como um algoritmo. E o modo de lidar com ele como tentativa de interromper a cadeia de seu funcionamento, *i.e.*, a série que o constitui.

O vício de nossa época é insistir em pensar de modo excludente: democracia ou socialismo, etc. São construções patologicamente sintomáticas e exclusivas por recalque – “e não pseudo sintomáticas por escolha” como concebe a psicanálise. Assim, dada a evidente “gastura das formações” de hoje, temos uma perda de validade em todas as áreas, o que tem feito a maioria correr para trás na política, na religião... Isto, ao invés de endereçar o pensamento adiante.

Na seção sobre seu encontro com Tunga, Magno discorre sobre o grupo que o lançou como artista plástico. Sua primeira exposição

individual foi na casa de Eduardo Sued (1972) e a segunda no MAM/RJ (1974), com texto de apresentação de Magno. Em meados dos anos 1980, Tunga dá sequência ao que Magno lhe dissera sobre a equação $girl = phallus$ (Otto Fenichel), retomada por Lacan como “os homens têm / as mulheres são”, e expõe: troncos de madeira torneados resultantes da projeção da forma de meninas nuas. Diz ele a Magno: “Dei solução à equação. São caralhos fêmeos”.

Com o desenvolvimento da Teoria das Formações, esboçada desde os anos 1970, temos que a psicanálise busca entender a *composição* das formações. “Formação é a suposição de que o que quer que compareça no Haver tem uma organização interna qualquer. Mas só é possível ser considerada a partir da transa dessas formações com as formações que estão ‘do lado de cá’, que são aquelas que permitem a consideração. E, provavelmente, não temos a menor condição de delimitar isso”.

Assim, “é balela é pensar que nos apaixonamos pelo outro. Não é. Apaixonamo-nos por nossas próprias formações. Elas é que nos colocam nesse estado horroroso, doentio. Topamos com uma presença que corresponde às nossas formações. É algo biunívoco quanto a certas formações”.

E os papos continuam sobre: a parca diferença entre hipnose (invasiva) e transferência (delegada); a mentalidade Turing e as formações polares no século XXI; a relatividade da noção de identidade; a análise pensada como laboratório de desmontagem da transferência; a fantasia sexual como algoritmo de gozo de cada um; a diferença entre os vetores de intervenção na psicanálise e na psicologia; a teoria quântica como teoria física do Inconsciente; o primado do analógico sobre o metafórico e o simbólico; o excesso como causa da falta; Joyce: *Sense in Thomas* (sem sintomas)...

SóPapos
2 0 19

MD Magno

SóPapos

2 0 1 9



NOVAMENTE
editora

NOVAMENTE

editora

é uma editora da

UNIVERCIDADEDEUS

Presidente Rosane Araujo

Diretor Aristides Alonso

Copyright 2021 MD Magno

Texto preparado por

Nelma Medeiros

Patrícia Netto Alves Coelho

Potíguara Mendes da Silveira Jr.

Revisão: Paula de Oliveira Carvalho

Diagramação e editoração eletrônica: Wallace Thimoteo

Editado por

Rosane Araujo

Aristides Alonso

...etc.

Estudos Transítivos do Contemporâneo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dias, Magno Machado

SóPapos 2019 [livro eletrônico] / Magno Machado Dias. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Novamente Editora, 2021.

PDF

ISBN 978-65-88357-06-4

1. Psicologia I. Título.

21-74705

CDD-150

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Direitos de edição reservados à:

UNIVERCIDADEDEUS

Rua Sericita, 391 – Jacarepaguá

22763-260 Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (021) 2445-3177

www.novamente.org.br

Onde está a Margarida?

/ ... /

Ela está no seu castelo

/... /

Mas o muro é muito alto

/ ... /

Eu tirando uma pedra

/ ... /

Eu tirando duas pedras

/ ... /

Apareceu a Margarida

Olê, olê, olá!

CANTIGA DE RODA

SUMÁRIO

1, 17

Análise transmite a emergência do estilo do analisando – Indicação de Clássico, Barroco, Maneiro e Tanático é pela *forma*, e não pela história da arte – Comentário sobre *Fascismo Eterno*, de Umberto Eco – Proposição de duas narrativas de conhecimento: verossímeis e verificáveis – A psicanálise possível de incrementar é via algoritmo – Consideração das narrativas verossímil e verificável a partir do modelo polo, foco e franja – Compatibilidade entre o modelo da NovaMente (Cosmologia Libidinal) e o modelo de Big Bounce de Mario Novello.

2, 23

Minimalismo do conceito de *formação sintomática* – Equivalência entre sintoma e algoritmo — Algoritmo narrativo, fluxograma e pseudo-linguagem – Processo analítico pensado algorítmicamente – Incidência do algoritmo narrativo na análise – Como se acha um pensamento? – Estudo como erudição ou como criação.

3, 29

Exigência de uma cosmologia para situar o nível do geral – Desmontagem da ideia de sujeito: origem medieval, sintoma da relação do senhor com o súdito, transposição da gramática para condição existencial de assujeitado – A sequencialidade no Haver é algorítmica – Funcionamento radical da mente é Revirão e seu decaimento sequencial é algorítmico – O efeito de evidenciação do Quarto Império e a resposta regressiva – Bandarra, Vieira, Pessoa, Nova Psicanálise – Dois alelos do mito da Ordem de Cristo: o imbecil e o progressivo

– Verossimilhança e verificabilidade no Creodo Antrópico – O que interessa é o *funcionamento*, e não a verdade – Verdade e HiperRecalque.

4, 36

Haver suporta o discreto e o contínuo – Epistemologia supõe regragem do conhecimento – Século XX produziu um pensamento predominantemente fascista e racista – Série antrópica da passagem dos Impérios não é utopia – Para a Nova Psicanálise, Revirão é limite para qualquer processo teórico – Teoria das Formações é mais abrangente que Teoria dos Circuitos – Considerações sobre a Função Analista e suposta passagem de analisando a analista.

5, 42

Precisões sobre a afirmação “os circuitos são formações, mas nem todas as formações são circuitos” – Curto-circuito: HiperDeterminação não é fluxo – Suposição de saber não faz transa – Ignorância é traumática – Circuito não está dado *a priori* – O sentido do sintagma “tudo é” na Nova Psicanálise.

6, 47

Generalização da abordagem algorítmica – HiperDeterminação como limite – O truque psicanalítico é musical: composição e algoritmo sintomáticos – Possibilidades de afetação musical das formações – Análise toca a música do analisando – Cura como destacamento do algoritmo musical do analisando.

7, 53

Precisões sobre Formações e Circuitos – Criação de conhecimento é traumática – Equivalência entre suposição e *subjectum* – Sujeito resulta de decreto teológico-político – Função Analista em estado de perplexidade – Considerações sobre o texto *O Hifen na Barra*.

8, 60

Comentários sobre *A Grande Ruptura*, de Manuel Castells – Retrocesso resulta de quebra de parâmetros – Psicanálise “passada a limpo” é referência futura de civilização – Diferocracia: consideração radical das diferenças – Limites do capitalismo contemporâneo.

9, 66

Emergência e percurso da produção plástica de Tunga – Demonstração de Tunga da equação de Fenichel (Girl = Phallus) e da proposição lacaniana ser/ter o falo – Linhagem de um sintoma na análise.

10, 76

Recapitulação da montagem da *Teoria das Formações* – Limitação do conceito lacaniano de Formação do Inconsciente – Gnômica: conhecimento polar, parcial e provisório – *A Vertigem das Listas*, de Umberto Eco: análise como descrição das formações apresentadas – Pensamento diferocrático: impostura de toda ordem classificatória – Análise produz novo ângulo sobre as formações – Bana-lização das formações mediante entendimento das formações – Exemplaridade analítica de Cézanne: abandonar a pregnância da figuração.

11, 84

Três termos para pensar o Conhecimento: ser, ficção e analogia – Dois vetores no Quarto Impérios: incremento da diferença e reconhecimento do mesmo – Diferocracia e diferença – Substituição da espécie humana.

12, 85

Haver é hierarquicamente anterior e superior à ontologia – Fé: insistência irre-dutível do tesão de não-Haver – Ficção cola porque significa e simplifica as situações – A ascensão do cristianismo é a ascensão da favela – Distinção entre *experiência de Haver* e *consciência de consciência* – Haver e Ser n’*O Espelho*, de Machado de Assis, e de Guimarães Rosa.

13, 94

Plano Projetivo como analogia para o analista e para o sexo – Em sexualidade, não se trata de identidade e sim de diferença – Teoria das Formações dispensa delimitação por identidade e limite entre foco e franja – Relações complexas entre etossoma e autossoma – Diferenças entre transferência e hipnose.

14, 102

Revirão como máquina produtora de inteligência – Aprendizagem envolve recalque – Transformação do aprendido em possibilidade de juízo forclusivo.

15, 105

Estruturalismo e arrumação mental do século XX – Século XX e mentalidade Bourbaki – Mentalidade Turing e formações polares no século XXI – Tradução x transa – Época da diferença e da rede – Relatividade da noção de identidade.

16, 112

Proposição de antropofagia é intervenção analítica – Sobre o problema brasileiro de sua expressão sintomática – Leitura sintomal faz parte do trabalho psicanalítico – Questões sobre postura e transferência em psicanálise.

17, 121

Esclarecimentos sobre transferência e vinculação – Denominador comum da transferência: entregar o saber a outrem – Análise é laboratório de desmontagem da transferência – Ordem transferencial dos gadgets eletrônicos (celular).

18, 125

Fantasia sexual como algoritmo do gozo de cada um – Analogia entre ciberespaço e Inconsciente – “Nenhum tesão pode ser criminalizado” – Tecnologia como possibilidade artificial de exercício da fantasia.

19, 129

Esclarecimentos sobre fundações mórficas, fantasia e devaneio – “A psicanálise não é ciência humana” – Lugar da verdade no processo analítico.

20, 137

Generalização e relativização do conceito de resistência – Breves comentários sobre *La vie avec Lacan*, de Catherine Millot – Exemplos de funcionalidade do Revirão.

21, 146

Aproximações entre Espinosa, Freud e Romain Rolland a partir de artigo de *Cahiers du Cerne: Freud*.

22, 148

Esclarecimentos sobre Tanatose.

23, 151

Esclarecimento sobre vetor ativo / reativo na Patemática – Raciocínios sobre esse vetor aplicados ao Creodo Antrópico.

24, 156

O limite da resistência na erótica e na mística – Tanatose como “síndrome de aproximação radical da vontade de inexistência” – No “corpo sem órgãos”, de Artaud, só resta libido.

25, 161

Intencionalidade considerada a partir da Teoria das Formações – Robotização como avanço (futuro) no entendimento da Transa de Formações.

26, 172

Recalque como composição e modo de operação – Vetor de intervenção em psicanálise e psicologia.

27, 177

Entendimento de *analogia* segundo a Nova Psicanálise.

28, 180

Breve comentário sobre raciocínios concreto e abstrato – Processo de reificação no trato da ordem conceitual – Recepção analítica inclui a ordem do celerado.

29, 184

Esclarecimentos sobre fantasia e estilo – Aspectos dissolutos do Quarto Império.

30, 189

Considerações sobre lugar terceiro da psicanálise – Questões sobre colonização mental a partir do Revirão.

31, 198

Revirão e Pulsão como conceitos-limite (formação e não-formação) – Aproximação e distinção entre “Deus é Haver” e “Deus sive Natura” – Considerações sobre Haver e Ser – “Somos a espécie fake” – Revirão oculto na cultura brasileira: lado oficial e lado Maneiro.

32, 205

Crime é o que está escrito na lei – Analista busca entender, e não julgar – Códigos de julgamento das ações são ficção social – Horror da situação analítica – Ultrapassagem de impossíveis modais e de interdições – Desmoronamento dos códigos de interdição no Quarto Império – Disseminação e minimalização da psicanálise – Transparência x controle nos processos digitais.

33, 212

Montagem da fantasia e sua resultante lógica – Entendimento da fantasia como algoritmo – Fantasia e paradigma sexual da psicanálise – Estatuto místico como código de funcionamento da análise – Dois extremos para entendimento da fundação da fantasia: mística e pornografia.

34, 219

Comentários sobre o artigo de Christopher A. Fuchs e Asher Peres *Quantum Theory Needs No “Interpretation”* – Achados recentes da teoria quântica ratificam proposição Haver = Inconsciente – Teoria quântica como teoria física do Inconsciente – Bifididade e sobreposição quântica – Vertentes gnóstica do pensamento – Bifididade e binariedade na física, na psicanálise e na teoria da informação – Quarto Império e sua força dissolvente.

35, 228

Considerações sobre o aspecto sintomático de cultura e sobre o mecanismo de denegação – Hipercomputador revirante – “Acontecimento é à revelia de seu processo” – Atualização do paradigma sexual da psicanálise.

36, 235

Destacamento da fantasia – Fantasia é absolutamente singular – Determinação do estilo de uma pessoa pela fantasia – Fantasia e Bifididade – Questões sobre constituição e expressão da fantasia.

37, 244

Agonística na música – “Música é um campo de excelência para o entendimento da psicanálise e do Inconsciente” – “A agonística está n’Aleluia do Haver e invade todas as formações” – Generalizações referentes aos Quatro Estilos Básicos – Emergência de complexidade por repetição – Análise e repetição.

38, 252

Considerações sobre o impossível modal – Suposição de imortalidade é denegação da morte – Considerações sobre o texto *L'Étourdit*, de Lacan – Experiências textuais de James Joyce e Virginia Woolf – Lacan e suas relações com oralidade e escrita.

39, 255

Última instância do sexo: $A \rightarrow \tilde{A}$ – Radicalidade do sexo proposta pela Nova Psicanálise.

40, 258

Primado do analógico sobre o metafórico e o simbólico – Estudos sobre *analogia* de Enzo Melandri prenunciam o Revirão – Prometeu é outra face de Édipo – Diferença entre Secundário e simbólico – Considerações sobre pós-verdade, narrativas e fixões – Hemiplegia do simbólico e Bifididade do Secundário.

41, 267

Conhecimento como analogia entre formações (ficções) e formações – Emergência de Originário nas formações do Haver.

42, 271

Esclarecimentos sobre a extensão da Tópica do Recalque – Posturas de conhecimento do século XXI – Viés gnóstico no maneirismo – Fantasia é fundamento de gozo.

43, 276

Extensão e limites da Tópica do Recalque.

44, 278

Excesso como causa da falta – Esclarecimentos sobre o sentido de fato e de valor – Possibilidades de referência ao Secundário no Terceiro e Quarto Impérios.

45, 283

Considerações sobre o sintoma – “Relação é impossível, independentemente da sexuação e da sexualidade”.

46, 287

Joyce: *Sense in Thomas – Finnegans Wake*: dissolução da sintomática das línguas.

47, 289

Equivocação, construção e indiferenciação na análise – Invenção: repetição ou dissolução da fantasia – Joyce: rebelião contra a escravidão ao sintoma e à fantasia – Revisão dos pensadores da Idade Média – Exclusão do Primário na filosofia de Gilles Deleuze.

48, 293

Complexidade do Primário na IdioFormação e em outras espécies – Estatuto analítico da simulação – Aspectos políticos, econômicos e jurídicos do Quarto Império.

Anexos

Sobre o Autor, 299

Ensino de MD Magno, 300

DATAS

Os números abaixo correspondem às seções e datas dos *SóPapos 2019* realizados na *UniverCidadeDeDeus*, sede da NovaMente:

Seções: **1:** 12 janeiro – **2:** 26 janeiro – **3:** 02 fevereiro – **4:** 16 fevereiro – **5 e 6:** 23 fevereiro – **7:** 09 março – **8:** 16 março – **9:** 23 março – **10:** 30 março – **11:** 27 abril – **12:** 11 maio – **13:** 25 maio – **14 e 15:** 08 junho – **16:** 15 junho – **17 e 18:** 22 junho – **19:** 29 junho – **20:** 06 julho – **21, 22 e 23:** 13 julho – **24:** 20 julho – **25:** 03 agosto – **26 e 27:** 10 agosto – **28 e 29:** 17 agosto – **30:** 24 agosto – **31:** 31 agosto – **32:** 14 setembro – **33:** 21 setembro – **34:** 28 setembro – **35:** 05 outubro – **36:** 12 outubro – **37:** 19 outubro – **38 e 39:** 02 novembro – **40:** 09 novembro – **41 e 42:** 16 novembro – **43 e 44:** 30 novembro – **45 e 46:** 07 dezembro – **47 e 48:** 14 dezembro.

1

• P – *Retomando a diferença que você fez ano passado entre comunicação e transmissão, lembrei-me de que, em um de seus Seminários antigos, você comenta o fato de Lacan dizer que, em psicanálise, o que se transmite é um estilo.*

Temos sempre que ter em mente que Lacan é um sacana. Que estilo?

• P – *O dele, Lacan?*

Não. Ao dizer que o que se transmite em psicanálise é o **estilo**, está falando do estilo do analisando. Ele dá essa dica nos *Escritos*.

• P – *Por exemplo, na última frase da Abertura dos Écrits, diz ele: “Nous voulons du parcours dont ces écrits sont les jalons et du style que leur adresse commande, amener le lecteur à une conséquence où il lui faille mettre du sien”. E, nas duas últimas frases do texto A psicanálise e seu ensino: “Cette voie est la seule formation que nous puissions prétendre à transmettre. Elle s’appelle: un style”.*

Se estivesse dizendo que era o estilo dele, Lacan, seria canalhice. Em análise, transmite-se a emergência de um estilo.

• P – *Clarice Lispector dizia que o de que gostaria mesmo é não ter estilo.*

Isto é impossível. Fiz longamente esse exercício num texto escrito entre 1964-1970, *Aboque/Abaque*. Podemos desmanchar o rosto, mas o estilo passa como fio vermelho. Em todas as tentativas que fiz de ser outra coisa, há um estilo. Quem transmite o próprio estilo é professor, pessoas desse tipo. O que Lacan está dizendo é que, em psicanálise, tenta-se transmitir algo que raramente se transmite, que nasce um estilo no outro. Se não, você é macaco, papagaio.

• P – *Na quarta capa da primeira edição de seu Aboque/Abaque, está escrito: “OUVIDO. Pensa-se que todo livro tem autor? Pois este, não: escrito por leitor. Claro que uma gente logo vai botar o escriba na manjada posição – de autoria –, o que aqui se justifica, só e se, notados nome e lugar. Mas, se*

você é leitor, tem de ter percebido que todo texto, comido e digerido, termina por virar bem outra geringonça na literária zorra milenar. Ai está”.

É isso.

• P – *Desde cedo, em sua obra, você faz uma equivalência entre Patologia Fundamental e Estilística Fundamental a partir dos Quatro Sexos. Em Arte & Fato (1990), por exemplo, você retoma a história da arte e fala em quatro estilos...*

Minha indicação dos estilos como Clássico, Maneiro, Barroco e Tanático é pela *forma*, e não pela história da arte. Eu os reduzi a um movimento: Clássico é círculo; Barroco é espiral; Maneiro é Revirão; e Tanático é xis, é barrado. Como sabem, para mim, o Brasil não é barroco, é maneirista. E mais, nem houve clássico ou barroco aqui, produziu-se outra coisa. É só olhar direito em volta que verão. Eduardo Lourenço, quando veio ao Brasil, concordou comigo que o Brasil não era barroco. Vilém Flusser foi outro que declarou não ver barroco algum aqui. Portugal, aliás, é maneirista. O que é o estilo manuelino? É uma construção sempre em ambiguidade.

Faço um parêntese. Recomendo a leitura do livrinho de Umberto Eco, *Fascismo Eterno*. Foi lançado ano passado aqui, mas é uma conferência proferida em Nova Iorque, na Columbia University, em 1997. O fascismo está aí, cuidado! O fascismo é italiano, seu modelo é o nazismo alemão. Vem de *fascio*, que é o feixe de madeira carregado pelo lictor, aquele que, em Roma, abria caminho para os magistrados no meio do povo. Era a vara da lei. Para mim, e suponho que para outros também, toda tentativa de discurso único é fascista. Todos têm que estar dentro desse discurso. Já lhes disse que nosso momento é de fuga para trás. Isso vai demorar muito. No caso do Brasil atual, em vez de assumirem o sintoma que é o nosso, jogá-lo para a frente com narrativas contemporâneas, assumem-no com narrativas regressivas de que a terra é plana, de criacionismo... Portanto, o fracasso já está delineado. A situação contemporânea é caótica. Basta o fato de reconhecerem que até uma noção científica é ficcional para, a partir disso, achar-se que um texto bíblico ou uma referência mitológica vale tanto quanto. Quem vota na verdade científica? Nos políticos, sabemos que é a gentilha que vota. Freud e Lacan deixaram claro que a psicanálise é aristocrática. Nela, não se trata de eleição para saber qual é

a verdade, pois há regime de valor. Ou seja, sempre há o pessoal que está indo para a frente, pois sabe que vai para a frente, que os retardatários irão para o lixo. A tecnologia não cessará de avançar, queiramos ou não.

Faço a suposição de que, em matéria de conhecimento, existem **duas narrativas**: as **verossímeis** e as **verificáveis**. Não se pode fazer mais Gnoseologia do que isso. Na literatura, quanto a um romance, ou temos uma maluquice qualquer que não entendemos, ou há uma verossimilhança, parece-nos que aquilo se reporta a algum acontecimento. Já as narrativas científicas são aquelas verificáveis, em que se vai à realidade buscar uma tentativa de verificação. É assim até na matemática. É o máximo que se consegue. E há também o meio de campo, que é o mais difícil. Aí estão as ciências humanas, que vivem entre o verossímil e o verificável. Se tomarmos os textos das ciências ditas humanas – da antropologia, da sociologia... –, veremos que a verossimilhança é certa descrição da situação que abordam. A antropologia tenta ter referências de tentativa de verificação – pesquisa de campo, etc. –, mas o discurso é de referência quase que romanesca. Falta-lhe a aproximação da realidade que os físicos, por exemplo, têm com maior aproximação. Só como polos de orientação é que definimos o verossímil e o verificável. Há muita coisa no meio: ciências humanas, sociais... Em que lugar se colocam aí?

Quais são as deficiências de narrativa na história da psicanálise? Já temos perspectiva suficiente para ver que o pobre do Freud só podia fazer o que fez, falar em mitologia, tragédia grega, Egito, puxar para lá, para cá... Ele foi buscar no mundo das ocorrências históricas e literárias coisas que pudesse comparar com o que achou. O pior é que colou. Está aí Édipo que não nos deixa mentir. E colou para lá e para cá, o que significa que achamos que era aquilo mesmo e, porque o achamos, o mundo passa a se referir a isso desse modo.

• P – *O verossímil tem data de validade?*

Sim. Mas a ciência dura também tem. Como isso é gradual, há as ciências humanas no meio, perdidas, fazendo romance com coisas até verificáveis. Definitivamente, sem volta, entramos nesse lugar, na era em que, como já disse, a prova de realidade é a realidade da prova. Não adianta pular para o espiritismo ou para as ciências. Estamos diante de outro jogo, radicalmente diferente – mas jogável. Nós é que ainda não sabemos jogá-lo. Junto com isso

há a extensa produção de lixo humano. Dizem que, em quinze anos, em função da robótica, desaparecerão quarenta por cento das profissões hoje existentes. Algoritmos computacionais tomarão conta.

• P – *Poderíamos dizer que, na análise de alguém, ocorre a percepção de que grande parte de sua vida é algoritmizada, algoritmizável?*

A psicanálise que é possível incrementar é via algoritmo. Lacan tentou pela topologia. O encaminhamento que dei é no sentido do algoritmo.

• P – *O sintoma é um algoritmo?*

Sim. E muito bem desenhado. Ele segue passos acompanháveis. Basta escutar alguém um bom tempo que detectamos seu algoritmo lá em funcionamento. A pessoa está toda regrada, e sequencialmente. É tão neurótica quanto nossos telefones celulares, nos quais temos que apertar os botões em sequência para os resultados que esperamos. O psicanalista não faz isto, mas observa e busca onde dar um empurrão para a pessoa quebrar sua sequência sintomática.

• P – *O Revirão é possibilidade de suspensão do algoritmo?*

E mais, é HiperDeterminação dentro da repetição. Vejam que é uma escuta diferente daquela que havia antes. Freud, que era cheio de fobias, inventou o divã por não conseguir ficar olhando para a cara do analisando. Com isso, perde-se muito, deixa-se de perceber coisas além do que é falado.

• P – *O verossímil em psicanálise depende de certa composição entre foco e franja? Frequentemente, ao escutar o analisando, temos a sensação de que está faltando um pedaço no que ele está dizendo.*

Às vezes, é **sonegação** mesmo. É trapaça, ele está roubando no jogo. Dado que o algoritmo funciona, percebe-se a falta de um pedaço. Quando escutamos alguém longamente, em determinado momento o algoritmo se mostra por inteiro e é possível ver qual é sua única questão.

• P – *Quando detecta isto, você fala para a pessoa?*

Geralmente, sim. Às vezes, são necessárias algumas décadas para se poder dizer e ela ouvir. Se houver precipitação, estraga-se o jogo.

O verossímil e o verificável são pensáveis considerando-se polo, foco e franja. O erro maior do estruturalismo foi, ao contrário, determinar qual era a estrutura do caso, dizer que era aquilo e ponto. Não é, pois há a franja. Por exemplo, para ditos lacanianos a estrutura do psicótico é a foraclusão do Nome

do Pai. E por aí vai. A busca era pela diferença entre as estruturas. Entre a da psicose e a da neurose, por exemplo. Daí eu ter jogado isso fora e dito que, na psicose, era um Recalque de alta intensidade. E não sabemos dizer qual é essa intensidade, pois, para cada pessoa, é uma. Algo que é bobagem para um, para outro tem um peso enorme, foi hiperrecalcante. Todos somos candidatos à psicose. Há que saber qual formação está em jogo para cada um.

• *P – E o caso do psicopata?*

Quando pego em flagrante, ele desaba. E não é preciso de lei aí. Pode ser o caso de ele cair numa “real” insuperável. É difícil entendê-lo, pois ele pode revirar e está pouco se lixando. Ele tem que ser tocado num fracasso do processo em que se situa. Aí fica perdido e mal-ajambrado. Não surta, fica em pânico. Tem também reações psicossomáticas, o corpo desanda junto. Há certa ingenuidade nele, de achar que engana a todos o tempo todo.

• *P – Ele também é submetido à perversidade que aplica sobre os outros?*

Esta é a questão. Suponho que é preciso empurrá-la para a neurologia. Embora fale *en passant* do psicopata, acho que Ramachandran tem razão, é defeito de neurônios-espelho. Procurar um princípio psicanalítico para explicar a psicopatia não serve para nada.

• *P – O que você fala sobre a narrativa implica tudo do âmbito do Ser estar na ordem da Ficção? O que não seria narrativa?*

O Ser, em oposição ao Haver, como coloco, é âmbito da Ficção. Trata-se de produzir narrativas que se aproximem o mais possível da formação em jogo. Os rituais primitivos dos xamãs, por exemplo, estão corretos, mas são menos eficazes do que uma intervenção precisa da medicina. Mas esta é precisa até que ponto, se tem efeitos colaterais? É, pois, uma precisão esquisita. Todo e qualquer discurso tem chance de evolução. Em última instância, é uma narrativa mais próxima, mais distante... Qual é a verossimilhança dos contos de fadas? A verossimilhança está nos desejos das pessoas. Qual moçoila não queria ser a bela adormecida? Aliás, em vez do príncipe, está é esperando Godot...

Retomando o que dizia há pouco, Freud estava se virando para explicar – para si mesmo, é claro – o que tinha encontrado. Vai às mais diversas narrativas, na medicina, aqui, ali, e monta um teatrinho de explicação chamado

Édipo. As pessoas acreditam e aprisionam o processo nessa ideia. É preciso **evolução**, não se pode ficar aí. Vejam o caso de Einstein, cuja obra vem sendo hoje contestada. Contestação não quer dizer que esteja errada, e sim que o conhecimento avançou e ela pode ficar datada. Ele obrigou que engolissem sua teoria da relatividade geral e a comprovassem na cidade de Sobral, no Ceará, em 1919. A explicação sobre ela pode mudar, mas este é um discurso muito verificável. Outra coisa, é saber se isso se explica bem pela teoria de Einstein ou por uma teoria melhor. A narrativa está evoluindo.

Qual modelo tomo para tentar pensar? Só se pensa mediante algum modelo – algebrico, espirita... –, e o meu se monta cosmológicamente. Como lhes disse ano passado, sem conhecer Mario Novello, escolhi um modelo que está válido na cosmologia de hoje. Chamei de Cosmologia Libidinal (1986). Fico satisfeito em encontrar um colega que também diz que é assim. É cosmológico porque tem uma ideia do Haver. Tive essa ideia aos dezessete anos quando era milico, ainda estava numa situação pseudocientífica, a cabeça obrigatoriamente só pensava em ciências exatas e precisava de uma ficção para poder me situar lá dentro. Novello tem uma bela ficção, que apoio inteiramente. Ele está referido ao modelo cosmológico do Big Bounce (Grande Rebote), que se afasta do modelo do Big Bang. Foi a ficção que fiz lá naquele tempo. O Haver quer não haver, vai encolhendo, encolhendo, bate com a cara na parede, quica e volta. Novello aceita esta teoria. Para falar do Haver, eu precisava de uma ficção cosmológica, inclusive para lá meter a psicanálise.

2

• P – *Falávamos há pouco que a força do hábito estaria na base da formação de um sintoma. O hábito não seria mais da ordem do comportamento, e o sintoma, da repetição?*

O hábito já é um sintoma. Uma coisa é alguém sintomaticamente repetir. É, aliás, o que se faz o dia inteiro. Outra, utilizar-se da repetição para alguma produção. De nosso ponto de vista, qualquer formação é sintoma. Portanto, falar em hábito, comportamento, repetição, isso está incluído nas formações sintomáticas. Numa análise, é de acontecer substituições de sintomas, deixar emergir outras formações que estavam inconscientes... Um mau hábito, se quisermos dizer assim, das psicanálises antigas era o excesso de distinção. Freud distinguiu tantas neuroses para tantos casos. Para cada modo de funcionamento identificava-se uma categoria. Hoje, ao contrário, com poucas categorias, é possível buscar entender como funcionam aqui, ali, acolá. Vemos, então, que Freud estava falando a mesma coisa para várias situações. Se esta nossa psicanálise serve para algo, é para ser minimalista, reduzir ao máximo, entender que neurose é uma formação sintomática Estacionária. E só. Trata-se de ver como ela funciona em tal pessoa, quais ingredientes lá estão. Se não, feito a DSM, ficaremos cheios de definições, um monte de bobagem. Freud tinha o direito de distinguir como fez, pois estava começando, mas a bobagem dos que continuam repetindo aquilo é um escândalo.

Quero aproveitar o ensejo para falar algumas coisas sobre o **Sintoma**. Em Freud, existem duas analogias fundamentais na construção de seu raciocínio sobre o sintoma. Uma, é a *mitologia*, outra, a *neurologia*. Ele ficou perdido entre as duas. Chegou a escrever um texto ilegível, publicado postumamente, intitulado *Projeto de Psicologia para – neuróticos*, ou melhor – *Neurólogos* (1895), em que tentava resolver o que pensava por essa via. Neurologistas, hoje, lá buscam entendimentos. Acho aquilo um saco de gatos, um esforço enorme para nada. Lacan, por conta própria – ninguém lhe pediu –, faz uma

releitura total de Freud e, por sua vez, também apresenta algumas analogias. De início, foi a *linguística estrutural*, portanto, o pensamento estruturalista. Depois, a tentativa de uma *topologia*, a qual resultou numa grande confusão. Ditos lacanianos ficam repetindo aquelas coisas, mas nada disso acontece na clínica. São apenas delirações de Lacan no quadro negro, no âmbito do Discurso Universitário ou do Mestre. Para mim, o que sobrou daquilo foi algo que já conhecia de sobejo, que é o Revirão, isto é, o percurso na banda de Moebius.

- P – *Da outra vez, você dizia que seu modelo era cosmológico.*

Meu modelo não é cosmológico do ponto de vista da clínica. Pode ser comparativamente cosmológico do ponto de vista da teoria. Notem que não tomei o modelo cosmológico para fazer a teoria. Embuti a teoria no modelo cosmológico, o que é bem diferente. Já que coloquei a ideia de Haver, precisava pensar que tudo deveria ser com a mesma compleição.

- P – *Quanto à clínica, trata-se do Revirão?*

Do ponto de vista da clínica, a ferramenta melhor é o Revirão, que Freud descobriu com facilidade, mas não anotou, não o escreveu assim.

Quero reforçar agora que o que é contemporâneo, que faz pressão de analogia hoje para pensarmos o Sintoma, é a computação. Não computação em sentido geral, mas algo muito específico que ela tomou emprestado da matemática, que é o **Algoritmo**, sobre o qual falávamos da vez anterior. Quanto ao entendimento do sintoma do outro, depois de tudo que já disse, saquei que estava falando de algoritmo. Isto me faz mais contemporâneo no sentido mesmo de lidar com a ideia de hábito – que estava na pergunta inicial de vocês hoje aqui – como um algoritmo. Um sintoma é um algoritmo. O modo de lidar com ele é a tentativa de interromper a cadeia de seu funcionamento, isto é, a série que o constitui.

- P – *Isto não implica a HiperDeterminação?*

Se houvesse HiperDeterminação, cair-se-ia fora do algoritmo. E, certamente, cair-se-ia em outro algoritmo.

- P – *O Revirão é um algoritmo?*

O Revirão é praticamente uma chave de funcionamento que, suponho, seja aplicável em qualquer lugar onde haja alguma emergência. Na cosmologia, por exemplo, para a qual houve emergência, aconteceu o Revirão. É uma espécie

de chave que o analista tem para forçar a barra. Sempre sabendo que o que lhe está sendo trazido pelo analisando não é necessariamente aquilo. Poder ser o contrário. O analista faz alguma coisa, utiliza qualquer artifício, para romper aquela série em algum lugar. É o mesmo que ocorre na intervenção do cientista numa série genética – que, portanto, se repete permanentemente como reprodução – no sentido de aprimorá-la, de evitar que continue a reproduzir certas predisposições a doenças. Às vezes, tomamos um elemento da sequência do analisando que parece forte para segurar o resto e ficamos batendo ali. Quando se consegue fazê-lo saltar fora, tudo salta fora e o resto se reconfigura.

Portanto, por ter feito assim durante muito tempo sem nomear, decidi que é melhor tratar o processo analítico algoritmicamente. Especialistas em algoritmo, seja matemático ou computacional, costumam dizer que existem três tipos. O **algoritmo narrativo**, em que se narra uma sequência. Como preparar feijão, por exemplo, que exige seguir passos bem definidos para dar certo. Vejam que algoritmo não é algo que caiu do céu como formulação matemática, mas resulta de ter-se visto que o algoritmo comanda todas as funções. E o século XXI percebeu com clareza que *todos* os funcionamentos são algoritmos. O que é o mesmo que dizer que todos os funcionamentos são sintomáticos. É sequencial. Então, quando se conhece o analisando há algum tempo, salta para você o algoritmo que ele está repetindo. O segundo tipo de algoritmo é o **fluxograma**. São pequenas arrumações sucessivas graficamente representadas para tomadas de decisão. O terceiro, e o mais difícil, é o algoritmo chamado **pseudo-linguagem**. Tem aparência de uma linguagem, mas é genérico e finito demais. Vejam, portanto, que os elementos que estão sendo sequenciados num algoritmo podem ser muito complexos, variados, diferentes uns dos outros – uma cor, uma fórmula matemática... –, para a resolução de determinada tarefa ou problema. O que mais nos interessa é o algoritmo narrativo. O fluxograma também, basta ter a paciência de ficar anotando o que o analisando expressa. A narratividade do analisando não é apenas composta do que ele fala, e sim de seus comportamentos, de como ele chega, sai, de suas manias... É uma repetição infinita.

• P – *O fluxograma talvez servisse bem para descrever o funcionamento do obsessivo, que só tem duas setas e sempre fica indeciso, indo para lá e para cá.*

Este é o mínimo de raciocínio sobre ele, mas pode-se colocar ali um monte de narratividade.

Se pensarmos em alguém feito Freud hoje, ele estaria se lamentando por ter perdido tanto tempo fazendo um monte de livros cheios de narrativa. Lacan, a mesma coisa. O bobalhão aqui que vos fala, então, é igual. Com nosso esforço, não conseguimos produzir, não conseguimos achar, pois tem que cair do céu. Eis algo a ser estudado cientificamente. Como a gente acha um pensamento? Podemos ser brilhantes, ótimos professores, muito estudiosos, mas isto não garante que iremos achar. Estamos transmitindo saberes (o que, aliás, é um sintomão). Pergunto de novo: o que aconteceu quando achamos?

• P – *Peirce se refere a esse acontecimento como abdução, junto à indução e à dedução. Outros falam em insight, em intuição.*

São modos de dizer o que acontece quando há criação, quando aquilo cai na cabeça de alguém. Quais são as composições disso? Temos esses nomes aí, mas não sei o que é. A parapsicologia vive correndo atrás com modelos os mais estapafúrdios. Algumas de suas maneiras são experimentais e muitas das experiências que fazem são diferentes de zero. Isto é, ultrapassam a expectativa de mera estatística. E não é nada sobrenatural ou coisa assim. É algum conhecimento que não temos para prestarmos conta disso. Podemos mesmo supor que seja um conhecimento banal. As narrativas estão correndo, de repente, se encaixam ali, e algumas pessoas têm uma espécie de antena. Elas captam algo que *foi dito*, mas *não foi dito*. É uma das hipóteses. Interessa, portanto, a captação dos acontecimentos, das falas ao redor. Essas pessoas antenadas captam coisas de que nem se dão conta, mas veem o resultado. Os recursos estão soltos, os acontecimentos estão passando e a maioria não percebe. Alguns olham para a situação e veem com clareza para onde está indo. Não se trata de algo que alguém aprendeu, algo inconsciente, etc., perdeu a noção e repete sem querer. Estou falando da percepção que antigamente chamavam de subliminar, de algo que a pessoa percebe abaixo do limiar e começa a ter sacações que lhe caem

na cabeça. Por isso, como sabem, não gosto da ideia de autor. Este é apenas aquele que fatura o acontecimento.

Há duas maneiras de ler, de estudar. Aquela do *erudito*, que é alguém que lê, guarda tudo na cabeça e articula as coisas. A outra, tem a ver com a *Criação*. Digere-se tudo que se lê, sem guardar onde se leu. Talvez o acontecimento do pensamento seja essa digestão. O que acontece quando alguém digere a experiência e a digestão vira uma antena? De repente, capta-se e aquilo faz sentido. Embora tenha feito alguns comentários sobre isso, a psicanálise nunca deu conta do que efetivamente acontece nesse caso.

• P – *Por outro lado, ela não deixa de contar com isso.*

Sim. Um computador volumoso, de preferência quântico, talvez tomasse uma enorme massa de formações e permitisse descobrir o funcionamento desse processo de criação. Em qualquer situação, nas artes, nas ciências... Por exemplo, antes de Galileu havia uma interminável falação na qual até estivesse embutido o que ele veio a dizer, mas que passava desnomeado. Um dia, o nome lhe acontece. É a isto que chamo de HiperDeterminação. Tudo zera e aparece um novo conceito. Na música, em alguém como Beethoven, isso fica bem explícito. Ele é diferente dos outros que são muito narrativos. Se não estudarmos sua partitura, não perceberemos a repetição que lá está. Ele escutou um pássaro cantar tã-tã-tãã!, tomou como inciso e colocou numa estrutura de repetição.

• P – *O inciso é o “tã-tã-tãã!”?*

Sim. É uma estrutura sintomática que vira uma narrativa.

• P – *No caso, não é o mesmo que leitmotiv?*

Leitmotiv é Wagner. É a melodia que toma para representar cada um de seus personagens na ópera. Quando ele entra em cena, toca seu *leitmotiv*. Isso virou dispositivo vagabundo de personagem de novela na televisão. Aparece tal personagem na tela e, em off, a musiquinha que o identifica. Em Wagner, pode ser um inciso que se repete para o personagem. Assim, se vemos isto acontecer demais nas artes, na literatura, nas ciências, logo, é o óbvio ululante. É isso que se escuta em análise: o analisando cantando talvez seu *leitmotiv*.

• P – *Isso remete à diferença que você faz entre Criação e criatividade?*

Como sabem, defino *Criação* – diferente de criatividade – como surgimento de algo novo, que não havia sido antes assim nomeado. Lacan dizia que a única coisa que inventou foi o objeto *a*, que o resto todo gira em volta dele. Notem que algumas poucas pessoas, dentro de seu ramo, conhecem bem aquilo, trabalham regularmente com aquilo, mas sempre estão achando que nada têm a ver com aquilo. Elas têm uma formação que não se conforma com formação dada, aquilo não é delas. Por outro lado, é só-depois que saberão o que é delas. Feito eu que hoje estou nomeando meu procedimento como algoritmo. Se tomarem tudo que disse antes, verão que é assim. Observem também que a intervenção do analista deve ser obediente ao algoritmo do analisando. Há que entendê-lo para agir nele. Não se trata de aplicar outro algoritmo. É preciso sempre levar em conta o repertório geral das experiências de cada um, o repertório de suas transas no mundo.

Há pessoas com uma formação defensiva radical, com um cagaço tal para mudança – é quase um HiperRecalque – que são refratárias a qualquer transformação de (ou em) seus algoritmos. É o caso da chamada *psicose branca*: o algoritmo fica lá agindo e elas não surtam. Atualmente, temos visivelmente no poder ministros/as assim. Como a maioria é boçal, nem percebe. Há mesmo composições psicóticas na cultura. São HiperRecalques instalados em pessoas que *sabem* as coisas – por exemplo, o uso de cores como azul e rosa – e se utilizam desse saber empedrado para exorcizar seus sintomas. No fundo, é tudo Schreber. Trata-se aí daquela construção sintomática de competência psicótica de que, se alguém ataca demais uma formação, é justo porque ela é a *sua* formação. Uma formação substancialmente definidora dele. Basta ver que, se encontrarmos alguém muito parecido conosco, não iremos gostar. Na verdade, ninguém gosta de se ver no espelho. Quando olhamos no espelho, vemos outra coisa. E mais, toda certeza é psicótica. Sem HiperRecalque, não se consegue ter certeza, nem que seja meramente intelectual.

- P – *Por isso, Lacan dizia que seu pensamento era sem rival.*

Qualquer pensamento é sem rival. Se for criticado a partir de outra posição, será besteira, pois a crítica não caberá. Podemos preferir esta composição em vez de outra para aplicar no mundo. É só o que dá para fazer.

3

• P – *É lícito pensar que, em sua teoria, o que há de original é o conceito de não-Haver?*

Pode ser. Ninguém colocou desse modo, mas é consentâneo com a ideia de eliminação de Sujeito. Notem que está tudo entrelaçado. Como dizia da outra vez, é preciso de uma cosmogonia, se não de uma cosmologia, se quisermos falar do Todo. Não há isto em Lacan. Em Freud, há um gosto, mas não desenvolvido. Acho que, se começarmos a pensar qualquer coisa, é preciso inserir essa coisa no geral, ou seja, é preciso ter alguma ideia do geral para aplicarmos. Ideia essa consentânea com as outras ideias propostas. Se falo em uma cosmogonia de “Haver desejo de não-Haver”, e se elimino a ideia de Sujeito, está tudo num embrulho só. É pegar ou largar.

Alain de Libera, em seus cursos no Collège de France, em diálogo crítico com Foucault e Heidegger, desmonta o aparelho da ideia de Sujeito, peça por peça. É uma ideia medieval, um sintoma da relação do Senhor com o súdito. É, pois, uma ideia política. Ela foi disfarçada na gramática, mas justo a gramática que é submetida a uma ordem. A língua faz assim, tem sujeito, mas transpor a questão política do Senhor – não é o senhor e o escravo, de Hegel – e o súdito implica o sujeito ser aquele que está assujeitado. A ideia durou demais e invadiu a linguística, a gramática, etc., e ficou aí. Em “Maria foi ao cinema”, a frase está indicando quem? Maria – mas não é preciso de sujeito algum aí. É uma imbecilidade buscar qual é o sujeito da frase. Para meu uso, nesse caso, substituo o nome para: *indicado*. A ideia de sujeito não cabe no comportamento contemporâneo. Mesmo porque, hoje, nunca se sabe quem está sendo indicado... Nossa época é de minimalismo. Por isso, falo em psicanálise portátil.

• P – *Nesse sentido, você falava do sintoma como algoritmo, a ser entendido nessa minimalidade operacional.*

Se, de acordo com a época e também com o raciocínio possível, observarmos o que quer que aconteça no Haver, veremos que é redutível a um

algoritmo. Isto, mesmo cosmologicamente. Tudo é sequencial: uma coisa depois da outra.

- P – *Mesmo o que está em estado de emaranhamento?*

É emaranhado por ser possível desmaranhar. Na coincidência no tempo e no espaço, há uma sequência em algum lugar. Mesmo se não tiver sequência, só conseguiremos observar sequencialmente. O que estou dizendo a respeito não é o que está lá, e sim o que estou dizendo.

- P – *O emaranhamento não seria uma exceção?*

Se não posso abordar a não ser sequencialmente, por que seria exceção? Exceção é fazer a suposição de que isso não é explicável.

• P – *Estou perguntando referido ao que diz Roger Penrose em 1989 sobre a questão da inteligência artificial. Segundo ele, a mente tem um funcionamento que não é algoritmo. Daí toda a dificuldade de sua transposição para a Inteligência Artificial.*

O funcionamento radical da mente não é algoritmo, e sim Revirão. Entretanto, acho difícil demonstrar que qualquer sequência de pensamento seja não algoritmo.

• P – *Ele está falando no nível do substrato cerebral. Haveria uma base cerebral microfísica, que não está na escala dos neurônios, em que o tipo de funcionamento é quântico, no qual há a situação de emaranhamento que não é abordável por via do algoritmo.*

Isso é possível. Entretanto, qualquer funcionamento imediatamente sequencia, decai. Quando o físico aborda, mesmo dizendo que é emaranhado, nem isso conseguiria dizer se não estivesse no algoritmo. O grande problema é justo este: como dizer isso? Ao dizer que suponho que a base do pensamento seja o Revirão, estou falando em nível de emaranhamento, por exemplo. Ao dizer que os alelos do Revirão têm um lugar de neutralidade, é uma analogia disso.

• P – *Há ainda os algoritmos quânticos, que não se sabe bem como e para quê funcionam, e são mesmo considerados não passíveis de se tornarem algoritmos.*

Quando for quântico para valer, surgirá necessariamente a *bifididade*. E se evitarmos a bifididade, o computador, de repente, ficará psicótico, entrará

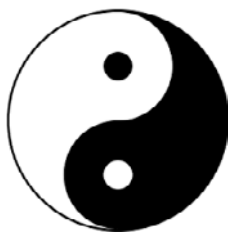
em *looping*. Basta pensar nas equações da álgebra que têm duas variáveis, uma positiva e outra negativa, como resposta. Se toda resposta for bífida, como o computador fará a sequência?

• P – *O computador quântico não poderia ser um modo não bífido de operar com a bifididade? Ele próprio não é bífido.*

Se ele é quântico, opera imediatamente as oposições. Então, como lhe pedir uma resposta, digamos, única, binária? Faço a suposição de que o psiquismo seja isso. Portanto, o cérebro também deve ser. E o que é quântico no cérebro? A bifididade. Coisa que a língua não consegue resolver. Não entendo muito isso, mas, ao lidar com o chamado analisando e com a ideia de psicanálise, desde Freud, há isso sensivelmente. Ele relata que só mediante Recalque temos apenas um lado. Espontaneamente, no sonho, nos tropeços da língua, verifica-se a bifididade.

• P – *Os afetos também são algoritmos?*

Qualquer funcionamento abaixo da bifididade é algoritmo, em sequência. Se não for assim, a Teoria das Formações pode ser jogada no lixo. Do Bífido para baixo, funciona o Recalque. Ponto! Não se trata de procurar o recalque apenas nosologicamente. Estamos absolutamente no regime do Recalque. Liberdade zero! A tentativa de intervenção é só para modificar a sequência. E mais, não sabemos onde dará. Psicólogo é alguém que acha que, se fizer isso, acontecerá aquilo. Não é o nosso caso. O fato de haver um salto do Bífido para o resto é outra história. Como sabem, minha explicação é topológica: corta-se a banda de Moebius, tornando-a bilátera. O símbolo do Yin/Yang com dois furos de que falei de outras vezes é topológico: o plano projetivo leva um furo, vira banda de Moebius; leva outro furo, vira bilátero.



Isto é brilhante. Será que alguém inventou ou lhe caiu na cabeça?

• P – *Você diz que o Revirão não é algoritmo, mas Alei (Haver desejo de não-Haver) é. O Revirão, então, não seria o algoritmo?*

Alei já é funcionamento do Haver. Quanto ao Revirão, não sei. A topologia fundamental – ou seja, se encaramos um plano projetivo, que é absolutamente sem possibilidades de orientação, nele fazemos um furo, caiu tudo, ele virou uma banda de Moebius. A banda de Moebius é um algoritmo? Ela pode não ser, mas a sequência de se furar o plano projetivo é. Em seguida, toma-se a tal banda, corta-se no meio longitudinalmente e tem-se o bilátero. É outra operação. Primeiro, um furo, e depois um corte, esta sequência é algoritmo. Já fico satisfeito em pensar que o Revirão é quântico e o resto é bilátero.

• P – *O que faz um algoritmo tornar-se quase inabordável?*

Isto é da ordem do lógico ou do sensível? Se a Teoria das Formações estiver certa, é impossível haver visão total para nossa espécie. Ao pensar alguma coisa a respeito de outra coisa, estamos pensando com uma formação sobre outra. Onde isto generaliza? Impossível saber. Antigamente, lógicos e epistemológicos chamavam *paradigma* à composição de uma visão nova. É um algoritmo. Passa-se algum tempo e alguém tem uma visão – isto é, escorrega na casca da banana, ou lhe cai do céu, não sei – a partir de uma formação que não estava sendo invocada nos algoritmos anteriores. Ele algoritmiza o que viu e publica. Paradigma é isso. Às vezes, só de raiva, alguém deixa de aceitar um conceito, abole-o e entra outra formação sem ele. Temos, então, outro paradigma. Mas isto é algo que tem que *acontecer*.

• P – *Uma IdioFormação de outro lugar do universo, com outro Primário, teria modos diferentes de sequenciar?*

Sim. As formações em jogo serão outras. Por onde o ET goza? Falávamos sobre isto outro dia. Aliás, observem que, em nossa espécie, o problema da *pornografia* é ser recalcada demais. Retirados os recalques, ela é muito eficaz para a saúde psíquica. O que está coibido é o meio de expressão do tesão, é tomado como sujo, como porcaria. Como é recalcada, ela tem se apresentado de modo muito precário. Seus modos de apresentação ficam prejudicados justo por não poderem ser tratados como simples laboratório, como descrição de formações específicas do tesão. E há que ser indiferente a todas as pornografias. Outra coisa é a legislação sobre o comportamento. O entendimento nada

tem a ver com a lei. Para estudar o assunto, é preciso ser indiferente a todas as formações do tesão. Talvez ETs já tenham entendido isto há tempo.

O que acontece no início do Quarto Império é a evidenciação do hospício e da lama em que estamos metidos até o pescoço. Antigamente, era até pior, mas era contido por formações com muralhas. As barragens eram suficientes para a contenção da lama. Como as pessoas estão assustadas, a maioria corre para trás. É o que acontece politicamente no Brasil hoje: todos em marcha a ré com medo. Não chamo de retrocesso, pois não se trata de retroceder a alguma formação antiga, e sim de que tudo está estraçalhado. Não há, como se dizia antigamente, integridade. O medo estraçalha tudo. As atuais propostas governamentais do ponto de vista administrativo e econômico podem até ser vistas como adequadas, mas, do ponto de vista de cultura e dos comportamentos, é tudo retardado. É como se a ciência não tivesse progredido. Antes, era tudo tomado como um bloco só, mas vemos que não é. É o que está ficando claro, basta olhar para o que se evidencia no Brasil quanto a economia e administração nada terem a ver com cultura e comportamento.

• P – *Da outra vez, você falava em narrativa, verossimilhança e verificação. Em termos de narrativa, suponho que seja possível acompanhar da história de Portugal uma bifurcação de Bandarra, Vieira, Pessoa e Nova Psicanálise.*

Sim. E o que acontece hoje é a política brasileira estar vivendo o mito da Ordem de Cristo, mas por um lado imbecil. A linhagem da Nova Psicanálise, ao contrário, é o lado poético, progressivo que lá imperava. Foi o algoritmo desse lado, o da busca do Quinto Império, que a jogou aqui. O que vemos vigorando na política é o outro alelo da situação, o do atraso, que quer voltar para o Terceiro Império, pois, para eles, o Quarto Império está dando merda. Digo eu que não adianta fazer isso, pois já não estamos mais no Terceiro Império. Farão algum burburinho, mas darão com os burros n'água – o computador e a internet não permitirão essa volta. Isto, no Brasil ou fora. O pior é que não há tempo de transa das formações para as gerações atuais verem o Quarto Império implantado. Verão apenas seu começo após um grande período – cinquenta anos, no mínimo – de violência. O que nos cabe é entender e contar para alguns. Não há solução possível a médio prazo.

A formação destinada a desaparecer em breve é a mais prezada: a família. Vejam o desespero do pessoal que percebeu que já desarrumaram sua casa e fica tentando rearrumar do mesmo modo. Não conseguirá, pois não é uma questão apenas ideológica. É uma questão tecnológica. E, até segunda ordem, não estamos vendo ninguém querendo parar a tecnologia, pois, repito, ela é um tesão. Comecei a ler um livro em que o autor denuncia que o Vale do Silício destruirá tudo, e que é preciso procurar forma de salvação. Pois digo eu: o Vale do Silício destruirá tudo! É grotesco ver o autor incentivar uma luta contra a tecnologia. Se pensarmos na Roma da decadência procurando inventar uma formação como paradigma de salvação, sabemos que acharam essa formação no Cristianismo. Quem lá estava e conseguia pensar um pouco sabia que não adiantava ir contra, pois a situação iria cair lá. Por que? Porque a metáfora é interessante, é da época – mesmo sendo a metáfora errada (podia ser a de Julio Cesar, mas a vencedora foi a do panaca do Constantino) –, e leva para isso. E mais, é uma metáfora do baixo clero do Império. O cristianismo era um lixo, depois é que foi se sofisticando. No Ocidente, pelo menos, ninguém segurou aquilo. O mesmo acontecerá quanto ao Vale do Silício. A psicanálise só pode achar tudo isso engraçado, é uma palhaçada geral.

Faço a suposição de que, ao instalar-se realmente o Quarto Império, teremos outra gente. Não estou dizendo que será boa ou má, e sim que não será a gentinha de hoje. Observem que a ferramenta da Nova Psicanálise é boazinha, funciona bem para esses entendimentos. Ao falar em *Creodo Antrópico*, por exemplo, vemos que é um algoritmo vigente. Basta olhar para o estado da humanidade. Antes de conseguir fazer um algoritmozinho para mim, ficava metido com Fernando Pessoa, com Templários, com Quinto Império, sentindo um cheiro de caminho necessário. Mas, naquele nível, a coisa é tão *floa* que não expõe o algoritmo.

• P – *O ápice está em Pessoa. Parece que tudo deságua nele e vira uma ordem poética, gnóstica, ocultista.*

Foi essa gente que me empurrou. Me empurrou sem eu saber, é claro. De repente, vi uma sequencialidade. Assim, fico à vontade, pois não estou inventando, já estava lá.

• P – *Quanto ao Creodo Antrópico e a teoria dos Cinco Impérios, a operação é compósita. Ao mesmo tempo que tem elementos da verossimilhança oriundos dessa tradição poética, tem elementos (não imediatamente, mas também) oriundos da tradição verificável. Eles têm apoio em sua ideia de Ordem Implícita (1997), que é cosmológica, e na ideia de creodo, que tem uma sequenciação por via da paisagem epigenética e passa por René Thom com a teoria das catástrofes. É uma ferramenta que combina elementos desses dois polos, do verossimilhante e do verificável.*

E ainda tem os jesuítas. Foram eles os implantadores da Ordem de Cristo. Implantação religiosa e científica. Em ninguém essa implantação é mais nítida do que em Inácio de “Boyola”, o soldado de Cristo. Pombal entendeu aquela força e os expulsou. Não à toa existem as universidades jesuítas.

Uma das coisas esquisitas que vivemos hoje é o fato de a **verdade** não interessar. O que interessa é o funcionamento. Não é o caso de pensar se uma teoria – esta, por exemplo, que é a nossa – é verdadeira. Não há teoria verdadeira, há teoria. Se servir, levamos para nós. Se não, descartamos. O século XXI é não interessar-se pela *A* verdade. A verdade é o seu, de cada um, teorema. Isto já está em Lacan. O analisando só fala a verdade. Falaria o quê? Isto não elimina que o teorema de cada um não precise ser organizado. Na maioria das vezes, ele está uma bagunça só.

• P – *Mas, no social hoje, as fake news destroem vidas.*

Eis algo que acaba no Quarto Império. Acaba pelo fato de as pessoas, por entendimento e funcionamento – e não por serem boazinhas ou tolerantes –, terem que aceitar as verdades todas. Portanto, não haverá como destruir o outro. Entendamos, enfim, que os algoritmos são poderosos, com efeito pulverizante geral.

• P – *A pulverização facilita a emergência de avessamentos. Os recalques se abrandam.*

É o que já está acontecendo hoje. Muitos recalques estão sumindo por comparação, por transa. Ou seja, o conceito de verdade do futuro é o da psicanálise. Ele é constitucional do ponto de vista de perguntar: quais formações estão falando? Lacan já dizia que a verdade era isso. Sempre que quisermos alguma tentativa de veracidade, teremos que negociar. Já está claro que temos

teorias científicas e sociais que estão todas dizendo verdades – assim como ministras anquilosadas no governo do país também dizendo a verdade. Isso tudo terá que ser desgastado pelo movimento da tecnologia que, como disse, é dissolvente e não se querará pará-la, pois dá conforto.

- P – *No caso do psicótico, há um algoritmo de cura?*

A pessoa está falando a verdade, mas esta verdade é transável ou é dependente de um HiperRecalque? Uma coisa é dizer “estou falando a verdade” como Lacan: *Je dis toujours la vérité – pas toute*. Faz-se análise para isso, para falar a verdade. Mas sabe-se que a verdade do outro é diferente, que é preciso conversar. Outra coisa, é o psicótico, que não sabe isso. Ele não tem uma verdade, ele é a verdade. E são aqueles que não sabem sobre isso que colocam um maluco desses no poder. Isso tudo já aconteceu na Alemanha, na União Soviética, na Itália... No Brasil da época quase aconteceu também.

4

- P – *O Haver é discreto ou contínuo?*

Podemos aplicar-lhe os dois. Se tudo cabe no Haver, inclusive as teorias matemáticas, é porque ele suporta. Em todos os sentidos, de suportar e de suporte, de ter condições de arcar com aquilo e de ser o lugar onde aquilo pode se instalar.

Por que não gosto da Epistemologia? Ela é pretensiosa, ignorante e besta. Faz a suposição de que pode reger o conhecimento. É tola, no mínimo, e paranoia pura, no máximo. Por isso, falo em gnoseologia, gnose ou coisa do tipo. O conhecimento em sua relação com o Haver é abrangente. O que uma tribo primitiva conseguiu ajuntar como cultura é conhecimento possível naquela

circunstância. Gnoseologia é: tratar as decantações consequentes à tentativa de entendimento de mundo como conhecimento. Pode ser muito pobre, mas é um modo de conhecer. Não importa se funciona ou não na realidade, e sim que há algum funcionamento articulado. Isso é o conhecimento que faz desde as coisas mais primitivas, idiotas, até as mais sofisticadas. Não se pode, como fazem as epistemologias, dizer que ciência é isso assim-assim, e o resto é lixo. Como a humanidade chegou até aqui? Quantos milênios foram necessários? Ela foi atravessando e passando pelo conhecimento que tinha.

De repente, um tal Popper vem e diz que conhecimento é isso e não aquilo. Em vez de se perguntar como abordar aquilo, se é possível traçar distinções entre níveis de conhecimento, vem despejar regras. Falar em conhecimento científico é uma besteira. E há conhecimentos demasiado dependentes de intuições, sensibilidades... Já fizeram a ciência da culinária? Acho que não dá para fazer. Mas há algumas pessoas analfabetas que fazem comidas maravilhosas. O nome disto é: conhecimento. O século XX ficou besta demais, é abominável, basta ver as duas Guerras Mundiais. A vontade de saber mediante exclusões é muito ruim. Felizmente, isso tudo está, pragmática e cientificamente, indo para o lixo. Como viemos de lá, temos todos os seus vícios – e temos que ficar passando neles a borracha o tempo todo. Se aplicarmos ao máximo a exclusão que o século XX produziu em todas as áreas, veremos que é um pensamento predominantemente fascista e racista. Essa vontade de determinação de *uma* coisa certa que rege as outras é fascismo na filosofia, na política... Qual é a diferença entre Adolfinho querer nomear os arianos como raça única a sobreviver e Popper? Em vez de uma vontade de compreensão, de entendimento, vem um afinco em mostrar que ciência é aquilo e o resto não é. Ao final da vida, ele acaba pedindo perdão. Já lhes falei bastante sobre isso.

• P – *Nos SóPapos* 2018, diz você que “é possível cada vez mais descrever ordenações de dentro do Haver. (...) Trata-se de descrição de formações. (...) Há um *limite*, pois há o Revirão. Ele há, inclusive, dentro do Haver. É lento e precário, mas existente. Portanto, o aleatório comparece” (*item* 37). *Mais adiante, você avisa*: “Temos que segurar pelo meio, sem ir muito longe na franja, pois do outro (mesmo) lado é o oposto. É para isto que serve o conceito [*de Revirão*]. Há algo da sabedoria oriental aí: é preciso manear.

Refiram-se ao *Wu wei*, ideia chave do *Tao* que diz respeito à não-ação, a não nos metermos, a deixar rolar” (item 40). *Quero entender melhor sobre a aplicação do conceito, sempre levando em conta que é limite e que, na prática da análise, é preciso manejar, “segurar pelo meio”*.

Quanto à série antrópica, com o Quarto e o Quinto Impérios, já lhes disse que não se trata de utopia aí, pois pode ser muito ruim. Apenas me parece que é assim que caminha. Não tenho como avaliar, mas, para entender o movimento, preciso pensar isso. Ao dizer que o Revirão é o limite, é o limite desta teoria. Se é assim – limite como compreensão do funcionamento do Haver enquanto autorreflexivo (se não houver Revirão, não há autorreflexão, não se pode jogar, fica-se paralisado como um animal) –, ao dizer que o Revirão deve ser colocado como limite na análise, não é para isto ou para aquilo. Não há juízo de valor aí. É para a pessoa chegar a entender seu (dela) próprio funcionamento. Isto porque o funcionamento é esse, está recalcado e lateralizado pela cultura, etc. Então, como você convive com você sabendo desse jogo, percebendo seu jogo? No que concerne ao mundo, aí são escolhas, passou do limite da análise. Entende-se, então, a diferença entre recalque e juízo forclusivo. Ou seja, não quero ser recalcado, e sim saber que *esse é o funcionamento*. O juízo forclusivo é depois. Aliás, tira-se tal coisa, tal lado, sei-lá-por que. Porque no momento me deu tesão, por exemplo. Não há explicação para isso. Juízo de valor é impregnação cultural.

• P – *Há que contar com o Revirão?*

Ele há. Não se está livre dele. Neurótico é aquele que pensa que pode se livrar dele. E mais, só suportamos uma situação por impregnação e sustentação. Se não, ela vira. Um exemplo brasileiro atual é o fato de ter havido tanta democracia que elegeram uma direita extremada – o que é o cúmulo da democracia. Isto porque democracia é uma ideiazinha, a ser cultivada ou não. Se cultivada muito longe, mostrará sua bunda. A história da humanidade funciona assim. O interesse da psicanálise é manter a lucidez: tirar os recalques, fazer certas escolhas interesseiras (caso contrário, pode-se até morrer, o corpo não aguentará), estar vendo os processos... Por outro lado, o pensamento fanático também quebra a cara justo por virar ao contrário, por chegar perto demais do

outro lado. Já a bagunça, esta, é mais humana do que a ordem predeterminada. É preciso certa ordem, mas sem exagero.

Então, ao dizer que o Revirão é limite, em primeiro lugar é limite nesta teoria – a ideia de Revirão funda todo o processo teórico da NovaMente – e, em segundo lugar, se acompanhamos esta teoria, é o limite de toda e qualquer consideração produzida. Da vez anterior, citando Roger Penrose, perguntaram sobre o quântico e a extensão do algoritmo. É preciso saber que nada temos a ver com aquilo. Se os cientistas vierem a fazer uma descrição perfeita do funcionamento do quântico, o que me importa é provarem como funciona o Revirão. Espero que façam as pesquisas mais completas possíveis, pois o que me interessa é do Revirão para cá. Como sabem, faço – porque quero e gosto de fazer – a suposição de que, ao evoluírem as ciências físicas e biológicas, elas demonstrarão a mente, o cérebro, funcionando em Revirão. Mas a evolução deles não é de minha conta, meu limite é o Revirão. Tirei-o como consequência de muitas observações, da obra de Freud sobretudo. Ele lá não está nomeado assim, mas está claramente descrito. O Revirão é um algoritmo? Tratamos disto da vez anterior.

• P – *Parece-me que o Revirão tem a construtura de um circuito e, dada esta construtura, uma vez que se movimenta, resulta em avessamento. Seria, então, um algoritmo em aberto, à medida que há passos, sequências, que ainda não estão construídos, estão em emergência.*

Ao fazerem o computador quântico, estão fazendo um computador que (se) revira. Que algoritmo têm que inventar para colocar no computador e ele revirar?

• P – *É um passo importante para eles saberem que a mente funciona assim, em Revirão.*

Eles não têm o conceito, mas já pensam assim. Imaginem que, quando entenderem bem, terão clareza sobre um computador que revira e faz juízo forclusivo. O computador quântico revira, mas faz juízos em função do programa que, nele, está instalado. Ou, se não, ele apresentará duas soluções como a equação de segundo grau de que falávamos da outra vez.

• P – *A Teoria dos Circuitos, que você já mencionou, é muito útil para entender o Revirão e a transa que circula entre os processos. Recalque, por exemplo, são circuitos cortados.*

A ideia de circuito é uma das ideias de *formação*. Nem toda formação é um circuito, mas todo circuito é uma formação. Ao considerar que formações são de qualquer tipo, estamos considerando que o que quer que compareça é uma formação, a qual está sujeita a chuvas e trovoadas. Ela também pode revirar. É a banalidade que está na equação de segundo grau de que falei há pouco. Sabemos que revira porque a resultante tem mais e menos. Quando criança, eu ficava invocado com isso, com a equação não me dar uma solução. Aliás, muita coisa na matemática revira, tem duas possibilidades, + e –. Lacan ficava invocado com a raiz quadrada de -1 . Como não é possível dizer $=$, uma série matemática desenvolvida chegará à solução de infinito sobre infinito. Há, então, que levantar a indeterminação, o que é quase um golpe político sobre a série... Observem que o Haver tem expedientes os mais estranhos. Em outros universos – situados mais ou menos ali na esquina –, talvez as coisas funcionem de outra maneira, não sejam obedecidas as leis da física que obedecemos aqui.

Como dizia há pouco, a burrice, o vício, a neura contemporânea é pensar de modo excludente. Por exemplo, democracia *ou* totalitarismo. Não é possível construir um modo político de coexistência sem essa divisão? É possível, mas a maioria sendo neurótica, uns gostam de esquerda, outros de direita. Se lhes perguntarmos por quê, ouviremos ideias estapafúrdias, que têm a ver com sintomas pessoais da mais baixa extração. São construções patologicamente sintomáticas e exclusivas por recalque, e não pseudo sintomáticas por escolha. É o tipo de comportamento, de pensamento, que não combina com a psicanálise. A psicanálise está fora disso, ela é divina: aceita o que vier. É a posição de Deus, ou, se não, a de Espinosa, *sub specie aeternitatis*. Mas, dado que esta é uma espécie de macacos, primeiro vem a exclusão. Ela tem um Primário boçal que precisa ser passado a limpo na história. O processo é necessariamente histórico.

• P – *Em Velut Luna (1994), você fala em ritual de passagem como passagem para alguém ser considerado gente.*

Impliquei com o *Passe*, de Lacan, por não ter continuidade, por ser igual ao exército, à igreja. Esta foi minha primeira implicância com o lacanismo. Lidando com algo tão nefelibato como a psicanálise, como dizer de alguém que, a partir de determinado momento, passou a ser analista? No sentido de que se possa julgar, ninguém passa de analisando a analista, não existe isto. E quando surge o *reconhecimento* de alguém, não se sabe dizer onde ou quando foi. Só uma vontade de governo pode se arvorar a determinar isso. Se há nomeação, acabou o analítico. No Brasil e na Argentina, as instituições adoram essa ideia, são imitações canhestras. Não é de estranhar dado serem apenas instituições burocráticas que se esmeram em criar impressões de hierarquia. Quando falo em Aristocracia não me refiro a sangue, e sim a valores, a riqueza, a reconhecimento de outrem como estando acima ou abaixo. Reconheço, por exemplo, Pelé como alguém exímio em jogar bola. É difícil reconhecer que ele é rei no futebol?

• P – *Quanto ao Pelé, é fácil, mas na instituição?*

O reconhecimento se impõe sem necessidade de burocracia.

• P – *Em seu seminário clínico, publicado em Arte & Fato (1990), diz você que a noção de Fim de análise em Lacan é sem interesse. Trata-se, sim, da Entrada em análise, cuja decorrência é: só é analisando quem é analista.*

Alguém vai ao analista, supostamente fazendo análise, para ver se consegue fazer.

• P – *Se ele consegue, é analista.*

Direi pior. Ele já o era. A espécie humana é assim, só que não sabe, aquilo está entupido. Trata-se de anamnese aí. Se já não fosse, como conseguiria ser analista? É uma competência da espécie que está recalcada. Se alguém procura a análise, temos que desconfiar de que já tenha pego a doença. E mais, analista não é uma pessoa ou uma profissão, é uma função. Uma função que qualquer um, de qualquer área, pode vir a exercer.

Atualmente, temos evidentemente a todo momento uma incessante *gastura das formações*, por melhores que sejam. Toda luta tem que saber disso. Acho ridículo ser lacaniano hoje, é algo que perdeu a validade. Foi maravilhoso, serviu para minha formação, mas acabou, não está mais em exercício. O que acontece, entretanto, dada a evidência da *gastura das formações* em todas as áreas, é o que falo sobre o movimento contemporâneo de a maioria

correr para trás na política, na religião. Seria mais eficaz se parássemos e nos perguntássemos sobre o que fazer adiante. Por que os sentidos que procuram dar têm que ser gastos e inúteis? Estão procurando não o sentido, mas uma significação bem construída. Só há duas saídas: ou você adere, ou fica lúcido. Temos que entender que o golpe de diferença foi tão grande que, para trás, tudo já era. Suponho que, em toda virada de Império, o que acontece é sobrar um lixo enorme. Como o Terceiro Império durou muito e produziu demais, resta um lixo imenso que não se reciclará. Sobretudo, quando entra um Império rachado como foi o Segundo e está sendo agora o Quarto. Algum historiador poderia demarcar quando efetivamente entrou o Segundo Império e qual foi a consequência desse dilaceramento entre o Primeiro e o Terceiro. Para mim, o Segundo Império coincide com o advento da pecuária e da agricultura.

• P – *Há aí um algoritmo de longa duração. Com a ideia de Pai, temos a invenção do curral e da família. O procedimento de cercar está na base da lei, da economia, da fundação de cidades, de Estados...*

Esta – a cerca – é a essência do Segundo Império, que dura até a beira do cristianismo.

5

• Aristides Alonso – *Da outra vez, falamos em Circuito, que o Revirão seria um circuito. Você, então, falou das formações e disse que os circuitos são formações, mas nem todas as formações são circuitos. Mas, se são formações, têm seu modo próprio de transa e, por mais caóticas que sejam, há circulação de toda ordem ali dentro. Um circuito é algo que vai de um ponto a outro, uma conexão, uma vinculação, com entrada e saída. Por isso, me*

pergunto se haveria alguma formação que, de um modo ou de outro, não seja um tipo de circuito?

Do jeito que acabou de definir *circuito*, você tem razão. Eu estava pensando de outro modo.

- AA – *De que modo você estava pensando o circuito?*

Simplesmente como um fluxo. Você está agora falando em circuito manejável automaticamente ou não. Aliás, não sei o que é circuito, sei o que é curto-circuito.

• AA – *Em seu sistema, se usarmos esse tipo de raciocínio cibernético de circuito, de informação, de sistema, parece-me que, em dado momento, justamente acontece nessa transação uma espécie de curto-circuito no processo inteiro. Mas o que emerge dali? Outra formação que reorganiza o circuito, que se rearruma de algum modo como sendo da ordem de transas, de conexões.*

Num simples conjunto de formações, onde está o circuito? Nele ou na leitura dele?

• AA – *Se tomamos pela Teoria do Caos, que diz que o que há de fato é ordem, que o caos é ordem desconhecida, temos aí a suposição de que tenha uma organicidade cujo conhecimento nos escapa. Ou seja, qualquer coisa que se rearranja, ao topar com ela, podemos encarar entropicamente, como algo que não estamos processando, mas que, devidamente transada, algumas ordenações começam a aparecer.*

• P – *Mas o parangolé que é a intervenção de tentar entender uma formação que está acontecendo em outras já não faz emergir algo que depende dessa intervenção?*

O circuito só pode estar na transa. Numa formação sozinha, só se fizermos sua leitura internamente poderemos colher esses circuitos.

• AA – *O que estou dizendo é que toda formação é constituída de circuitos e faz circuito com outras formações.*

Não sei.

• AA – *Ou é passível de fazer conexão com outras formações...*

Você está falando da transa entre formações, da substituição de Sujeito.

• AA – *Não há formação fechada absolutamente. Circuito é algo que está circulando, com entradas e saídas. É um algoritmo que supõe coisas que*

entram e coisas, operações, que não entram. É um abre-fecha-abre... Quanto mais circulação houver, mais circuitos são constituídos...

Quanto mais transa entre formações houver.

• P – *Em 2000, ao falar de Parangolagem e apresentar o modelo do Tetraedro, você incluiu a enantiomorfia. O que é isto na transa de formações? Ainda é circuito? Ai o abre-fecha-abre foi suspenso.*

A HiperDeterminação não é fluxo.

• AA – *Por isso, falei em curto-circuito. Aquilo entra em pane e se reorganiza.*

Diante de uma formação, qual é a consideração possível? Quanto a uma formação lá jogada, não posso ficar pensando aqui que ela esteja transando com outra formação. Se entrar com alguma possibilidade de leitura, aí sim aparecerá a possibilidade de transa entre formações. Mas a formação lá jogada não tem essa possibilidade.

• AA – *Mas posso supor que haja essa possibilidade?*

Sim. O direito é seu. Note que você está se colocando presente demais à formação.

• AA – *Uma abordagem é mediante a teoria da informação. Do ponto de vista da física da informação, ela afirma que tudo é informação. Afirmar isto significa que tudo é abordável como informação.*

Aí é que está o ponto. Antes do abordável é o quê?

• AA – *Minha suposição de que há informação.*

A suposição de que há informação é unilateral.

• P – *Há uma Tópica em jogo aí (1ar→2ar→Or). Esta suposição é do ponto de vista do Secundário.*

Ao fazer essa suposição, você nada transou com a formação. Ao se dispor a averiguar é que a transa começa.

• AA – *E como há respostas e respostas e respostas, já é uma conversa que se estabelece com mão dupla. Portanto, havia conversa, mesmo não se sabendo qual. É como uma língua estrangeira...*

Não. Isso é epistemologia. Fazer a suposição de que, em alguma região, haja um conjunto de formações que são transáveis é mera suposição. Qual é a ignorância do cientista? Ele supõe que haja possibilidade de conhecer aquilo,

mas aquela formação não faz circuito enquanto não puser uma formação que faça circuito com ela. O nome disso é: ignorância.

• P – *Mas tentar a abordagem se deve a supor de algum modo que haja circuito.*

A suposição não faz o circuito. Ela promete fazer. Então, ao dizer que há formações que não são circuitos, sou uma besta ignorante olhando para aquilo que quero entender, mas não faz sentido ainda. Que formações buscarei para jogar com essas? Aí a transa começa.

• P – *E mais, freudianamente falando, o Inconsciente tem o só-depois. É no só-depois que se computa para trás – e nos perdemos por não saber se já estava lá ou se foi porque computamos assim.*

Aristides está fazendo a suposição de que a suposição supõe.

• AA – *Minha suposição decorre de que há formações do Haver e de que formação é informação.*

Estou dizendo que qualquer formação é informação. Isto é uma definição para eu jogar, mas não há transa diante de uma formação que emerge para mim enquanto não começar a transa. É o que quero dizer quando digo que há formações que não são circuitos, que não estão funcionando na transa. Ao me deparar com algo que desconheço, não posso dizer que aquilo com que me deparei não seja uma formação. É sim, mas qual? É preciso fazer a suposição que você fez para começar a procurar uma formação para jogar com aquela. Se não, o Sujeito retorna.

• P – *O problemático na questão do Aristides é aproximar-se do modo de pensar filosófico que a priori decreta o que é a realidade. Isto, sem o ad rem, sem o ir às coisas.*

Se não, voltamos para pressupostos que não são os da psicanálise.

• AA – *Eu estava pressupondo não isso, e sim que há circuito.*

Só há circuito quando há. Tomemos um exemplo de consultório. Ao receber um analisando novo, está na cara que ele tem uma formação que você supõe ter um monte de formações. Onde está a transa? Não começou. Ele começa a falar e a transa não aparece. Você continua ignorante por não ter aqui formações que façam transa com as dele ainda. Daí procura-se um jeito

de transa das formações que podem ser aplicadas com as que estão surgindo. Aí, sim, instalou-se um circuito.

• AA – *Mas como haveria a investida se não houvesse a suposição de que tem transa?*

A suposição é cega. Faço a suposição que quiser.

• AA – *Parto da definição mais simples de circuito. É passagem, no caso, de força, de energia, de um ponto para outro e circulação segundo certa ordenação, a qual pode sofrer desvios, acréscimos, aumentar, diminuir...*

Você, agora, tomou a palavra *circuito* e reduziu a outro conceito. Ao conceito de algoritmo.

• AA – *Minha questão partiu de: como poderia haver uma formação que não fosse organizada de alguma maneira?*

Não sei. Bato com a cara na parede e não sei. Se agora quero entender, buscarei formações que possam transar com aquelas. Minha conversa começa à medida que não haja Sujeito, não haja Kant. Se não, o tempo todo, há na sua suposição um Sujeito já fazendo a transa, um Sujeito resolvendo os problemas. Não há, isso é mentira dos séculos passados.

• P – *Do ponto de vista freudiano, temos que considerar que topamos com algo que pode exceder as formações disponíveis para fazer a transa. É o caso do Trauma. Ele excede. Ao falar dele, já estamos abaixo, não entrará nas formações possíveis para descrevê-lo. No aparelho psíquico, um excesso de energia faz o trauma e, na sequência, a máquina vai repetir para tentar dar conta do impossível.*

Você está dizendo que a ignorância é traumática? Só há ignorância onde a ignorância se sabe. Uma pessoa boçal é crente, sabe tudo, não tem ignorância. Mas alguém realmente ignorante é aquele que topou com algo e entra em angústia por não saber dizer do que se trata. Aí quer saber o que é por supor que lá haja algum circuito. O cientista passa décadas quebrando a cara, mexendo aqui e ali, cego por não ter ainda achado a formação que casará à outra. É aí que começa o circuito. Se não fizer a suposição de saber, o cientista nada achará, mas é uma suposição dentro de sua ignorância. Não tem transa ainda. A transa é com sua ignorância, a qual ele quer acabar, e não com aquilo com que se deparou.

• P – *Há também uma dificuldade com o sintagma “tudo é”. Estamos falando que tudo é formação, informação, circuito... Caímos no erro do Universal, quando se trata de algo performático, e não constativo. “Tudo é” é o escopo que se está estabelecendo para essa proposição. É uma ambição de abordagem, e não a constatação de que a realidade seja assim.*

Se fizer essa constatação, imediatamente aparecerá Sujeito e tudo que dele decorre.

• P – *Em A Rebelião dos Anjos (2007), você diz que “jamais saberemos decidir sobre o que se põe como Thesis senão o conduzindo heurísticamente à condição de Physis. Ou seja, se quisermos saber o que se põe como Thesis, não conseguiremos acrescentar esse conhecimento senão supondo que isso há dentro do Haver. Por outro lado, o que se possa saber como Physis só se consegue ao colocá-lo como Thesis. Assim sendo, nada sabemos de Physis senão como Thesis ficcional, assim como nada sabemos de Thesis senão como Physis ficcionada”. Há o esforço de ficcionar a Physis, mas há a contrapartida que é dar realidade, alguma consistência à Thesis. Uma não dispensa a outra e enunciados muito genéricos precisam ser usados e articulados dentro dessa dinâmica.*

De repente, temos que tirar a palavra “tudo”. Mas ela não põe um Universal. Se digo “tudo que está sobre essas mesas aqui”, isto é algum Universal?

6

Da vez anterior, queríamos considerar os eventos teóricos e práticos dentro da psicanálise como algoritmos. Tirando a HiperDeterminação, num processo de transa entre as formações, temos o direito de considerar tudo capaz de ser

reduzido a um algoritmo? Suponho que sim. Se chegarmos num limite, talvez com a HiperDeterminação, nos perderemos. A definição de circuito dada por Aristides há pouco é a definição de algoritmo, que é mais abrangente que o termo circuito. Então, reafirmo, tirante a suspensão possível na HiperDeterminação, posso considerar tudo como um algoritmo possível, que tem ordenação e uma sequência que não pode ser mudada, se não, o algoritmo muda.

Assim, se quiser considerar a emergência do algoritmo em sua maior abrangência para a constituição desta nossa espécie, constituída que é de Primário, Secundário e Originário, onde ele há mais? Não é que não haja em outras espécies, e sim onde ele há mais em suas transas de mundo? Em que produções da espécie ele há mais explicitado, ao mesmo tempo talvez mais abstraído, mas levando em consideração suas emoções, etc.? Na **Música**. Trouxe três partituras para verem que, em todas as nossas produções, há uma que afeta diretamente os três registros da Tópica (Primário → Secundário → Originário). São algoritmos extremamente rígidos. Em 1982, fiz um Seminário intitulado *A Música*. Não consegui acertar bem daquela vez, vejamos se consigo mais agora. Lacan, depois de Freud, trabalhou, trabalhou, à procura de um modelo. Primeiro, foi ao modelo linguístico estrutural, que não deu certo. Se tivesse dado certo, pararia aí. Depois, procurou o modelo matemático topológico e se enrascou. Fez um monte de nós para, num de seus últimos seminários – *Encore* (1972-3, seção IX) –, dizer que “le truc analytique ne sera pas mathématique” (o truque analítico não será matemático). Ou seja, encerrou aí, sem saber. Então, pergunto eu: qual é **o truque psicanalítico**? E respondo: ele é musical.

Do ponto de vista da postura psicanalítica, o que interessa é a posição mística, de distanciamento do mundo, mas, no que lidamos com as formações, temos que ter ouvido para escutar a música. Qual música está tocando? Ou seja, escutamos a sequência das formações trazidas pelo analisando. Tentamos ver se há um algoritmo que possamos repetir e tocar a música dele. Em seguida, é preciso de muito tempo de escuta para sacar qual é a *composição* dessa formação chamada analisando que ali está. **O que importa nas formações é serem uma composição**. Aliás, desde a escola primária, passamos a vida fazendo composição... E a coisa mais abstrata enquanto produção para pensar isso é a estrutura da música. Nela, temos as composições primárias e secundárias, e a

originária talvez, com possibilidade de funcionar. Ao pensar a ideia de composição na música, entramos num campo complexíssimo. Tudo isso, dependendo de qual musiquinha somos capazes de ouvir. Vejam o que trouxe para verem. (Ia trazer Beethoven, mas eram dois volumes muito grossos). Uma partitura de Liszt, uma loucura em termos de composição sequencial, vertical, horizontal e só de piano: *Doze Estudos Transcendentais*. Espantoso é ele conseguir tocar isso. Outras partituras são do maluco do Johan Sebastian Bach: *A Arte da Fuga* (que intitulei meu Seminário de 2000) e *Uma Oferenda Musical*. Sua loucura é toda arrumadinha: instrumental, vocal... Trouxe de implicância, para ficarmos assombrados. É uma assombração imaginarmos a cabeça de um maestro regendo essa complexidade. O analista precisa justamente dessa cabeça.

Outras partituras que trouxe são dos três concertos de Rachmaninoff. Em 2014 (seção 6) já falei sobre ele e o ambiente neorromântico. Só gosto do segundo e do terceiro concertos, e gosto mesmo é do segundo. Trouxe essas partituras para implicar com vocês, para que percebam como é a cabeça desses que se sensibilizaram nos três regimes da Tópica, no Primário, no Secundário e no Originário. É terrível isto acontecer. Dizem que, na primeira apresentação da Nona Sinfonia, de Beethoven, que é algo divino, uma mulher da plateia teria enlouquecido. Nós já estamos acostumados, mas não era o caso na época. Levaram um susto. Quero que vejam a cabeça desse que compõe, que coloca as formações juntas e sequenciadas. Notem que não estou falando da transa do analisando com a música, e sim da música que ele transa. Trouxe também para vocês uma folha com outro tipo de escrita musical, diferente daquela das outras partituras. Várias foram inventadas depois. Aliás, quem escreveu sobre escritas musicais foi Abraham Moles, engenheiro acústico especialista em Comunicação, bastante famoso no Brasil nos anos 1970. Leiam seu *Musiques Expérimentales* (1961). Conheci-o, andamos pela cidade quando esteve aqui. Ele estava tentando fazer com que entendessem o sumo da teoria da comunicação pela estrutura musical. Em meus primeiros Seminários eu colocava uma música antes e mesmo ao final. Eu fazia a suposição de aquelas músicas serem compatíveis com o que queria dizer.

Na verdade, ao lidar com algoritmos e composições de qualquer ordem, estamos lidando com composições sintomáticas. Antigamente, sabíamos que

havia composição química, matemática, etc. Hoje, cabe continuar perguntando sobre como se arranja tal formação, quais são seus ingredientes. Como, de um analisando, destacar sua composição? Qual música ele toca?

• P – *É uma só ou são várias?*

Qual é a música de Beethoven? Não importa que tenha feito dezenas, pois ela fica evidente em todas as suas músicas. Ele tem alma própria. Se tivermos atenção, reconheceremos a música do analisando.

• P – *No que se rastreia essa música, operamos segundo ela?*

Não posso, em análise, ficar tocando a minha música. Esta, fiz minha análise para conhecer. É a diferença entre psicologia e psicanálise. O psicólogo quer ensinar sua música ao outro, ele é daqui para lá. A psicanálise é de lá para cá.

• AA – *Em outro momento, você falou em destacar a épora de uma sintomática. É uma metáfora relacionada a algoritmo.*

Embora seja euclidiana, é uma boa metáfora. Qual projeto, qual planificação, lá está?

• P – *Hermeto Pascoal é alguém dedicado a essas ressonâncias musicais nas pessoas: voz, expressão... Uma vez, vi uma apresentação em que ele musicava a fala de alguém.*

Mesmo isso. O analisando está falando e podemos perceber sua melodia.

• P – *Lévi-Strauss dizia que música e matemática não têm sentido.*

Isso é asneira.

• P – *Quando você fala sobre escutar a música do analisando, parece que não se está escutando a significação do que está sendo dito.*

Está-se escutando tudo. É possível escutar a fala de uma pessoa. É o que Hermeto faz com clareza: conversa com você, vai ao teclado e toca a sua música. Você vê sua voz ali. Isto, quanto à voz e à fala, mas há o resto, que pode ser sinfônico. Há muitos instrumentos tocando, muitas formações falando junto. Numa análise, se retirarmos os personagens em jogo e colocarmos outros, será outra análise. O analista está se disponibilizando a acolher a música do outro, mas com quais formações ele faz isto? Qual é a transa? Ele vai tocar junto com o analisando.

• P – *Sempre fico assombrada com o efeito da música. É difícil rastrear os diversos níveis de afetação de que você falou. Parece-me que há falta de um modelo de compreensão disso. Isto, não só na música, mas também, por exemplo, no que se chama de psicossomática. Falta um modelo para entender a correlação de estados cerebrais e processos mentais.*

Não queiramos ser euclidianos. É preciso entender que é um jogo. Vocês estão vendo as partituras que eu trouxe, cheias de formiguinhas, de letrinhas. Isso é o que autor escreveu e, se tocou, tocou **do seu jeito**. Por isso, há a **interpretação**. Muda o maestro, a música muda. É como na análise: como o maestro escuta aquela música? Do jeito dele. Nietzsche, de pinimba, disse que jogava toda a obra de Wagner no lixo contra a *Carmen* de Bizet. Achava interessante ele dizer isto, mas eu escutava e considerava *Carmen* algo meio esquisito, parecia música de circo – até ouvir uma gravação de Leonard Bernstein, em que ele diminuiu o andamento. Fiquei de boca aberta, pois era nitidamente outra música. Falo isto, para pensarmos sobre a interpretação.

• P – *Há aspectos que nos afetam que não são apenas primários. É uma comoção no Secundário que beira o choro.*

Em termos de produção musical, temos que pensar que, de modo geral, a música pretende afetar Primário, Secundário e Originário. Às vezes, é tão pobre e barata que só afeta o Primário. Qual é a pinimba de Schoenberg com toda a história da música? Chega de comoção! Vamos pensar! – diz ele, que queria fazer uma música estritamente para o Secundário, para a inteligência das pessoas. Não conseguiu, pois a música, ao soar, nos deixa emocionados. Em matéria de alta lucidez musical, eu diria que gosto de Webern, que é mais sensível fazendo o mesmo que Schoenberg. Este é meu gosto lá em cima, no Secundário. Em matéria de inteligência musical, meu gosto é Beethoven. Ele é muito inteligente e, ao mesmo tempo, afeta. E em matéria de comoção, gosto de Rachmaninoff, que é mal falado à beça. Ele afeta tudo de uma vez só. Como veem, há vários níveis de transa.

• P – *Muitas vezes, não conseguimos tirar uma música da cabeça.*

Acho que isto se deve à sua compleição (Primário, Secundário e Originário). A música afeta demais o Primário. Entramos numa comoção tal que nos estranhemos.

• P – *Na fala de um analisando, temos elementos constituintes, sua transa com a intensidade, seu modo de repetição (conteudístico e formal), e as variações...*

É o que fez Rachmaninoff sobre um tema de Paganini, variações lindíssimas. Uma delas é a trilha sonora do filme *Somewhere in Time*. Como o analisando faz variações em torno de um tema, Freud confundiu as variações com os temas. Deu nomes diferentes a neuroses que são apenas variações da Morfose Estacionária. Se reduzimos, é possível dizer que não importa a música que está tocando, pois é variação do Estacionamento.

• P – *E a ampliação de formações que a análise permite acontecer faz o quê?*

Um dia, a pessoa aprende a própria música e resolve tocá-la. Se a análise funciona, o analisando saca sua música e passa a tocar aquela que é a sua. Isto é a Cura: parar de tocar a música dos outros. Ele toma seu sintoma e faz um concerto, um concerto bonito. A maioria passa a vida cantando música dos outros.

• P – *Parafraseando Lacan que falava em bem dizer, trata-se de bem tocar seu sintoma.*

O sintoma da pessoa é grosseiro, fala besteira, mas se ela entender como é poderá fazer algo bonito com a mesma música. Alguém falava outro dia aqui sobre Lacan se referir à *transmissão de um estilo*, que seria a transmissão do estilo de Lacan. Mas esta é a suposição do psicólogo. Ao contrário, o que se transmite em psicanálise é: estilo. Tenha estilo! Fale com as suas formações, e não com as dos outros. Isto porque não há outra coisa a fazer. O sintoma não vai embora, mas passa a ser, como dizia Lacan, bem dito. Trata-se de dizê-lo bem. É o que diz o artista. O ruim da formação religiosa – por exemplo, a freudiana, a lacaniana – é o pessoal permanecer repetindo sintoma do papa de sua igreja. Ou seja, não há transmissão alguma aí.

7

• Aristides Alonso – *Quanto à questão do circuito de que falávamos da outra vez, há também a Teoria das Redes, as redes são circuitos. Eu falava de circuitos elétricos, os quais têm uma limitação própria ao campo. Ao generalizar o conceito de circuito, vemos, na Teoria das Formações, que ele é próximo da noção de Transa. Minha suposição era que, dado o campo do Haver – há o Haver, fractalizado –, as formações do Haver sofrem os recalques que sofrem, mas com alguma possibilidade de comunicação entre elas. Não há formação que seja absolutamente fechada. Ao falar de circuito, então, eu me referia a formações que visam transar com formações, mesmo com aquelas aparentemente mais desconexas. Certa vez, no sentido de clarificar sua teoria do conhecimento, a Gnômica, você deu o exemplo do ferro e da ferrugem. No ferro, estaria o conhecimento da oxidação que ele sofre. Isto, sem a presença de alguém ali para conhecer. Ou seja, há uma transa que acontece, uma interconexão, uma comunicação. Este era o ponto que me interessava ao falar de circuito.*

Já disse que concordo com o que você fala sobre o *circuito*. Nossa questão é outra. Você começou perguntando por que toda formação não seria circuito. O que eu disse é que nem toda formação é um circuito. Meu ponto não está em nomear circuito, e sim em explicitar a partir de que parâmetro teórico esta pergunta se coloca. Dizer, como você diz, que, assim como todo circuito é uma formação, também toda formação é, pelo menos suponivelmente, um circuito, traz o incômodo de esta frase ser subjetiva. Ela tem *Sujeito*. Mesmo Lacan, quando resolveu lidar com o sujeito, constituiu o Sujeito Suposto Saber. Ele colocou o analista nesse lugar. Aí, tudo fica infectado de algo mais grave que vem do século XVII para cá. Por isso, recomendei a leitura de Alain de Libera sobre a invenção do sujeito. Em vários livros ele faz um trabalho excepcional, dissolve toda essa ideia. Ele vai por uma via genealógica que passa por Foucault e Heidegger, mas que, no fundo, é o trabalho dele, Libera.

Então, se tirarmos o sujeito, do ponto de vista da Teoria das Formações – à medida que, para ela, conhecimento é resultante de transa entre as formações –, onde estão essas formações para que possam vir a ser conhecidas? Estão dentro do Haver. Elas podem ser paralelas ao pesquisador, ao conhecedor, que não é um sujeito. Chamo-o de *Pessoa* por ser um conjunto de formações. Por que nem toda formação é um circuito? Porque, no regime de minha ignorância, a partir de certo conjunto de formações que há aqui, as quais transam com outras formações já reconhecíveis, já encaixadas em algumas outras formações de reconhecimento – vejam que é tudo saltando, pulando –, de saída é até possível verificar que são um circuito, mas nos deparamos com algo que ignoramos absolutamente. O ponto está justamente aí porque, como aventei da vez anterior, **toda criação de conhecimento, em qualquer área, é pós-traumática**. A pessoa se depara com algo e fica em situação de trauma, não sabe o que fazer com aquilo. Começa a recorrer a formações já conhecidas, etc., até conseguir tomar algumas formações que não estavam sendo utilizadas, jogá-las para cá, para lá, e algum sentido começa a se fazer. Algum sentido *entre* formações. Isto, para sair do trauma.

Na história do conhecimento, sempre se perguntou por que alguns resolvem querer saber as coisas. Ninguém lhes pediu que o fizessem. Alguém pediu algo a Freud? Não é o caso de poder lhe perguntar isto? Aliás, nem ele sabe por que fez o que fez. Alguma situação na vida o colocou sem saída, e ele teve que buscar sair dela. Antigamente, psicólogos diziam que isso seria como um sentido obrigatório, que sentiam como necessário. É isso. Começamos a criar tentativas de conhecimento por estarmos traumatizados – e por que não paramos? Porque dói. É como quando se tem um machucado, é nele que esbarramos a todo momento. Não há mistério aí: a pessoa sofreu algum trauma na área do conhecimento, não sabe do que se trata e fica perguntando o que é. Muitos passaram a vida inteira organizando formações para escapar do trauma, para serená-lo. Quanto a mim, essa *formação* com qual esbarrei não é um circuito. Para quem, para qual formação ela é um circuito? Ela não o é. Pode, sim, tornar-se.

- AA – *Não pode haver circuitos desconhecidos?*

Só sujeito pensa isso. Minha implicância não é com a definição de circuito, e sim com a postura subjetiva. *Suposição* é o mesmo que *subjectum*. Temos vícios antiquíssimos de pensamento e, se não tomarmos conta, estaremos falando século XVII, século XIX. É o mais normal. Eu me pego, às vezes, em delito de subjetividade. Temos que nos proibir isso.

• AA – *Em caso de trauma do conhecimento, as matemáticas têm questões internas que enlouquecem os matemáticos. Por exemplo, não se sabe o algoritmo dos números primos...*

Ninguém resolveu ainda porque não se conseguiu inventar uma formação competente. Sem querer, talvez, no futuro, algum matemático sonhará com ela. Estou lendo *A Psicologia da Invenção na Matemática*, de Jacques Hadamard, em que é mostrado como isso brota inconscientemente. Para ele, a invenção na matemática é sobretudo inconsciente. Já declarei várias vezes que muitos Seminários meus foram inteiramente feitos enquanto eu dormia. Acordava às três horas da manhã e ia escrever para não esquecer. Isso é trauma. A pessoa está diante de algo, não sabe o que dizer e algumas formações transam por conta própria enquanto ela está dormindo. Como colocar isto na lista de Freud sobre os sonhos de despertar? “Pai, não vês que estou queimando?” – quem não vê que estou queimando? Isso desloca as operações do Inconsciente de um sujeito. As coisas transam por conta própria, e dão resultado. É igual à ferrugem mencionada há pouco.

• P – *Que tipo de linguagem teria que ser inventada para que a Teoria das Formações fosse efetivamente usada? Freud tem uma espécie de gramática própria que vemos na Interpretação dos Sonhos, no texto A Pulsão e suas Vicissitudes, em que fala das polaridades (ser visto / ver...). Não há sujeito ali, e sim uma descrição de situações de uma transa.*

Portanto, a linguagem já foi inventada. Foi Lacan que enfiou sujeito em Freud. Este nunca falou em sujeito. Vejam o conceito de *autor*. Quem é o autor da formação competente? Fernando Pessoa escreveu o poema disso. Sempre cito os versos: “Não meu, não meu é quanto escrevo. A quem o devo? De quem sou o arauto nado?” São falsos o conceito e a prática da autoria até o Terceiro Império. Não passam de ser uma designação de Terceiro Império. E

se a pessoa pensa para valer, ela reconhece isto. Já disse que a pessoa é vítima do trauma e da transa desenfreada da pornografia intelectual.

• P – *Ela recebe um Golden shower?*

É o caso de dizer. Já o outro lá no Planalto...

• P – *Sempre li esse exemplo seu do ferro jogado ao relento e produzindo a ferrugem como expressão de um conhecimento – a oxidação – que estava no ferro. E não é preciso que alguém ali esteja para aquele conhecimento se produzir...*

O fenômeno não precisa de ninguém. Digo que há conhecimento disponível porque, se algumas formações o abordarem desse modo, conseguirão dizer algo sobre ele. Uma transa está entregue, lá está. Um dia, alguém vai lá e resolve dizer que se trata de oxidação, etc. De quantas formações precisou para dizer essa coisa simples? Quanto tempo levou para sacar que era uma oxidação?

• P – *E esse alguém também é uma formação.*

A formação é que é ele. Temos que trocar os vetores para entender esta perspectiva. Não tenho formações, as formações é que me têm. Tanto é que, se for tirado um pedaço daqui, um caco de cérebro, como ficará a transa? O Quarto Império exige, precisa desse tipo de postura. O século XX encerrou uma era. O que vemos perdurar por aí é rebotalho. São posturas ainda egoicas e subjetivas. Há que mudá-las. Não há Eu algum fazendo tal ou qual coisa. Estou, sim, sendo usado pelas formações. Eu, esse resultado, é transa de formações, da qual não dou conta. Quando dizemos Eu é gramática. Usamos esta língua que tem um negócio chamado Sujeito na gramática. Há línguas que não têm. O engano anterior era pensarem que, como a língua tem isso, existia Eu. Quem é Eu na gramática? A pessoa que fala. Ela chama Eu o ato de ela falar. E isso foi transformado num sujeito. Muito católico, aliás.

• P – *Alain de Libera, em L'Invention du Sujet Moderne (2014), a propósito das questões suscitadas pela definição do sujeito, cita o Concílio de Calcedônia, realizado em Istambul, em 451, em que Cristo é definido como reunião de duas naturezas em uma só Pessoa (hipóstase).*

Sujeito é um decreto teológico-político. Não esquecer que essa nomeação, originalmente, era da gentilha, dos súditos. Havia o Senhor e o *Subiectum*. Os evangélicos também são esquisitos, mas, no discurso do cristianismo

católico, há até hoje o Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora. Isto é medieval, feudal. Ficou restando aí como Terceiro Império. Chamar alguém de Senhor já é algo ruim. Senhor é quem tem uma senhoria. Sujeito é o vassalo, subdito ao suserano.

• P – *Dizer Eu não é importante para o percurso pedagógico de uma criança?*

Observem que, ao nascer, uma criança é nomeada pelos outros. Então, quando dizem certa palavra, tal qual acontece com cachorros, é a ela que estão se referindo. De saída, ela se põe linguisticamente na terceira pessoa, pois esta é a computação usada. Um dia, ela começa a descobrir que todos que são terceira pessoa se chamam pelo mesmo nome, todos falam Eu. Então, quem é Eu? É eu ou é você? Ela fica se perguntando porque os outros estão se chamando de Eu quando Eu é o nome dela. Vejam que a frase começa a enlouquecer. Isso é o quê? Que há línguas em que as pessoas, enquanto ativas, enquanto aquelas que tomam a palavra, se chamam de Eu. É nominalista. Mais nada. Repito, há línguas que não têm sujeito.

• P – *Se concebemos que chamar-se de Eu pode ser uma função razoável para indicar uma sede da ação, por outro lado, temos que saber que se perdem nuances mais complexas do que uma ação em jogo ou uma declaração de estado. Por exemplo, ao dizer “eu estou triste”, uma situação complexa foi reduzida a apenas alguém que foi afetado por ela. Há uma reificação aí.*

Há uma série de formações que não se representam nisso. Quando alguém diz Eu, está falando de quem, do quê? Neste momento aqui, quais formações estão em jogo no meu papo com vocês? Não são todas as minhas formações, e sim um elenco. Posso fazer a lista delas. Em um próximo encontro nosso tratarei das listas, dos elencos, etc. Para se adiantar, leiam *A Vertigem das Listas*, de Umberto Eco.

• P – *Há, em nossas conversas nas Oficinas Clínicas, uma situação que me parece exemplar disso. É comum, em alguma descrição feita, alguém dizer que há uma resistência, ou um recalque, em tal ponto. Mas não diz ao quê é resistência, do quê é recalque. A ênfase vai para o ato de resistir, de recalcar, e não ao quê se resiste ou o que se recalca.*

Para ser uma Oficina Clínica – que, entre nós, é um dos quatro dispositivos da Formação do Analista – é justo disso que é preciso tratar. Se não, não é Oficina Clínica. Há que tratar do que está sendo recalcado, ao quê se resiste, ou seja, do que está acontecendo naquele momento. Isto porque se trata disso na clínica de consultório, por exemplo. O que está sendo recalcado? Por quê? Quais forças recalcentes estão em jogo? Temos que ficar traumatizados, em situação de nada estar entendendo. Aí, jogam-se formações para tentar discernir de que fenômeno se trata. Se isto não for feito, basta abrir livros de psicologia, de psicanálise e aplicar. Aliás, aplicar onde, em quem, no quê? O tipo da função que é traumatizada é a função de Analista. Os bons pensadores em psicanálise garantiram que, ao olhar para o que lhes é trazido, ficam perplexos, sentem uma estranheza radical. Por isso, chamei de **Pensamento Perplexo** o pensamento praticado em psicanálise. Em sociedade, somos todos iguais, mas quando surge aquela singularidade diante do analista, ele fica de boca aberta. Lacan dizia que o analista tem que funcionar tal qual um bebê até aprender a língua do outro. Deixa-se rolar e, um dia, ele aprende. Se o analista aprendeu aquela língua, o outro ficou curado. Ou seja, se o analista aprendeu é porque o outro já viu tudo, está sabendo. Se não, ele não aprenderia. Portanto, a postura é ou recorrer a um saber projetado, ou ficar ignorante e traumatizado na espera de que aconteça alguma solução. Como o analisando é gente, uma pessoa, ele acaba ensinando sua língua ao analista. Ele ensina como funciona, o que lá está, como é, quais são as formações. Lacan falava em *bien dire*. Como ele chega a bem dizer. Por isso, há que pensar em elencos, em listas.

Outra história é o analista, já na primeira entrevista, perceber formações tão óbvias – ligadas à cultura, à família, ao Estado... – que lhe mostram qual é o caso. O que falta entender é como é aquela pessoa dentro do caso. Existem formações dependentes de recalque tão claras que o analista vê no ato. O ponto agora é como tratar o caso. Isso pode levar anos.

• P – *Você, há pouco disse que “a pessoa é vítima do trauma e da transa desenfreada da pornografia intelectual”. Lembro-me de uma recente reunião de professores em que se defendia que os trabalhos dos alunos deveriam ser avaliados segundo o critério do plágio. Caso fosse constado, a nota deveria ser zero. O que me incomodou foi a intensidade na defesa de uma originalidade*

que, na melhor das hipóteses, é sempre difusa. Havia um moralismo que me pareceu vir de outros lugares...

Vem dos mesmos lugares.

• P – *É como se aqueles que estavam dizendo aquilo tivessem, quando alunos, sido originais.*

Agem assim por terem uma referência de discurso certo, normal... O problema está em que a garotada já não cabe mais nisso. Ouçam um exemplo meu, de alguém que nasceu na década de 1930. Em minhas provas do Primário e do Ginásio era imensa a quantidade de coisas que podiam ser punidas por serem consideradas erro – e é tudo que hoje se fala comumente. Fui perseguido por um professor de português que me instava a escrever certo. Qual é o certo? Como é possível tomar um momento da língua e corrigir por sabermos onde está errado, por sabermos a importância daquilo? Como está a língua hoje? Ela ficará cada vez menos português. Alguns linguistas garantem que falamos uma língua e Portugal outra. Como houve as línguas neolatinas, estamos falando neo-português. A língua está ficando mais simples e mais curta.

• P – *Faço parte de um grupo de leitura de textos em alemão. Acabo de receber um livro em que o autor diz que, junto às nova gerações, estão acabando certas declinações, o dativo e o genitivo.*

Lá também está assim? Aqui, as declinações do latim estão fora de moda há tempo. Em meus quatro anos de ginásio, estudei latim, cujo professor também nos massacrava. Tudo isso foi embora. Talvez para me vingar do professor, intitulei alguns Seminários meus em latim: *Rosa Rosae, Psychopathia Sexualis, Velut Luna, Ars Gaudendi, Clavis Universalis, Ad Rem...*

• P – *A escrita, a grafia, também está sendo deixada em segundo plano.*

No Ginásio, tínhamos a disciplina da caligrafia. Além disso, aprendíamos a ordem de escrever qualquer coisa. Meu professor de álgebra era exigente a ponto de dar zero se alguém, ao escrever uma fração no quadro negro, não começasse pelo traço.

• P – *Por isso, um de seus primeiros textos se intitulava O Hífen na Barra (1972)?*

A primeira coisa que tive que criticar foi a barra do estruturalismo. Já notaram que não se mexeu na barra? Lacan tentou com seu *S/s*, mas manteve a

barra, sem passagem. Minha questão é que isso tem que ter uma passagem. Se não, o Inconsciente morre. Sem Revirão, cadê o Inconsciente? A barra precisa ter um furo, um hífen.

- P – *A barra é uma fronteira, um muro?*

Com polícia e tudo.

- P – *Por isso, é importante o conceito de Gnomon que você introduz na ideia de signo (S/s/G). Ele denota uma porosidade entre significante e significado.*

De onde vêm os deslizamentos da linguagem? Onde furam? Por onde passam? Aquele artigo causou certa polêmica na Escola de Comunicação, onde foi apresentado. Alguns professores diziam que o autor era maluco, pois nada entendiam. Já Emmanuel Carneiro Leão achou que era claro. A barra do estruturalismo foi uma síndrome da segunda metade do século XX. Autores importantes da época estão hoje relegados ao esquecimento. Lacan se mancou a tempo e foi largando aquilo. O mesmo não aconteceu com ditos lacanianos, que ainda permanecem lá, naquilo que o próprio Lacan abandonou. Lacan tentou se safar escrevendo aquelas loucuras – em que é preciso que cada um busque o sentido – e com a topologia. Isso tampouco vai a lugar algum agora.

8

- P – *Nosso Polo de Estudos tomou para leitura o ensaio de Manuel Castells, A Grande Ruptura: a crise da democracia, originalmente publicado em 2017 (Rio de Janeiro: Zahar, 2018). É um bom exemplo do que autores contemporâneos estão apontando como transformações que ocorrem ao nosso redor e no planeta. Uma das coisas que nos chamou a atenção foi ele reiterar que*

o temor da globalização incita a buscar refúgio em ideias mais organizadas do passado do tipo de Estado e nação, raça como direito ancestral da etnia majoritária, família patriarcal e Deus como fundamento. E mais, ele fala sobre a existência hoje de uma política do medo, uma política dissolutiva, cuja resultante seria o retrocesso para esse formato anterior.

Isso não é resultante da política do medo – esta é secundária –, e sim da quebra de significação dos parâmetros. É algo anterior. A tecnologia sozinha já é um dissolvente universal. A resultante da quebra dos paradigmas é a tentativa de impor sentido no tapa mediante essas ideias de Estado, família... Como as pessoas estão em pânico em relação ao futuro, o racismo já se instalou e todos correm para trás tentando segurar um sentido que não tem mais o menor sentido. O problema é justamente esse, que não tem mais sentido algum.

• P – *O Brasil não seria estranho para esse tipo de retrocesso, já que aqui é impossível fazer qualquer tipo de recorte em nome de uma pureza étnica, cultural ou territorial?*

Mesmo porque o Brasil jamais andou para a frente. Há muito tempo já estava lá atrás. Não há, pois, esforço de retrocesso algum, e sim apenas repetição. Ao vermos a diversidade do país, temos a impressão de que o retrocesso não se encaixaria nele. Mas está começando a encaixar, basta ver cada elemento da diversidade e o que cada um está aprontando como ideologia. Não é uma coisa só para o país, e sim vários grupos em retrocesso firme. Se o movimento é retrógrado, sejam quais forem suas características, há um denominador comum que pode coalescer os elementos da diferença. O denominador é todos os retrocessos quererem a mesma coisa: um sentido para trás. Então, se aparecer um ser carismático com suas boçalidade e verve, todos se juntam num único rebanho. No Brasil, não será a primeira vez que isso acontecerá.

• P – *Castells, ao tratar da nova situação do mundo, que teve seu ponto alto na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, diz que há uma rebelião das massas e um colapso da ordem política tal qual vinha sendo entendida.*

Não há rebelião alguma das massas. Aliás, Ortega Y Gasset, em 1929, escreveu um livro que ficou muito famoso com este título. Castells está usando um argumento que, a meu ver, não existe. Não podemos nos esquecer de que ele está competentemente mostrando os fenômenos, mas é um socialistazinho

normal. Temos que tomar cuidado, pois o diagnóstico pode não ser este que está sendo apresentado. Quero dizer que não há massas – que são coisa de esquerda – em jogo nesse processo, há pessoas, há quantidade. O importante em Castells é a descrição que faz dos elementos da revolução tecnológica atual, e não as explicações que dá. Ele também, como inúmeros autores atuais, explica para trás.

• P – *Castells termina o livro (p. 146s) dizendo: “E é nesse nível, o político institucional propriamente, que o caos continua imperando. Daí a esperança, abrigada por milhões, de uma nova política. Contudo, quais são as formas possíveis dessa nova política? (...) Qual é essa nova ordem que deve necessariamente existir e substituir aquilo que morre?”*

Chama-se: Quarto Império.

• P – *Pergunta ele: “E, sobretudo, qual é a alternativa?” Sua última frase é (p. 148): “Dada nossa experiência histórica, aprender a viver no caos talvez não seja tão nocivo quanto conformar-se à disciplina de uma ordem”.*

Não gosto disso. *Caos* chama-se: a resultante de uma psicose. Repito que ele, e muitos outros intelectuais contemporâneos de várias áreas, estão descrevendo bem a situação, mas, ao tentarem alguma resposta, ainda que seja em forma de pergunta, falam desde um lugar que é antigo e retrógrado. Esta última frase de Castells citada aí é coisa de maluco. Em vez de conseguir inventar uma nova proposição, diz para vivermos no caos. Viva lá para ver aonde vai dar? Quanto a nós, ao falarmos em Quarto Império, não se trata de caos algum, e sim da possibilidade de passar a limpo essas coisas do passado, jogar noventa por cento no lixo e, com o que sobrar, produzir-se uma ordem compatível com o Império. A perguntas, então, são: Que ordem é possível compatível com o Quarto Império, com a tecnologia, com as redes? Qual é a solução *ad hoc* e competente? É, sim, possível uma ordem.

• P – *Como fica a questão do sentido?*

Se não há um sentido único, há sentidos provisórios e circunstanciais – e necessários. Repito, não se trata de caos. Entendam que Castells não é literato, ele usou o termo *caos* sociologicamente. Estou implicando com essas ideias para que fique claro para nós a quem devemos perguntar sobre alguma solução possível. Embora achemos Castells bacana, não é a ele que cabe perguntar.

- P – *Devemos perguntar aos poetas?*

Poeta dá sempre a resposta adequada – completamente fora de hora. Não serve para governar.

Então, a que discurso podemos nos referir para procurar alguma solução, ainda que seja durante cem ou duzentos anos? Digo-lhes que é à psicanálise, pois é o discurso que vai sobrar historicamente. O que sobrar é o discurso da psicanálise *passado a limpo*, e não a joça que vemos com esse nome por aí.

- P – *Isso tem a ver com o que você chama Diferocracia?*

Sim, mas minha crítica vai para o fato de que a resposta deve ser procurada no lugar que é nosso, e não nesses outros discursos, pois não está lá. Há que procurar a partir de nosso lugar, repito. Não acharemos – entretanto prepara-se o caminho.

• P – *Vila-Matas publicou um livro com o título Impõe Tua Sorte, que, suponho, traduz o que você está dizendo. É uma coletânea de textos dele publicados no jornal El País (que, aliás, está vendendo muito porque o pessoal pensa que é livro de autoajuda).*

Ele está certo, pois esta é a resultante de uma análise. Se alguém fizer análise, vai impor a sua sorte. Temos que colocar ao planeta a pergunta: Como se impõem as sortes que podem conversar? Elas se impõem. É o que já disse Lacan: Não abra mão de seu desejo. Isto é que é impor uma sorte. Mas como negociar para ficar junto? Tem que ser possível. Do contrário, não é só o caos final, e sim a derrocada total: todos matando todos. Será a barbárie altamente tecnológica. Freud dizia que era preciso dar um destino civilizatório às pessoas. Há muita morte, muita guerra, mas há que sobrar algum pensamento capaz de ser adotável para inventar a possibilidade da convivência radical das diferenças. Isto é que é a Diferocracia. Retrocessos para nacionalismos e coisas do tipo se tornam inviáveis. Entretanto, durante muito tempo parecerão vencedores. Haverá ainda um fascismo generalizado no planeta, pois a solução está muito lá na frente.

A solução é freudiana, civilizatória. Não há que retroceder porque a civilização deu errado, e sim, ao contrário, correr para a frente porque a civilização não foi feita ainda. Ainda vivemos cheios de coisas de macaco. Estamos vivendo como macacos. Há, no planeta, muito mais Primário do que

Pensamento. Minha dificuldade é não encontrar autores contemporâneos nossos que vão para a frente. Se encontrarem, me apresentem. Um autor que diga para não correremos para trás porque o processo é civilizatório, que diga que os macaquinhos de hoje precisam ficar mais civilizados, e não menos. **Mais civilizado é poder (não tolerar, mas) curtir a diferença.** É preciso saber conversar com o outro, com o outro animal. Assim, não haverá vencedores, e sim resultantes. Repito, uma situação de resposta política ao que acontece hoje terá que ser no sentido do exercício da radical aceitação de *qualquer* diferença. Sendo que, para conviver com certas diferenças, é preciso certa contenção. O simples fato de a diferença estar aceita já é início de possível diálogo. Então, como você fará a sua contenção? Contenção tem que ter, caos não.

- P – *O Quarto Império supõe a globalização?*

Este nome já é careta, é um nome que pretende juntar cacos. O que haverá no futuro é simplesmente razão sintomática. O que vemos atualmente é o medo dominando as culturas. Medo este que, em última instância, chama-se: burrice. Como as pessoas não conseguem ficar relaxadas e pensar os processos, correm para uma segurança que não mais existe, se é que já existiu. Se dessem para trás e lá ficassem, seria alguma possibilidade, mas não há como isto ocorrer. A dissolução da tecnologia não deixa.

- P – *Por isso, parece um movimento psicótico.*

A estrutura do processo é psicótica. É de HiperRecalque produzido. Imaginem se isso surtar.

- P – *Os aceleracionistas não estariam tentando ir para a frente?*

Sim, mas são apenas uma postura.

- P – *Como, à exceção de Nick Land, são de esquerda, esperam a superação do capitalismo.*

Não canso de dizer que o capitalismo jamais será superado.

- P – *O movimento capitalista é querer mais, como você já disse. Mas é mais do quê?*

Mais tudo. Esta é, aliás, a teoria de Tim Maia. Era seu grito de guerra: “Mais grave! Mais agudo! Mais eco! Mais retorno! Mais tudo!”

- P – *Esse querer tudo do capitalismo não seria o oposto do curtir a diferença?*

Já lhes disse que o capitalismo não está errado por ser capitalismo, e sim por não ser radical como precisa ser. Isto porque o que temos por aí não é capitalismo para todos. O capitalismo radical é a expressão da diferença. Se querem eliminar o capitalismo, sinto informar que não vai dar. O que há a fazer é sua exacerbação e radicalização com todos sendo capitalistas. Todos fazendo parte do capital, todos entrando na jogada. Notem que esse *todos* é muito menos que o todos de hoje. Os autores já detectaram que há gente demais no planeta. A esquerda e o Dr. Marx trataram o capitalismo como algo que teve uma emergência em certo momento. Não concordo, pois a humanidade sempre foi capitalista. Basta ir à pré-história e perguntar a qualquer um lá de quem é o pedaço de carne. Se não passarmos radicalmente a limpo a história até o final do século XX, não dará para ir adiante. Então, se alguém diz que a emergência do capitalismo foi em tal data recente, está dizendo que nada entendeu. Não foi capaz de buscar suas raízes no comportamento desde sempre. Visto de outra perspectiva, que suponho deva ser a perspectiva psicanalítica, a observação primeira é de que esse sintoma deve ser muito velho. Então, quais são suas bases? E mais, por que está agindo tão mal? Por que não funciona? O ponto não é ele ser ruim, e sim que o capitalismo não funciona.

• P – *Há mesmo a afirmação contrária, que as sociedades primitivas eram socialistas, até comunistas. Não teriam propriedade privada...*

Só tinham propriedade privada (e sem latrinas). Isto porque, se numa tribo eu e tu somos a mesma coisa, de quem é a posse? Esses autores projetaram para lá como sendo socialismo. E não é porque não tinham capitalismo ou Estado, e sim que tinham um Estado vagabundo e um capitalismo porcaria. Não canso de dizer que são sociedades que destroem seus poetas. Há antropólogos atuais que ficam encantados com aquilo, falam em olhar da onça... Isso é retrocesso brabo. São os JiJi Rousseau do século XX. Não se trata de um pequeno erro, e sim de um sintoma grave de que o Paraíso está em outro lugar. Recusam-se a ver que o Paraíso está aqui e agora – e o Inferno também. É todo esse tipo de concepção que tem que ser superado, ir para o lixo. Repito, com o final do século XX acabou (não um século, mas) uma era.

• P – *Quanto ao Brasil atual, é possível pensar que um avanço liberal seja útil, entretanto o retrocesso quanto aos costumes que vemos ser apregoados é algo deletério?*

O projeto não está necessariamente errado, mas seus gestores são imbecis. Não sabem aplicar o mesmo sistema em qualquer lugar. Ser liberal economicamente em função de interesses do momento, sim, mas por que não ser liberal em tudo? Por que não privatizar o sexo e desestatizar a família? Cada um tem seu sexo, é privativo. Já repararam que o sexo é do Estado, e não das pessoas? Por que não tomar o pensamento econômico para tudo? Já lhes expliquei que há uma *Economia Fundamental* (2004). O Estado nada tem a ver com coisas como o aborto e a eutanásia. São da alçada de cada um. Até o vice-Presidente da República, um general do Exército, declarou em rede pública que o aborto é problema de cada um. Digam isto lá para o Chicão... Há que contar com o Revirão. Ele não perdoa, acaba acontecendo.

9

[O texto desta seção está transcrito mantendo a coloquialidade da fala do autor]

Eu trouxe aqui uma coisa quase que monstruosa para falar para vocês. É do interesse, penso eu, do entendimento da zorra das formações produzindo consequências às vezes inesperadas e fortemente às vezes comprometidas com nosso campo teórico. Vou explicar o que é isso. Vou falar para vocês, vocês vão ver a zorra que vou produzir aqui, a confusão. Meu amigo **Tunga**, que morreu este ano muito jovem, com sessenta e quatro anos...

• P – *Morreu em 2016.*

...este ano de 2016. Eu não disse o ano. Isso não importa. O que importa é que vou falar um monte de lorotas para vocês perceberem que tem uma maçaroca de formações cumprindo sua função. Na próxima vez, eu vou aproveitar o trabalho de Umberto Eco, que eu já disse aqui que vocês poderiam ler, que vai ser de alto interesse para nós. Se chama *A Vertigem das Listas*. Eu poderia substituir esse título pela “A Vertigem das Formações”. É isso que quero mostrar a vocês: como as coisas se engatam no sentido, às vezes, de dizer algo. Muito bem, vou começar lá atrás com coisas que muita gente já sabe, um monte de anedotas, mas eu vou contar.

Para mim, a existência de Lacan é posterior a todo um processo. Depois que ele se tornou conhecido – inclusive no Brasil, etc. –, as pessoas começam de Lacan para entender o resto. A minha movimentação no sentido de Lacan foi muito grande. Quer dizer, Lacan foi um achado no final de um percurso. Ele não foi algo que eu achei e dali tirei consequências. Ele foi um achado no final de um percurso. Esse percurso eu vou contar para vocês. Talvez eu esteja me repetindo, mas não tem importância. É claro que, antes de Lacan, teve Freud. Eu comecei a ler Freud com dezessete anos. Consegui ganhar a obra dele toda de presente e li tudo do começo ao fim – e não entendi nada. Depois, tive que ler tudo de novo para poder entender. Afora isso, a leitura de muita gente ao redor de Freud. Aquela história da IPA com aqueles autores. Alguns mais importantes como Melaine Klein, Anna Freud, Sullivan, nos Estados Unidos... Tudo que pintou eu li. Então, eu estava infectado pelo pensamento psicanalítico com várias faces. Quando aparecia um livro, sobretudo em sebo, que tivesse a ver com o assunto eu costumava comprar de curioso. Então, descobri um cara chamado **Otto Fenichel**, não sei se vocês sabem quem é. Descobri assim na livraria. Achei um livro do Fenichel, um livro em inglês, ele escrevia em inglês, que se chamava *Collected Papers*. Eu fui folheando aquilo e, de repente, me deparo com um dos artigos que me deixou impactado. O artigo se chamava *The symbolic equation: Girl = Phallus*, a equação simbólica: garota, menina, sei lá o quê, igual a falo. E ele faz uma transa, um Revirão tão bem feito que você acaba achando que é mesmo. Sobretudo porque existem provas mitológicas. Caso da Vênus, o corpo da Vênus é a castração de Urano: cortaram o pau de Urano, ele caiu dentro do mar e virou a Vênus. Eu nunca consegui explicar

isso, achava um pouco forçado, mas o Otto Fenichel explica. Nunca ninguém tinha feito assim um artigo tão bem feito. Eu fiquei muito impressionado com o artigo do Fenichel, que vai ter reverberações em outro lugar e em outro tempo.

Vou voltar um pouco. Em outra situação, eu era cadete da Academia Militar de Agulhas Negras, que eu abandonei com o tempo. O pessoal lá convidou o **Malba Tahan**. Sabem quem era? O Mello e Souza. Convidaram o Malba Tahan para fazer uma palestra para nós sobre o que ele quisesse. E ele fez uma palestra que deixou todo mundo de boca aberta. Ele falou da *banda de Moebius*. Eu nunca tinha visto aquilo e fiquei absolutamente siderado. E milico estuda muita matemática, então a gente ficou invocado com isso. Então, vai juntando os cacos. Tem o artigo de Fenichel, a banda de Moebius, de Malba Tahan, e por aí vai. Mais tarde, porque eu era professor de várias universidades desses assuntos que estavam emergentes lá no meio do século XX: linguística; antropologia de Lévi-Strauss; semiologia, eu era professor de semiologia; estética, eu era professor de estética no Parque Lage. Então, aquela turma toda que, vamos dizer assim, empurrou para a frente a existência de Lacan – os surrealistas, todos os manifestos daquela época, Breton, Dalí, Bataille... Até o Sade... Juntando tudo isso, vocês vejam que, de repente, eu descubro Lacan em 1969, tardiamente, nunca tinha ouvido falar dele. Quando eu boto a mão no texto, eu reconheço o percurso que faz *pendant* com esse percurso que eu contei para vocês. Foi uma questão de reconhecimento. Pareceu-me que Lacan pegou tudo aquilo da minha experiência e da dele, botou dentro de um teorema e organizou. Então, eu adotei Lacan a partir de meu percurso anterior, como se ele tivesse dado conta daquilo tudo. Isto é muito importante, porque é diferente de você partir de Lacan para o mundo. Um monte de formações, uma loucura.

Agora, vou falar de meu amigo Tunga, falecido. Em certa época de minha vida de professor naquele tempo de escola secundária, eu era professor da universidade, mas ainda tinha uma escola secundária, eu já estava de saco cheio de repetir a mesma aula. Porque a escola secundária é um horror, você tem quatro turmas do mesmo ano, daí você repete a mesma aula. É um saco! Então, eu fui me esconder num colégio que estava muito badalado política e culturalmente, que era o André Maurois, que fica ali no Leblon. Era um badalo porque a diretora, Henriette Amado, não sei se sabem quem era. A mulher de

Gilson Amado A família Amado também é uma coisa muito interessante porque ela entra no jogo. Tinha o Gilberto, que era diplomata; tinha o Gildásio, com quem trabalhei no Ministério da Educação; tinha o Gilson, que era o marido da Henriette e tinha o Jorge, que era primo. É engraçado porque isso faz um troço, faz um sentido naquela época. O Gilson tinha um longo programa na TVE. Falava um monte de bobagem. Consegui escapar da sala de aula porque Henriette queria fazer teatro e não conseguia alguém. Eu acho que ninguém tinha muito saco para lidar com a bagunça da Henriette. Primeiro, foi Grisoli. Ele foi lá e disse que não conseguia lidar com aquela loucura e foi embora. Como a vaga estava vazia, falei assim para Henriette “vou dirigir o teatro, me dá que eu dirijo”. Ela deixou eu dirigir porque eu já tinha experiências de teatro em outras áreas. E eu fiz um espetáculo que colou, fez sucesso, inclusive bilheteria, obriguei todo mundo a pagar porque não era teatro de escolinha e esse espetáculo acabou no Teatro Casa Grande, no Leblon. O Vianninha se encantou com o espetáculo, queria que eu trabalhasse com ele, etc. Fomos parar no Casa Grande... Em outra ocasião, em 1967, no Teatro Ipanema, fomos cercados pela polícia e foi um inferno para sair de lá.

Esta foi uma digressão no sentido do achado do Tunga. No que fazia esse teatro com os meninos, eles eram ótimos, fizeram tudo maravilhoso. Tinha um menino, ele está vivo, é arquiteto e artista plástico, se chama Everardo Miranda, que chega para mim um dia, lá dentro do teatro, perguntou assim. Eu não era analista prático. Custei muito a aceitar esse lugar, pois enquanto não ficasse à vontade não quis aceitar, não vou brincar de psicólogo da PUC. Nunca quis isso. Só o dia que disse assim “agora eu me seguro”, aí eu fui. Mas esse menino chega para mim e fala assim: que ele tinha um amigo. Esses garotinhos tinham entre dezesseis e dezoito anos. Ele chega para mim e diz assim que tinha um amigo muito inteligente, que fazia artes plásticas, mas que vivia atormentado porque, quando ele mostrava seus desenhos, todo mundo achava que ele era maluco. Olha só como as pessoas *nos* tratam. E se eu podia conversar com ele. Porque, para fazer esse teatro, eu conversava com os meninos horas e horas sobre história da arte, sobre tudo que estou falando aqui. Eu falei “ah, manda ele lá em casa com os trabalhos para eu ver”. Eles sabiam que eu era também do Parque Laje. Muito bem, aí me chega aquele menino com uma

pasta enorme cheia de trabalhos, bateu na minha casa. Era uma menina linda. Eu costumava dizer para ele brincando que ele era a menina mais bonita da zona sul. Ele, depois, ficou feio.

Me chega aquele menino com cara de anjo meio etéreo. Aí ele abre aquela pasta, eu começo a olhar. O troço era genial. Nunca tinha visto aquilo. Só isto já é o suficiente. Tenho até hoje vários desses desenhos que ele me deu. O Poti publicou vários desses desenhos na revista LUGAR. Aí eu comecei a explicar para o menino o que ele estava fazendo. A *minha* explicação. Isso parece que organizou a cabeça dele. E ele ficou anos grudado comigo. Anos. Não há dúvida de que ele era um gênio, mas, durante vários anos, era como se, se ele não discutisse comigo antes, não concebia o trabalho direito. Isso levou anos. As pessoas não sabem, mas isto aconteceu com várias exposições dele. Elas foram geradas no papo. Ele não era meu analisando, insisto nisso. Mas quem fez o parto do Artista Tunga, fui eu.

Tunga tinha uma família culta e muito doida. Não era classe média boçal. Para terem uma ideia, seu pai era Gerardo Mello Mourão, escritor muito doido. Acresce que esse homem foi o único brasileiro, depois da República, condenado à morte. Querem ver como as coisas vão se cruzando. Ele foi condenado à morte porque, durante a Segunda Guerra... Estou dando um pulo para trás, eu estava lá durante a Segunda Guerra, mas era um garotinho. Durante a Segunda Guerra, a mãe de minha namorada quando eu tinha dezenove anos era de uma família importante ali da Gávea, na rua que, depois, veio a ser chamada Major Rubens Vaz. Aquela gente era rica, tinha aqueles casarões ali. Subindo para lá, tem uma mata. Um dia, esta senhora viu um homem passar com uma maleta e se encaminhar para a mata. Ela achou estranho e o seguiu. Era Gerardo. Lá em cima, ela o vê abrir a maleta e comunicar-se via rádio com um submarino alemão que estava na costa. Ela chamou a polícia, pegaram o cara, prenderam e condenaram à morte. Ficou lá mofando na prisão para ser talvez fuzilado. Ele conseguiu uma anistia, não foi morto. Esta é, pelo menos, a anedota que me contaram. Não sei se é uma verdade histórica ou uma botada histérica de alguém. Mas, se isto foi verdade, vocês imaginem um troço desses na cabeça do garoto. Aquela família que tinha essa história do pai, o único condenado à morte na história do Brasil República. Tudo isso é engraçado. Esse primeiro

encontro com ele, ele foi crescendo, produziu muito. Nessa ocasião, eu tinha vinte e nove anos exatamente e havia certo bochincho em torno de minha pessoa. Eu morava num apartamentinho do Leblon. Mas quando chegava sábado à noite, minha casa era invadida por jovens intelectuais. Por exemplo, Tunga; Ronaldo Brito, que hoje é um conhecido crítico de arte; Claudio Ulpiano...

• P – *Kátia Muricy?*

Ela ia porque então namorava aquele menino crítico de arte, Wilson Coutinho. Quem ia era o Wilson, ela ia pendurada no Wilson. Mas tinha assim um bando de que nem me lembro mais. A sala nem dava para todo mundo. Então saía essa gente toda e ia para um restaurante jantar e ficar batendo papo. Com o tempo, essa gente foi se arrumando e foi sumindo. É natural. Digo isso porque, nesse bochincho, nós inventamos o Tunga como artista conhecido. Como a gente inventou o Tunga? A gente ia também, aí já não era o sábado, era o domingo, para a casa de Eduardo Sued, um dos maiores artistas plásticos do Brasil, na Gávea. Hoje em dia quem mora nesse apartamento é a mulher de Poti. É tudo enrascado. Estão vendo como as formações são loucas, e temos que fazer a lista. Lá íamos nós, mas agora só o pessoal das artes plásticas: Tunga, Ronaldo Brito, Jorginho Guinle às vezes aparecia lá... Jorginho era um globe-trotter, tinha muito dinheiro, andava pelo mundo, não trabalhava. Mas ali foi se encaminhando para a pintura e deu certo. É nesse bochincho, essa gente toda foi criada ali. Jorginho começou a pintar muito depois, mas vivia envolvido com arte. Fazendo um parêntese, acontece todo tipo de coisa. A Marília, mulher de Sued, resolveu que o Sued estava apaixonado por Ronaldo. Ronaldo é anti-homo, é quase homofóbico. Ia sair uma porradaria. Jorginho foi quem salvou a situação, conversou e resolveu. Ele era esperto. São anedotas da história. Falei tudo isso porque, desses encontros na casa de Sued, saiu a tentativa de jogar o Tunga para a frente. Gisa me disse que foi à exposição de Tunga no MAR, eu não fui.

• P – *Tinha lá um texto seu de apresentação.*

Lá estava exposto meu texto que supunham que era a apresentação da *primeira* exposição individual de Tunga. Não era, é a *segunda*. A primeira foi na casa de Sued. A segunda se chamava Museu da Masturbação Infantil, no MAM. Sued era pouco conhecido na época. Hoje em dia, é famosíssimo, com

quadros que custam fortunas. Então, na sala da casa dele, ele era casado com a Marília, tiraram os móveis todos e fizeram uma galeria pequena de arte para ele manter seus quadros ali expostos. Então, nesse lugar, com cara de galeria, é que falei com Sued “tira um pouquinho seus quadros, vamos fazer uma exposição do Tunga”. Sued guardou os quadros dele e fizemos a exposição de Tunga, esta sim a *primeira* individual. Muito boa, de desenhos. Tunga nunca pintou, ele desenhava, fez objetos... Para vocês verem como é. Tunga era muito curioso, muito estudioso. Ele era formado em arquitetura pela Universidade Santa Úrsula. Esse menino que me apresentou a ele, depois se formou junto com ele em arquitetura. E vocês vejam que continuou esse negócio do Tunga durante anos. Parecia assim que ele queria meu aval para dizer que o que ele estava fazendo estava bem. E estava tudo certo, sim. Recomendado por mim, ele frequentou alguns seminários de Lacan. Foi para Paris completamente duro, sem um tostão. Alugou lá um daqueles apartamentos do século XVII, horríveis. O edifício se inclinava e eu ficava tonto lá, pois o chão não era horizontal. Eu perguntava se ele não ficava tonto de andar naquele chão. Conto isto para dizer que, ali, ele estava tecendo sua carreira. Interessa o fato de que ele viu Lacan, etc., por causa da anedota que quero trazer. Isso tudo é a lista da loucura. Tunga ficava sem dinheiro, então, em Paris, de vez em quando eu encontrava com ele e o levava para comer alguma coisa. Depois, ele ficou muito rico. De volta ao Brasil, a coisa continuou, durante muitos anos ele fez isso.

Agora vamos passar a borracha em tudo isso. Até aqui apresentei a lista da loucura do cenário. O que quero que saibam é sobre uma exposição dele já famoso, numa galeria da Praça General Osório, em Ipanema, em 1988 ou 1989, não me lembro. Rosane foi comigo à essa exposição. Quero tratar especificamente desta exposição, pois tem a ver com tudo que contei para vocês. Ele me mandou umas fotos antes. Anos antes, por causa de ele querer entender Lacan, ele leu a respeito de certos temas, e tivemos uma longa conversa porque ele queria entender o que Lacan dizia: os homens *têm* o falo e as mulheres *são* o falo. Como ele não entendia, pedi que lesse o texto de Otto Fenichel, que fora um dos motivos de eu ter encontrado Lacan, o qual partira de Fenichel para dizer aquilo. Não me lembro mais como foi o encontro, mas conversamos sobre essa equação de Lacan (os homens *têm* / as mulheres *são*). Acho que, do

ponto de vista mitológico, é evidente, não é difícil explicar por aí, mas há toda a lógica lacaniana do masculino e do feminino, do homem e da mulher. Foi o que lhe mostrei então.

Tunga andava cercado de umas meninas lindas, não sei onde as arranjava e o que fazia com elas. Tinha uma menina linda que era daqui. Fui eu que mandei ela para ele e ela agora é uma artista reconhecida. Com o tempo, ele foi ficando mais longe de mim. Acho que com razão, pois a influência era grande. Ele se libertou e foi. Então, ele me convida para ir a essa exposição. Cheguei lá e fiquei de boca aberta. Passo para circular entre vocês as fotos de construção da exposição, no ateliê, que ele tinha me enviado antes. Fui pego de surpresa, não sabia que ele estava fazendo aquilo. Ao ver seu trabalho, me dei conta de que essa conversa tem mais de uma década. Tunga resolveu dar uma solução à equação de Otto Fenichel e ao dito de Lacan. Ele devia ter ficado invocado com aquilo, por questões sexuais, etc. Wilson Coutinho disse no Jornal do Brasil que era a exposição mais inteligente do ano. E era. Vejam, em três das fotos, umas meninas nuas – que são a comprovação da fatura – junto das esculturas. Em outra, há ele atrás das esculturas. Eu lhe disse na ocasião: “Custou, mas você deu a *sua* solução ao teorema”.

Qual é a bossa dessa exposição? Em toras grandes de madeira projetou com luz o perfil de cada uma das meninas nuas, copiou o perfil e mandou tornear numa marcenaria: as toras foram torneadas no feitiço das meninas. Cada tora, uma vez torneada, passa a ter a “assinatura” de cada uma das meninas. A exposição era isso. Dou agora um Revirão na equação. Para mim, o que ele fez foi: Girl = Phallus, pensado direito, é Phallus = Girl. Ele misturou as duas coisas e fez uns caralhões – para falar corretamente – com os perfis das meninas. Algumas até têm uma coroa na cabeça. E ele me disse: “Dei solução à equação. É um caralho fêmeo”. Ou seja: juntou *Ter* e *Ser* na mesma aparição.

• P – Mademoiselle Pogany, de Brancusi, vai na mesma direção?

Brancusi não usou um corpo de menina. Ele falicizou a escultura. Aliás, se prestarmos a atenção, veremos que só esculpia caralhos. As colunas enormes e a maiastra, que é a ave símbolo da Romênia, seu país, também são isso.

O que acho importante foi a solução dada por Tunga num único objeto. Depois de anos de nossa conversa. Então, ele estava tentando solucionar Lacan.

Vejam a loucura de tudo que trouxe aqui para mostrar o surgimento, de repente, de uma produção artística: são várias listas em jogo que confluem numa solução. Quando, em 1985, fizemos, no Copacabana Palace, o Congresso, que foi chamado de Congresso da Banana, Tunga foi lá apresentar e trouxe suas xifópagas capilares, gêmeas que ficavam andando no meio do público.

• P – *Se alguma mulher quisesse fazer um torno com seu perfil, podia combinar com ele. Custava uma nota.*

Eu falei com Rosane: “Sobe aí na escultura. Manda ele fazer a sua”. Não encaixava porque a garotinha era outra coisa.

• P – *Você está dizendo que uma ideia não surge já limpa. Daí a importância das listas, dos elencos das formações em jogo. E, de repente, temos um algoritmo?*

O difícil é justamente conseguir juntar a loucura toda e fazer um algoritmo.

Tunga deu uma solução compacta: é isso, tão compacta quanto um algoritmo! O dito de Lacan assim como a equação de Fenichel nunca tiveram tão boa representação. Tunga os colocou em cena. Acho engraçado porque demorou anos, mas é assim. É importante registrar que é uma concepção e a rede enorme em que está metida. Tudo que contei antes faz parte da rede, faz parte das listas. Pode parecer que uma coisa nada tem a ver com outra, mas está acumulando formações e, de repente, a coisa surge. Da próxima vez, tomaremos as listas das listas feitas por Umberto Eco e veremos que a zorra que ele apresenta é igual a essa que acabei de lhes trazer.

• P – *Ronaldo Brito ainda está vivo?*

Acho que sim, está dando aula na PUC. Ele foi meu aluno na PUC. Ele era brilhante e chato.

• P – *E continua brilhante e chato.*

O pessoal o chamava de Ronaldo Bruto. Ele é insuportável. Mas era um garoto muito inteligente. Ele virou um dos adeptos da minha corriola. O primeiro emprego que ele teve fui eu que dei. Ele está lá até hoje. Não é na PUC, é na Unirio. Olhem só a rede que estou trazendo. Yan Michalski, crítico de teatro do Jornal do Brasil, era meu cunhado, morreu há muito tempo. Como eu era professor de estética do Parque Laje e da Uerj, ele me disse “se você não

tem tempo, me arranja um aluno seu, ou alguém que você considere bom, pois estou precisando de um professor de estética em nosso curso e a gente não está achando. Já falamos como algumas pessoas que parecem muito ignorantes e a gente não quer”. Falei “pois não, mandarei hoje mesmo”. Mandeí Ronaldo Brito, garoto, e está lá até hoje.

O que importa nisso tudo é a pergunta: ao escutarmos um analisando, o que estamos escutando? É uma zorra, um monte de coisas, mas, se puxarmos o fio, encontraremos a solução direitinho. Foi o que busquei mostrar. Falei um monte de coisas, e o menino pegou e trouxe a solução. Na ocasião, Lacan já havia morrido. Se não, teria enviado a ele.

• P – *Em 2012, você nos falou da Ideonomia, criada, no início dos anos 1970, por Patrick Gunkel. É a ciência das leis das ideias e da aplicação de tais leis para a geração de todas as possíveis ideias em conexão com qualquer tema, ideia ou coisa.*

Não me lembro.

• P – *A exposição de Tunga com os tornos é de 1986. Chamava-se Eixo Exógeno.*

Não sei se foi a esta exposição que fomos. Talvez tenha sido a outra, mais tarde.

• P – *O que você fala sobre, numa análise, fazer-se o rol das formações, é fazer listas, elencos?*

Chamo justamente a atenção para o fato de que, desde que abandonamos o “sujeito”, o “significante” e toda aquela tralha do século XX, temos que entender dentro do conceito de *Formações* os procedimentos que se tornam evidentes e dos quais é possível recolher nem que seja apenas **a linhagem de um sintoma**. São formações ad-jetas, umas ao lado de outras, e não sub-jetas (umas sob outras). A lista é dos ad-jetivos. O importante é, ao escutar alguém em análise ou ao acompanhar a obra de um autor, saber que lá encontraremos as formações escolhidas e repetidas. Esse é o desenho do sintoma da pessoa. Só lhe falta entender que o tem.

• P – *E isso é só-depois e tarde demais, como você diz?*

Infelizmente, é assim.

• P – *Quem faz a lista é o analisando?*

Ele não faz, ele a apresenta. Dá a impressão de que uma coisa nada tem a ver com a outra. O que fiz hoje aqui foi contar um monte de lorotas – até mostrar que tudo tem a ver com tudo.

10

Vim hoje conversar sobre **as listas**. Espero que tenham lido *A Vertigem das Listas*, de Umberto Eco, que sempre faz coisas inteligentes. O interesse é considerarmos essa pesquisa dele no âmbito da Teoria das Formações, pois é de grande auxílio.

À medida que abandonamos o significante e o sujeito, fez-se uma limpa, muita coisa foi para o lixo. Temos, então, que ter um aparelho de abordagem dos discursos – seja de quem for, do analisando, dos autores... – fora dessas categorias. Alguém aqui presente poderia, então, recapitular como se monta a Teoria das Formações.

- Patrícia Netto Coelho – *De começo, foi uma ampliação do conceito freudiano de Formação do Inconsciente. Você, então, vai trabalhar com duas modalidades – Formações do Inconsciente e Formações do Haver – já pensando uma relação de adequação por via da analogia entre essas formações. Assim, o conceito de formação, além de ser pensado de maneira genérica, vem com a ideia de possibilidade de adequação entre as formações. É uma transa de conversa, de comunicação, entre elas. Sua proposição de Formações do Haver (Est'Ética da Psicanálise, Seminário 1989. RJ: Imago, 1992, p. 16) vem para substituir e avançar sobre a teoria do significante, de Lacan, que você qualifica como hemiplégica por não contemplar certos elementos. A ideia de pensar a Teoria das Formações como aparelho de abordagem vem a partir*

de 1995, quando o sujeito desaparece definitivamente. É quando se trata de abordar todos os processos de conhecimento, da clínica, da nosologia, da sexualidade, da economia, da política, segundo o conceito de formação. Não há mais a distinção entre formação do Inconsciente e formação do Haver num aparelho que não se orienta por fronteiras definidoras de oposição, de exclusão. A fronteira da distinção sujeito / objeto, por exemplo. Trata-se, sim, de abordar as relações, os processos, os eventos a partir das transas entre formações, e não de regiões preestabelecidas.

Ganha relevância aí a Tópica do Recalque apresentada em 1992, pois considera-se o jogo das formações primárias, das formações secundárias e da formação originária. Mais tarde, você acrescentará algo importante para essa operação sem fronteiras, que é o modelo Polo / Foco / Franja, o qual, por sua vez, aumenta a capacidade descritiva da Teoria das Formações. Ganha-se em operatividade com as formações entendidas enquanto polos compostos de foco e franja. Sobretudo, porque a franja participa e produz efeitos no jogo das formações, ela não tem um buraco periférico como há em outras teorias em que a franja da Consciência está distante, tem uma existência virtual. Aliás, este raciocínio de a franja produzir efeitos é o da psicanálise desde Freud. Você também dirá que as formações são conhecimento – e proporá a Gnômica como teoria do conhecimento –, informação, resistência e poder.

Lacan, no início (1959-60), fez um seminário intitulado *As Formações do Inconsciente*, que é interessante, mas seu processo de trabalho é o da exclusão. As formações do Inconsciente são tais e quais, e não outras. Ele está limitando as possibilidades de formação dentro do Inconsciente. Ao começar a falar em formação do Haver e formação do Inconsciente, eu estava cometendo a falha de não considerar que são a mesma coisa, que Haver e Inconsciente são o mesmo. Tanto que posso passar continuamente da psicanálise para a teoria do Haver como universo, cosmologia, etc. É tudo igual. O que significa que posso tratar tudo da mesma maneira: formações do Haver e transas entre as formações do Haver. Não há diferença quanto a abordagem de qualquer formação, tudo é abordável como formação. (Sem ter a ver, não deixa de lembrar a teoria da *Gestalt*. Ao falar em *Gestalt* estão pensando em formações reconhecíveis, e isto talvez tenha tido alguma influência na produção da Teoria das Formações.

A Gestalt quer distinguir a forma que organiza a visão, chegar ao resumo da configuração, e mesmo à equivocação da configuração. Ela quer provar que, ao olhar, estamos organizando, não se olha indiferentemente. E se a organização que se faz for ambígua, a organização fica pulando para lá e para cá. Ou seja, já olhamos organizando a forma e, frequentemente, não comandamos o foco. Se olhamos já configurando, muitas vezes deixamos de reconhecer algo por projetarmos a forma que queremos. No experimento em que, num mesmo desenho, vemos ora um coelho, ora um pato, o que ocorre é que ora o coelho se retira e surge o pato, ora o contrário, o pato se retira. Os gestaltistas podem até dizer que não há sujeito, à medida que jogam com formações. Não haver sujeito já está lá, mas de modo disfarçado demais).

A Teoria das Formações, na história de seu nascimento, é uma espécie de retorno ao começo do que fiz em minha produção. Ao *Pato Lógico* (1979), que é onde articulei a transa entre formações. Assim, após ficar muito tempo tomado pelas ideias de significante, de sujeito, de não sei o quê, fui lá buscar de volta. Também está em outro texto intitulado *Gerúndio* (1973), que é uma espécie de roteiro de meu processo por inteiro. As ideias lá apresentadas sempre estiveram correndo por baixo e organizando o meu pensamento. *Formação* é a suposição de que *o que quer que compareça no Haver tem uma organização interna qualquer*. Mas só é possível ser considerada a partir da transa dessas formações com as formações que estão “do lado de cá”, que são aquelas que permitem a consideração. E, provavelmente, não temos a menor condição de delimitar isso. Assim, ao invés de trabalhar com os círculos de Euler da teoria dos conjuntos, que Lacan utilizou durante muito tempo – e acho que é ideológica demais para hoje –, preferi utilizar a *transa* entre formações com *polo*, que situa onde está a formação abordada no momento em que está sendo abordada, e dentro do qual polo há uma região *focal* e uma região *franjal*. E, se continuamos falando, não sabemos onde isso vai terminar. Ou seja, se continuamos perseguindo os elementos da formação, vemos que aquilo não tem fim. Não são, portanto, dois conjuntos, e sim dois polos. E mais, só há polo na transa. Sem estar na transa, não há situação possível. Isso é o que vai bater na teoria possível do conhecimento – a **Gnômica** – para este modo de considerar as formações. Então, toda transa, por mais precisa que seja, é precária e faltosa.

Só se consegue produzir conhecimento polar – de determinado polo que está sendo transado na relação – estabelecendo-se um foco e sabendo que isso vai muito longe. O que não se consegue é fazer o rol completo das formações dessa formação.

Como sabem, qualquer formação é composta de formações, que são compostas de formações... Isto é infinito, não se sabe onde chega. Uma ciência, a física, por exemplo, para num limite qualquer. No tempo em que Demócrito falava em átomo, era átomo mesmo, sem divisão, que é o que a palavra quer dizer. Era a última instância. De lá para cá, o foco cresceu por cima da franja e, no campo da física, não se sabe mais onde vai parar. Já estão nas *branas* e coisas do tipo. Uma formação encontra outra formação e, nessa transa, produz-se o reconhecimento de um campo. Ora, se a coisa que parece estar lá fora é reconhecida pela coisa que parece estar cá dentro, isto é apenas um acontecimento de conhecimento: aconteceu um conhecimento. Que garantias temos desse conhecimento? Ele é provisório, precário e parcial. Foi o que se conseguiu para o Haver lidar com a gente (e não o contrário). Diante da escuta, numa análise, essa postura é diferente das posturas anteriores. Ela cresce demais. O que se pode fazer é considerar a **lista das formações** apresentadas.

Achei importante o trabalho de Umberto Eco por ele não fazer a *sua* lista, e sim por tomar no mundo das produções discursivas uma enorme quantidade de listas: na literatura, na pintura... Note-se que ele se esqueceu das listas na *música*. É mais difícil de explicar, mas há listas lá, sim. Em algumas construções musicais percebemos as listas. Por exemplo, na ideia de *variação*, que é, a partir de um elemento, produzir-se uma grande lista de considerações. Retomo Rachmaninoff, que tem um excelente trabalho intitulado *Variações sobre um tema de Paganini*. Trata-se de um teminha de Paganini, sobre o qual ele faz uma enorme lista de considerações. Há também o modo de composição de Wagner, que trouxe uma diferença para dentro da música de sua época: o deslizamento das tonalidades. Ele vai deslizando como se estivesse fazendo a lista completa das possibilidades tonais, frequentemente com o mesmo tema. O *Cravo bem temperado*, de Bach, é outro exemplo. Vejam que, num princípio musical, sonoro, a lista é bem perceptível.

Umberto Eco tenta fazer, por exemplo, a distinção entre listas práticas e listas poéticas. O melhor é ele dizer que uma lista prática pode virar poética, e uma poética, prática. É um Revirão. Ele diz mesmo que alguém pode fazer uma lista, que é sua lista, completamente de araque – e ele se refere à lista dos animais fantásticos, de Borges –, mas, uma vez que se colocou na lista, ela se torna uma formação capaz de ser recebida como poema, ou, quem sabe, como prática. Ou seja, são as operações do Inconsciente tornando tudo mais ou menos homogêneo como formação.

• P – *Ele também retoma uma prática muito usada na poesia surrealista, a chamada enumeração caótica. Os modernistas brasileiros – Mario de Andrade e Murilo Mendes, por exemplo – imitaram isso demais. Trata-se de começar a listar uma série de coisas aparentemente sem conexão direta. O que vai produzindo um efeito de vertigem justamente por ser sem conexão.*

A enumeração caótica, uma vez apresentada, perde o caos, torna-se uma formação. Escuta-se isso demais dos analisandos. Eles vão falando as coisas, é um caos, nada se entende. Com o tempo, entendemos que aquilo é organizado segundo esse princípio. É o *cadavre exquis* dos surrealistas, em que uma frase inicial vai sendo completada por várias pessoas. É o exercício de deixar o Inconsciente falar. Acontecem frases as mais absurdas, que, uma vez ditas, não são mais absurdas. O analisando fala um monte de absurdos, e trata-se de acompanhar como aquilo constitui uma frase, uma sequência, em sua cabeça. Leva-se um tempo escutando a mesma lengalenga até entender que aquilo tem sentido. Podemos pensar que ele esteja falando coisas banais, mas não está. Aquilo é um verdadeiro construto surrealista. Aliás, os surrealistas partiram foi disso.

• P – *A ideia que você trouxe de Gnomo é isso: formações de formações, de formações...*

E isso só é formação na transa com formações que são capazes de com-siderar. E mais, com-siderar de modo que se qualifica pelos três pês já mencionados: provisório, precário e parcial. Aliás, a espécie tem vivido assim desde o começo. Freud organizou isso de certa maneira. Lacan tomou a linguística e enfiou isso dentro do roteiro de Lévi-Strauss. Acho que o século XXI é caótico demais para que se dê conta dele apenas com o que esses autores

fizeram. As formações estão transando e dançando aloucadamente. Isto é o que não tem como não aparecer na fala do analisando. O interessante é que, ao acompanhar a transa entre as formações, perdemos as classificações, e aí entramos num *pensamento diferocrático*. Só há condições de ler diferenças, pois toda vez que uma organização classificatória é aplicada, está-se roubando no jogo. Vejam que estamos arranjando um *escantilhão* que segura as formações: são formações radicalmente diferenciadas. Se são assim, não há como fazer classe, coisa cara à psicanálise do século XX. Pode-se produzir alguma classificação, mas apenas como modelo de observação. Por exemplo: neurose, psicose e perversão. Como ninguém cabe aí, continua-se fazendo o modelo de observação, agora menos figurativo. O modelo tratará, então, de Morfoses Estacionárias, Progressivas e Regressivas – que nada classificam, mas dão um foco de observação. Cadê o conteúdo aí? O troço ou parece parado, ou parece estar caminhando, ou andando para trás. É vetorial, trata-se de acompanhar esse movimento. Lacan ainda é muito figurativo, tem ainda pouca abstração. Freud, este, é completamente figurativo, não consegue pensar sem um modelo que possa ser pintado, esculpido ou teatralizado. Como estava montando o aparelho psicanalítico, ia buscar nas produções disponíveis.

• P – *Ele não era musical*.

Ele era surdo musicalmente. Já dei a desculpa de ele estar só ouvindo a música interior.

Estamos, portanto, entrando em *outra posição clínica*. Tomem o caso de Lacan que resolveu dar um *fim* à análise. Não há isto em Freud, e tampouco na NovaMente. Alguém pode ficar livre de uma pessoa analista seu, mas isto não implica acabar a análise. Ele continua na análise. Ou seja, é quando alguém exercitou a análise com outro a ponto de não conseguir mais ficar livre da análise. Estará para sempre em processo analítico. É uma questão de posição, de ângulo de perspectiva possível de ser incluído. Acompanhemos a metáfora com Einstein, que disse que a gravidade era capaz de deformar o trajeto da luz. Ninguém acreditou. Isto, até ele encontrar, no Brasil, em certo momento de eclipse, o ângulo perfeito para demonstrar que efetivamente a tal deformação ocorria. O que é isso em análise? O que é encontrar um ângulo de transa entre formações que apresenta o que estava escondido atrás de outra formação? Como

mudar de ângulo para enxergar uma formação que não estava presente, que estava oculta por outra? Esse ocultamento existe, tenham certeza.

Conto agora um caso pessoal. Determinada configuração de minha infância, etc., com a análise foi ficando muito clara. Quando fica tão clara, não comove mais ninguém. Este, aliás, é um índice fundamental. Se você fica comovido com a coisa, aí tem. Mas, passadas décadas de análise, havia uma coisinha, um detalhe que eu não conseguia entender o que era. Mês passado, entendi. Mudei de ângulo, e vi. Vejam, nesta minha idade, só agora entender. Fiquei a vida inteira me perguntando que diabo era aquilo, o resto estava claro. Claro não quer dizer completo, pois o processo é infinito. Eis senão quando, com uma pequena mudança de ângulo – isto é, de deixar a formação aparecer sem certo recalque –, a formação surgiu e se explicou. Agora, está completo – ou seja, não está completo. Fiquei contente, pois aquele pontinho ficava enchendo o saco sem explicação.

• P – *Já é analítico saber que o pontinho lá está, não é?*

Sim. E certamente há mais, mas não tão focal quanto era aquilo. Era um pontinho que me incomodava bastante: havia certo comportamento das pessoas que me dava uma irritação insuportável, e eu não sabia por quê. Acabou a irritação. Foi igual à prova de Einstein. A partir de agora, “está provado que”.

• P – *Eco menciona as trocas entre lista e forma. De repente, uma lista parece conformar um conjunto. Ele cita o quadro de Arcimboldo, pintor maneirista que usou frutas, verduras e flores para compor figuras humanas. É algo sem fronteiras, pois também desliza.*

Imagine que encontramos como analisando um quadro de Arcimboldo. Vemos uma pessoa e não entendemos. Temos que desmanchar aquilo, que é uma porção de frutinhas e legumes. Pior, o que quer dizer cada frutinha? Aquilo – e incluo aí o que acabei de falar sobre algo que me incomodava demais – não era nada, apenas certa arrumação das frutas. É algo que frequentemente acontece: olhamos para o céu e vemos uma figura. Os gestaltistas vibram com isso. Arcimboldo é mais claro ainda. Os outros exemplos de Eco têm uma enorme listagem que configuram uma ideia – caso de Hieronymus Bosch –, mas Arcimboldo dá compleição ao ajuntamento de coisas. A cabeça do analisando é mais

essa. Ele fica falando para o analista sobre o cara que está no retrato. Não há cara algum. Uma vez desmontado, vê-se que só há cacos.

• P – *Por isso, Freud falava que seu método era o da associação livre?*

É o que faz Arcimboldo. Uma associação livre mais ou menos organizada no sentido de produzir um fantasma. Aí vemos o retrato da pessoa. Basta lembrar que, em nossas vidas, há fantasma pesadíssimos. Como fazer sua demolição? Não adianta espantá-los, há que desmontá-los. Então, veremos que era só aquilo: legumes, frutas... E, nitidamente, vemos o analisando desmontando os fantasmas. Pode demorar anos, mas vemos. Aquilo fica banal. E o que é banal não comove. É o que faz um cientista: mediante entendimento, banaliza uma formação. É algo sem emoção alguma. Entretanto, sem uma comoção violenta – chamada *trauma* –, ele sequer começaria. O analisando é, sobretudo, alguém traumatizado: não consegue dar conta da porrada que levou sem saber de onde veio.

• P – *Ao falar de algo que irritava e deixa de irritar, é porque houve o processo de desfazimento da irritação.*

E foi encaixado em certo lugar. Entendeu-se que era só aquilo.

• P – *O índice irritação é que suscitou a possibilidade de entendimento?*

Na composição sintomática, era um elementozinho que não estava descoberto. Não se conseguirá jamais eliminar tudo que incomoda, em algum lugar algo sempre incomodará, mas é uma meta. Penso no Marquês de Sade, que, em seu texto, convive, ao menos mentalmente, com coisas insuportáveis. Lemos e podemos achar interessante, mas se pensarmos em fazer aquilo, vomitaremos. Ele não vomitava. Aliás, a lista de Sade é imensa – e lembrem-se de que não conseguiu chegar aos cento e vinte dias do título de seu livro. Não aguentou. Até ele tem limite.

• P – *Tenho aqui duas citações que, suponho, sejam pertinentes ao que você falou sobre a banalização da formação mediante análise. A primeira é de Merleau-Ponty em Le Douce de Cézanne (1945): “...le comble du mépris pour certaines choses est enfin de les examiner à loisir”. A outra é de Fernando Pessoa no Livro do Desassossego [169]: “E afinal, hoje, relendo, vejo rebentar meus bonecos, sair-lhes a palha pelos rasgos, despejarem-se sem ter sido...”*

É isso. Como alguém pode abandonar a Gestalt de uma figura a ponto de ela ficar abstraída? É o que faz Cézanne. Ou seja, ao olharmos uma pessoa, como abandonamos essa presença enorme da figuração e a descrevemos de outro modo? Descrever a mesma coisa de um modo diferente de sua retina imediata? Vemos isto nos autorretratos de Cézanne. Parece claro que ele está focando com outra visão, que está conseguindo sair da Gestalt impositiva do mundo. A dificuldade de ser analista de alguém está em como desfigurar aquela figura tão prenante que está diante dele – que, na verdade, não é nada daquilo. Cézanne, em sua época, inventou o melhor modo de fazer isso. Ele é tão bacana que pinta surubas enormes – as *baigneuses* –, e pensamos serem coisas cândidas, etéreas.

• P – *A tradição apofática, a teologia negativa, quis sustar a lista definidora de Deus por adjetivos.*

São a mesma coisa. De um lado, o obsessivo fazendo a lista, de outro, lutando para cair fora dela. É o que estamos trabalhando, fazer com que as classificações fiquem pequenininhas. A cada vez, passá-las a limpo. Basta pensar na trabalhadeira que davam as centenas de referências para um analista freudiano ficar procurando. Passadas a limpo, são apenas vetores e movimentos.

11

[Publicação do texto desta seção não autorizada pelo autor]

12

• P – *Quanto ao Haver é possível pensar em uma Ontologia? O Haver é ontologia?*

Não. Ontologia é um termo da filosofia que diz respeito ao Ser. Portanto, nada tem a ver com o Haver. Haver é só *Haver* – é só um soco no estômago. Já notaram que é uma porrada estarmos aí no mundo? Por outro lado, falar das consequências disso é inventar o que é da ordem do Ser. Aí é ontológico. Que eu saiba, não existe na filosofia a concepção de simplesmente *Haver*. No Oriente, há mais, sem este nome. Tomei esse verbo do português por achá-lo consentâneo com a experiência. Apenas coleí a etiqueta. *Ser* são todas as besteiras que dizemos a respeito do que há.

• P – *Na filosofia, há o sentido de Ser como predicação, mas também há o sentido de Ser como verbo.*

A filosofia tem certo sentimento de que o Ser é, e o não-Ser não é, mas não consegue separar o conceito como pura estada. O que tem é uma conversa a respeito da suposição disso. Já os pensamentos orientais têm alguns termos que são a indicação simplesmente disso, da experiência que temos de estar sem consideração alguma. E é o terror.

• P – *François Jullien traduz o primeiro hexagrama do I Ching (traços yang, Céu) por capacidade iniciadora, Qian, que traz quatro palavras justapostas: começo, impulso, proveito, retidão.*

O Haver enquanto tal não tem expressão alguma. Só dói. Se prestarmos atenção a ele, dói. Agora, se formos conversar sobre a suposição de Haver, entraremos na ordem da ontologia, começaremos a inventar histórias – começaremos a fazer Ficção.

• P – *Você se referiu ao Cais Absoluto como lugar de estar-e-ser, de estarrecer.*

É o máximo que se consegue de aproximação. Vemos isso com muita significação e precisão na obra de Fernando Pessoa. Ele é o tipo de cara que

sofria disso – e só se pode chegar até aí, a esse Cais Absoluto. Haver é para além disso. No Ocidente, não há o costume de nomear esse lugar de sofrimento. Ou melhor, alguns místicos ocidentais tentam nomeá-lo. Mestre Eckhart, por exemplo. Santa Teresa dá mil voltas para falar dele, e não consegue. Angelus Silesius também se esforça.

• P – *Santo Antônio?*

Esse aí não falava nada – é perfeito. Só disse uma frase: “Eu vi”. Levaram-no ao concílio da Igreja porque ele seria a prova da existência de Deus e de Jesus. Falaram-lhe um monte de coisas, aí ele disse a tal frase. Não se sabe o que efetivamente viu, mas ficou sendo ver Jesus, etc. Jacob Boehme, por sua vez, é menos pesado. E, de vez em quando, a filosofia tenta chegar perto, mas não tem esse impossível de dizer. Heidegger finge que fala disso, mas é fabulação demais.

• P – *Heidegger distingue o Ser no sentido verbal do nominal, que, este, seria mais perto da predicação. O verbal não seria pura havência?*

O Haver nem verbal é. Infelizmente, temos que tomar o verbo *haver* para significá-lo. Mas é melhor não tratar como verbo, e sim como substantivo. Por falta de outra, tomei esta palavra, Haver, em contraposição a Ser. Tanto no português quanto no espanhol fala-se predicativamente do Haver, mas escorregou... E temos o verbo Ser para isto. Como a língua não oferece nada melhor, temos que espremer, tomar uma palavra e deslocar. Acho mesmo que Haver é um conceito difícil. O Haver não fala, só causa falação. As Formações do Haver enquanto descritas, estas, são da ordem do Ser, são isto, aquilo, aquilooutro.

• P – *Mas fazer análise não é falar?*

Não necessariamente. Achar isso é uma balela do século XX.

• P – *Não se trata de bem dizer?*

É preciso falar para bem dizer? Eis aí uma questão dura. A gente fala, fala, fala na tentativa de abordar o inabordável. Com o quê inventa-se uma vasta ficção, bonita, interessante, rica, pois não temos o que fazer. Só por isso. Vejam programas em canais de televisão que apresentam a vida selvagem. Quase nada é falado e o mais mostrado são a natureza e os animais. Por exemplo, um programa intitulado *Land Nature*. Olhem para aquilo durante uma hora e verão a inutilidade daqueles bichos, todos pulando de um galho a outro. Na melhor

das hipóteses, desde nosso ponto de vista, servem para comermos. Que vida besta, sem nada para fazer a não ser se coçar e emitir sons. Nossa espécie é igual, não tem o que fazer – só que sofre de uma loucura que a leva a fazer um monte de coisas. Ficamos inventando o que fazer para suportar o mesmo que os animais não suportam. Não temos mais do que isso. Vamos nos virando numa falação infinita mediante a qual se produzem obras enormes, grandiosas em todas as áreas. Mas tudo isso é redutível a pó. Como sofremos de Haver, e isso dói, ficamos correndo feito burros atrás de cenoura. Por não termos a estupidez dos animais, não suportamos essa monotonia – e enchemos o mundo de lixo.

Uma das mais sérias motivações do *suicídio* é a pessoa passar por uma situação em que vire de cara para Haver. Corre para cá e para lá, mas não adianta, não consegue esquecer aquela porcaria. Em geral, esquecemos e fazemos coisas. Psicanálise, por exemplo. Temos que nos dedicar a alguma besteira, se não, a vida fica insuportável. Imaginem a situação de alguém que, por algum acidente psicológico, como se diz, bate de cara com o Haver e não consegue parar de olhar, não consegue se distrair fazendo alguma bobagem científica, artística... É, aliás, um dos motivos de haver religião. Tratem, portanto, de inventar uma brincadeira qualquer, dediquem-se a ela, se não, é o horror. Temos, pela história da cultura, o mau hábito de enobrecer as realizações, de fazer delas um grande feito, mas é um horror. Estamos, sim, fugindo, tentando cair fora. Aí fazemos umas besteiras e o pessoal aplaude, diz que é o máximo. Para quê? Para valorizar a espécie. Puro marketing. Vejam que a psicanálise não presta, fala cada merda. Mas pensar analiticamente não dá chance para ficarmos só de mentirinha. Notem a sabedoria de Freud ao dizer que é impossível analisar, educar e governar. E há uns que insistem...

• P – *O possível não é justamente insistir?*

Mas quanto mais totalitário, mais se quebra a cara. Que tipo de fé louca há na cabeça de um ditador que quer impingir ao mundo uma ideologia qualquer? Pode criar muito sofrimento, mas vai fracassar. Sua paranoia é pensar que dará certo. Hitler, Stalin, Mao Tsé-Tung... Aquela ideologia louca de pensar que governariam, aquela prepotência de machinho, que acabou. Não vão governar. A revolução cultural não andou, até os deuses orientais estão lá de volta. Isto porque gente não funciona assim. E não é preciso ficar triste – mas

há que saber que é isso. É uma espécie louca, repito, com certo maluco com uma ideia doida guerreando outro maluco com outra ideia doida. Isso acontece sobretudo quando essas doideiras se chamam religião. Não se dão conta de que alguém inventou aquilo, de que é uma ficção. Talvez por não saber que há outras ficções, a maioria gruda ali como salvação. E não se pode dizer o contrário, pois se destruirá a crença que lhes dá uma maneira de viver. Se lhes disserem que não é verdade, entrarão em desespero e buscarão matar quem estiver dizendo. Como, então, viver sem crença e cheio de fé? Como sabem, faço distinção entre as duas. Então, como viver com muita fé e crença zero? **A fé é simplesmente a insistência irreduzível do tesão de não-Haver.**

• P – *A propósito do conceito de meme, de Richard Dawkins, que abriu uma linha de estudos chamada memética, você disse que deve também haver no campo já secundarizado, na cultura, etc., um sistema semelhante de replicação de certas formações meméticas vitoriosas. Segundo Dawkins, o meme que talvez se replicasse com maior facilidade nas culturas ocidentais fosse a ideia de Deus. Não é interessante investigar, mesmo do ponto de vista dos Cinco Impérios, qual seria o caminho de facilitação da propagação tão rápida de certos memes em relação a outros?*

Sim, mas é muito difícil. Faço a suposição rasteira de que, em dado momento, certa ficção arruma e dá sentido à situação. Por isso, cola. É contextual. Tomemos o caso do Império Romano. No começo, há lá uns deuses meio vagabundos e, após construírem um tipo de sociedade, enxertam sua cultura com a cultura grega. Mudam os nomes, mas é a mesma coisa. É, aliás, certa incompetência histórica não conseguirem, eles próprios, inventar a transformação religiosa para um império, digamos, mais civilizado. Durou muito tempo esse politeísmo em que os deuses eram elementos da realidade. Aparece então um maluquete, judeu, que já tinha sobre ele aquele Velho Testamento, etc., que tenta fazer uma revolução lá. Notem que a revolução dele não é anti-romana, e sim anti-judaica. Ele cria aquele negócio todo, que não cola no Império, mas vai invadindo quem? Os pobres (se quiserem continuar a frase dele, é: os pobres de espírito). Isso vai fazendo uma massa de tal ordem que, depois de fortemente reprimida, com mortes, etc., começa a subverter a ordem interna do Império. Politicamente, então, vem Constantino e incorpora aquilo. Com isso, salva seu

lugar e o do Império. E a coisa vai de tal modo que acaba na mão deles. Notem que o Vaticano e o resto que sobrou ainda é Império Romano. Falam latim até hoje. Espalhou pelo mundo certa mentalidade que veio a calhar, como dizem meus patrícios portugueses. Ou seja, colou pelas circunstâncias. Colou com grande força, mas não cem por cento.

• P – *Quanto a isso, vemos no Rio de Janeiro um processo violento de recalçamento de certas formações culturais e sociais. Por exemplo, da cultura negra, dos imigrantes nordestinos, que foram jogados para as favelas e separados da cidade. Mas talvez algo semelhante aos recentes rompimentos das barragens em Minas Gerais tenha ocorrido aqui. Houve uma inundação, a cultura das favelas tomou conta da cidade – e está tomando conta do Brasil. Com isso, me refiro ao poder que o pobre de espírito vai ganhando pela quantificação. Chega um momento em que a pressão dessa massa acaba sendo superior a uma sofisticação que havia antes. Basta ver a roupa, a música, a fala, a mentalidade, a religião, o comportamento. Vemos o Rio de Janeiro sendo favelizado...*

Assim como Roma foi se cristianizando. E não por causa da quantidade, e sim pela simplificação. Basta olhar para o que acontece com a língua portuguesa, tema recorrente aqui em nossos papos, que está sendo simplificada. Isto porque a não erudição deles consegue dizer muita coisa com muito menos, digamos a palavra correta, viadagem. A língua vai se adaptando, e acho ótimo.

• P – *Você acha ótimo a simplificação, mas não a favelização, não é?*

A favelização produziu isso, ela precisa ser extinta – mas não será. A ascensão do cristianismo é a ascensão da favela. A favela romana tomou conta do Império. Ela é mais simples, mais barata. Notem que a Igreja Universal é mais simples ainda do que o catolicismo.

Como é a história da psicanálise? É a mesma coisa. Qual é a tônica de meu trabalho? Simplificar, tirar as rebarbas teóricas. É igual a dizer: “Chega de falar latim!” De Freud a Lacan há imensa quantidade de coisa rebarbativa. É preciso passar a limpo, lavar com água, sabão e detergente. Quanto a mim, nem sei se lavei direito. Numa situação robótica futura, qual será a dimensão quantitativa da linguagem? O que sobraré é uma comunicação imediata, direta e pequena. As bibliotecas de até o final do século XX irão para o lixo. Serão

fósseis culturais. Notem que o tipo de operação mental daquele que quer se meter com o pensamento psicanalítico é no sentido dissolvente e redutor ao extremo. Por outro lado, dá uma libertação muito maior.

• P – *Como diferenciar a “consciência da consciência” da “experiência de Haver”?*

Qualquer animal tem consciência. Já a consciência da consciência é resultante de haver Revirão. O Revirão é dado, é da ordem do Primário. Como esta espécie o tem, aquilo se replica. A experiência de Haver é simplesmente zero. O que nos faz ter consciência de ter consciência é sermos rachados, termos uma formação capaz de observar a outra. Aí, a outra observa a outra, a outra observa a outra... Isso não tem fim, e jamais acharemos aquela que observa tudo. Portanto, continuamos ignorantes. Uma vez que há *não*, o que diz *não* a alguma formação? O *não* do animal é regrado. Diante de uma comida que não é a sua, ele não diz *não*, simplesmente não come. Aquilo é negativo. Quanto a nós, podemos até comer o que não é nosso e morrer disso. Isto porque somos rachados, podemos passar para o oposto, podemos dizer *não*. Então, ao invés de funcionarem como num animal, em bloco, as formações se contradizem. Temos, pois, consciência de ter outra formação que olha perplexa e diz que temos consciência. E isso é também um terror. Somos a espécie louca, a espécie do terror. Tudo se relativiza. É preciso um forte processo recalcante para nos situar no lugar. Se não, dançamos, ficamos dançando. A função do recalque é produzir Neo-Etologia para fazermos a suposição de estar sobrevivendo em determinado escopo. Ora, isto é a estupidez, a paralisia, a neurose, o Estacionário, como chamo. A análise serviria para relativizar tudo isso e saber fazer escolha, ou mesmo escolher funcionar assim. Não acreditar naquilo, mas estar lá funcionando. Com toda fé e crença zero, como disse há pouco. Nem na psicanálise se pode acreditar. Ou seja, a psicanálise serve para nada. Outros discursos servem para algo. Repetindo, **a psicanálise serve para nada, ou seja, serve para tudo.**

• P – *Você, uma vez, disse: “A psicanálise serviu para mim”.*

É uma resposta funcional. Para mim, serviu. Mas justamente serviu porque serve para nada. Notem que não se trata de não servir para nada, e sim de servir para nada. É a distância entre o valor e a suspensão do valor. Jô

Soares, uma vez, falou jocosamente sobre suicidar-se. Disse que, se colocasse uma corda no pescoço, começaria a rir. É isso. Termos consideração com as formações, cultivá-las, brincar com elas, divertir-se, enriquecer-se, isso é arte. Por outro lado, ficarmos fanáticos quanto a elas, é imbecilidade. Isto porque todas são ridículas, são mera brincadeira que ajudam a viver. Então, como, estando contentes, pensar de maneira dissoluta? Não dá. As pessoas têm medo de ficar deprimidas, mas é muito interessante e engraçado.

• P – *Às vezes, fico preocupada por gostar da solidão. Você acha que tenho um problema?*

Cada um goza por onde pode.

• P – *Lembro-me de que, nos anos 1990, você estava na Universidade Federal de Santa Maria e um aluno narrou um problema pessoal e perguntou o que você achava. Você disse que não responderia, pois justamente as pessoas pagavam para você lhes dizer o que achava.*

Sou profissional disso. Lembro-me de uma história sobre Ruy Barbosa que morava naquela casa maravilhosa lá em Botafogo. Havia um açougue quase em frente, do qual sua família era freguesa. Um dia, o açougueiro vai a sua casa e lhe diz: “Doutor, quero um conselho, pois entrou um cachorro em meu estabelecimento e comeu a melhor carne que havia lá. Tenho direito de cobrar do dono cachorro?” Ruy responde: “Sim, senhor”. E o açougueiro: “Pois foi seu cachorro”. Ruy: “Sim. Quanto lhe devo?” O açougueiro: “Tanto”. Diz Ruy: “E o senhor me deve tanto e quanto, pois minha consulta custa o dobro”. Está errado quererem de graça o que temos para ganhar dinheiro.

• P – *E mais, se receberem de graça, ainda vão falar mal de você?*

A questão do pagamento, como sabem, é importante para nós.

• P – *Quanto a essa questão sobre a teoria psicanalítica ser uma ontologia, temos também que considerar o sentido contemporâneo de ontologia, que está mais descolado do sentido clássico, grego, da filosofia. É a ideia de qualquer pensamento ou conhecimento que busque falar algo sobre a realidade...*

Ontologia é falar do Ser, produzir Ser.

• P – *Classicamente, na filosofia, a ideia de ontologia estabelece uma hierarquia. Qualquer conhecimento estaria aquém do conhecimento do Ser.*

Há uma lógica subjacente que é bastante restrita, a lógica da não-contradição de Aristóteles. O Ser não pode ser não-Ser.

Aí é que há um fingimento de Haver. Já repararam que o não-Ser não existe? Ser é dizer qualquer coisa, sempre é alguma coisa.

• P – *Do ponto de vista filosófico há uma proibição, um recalque aí.*

Por não terem o conceito de Haver, colocam um limite no Ser.

• P – *Em 2006, você comenta o conto de Machado de Assis, O Espelho, e diz que o personagem ao qual todos se referiam como Alferes, de repente se vê sozinho e não sabe mais quem ele é. Ele entra numa Experiência de Haver, da qual só sairá olhando-se no espelho e se vendo uniformizado como alferes. Esta é uma experiência da qual temos que sair?*

Ele é o alferes, ele é alguma coisa. As pessoas vivem correndo atrás de títulos para supor que sejam algo. Nem que seja dizerem que são Flamengo...

• P – *Se a pessoa não fizer isso ficará em abismo?*

Sim. Mas aquilo poderia ser mais rico, mais sofisticado.

• P – *No conto de Guimarães Rosa que tem o mesmo título, O Espelho, o personagem, de repente, não vê mais sua imagem, entra em pânico e, então, buscará ver o espelho, e não mais apenas a imagem.*

Minha tese de Doutorado, tratou disso. Está publicada com o título *Rosa Rosae*. Esse trabalho me custou um esforço de sete anos. O livro *Primeiras Estórias*, de Rosa, é perfeito. Ele não precisava escrever mais nada. Li e reli esse tempo todo até descobrir sua construção, sua topologia. O trabalho que fiz depois sobre *As Meninas*, de Velázquez, me custou três anos até achar a topologia que lá está.

• P – *Você observa que Guimarães Rosa escreveu as quinhentas e tantas páginas do Grande Sertão: Veredas antes de chegar ao minimalismo das Primeiras Estórias. Ou seja, primeiras são as estórias que se mostram depois.*

São as primeiríssimas estórias, aquelas que ele pôde trazer depois de conseguir limpar tudo.

• P – *O conto A Terceira Margem do Rio, que faz parte das Primeiras Estórias, mostra o lugar do Pai como morto e vivo.*

É a banda de Moebius funcionando. Os comentadores sempre mencionavam que havia o conto *O Espelho* no meio do livro, mas não mostravam

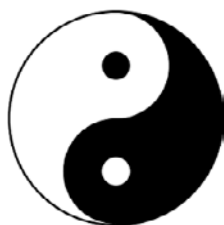
sua topologia em funcionamento. Esse espelho está funcionando mesmo. Se formos lendo e cruzando, veremos que o livro foi construído de modo a fazer uma banda de Moebius, uma uniface. Truque brilhante o dele. E há também o Revirão que Rosa faz no *Grande Sertão*: a homossexualidade vira hetero. Era, aliás, um livro difícil naquele tempo, pois faltava saber, saber mais, para endereçar a leitura. Me deu muito trabalho. Trabalho que também tive para ler *Ulysses*, de James Joyce. Depois de entender, a cabeça abriu. As pessoas não liam justamente porque dava trabalho. Era preciso estudar o livro. Para escrever o *Grande Sertão*, Rosa tomou notas durante anos, mas escreveu em uma semana. Ele tinha uma amante cuja filha, que acho que foi minha aluna, não me lembro, me contou que ele pegou aquela pilha de anotações foi para o sítio de sua mãe, trancou-se lá, não falou com ninguém, pegava a comida na porta e, ao fim de uma semana, saiu com o livro pronto. Deve ter feito revisões depois, mas finalizou em uma semana um trabalho de décadas de pesquisa. Acredito nessas experiências de explosão. Beethoven era assim. Segundo seu editor, ele se sentava junto ao piano à noite, compunha uma sinfonia inteira e o encontravam desmaiado de manhã. Evidentemente, aquilo já estava em sua cabeça há muito tempo. Naquele dia, ele arrumou. Quanto a mim, já lhes contei que as melhores coisas que consegui fazer foram feitas quando dormia. Faço questão de repetir, pois o sonho tem que prestar para alguma coisa. Acordei com as ideias prontas, e saí correndo para escrever. Ou seja, sou médium.

13

• P – *Hoje pela manhã, em nossa Oficina Clínica, estudávamos sobre o que você diz quanto a Análise Efetiva ser “restaurar o hímen verdadeiro, o Plano Projetivo”...*

Se restaurarmos os hímenes dos furos, estaremos no Plano Projetivo. Nosso cotidiano de exercício mental é rasgado, binário, mas se cosermos, se restaurarmos esse hímen, conseguiremos uma coisa unária – e se restaurarmos o hímen desse unário, iremos para o Plano Projetivo. É esta a brincadeira que estava fazendo ao dizer a frase que vocês estão citando. O Plano Projetivo nem unário é, e não fazemos muita ideia do que seja. Já lhes disse que ele é índice zero. Além de ser uma superfície contínua, nem borda tem. O mais parecido com ele é o gorro cruzado dos matemáticos. Começamos do hímen roto, em que temos uma superfície bilateral. Esta, se for restaurada, ficará unilátera. A banda de Moebius tem uma borda. O que pode ser cosido nessa borda para completá-la e acabá-la? Um círculo. Estamos falando ideativamente, pois é praticamente impossível construir, dada a espessura do material. Pode-se, sim, imaginar isso em movimento no computador. Então, se tomarmos na banda de Moebius um círculo que tenha o perímetro da borda, e se cosermos direitinho, teremos o Plano Projetivo, que é radical. Vamos, agora, para o contrário. Se tirarmos um furinho do Plano Projetivo, ele virará uma banda de Moebius, que, se for cortada, virará uma banda euclidiana.

Como já disse, faço a suposição de que o desenho do Yin/Yang oriental seja uma intuição do Plano Projetivo:



Há o Plano Projetivo, se nele for feito um furo, será uma banda de Moebius. Se for feito outro furo, será o binário. A curva que vemos no desenho é o Plano Projetivo virando sobre si mesmo. No caso da geometria projetiva – que, em Euclides, trabalha com o plano, o qual, por sua vez, é algo bem mais careta que uma banda de Moebius –, se temos uma superfície plana, ela pode ser tratada projetivamente de diversas maneiras, inclusive descritivamente. Depois de Moebius, ao pensar a construção de uma superfície total, os matemáticos chamaram de Plano Projetivo por imitação: um plano no qual pode ser projetado o-que-quer-que, pois ele é absoluto. E se Euclides é binário, seu Plano Projetivo, como o nome está dizendo, é um plano, mas o plano é plano? Nunca sabemos. Então, o pessoal da Topologia tomou a ideia de uma superfície radical de projeção e a chamou de Plano Projetivo. Repetindo, o Plano Projetivo é capaz de acolher qualquer tipo de inscrição, unária, binária... Assim como o Plano Projetivo de Euclides recebe qualquer tipo de inscrição binária. Fazendo uma analogia matemática, podemos dizer que o Analista devia ser parecido com o Plano Projetivo: capaz de acolher qualquer coisa.

Não sei se lembram de que, na época em que as feministas estavam começando a fazer arruaça pelo mundo, traduzi o *Women's Lib*, de Betty Friedan, por: O Hímen se Libe. Depois, o feminismo mudou muito de configuração – e, hoje, junto com o machismo, precisa acabar. Os dois precisam acabar. E há também o pessoal LGBT... que insiste em nomeações. Há que tirar as nomeações, ser neutro. Está-se lutando, sim, pela neutralidade da coisa, os nomes não interessam. Já lhes disse que Sexo é neutro. Ele se acopla onde o deixam acoplar-se.

• P – *Eles defendem as identidades. Ou seja, defendem o lugar onde se acoplam.*

Ao invés de defender a neutralidade plurivalente da coisa, querem defender o lugarzinho que ocupam. É uma imbecilidade. E o resto do alfabeto LGBTQI...? Há vários regimes de expressão, mas o Sexo, como diz o nome, é pura Secção, puro corte. E como há Primário, formações secundárias, etc., em sua história, a pessoa gruda em algum lugar. Trata-se, pois, não de defender esse lugar, e sim a estrutura da coisa. Não há que se meter com a diferença do outro, cada um que trate da sua. Não é identidade, e sim diferença.

• P – *Alguém supor que pertence a tal ou qual grupo é reforço da teoria dos conjuntos?*

Nada há de mais ideológico do que a própria teoria dos conjuntos. Fazer círculos em volta de uma formação, ao invés de tomá-la como tendo foco e franja, é prendê-la no círculo de Euler. Quanto à nossa Teoria da Formações, não sabemos e não queremos saber onde passa o limite entre foco e franja. Se acharmos que sabemos, fecharemos.

• P – *O que mais vemos são grupos brigando entre si.*

Se tomarmos nosso conjunto e correremos atrás da franja, lá adiante ele será outra coisa, virará ao contrário. Então, se procuramos identidade, somos imbecis. Estaremos procurando nossa imbecilidade. O sexo de cada um só valerá no dia em que ele não souber qual é. Só experimentando sei qual é meu sexo. Tiro o círculo de Euler e digo que não sei, que vou começar a viajar sem saber onde vou parar. Neurótico, este, tem identidade sexual. O mesmo vale para lutas pela identidade racial. Vinicius de Moraes dizia que era o branco mais negro do Brasil. Genial. Repito, não se trata de lutar pela identidade, e sim pela Diferença. A própria carteira de identidade é uma porcaria, pois ficamos pensando ser aquilo. Nossa posição em psicanálise não permite pensar em identidade, pois identidade é analisável, rompível, dissolvível.

• P – *Stuart Hall fala em identidade plural, fragmentada, em pertencimento a vários conjuntos.*

Está correto. A quantos conjuntos, do ponto de vista do social, alguém pertence? Você é um conjunto de conjuntos de definições. Realmente, quando se está aprisionado no Primário, as coisas vão se coalescendo. Mas, do ponto de

vista psicanalítico, não há que pensar a partir disso. Ao encontrar a identidade de um analisando, o analista lá está para acabar com ela. De onde alguém tira a ideia de que ele é isso?

- P – *Uma pessoa nasce com seu objeto sexual desenhado?*

Sim. Aí é que está o problema. O difícil de raciocinar é que o fato de operarmos no regime da diferença não exclui formações fixadas até do ponto de vista do Primário. Do ponto de vista etológico, de comportamento, verificou-se que há homossexualidade nos animais. Se obviamente não é por uma questão de Secundário, pois os animais não o tem, de onde vem essa inscrição? Muitas barbaridades são ditas pelos teóricos ao tentar situar isso. A ferramenta que temos, que eles não têm, é o conceito de Primário constituído de Autossoma e Etossoma. O Etossoma dos animais é todo configurado, com elasticidade mínima. Quanto a nós, temos um Etossoma que pode ser radicalmente incompatível com o Autossoma. Já lhes falei sobre crianças de três anos que dizem ser de outro sexo, que não suportam a ideia de ter a anatomia que têm. Elas perceberam qual é a delas do ponto de vista etossomático. Ou seja, como somos uma espécie revirante, que tem HiperDeterminação, isso pode ser bagunçado *para qualquer lado*. Mas não há dúvida de que a pessoa nasce com certa configuração etossomática.

- P – *Tem a ver com as fundações mórficas?*

Um caso de fundação mórfica é esse *etos*, esse projeto de cada criança. Não há como controlar isso. No futuro, mexerão aí, mas é etossomático. Somos uma espécie capaz de subverter até isso. A pessoa jamais perderá sua configuração, mas pode subvertê-la – só de sacanagem. O bacana da espécie é que ela faz as coisas só de sacanagem: para variar, divertir-se. Faz ciência, filosofia, religião, psicanálise... Os biólogos, por não terem o conceito, ficam perdidos ao estabelecer uma ordem e uma diferença. Há mesmo muitos etólogos que reconhecem a construção etossomática de um animal, mas, quanto à nossa espécie, como já é subvertida demais, ficam com receio de reconhecê-la. Antonio Bracinha Vieira, etólogo português, quando nos visitou aqui ficou cheio de dedos, disse que não se sabia direito o que acontecia. Para eles, só existe etologia animal. Virou psicologia animal. Não! Existe a nossa etologia também.

- P – *A neutralidade existe como disponibilidade no Originário?*

O Originário tem a mentalidade do Plano Projetivo, só que não funciona o tempo todo. A carga do Primário e do Secundário é muito pesada. Ser uma pessoa cada vez mais analisada, é ser cada vez mais desconfigurada, ou sem figura. É cada vez mais, pois ninguém chega lá por inteiro. A meu ver, o século e os próximos só têm saída por essa via. Repito, está uma zona, ficará muito pior, podem esperar, mas aparecerá uma geração tão desconfigurada pela baderna que pensará e se aproximará de um artifício de governança também desconfigurado. Chamo isto de *Ad Hoc*. As configurações serão feitas na hora. Faço a suposição de que pensar psicanaliticamente seja assim. Por isso, acho que o discurso psicanalítico não desaparecerá. O trato da psicanálise no mundo está atualmente desmoralizado – no sentido propriamente moral, pois há um monte de formações tomando poderes –, mas, lá adiante, é o discurso que imperará. Teremos ainda que engolir muito sapo até chegar lá. Várias gerações precisam morrer para ficarmos mais à vontade para pensar. As presentes gerações são viciadas, não se transformarão, e sim morrerão. Felizmente! Não haverá uma geração que se transforme. A que será autotransformável chama-se: robô. Este não tem um Primário carbono tão desenhado como o do animal que existe em nós. Portanto, já que não podemos ficar nos transformando, assumimos uma diferença. Isto não é assumir uma identidade, e sim tomar um papel no palco e usá-lo. Faz muita diferença afirmar uma identidade e afirmar uma diferença. A diferença diz respeito à singularidade, já a identidade é euclidiana.

• P – *Essa questão da identidade é bem complexa para alguém que, como eu, é trigêmea. Quanto ao reconhecimento, a especularidade é sempre um problema.*

Você está colocando a questão radical do espelho, sobre a qual falamos da vez anterior. No que considero a imagem, estou ferrado. No que considero o espelho, entendo tudo. Você e suas irmãs têm o mesmo patrimônio, o mesmo repertório auto e etossomático. Só no Secundário é que dá para mexer. Há variações, pois não há apenas o genético, há também o fenótipo. Na vida, encontramos pessoas, com mais ou menos aproximação, e algumas reconhecemos imediatamente, achamos legais. Por quê? A empatia se deve a quê? Suponho que haja uma grande carga etossomática e uma grande carga de formações

sintomáticas aproximadas. Então, reconhecemos quem? Reconhecemos nós mesmos. Éramos quem mesmo?

O que há de mais errado na teoria do significante é a falta de sensibilidade ao Primário. Freud era mais sensível. Notem que ficou fora de moda em psicanálise estudar a **hipnose**. Em meus inícios, estudei bem e fiz bastante. Lembrem-se de que trouxe Karl Weissmann para falar para nós nos anos 1980. Eu assistia a todos os seus espetáculos. Era impressionante vê-lo colocar em estado hipnótico não toda a plateia, mas pelo menos a metade. Já lhes contei que estudava hipnose junto com meu irmão mais velho que era médico. Ele usava a hipnose na medicina. Fez a terceira cirurgia mundial registrada de apendicectomia sem anestesia. Ficava falando com o paciente, que permanecia acordado durante a operação.

• P – *Isso tem a ver com as operações espirituais dos médiums?*

Há um tanto de hipnose, um tanto de sugestão pela fama. Não há o caso recente daquele lá de Goiás que transou com um monte de mulheres? O fenômeno mítico em presença tem uma força terrível. Foi o caso de Hitler e de outros como ele. Repito, há a aí a cristalização de uma potência mítica. Monta-se um aparelho de crença tal dentro das pessoas que faz funcionar a operação. Basta olhar as religiões para ver como reforçam a crença de modo a prender cada um ali o resto da vida. Temos que entender que nada há de melhor do que alguém nos emprestar uma certeza. Enquanto ela não fizer água, deitaremos e rolaremos, ficaremos até felizes. O mesmo ocorre quando nos apaixonamos. A balela é pensar que nos apaixonamos pelo outro. Não é. Apaixonamo-nos por nossas próprias formações. Elas é que nos colocam nesse estado horroroso, doentio. Topamos com uma presença que corresponde às nossas formações. É algo biunívoco quanto a certas formações. Esta é, aliás, a graça da Teoria das Formações, como está colocada desde *O Pato Lógico* (1979). Ela nasceu sem dizer seu nome, mas já colocando que, no caso de duas formações compatíveis, com muitos pontos de correspondência, aquele grude é o terror. E há alguns que sabem fazer esse personagem que distributivamente corresponde a multidões.

• P – *Qual é a diferença entre hipnose e transferência?*

Quase nenhuma. Daí Freud, desde o início, ter apontado que, sem transferência, não há análise, mas a análise lá está para destruir a transferência. A

diferença para com a hipnose está em que a transferência é delegada e a hipnose é invasiva. O vetor da transferência é de lá para cá e o da hipnose é daqui para lá. Há uns talentosos que descobrem meia dúzia de pontos que passam a repetir e mobilizam uma multidão. Há consentimento porque repetem os pontos que estão na multidão. Se Hitler falasse para a França, não colaria, mas como sabia para quem falava colou. A língua, os pontos a serem tocados, etc., já estavam lá. Ninguém chega mandando nas pessoas. Ao contrário, ele está mandando nele mesmo, que está lá. No caso de Hitler, as formações eram compatíveis, as pessoas *se* reconheciam ali. Nem é preciso falar nele, basta olhar para um show de algum artista famoso para ver a multidão em hipnose.

No caso da **paixão**, é uma doença no sentido de que alguém, mediante suas formações compatíveis com as do outro, fica reforçando essas formações e aprisionado por elas. Vejam que tudo é recíproco, é formação batendo com formação. Por que temos tesão em uma pessoa e não em outra? Precisamos entender bem isso, pois certamente não iremos modificar certas formações de base, mas saberemos delas. O que dá para fazer é relativizá-las um pouco, mas não todas pois aquilo é muito forte, com âncora no Primário. O que importa é ter clareza quanto a elas. A análise não destrói sintomas, e sim produz o reconhecimento deles. Ao reconhecer nossos sintomas, ao saber deles, torna-se possível administrá-los melhor na vida.

Não temos que fazer nada para induzir a transferência do outro. Pelo contrário, há que fazer o mínimo, desaparecer o mais possível. Isto porque, quanto menos nos configurarmos, mais o outro terá a possibilidade de supor que temos as figuras que lhe interessam. Essa técnica descoberta por Freud é diferente das outras, que são positivas. A sedução que há aí é pela falta, pelo negativo. Não é comum o caso de analisandos novos ficarem crentes de que o analista concorda com tudo deles? Aí dizem que seu analista é o máximo. É uma técnica não invasiva, acolhedora. A hipnose sempre tem limite na resistência do hipnotizado. Está errado dizer que alguém hipnotiza outro e o faz fazer coisas que não faria. Ele faria sim, se não, não fazia, resistia e acordava. Se fez é porque aquilo está em seu repertório. O que ocorre na análise, justo porque o analista não está exigindo nada, está assoviando e olhando para as estrelas, é o outro tropeçar e entregar suas formações. É o que Freud chamava

de atenção flutuante. O Inconsciente não resiste. A resistência é sempre sintomática. Portanto, sem uma barreira, vai-se longe. Uma das provas de ter havido análise é a pessoa ir quase a qualquer lugar. Isto porque é tudo a mesma coisa.

• P – *O analisando já não chega com a transferência pronta?*

Só o fato de ter ido lá já é grave. Uma das coisas importantes da transferência é poder fazer a suposição de que o outro tem condições de ajudar, de nos entender. O que, aliás, é uma grosseira mentira. Mas é uma mentira boa. Se alguém consegue ser um bom analisando – bom analisando é aquele que deixa a análise funcionar –, chega ao ponto do reconhecimento da pura ficção. Tudo que se pensava que era, é pura ficção.

Notem também que a história da transa de cada um muda, mas a paixão é a mesma: é a paixão pelas mesmas formações. Se buscarmos, encontraremos o denominador comum de nossas paixões, que é um só. A pergunta é quanto à conversa em que caímos. É bom saber qual é, pois aí pode-se até saber que está caindo e aproveitar um pouco. E mais, qual é a diferença entre uma cópula animal e uma humana? O que se passa ali? Animal não transa com outro animal, e sim com cheiro, com cio... O outro não interessa. A ressonância é de certas marcações etológicas da ordem da visão, do olfato... Quando acaba, acabou! Nos humanos, há tanta coisa em exercício que ficam aprisionados – ou ficam rejeitando. Cheiro, visão, etc., também lá estão, mas são apenas o começo. Faz-se um esforço enorme para transar *com* o outro – e não se consegue. Esta é a decepção. Por mais que alguém ponha elementos primários, secundários, etc., de repente, chega no limite em que o outro é outro. Ou seja, comeu pelas beiradas, e faltou o essencial. Lacan explicou isso melhor do que Freud.

• P – *Freud e Lacan eram bem diferentes. Freud não separava os discursos como Lacan. Ele falava da psicanálise junto com ciência, pedagogia, psicologia...*

Lacan fez algo que foi um grande passo, mas apenas contemporâneo de si mesmo: colocou a psicanálise no começo, depois vêm os demais discursos. A psicanálise observa o resto. Freud ainda tinha uma dialogação, o que faz sentido em seu momento, pois estava começando. Lacan não tem diálogo com os outros pensamentos, e sim crítica, observação, conceituação. Tem também aproveitamento. Afinal de contas, aquilo é linguística e antropologia de Lévi-Strauss. É

uma época e uma referência que acabaram. Foi um momento de pensamento europeu, francês sobretudo, dentro de uma circunstância adequada. É o contorno preciso e total de uma época. Nada há a criticar na obra de Lacan, mas aquilo acabou. E não há dúvida de que Lacan era genial, analítica e teoricamente. Eu o achava melhor analista do que teórico. Se tomarmos outros, seus contemporâneos, Roland Barthes, por exemplo, vemos que a obra é pequena.

Esse momento francês em termos de conhecimento é a glória, talvez jamais se repita em lugar algum: Lacan, Foucault, Deleuze, Lévi-Strauss, Lyotard, Althusser, Canguilhem... Ao entrar em Vincennes, você estava no Olimpo, cercado de gênios. Sonia Nassim aqui presente assistiu umas aulas minhas lá. Eduardo Mascarenhas tinha recomendado que me procurasse. Hoje, o que temos como conhecimento está na tecnologia. A resultante é genial, mas é dispersivo, pouco conhecemos dos nomes do pessoal do Vale do Silício. O momento agora não é de *pessoas* geniais, e sim de uma *situação* genial. Não fui mais a Paris e não pretendo ir. Para quem viveu aquilo, será uma decepção. Vocês não fazem ideia de como a cidade fervilhava. O tempo todo, corria-se para aulas e seminários desse pessoal genial.

• P – *No final do século XIX, houve isso em Viena.*

Lá foi outro barato, também com uma patota de primeira qualidade: Freud, Wittgenstein, o pessoal Art Nouveau, o pessoal Art Déco...

14

• P – *Nosso grupo de estudos está lendo Superinteligência: Caminhos, Perigos e Estratégias para um Novo Mundo, de Nick Bolstrom, e O Algoritmo Mestre: Como a Busca Pelo Algoritmo de Machine Learning Definitivo Recriará*

Nosso Mundo, de Pedro Domingos. *Este último descreve cinco tribos de inteligência artificial, cada um com algoritmo próprio – simbolistas, conexionistas, analogistas, Bayesianos e evolucionários – e busca o algoritmo mestre que pudesse solucionar essa divisão das máquinas especialistas. Perguntamos, então: como se daria o processo de aprendizagem dada a hipótese do Revirão presente em nossa espécie? E quanto à superinteligência, tratada no outro livro, seria ela além do Revirão?*

Posso chamar o Revirão de inteligência, ou ele é uma máquina produtora de inteligência? Quanto à outra questão sobre a aprendizagem dado que o funcionamento é bífido, ela é do mesmo modo como se ensina um cachorro. Como se treina uma criança? Lembra da diferença que fiz entre recalque e juízo forclusivo? A criança aprende por recalque, não por juízo, mas tem a chance de transformar o aprendido por recalque em possibilidade de juízo. O verbo correto aí é: dialetizar. Isto por, depois, poder revirar, reconsiderar aquilo. Ou não. Ela pode ficar uma besta quadrada – e até chegar à presidência da República, por exemplo. O Revirão é a condição *sine qua non* de haver possibilidade de juízo forclusivo. Mas não podemos apostar tudo nisso, pois ficaria um maquinismo esquisito. Sem isso, nada feito; com isso, possibilidades infinitas. O modo de aprender é: experiência, contato, trauma, recalque.

Durante o percurso de vida de alguém, o próprio confronto com as diferenças força a suspender o recalque. Pensem no que chamam de *crise da adolescência*. O que é isto? O adolescente não entra em crise, ele foi metido lá. Não é que ela comece nesse momento, o adolescente já vem sofrendo algumas experiências, mas, de repente, desabrocha, olha para o mundo e não reconhece o mundo que lhe ensinaram. Começa então a aplicar sua possibilidade de uso do Revirão – e fica doidinho, faz um monte de merda. O mesmo ocorre com o computador. Vejam que o adolescente configurou certo mundo que é igual ao de um computador, todo arrumado – isto é isto e aquilo é aquilo –, e mesmo quando desliza na infância os adultos vêm com regragens. De repente, ele começa a ficar solto, com certas independências – locomover-se sozinho, andar aqui e ali – e vê que não era nada daquilo que lhe diziam. Passa, então, a querer experimentar os avessos do que viveu. Aí fica complicado, pois não se sabe por

onde vai. É preciso, então, o cuidado de não recalcar o movimento e tampouco de o deixar perder-se demais. Isto porque ele não é um animal.

• P – *A aprendizagem propriamente dita não é tanto o efeito de revirar e criar, e sim a proficiência do manejo daquilo?*

Sim.

• P – *Em Psychopathia Sexualis (1997), você apresenta dois vetores da Angústia: no sentido da Indiferenciação e no da resistência das formações. Em Clownagens (2009), você unilateraliza angústia e desejo como dois alelos da mesma Pulsão. Há desejo no sentido da Indiferenciação e no da resistência das formações...*

É aí que a gente se ferra. Erich Fromm, em seu livro *Escape from Freedom* (1941), falava sobre as pessoas poderem desejar sua escravidão. Ele era supostamente psicanalista. Não acredito muito, pois Frankfurt com psicanálise não dá certo. Marcuse também diz algo parecido. A tese de Fromm é que a suposta liberdade não só é perniciosa como trabalhosa. A maioria das pessoas, então, fugiria da liberdade. Isto é correto. De modo geral, estão sempre pedindo a alguém que as prenda, que diga o que têm que fazer. É o que o neurótico quer que o analista lhe diga. Ele quebra a cara, pois o analista não sabe.

• P – *Lacan diz que, quanto mais se insta o outro a entrar em livre associação, mais se vê a repressão comparecendo. Parece que ela é requisitada justamente nesse ato.*

Sim.

• P – *Você escreveu na orelha de um livro, acho que de Carlos Henrique Escobar: “Quando nada me oprime é a minha liberdade que me atormenta”. Dizia respeito ao que o autor estava tratando.*

É isso. Esse é, digamos, o problema central de uma análise.

• P – *É uma frase sartreana.*

Sartre também acerta. Ele era metido a psicanalista na literatura. Seu *Saint Genet, Comédien et Martyr* (1963) deveria ser lido por todos. Jean Genet era um poeta maldito francês de primeira qualidade e uma pessoa de extrema rebeldia no social. Certa vez, encantada com sua obra, a burguesia o convidou para um jantar requintado. Ele subiu na mesa e mijou na sopa. Acabou com aquela viadagem. Vi várias peças dele em Nova Iorque. O livro é ótimo, embora

meio chato, pois Sartre é grafomaniaco. O que pode dizer em cem páginas, escreve em quinhentas.

15

Me disseram que um aluno de vocês no IPUB/UFRJ queria saber como cheguei ao arranjo que fiz da teoria psicanalítica. O que teria passado por minha cabeça para pensar a teoria que apresentavam lá? É como se perguntasse: por que ele resolveu fazer aquilo, se ninguém lhe perguntou nada?

Da vez anterior, já comentei um pouco sobre isso com referências seculares e mesmo aos Impérios. Quero retomar e reunir agora o que já coloquei em vários momentos no decorrer de minhas falas. Começo dizendo que hoje, diante do que ocorreu na segunda metade do século XX, quando Lacan coloca seu pensamento, temos perspectiva suficiente para olhar aquilo com o escopo do conjunto inteiro do fenômeno (não só, mas sobretudo) francês. Ao passarmos na peneira, vemos com grande clareza a obra de Lacan, tanto do ponto teórico quanto da aplicabilidade clínica. Ele, e a patota ao redor, foi o produtor da situação mental de seu tempo. Lacan é absolutamente esse movimento em sua cabeça e a obra toda é segunda metade do século XX. Isto, junto com tudo que herdou e com tudo que deixou.

A brincadeira começa com o ressuscitamento de Saussure (morto em 1913). Alguém topa com sua obra e acha que ele estava pensando e resolvendo os problemas de nosso momento atual. Isso prolifera e vai bater em Jakobson e Trubetzkoy, que têm grande influência social no conhecimento. Lévi-Strauss é um professorzinho reles da USP, não sabia o que estava fazendo da vida. Como está no Brasil e há índios aqui, resolve fazer um pouco de antropologia

e sai pelo país anotando o que ouve dos índios. Tem uma grande maçaroca de anotações, sem saber o que fazer com aquilo. Até então, ele ainda não é o Lévi-Strauss. Como vive de bolsas de estudos, vai para os Estados Unidos e lá encontra Jakobson. Este o ensina a arrumar o que anotara. Ensina-lhe o sistema linguístico que era herdado de Saussure e a fonologia de Trubetzkoy. Até então, eles eram apenas uns professores falando de linguística contemporânea, etc. Ainda não chamavam de estrutural, falavam em sistema. Aquilo praticamente não cola nos Estados Unidos, mas vai bater na Europa, na França sobretudo – e os intelectuais finalmente acham uma tábua de salvação com o nome de *estruturalismo* para se agarrar (antes, estava um caos de conhecimento). Até os não estruturalistas se agarram nessa tábua para falar contra. Temos, então, aquele pessoal: Lacan, Barthes, Dumézil, Kristeva... O panorama dos grandes pensadores da França vira a lídima representação do século XX, sobretudo de sua segunda metade. Digamos que seja o melhor que o século XX conseguiu. Já lhes disse que acho Freud um homem do século XIX, ainda que caminhando a largos passos para o século XX. Lacan, este, é do século XX.

O tempo vai passando, e com a velocidade contemporânea as coisas se completam mais depressa. Em suma, quando Lacan morre aos oitenta anos, em 1981, junto com ele vai tudo para o túmulo. Coisa tão óbvia, ainda hoje não percebida pela maioria. Basta ver esse monte de lacanianos renitentes por aí. Isto ocorre também porque as pessoas não têm ideia de haver alguma coisa depois, e tampouco procuram saber. Mesmo porque o lacanismo ainda rende bastante dinheiro. Então, para responder ao aluno que perguntou, minha experiência com Lacan, com seu Seminário, com o trabalho que se fazia na Escola dele, com Vincennes – onde, já na contestação, havia Deleuze, Guattari, Lyotard –, deu para entender com certas clareza e rapidez que *aquilo era terminal*. E pior, esse pessoal foi morrendo junto com o terminal da cultura. Fiquei com a batata quente na mão que, para poder resolver, tive que – como viram alguns aqui presentes – começar de Lacan e ir mexendo até encontrar alguma coisa contemporânea. Lacan acabou; a linguística, adeus!; o sujeito morreu; o objeto foi junto... O que fazer com isso? Vocês podem perceber, na sequência de meus Seminários, os anos de luta que tive com o tal sujeito. Parecia um fenômeno bíblico, daquele cara, o Jacó, que lutava com o anjo. Felizmente, para mim

– o interesse é para mim, os outros pegam ou largam se quiserem –, consegui passar a borracha e entrar não só no século XXI como já começar a preparar a fala do Quarto Império.

Todo o aparelho do fenômeno estrutural do século XX – muito genial e bacana – não dá conta do que aconteceu no planeta, que desbundou, perdeu as estribeiras e virou outra coisa. Aquilo arrumadinho não explica, tornou-se uma questão. O mundo hoje é uma questão e ninguém tem resposta absoluta, todos estão mais ou menos perdidos. Não me acho perdido, pois vejo que consegui uma construção adequada. Isso cai do céu, não é mérito. O que colocava da vez anterior para poder esclarecer sobre a radical diferença de postura mental entre esse fenômeno do século XX e o fenômeno do século XXI pode ser representado da seguinte maneira: houve na matemática um verdadeiro império da teoria dos conjuntos no século XX. Sobretudo, no fenômeno chamado **Bourbaki**, uma plêiade de matemáticos que repensava a matemática toda a partir e dentro da teoria dos conjuntos. Um dia, fui à seção de matemática de uma livraria de Paris e fiquei de boca aberta diante de uma parede inteira com publicações de Bourbaki. A mentalidade da época era a de Bourbaki, mesmo em Lacan. Isto porque a teoria dos conjuntos é exclusivista. Seu símbolo é o círculo de Euler, com o que está dentro e o que está fora. Há sempre uma fronteira – chamada círculo de Euler – que exclui. Este conjunto é este e aquele é outro, e assim por diante. A base é o círculo de Euler segurando o processo. Lacan tentou escapar dessa mentalidade pela topologia, mas deu tanto nó que se perdeu. Já contei aqui que J. B. Pontalis escreveu um artigo denunciando que Lacan estava perdido no meio dos nós e disse que um dia ele se estrangularia. Lacan ficou puto. Eu estava lá em seu seminário e o vi dizer com aquele jeito dele: “*Gibet* – que em francês significa ‘forca’ e é o som de J. B. – *Pontalis a dit...*” O pessoal caiu na gargalhada e ficou por isso mesmo. Entretanto, por que Pontalis estaria denunciando aquilo? Notem que ele era da turma de Lacan, não era um estranho. Vocês não fazem ideia do que eu via lá na Escola dele. Também já contei que, diante de Nicole Sels, a bibliotecária de lá, com papéis enormes fazendo um monte de nós a pedido de Lacan, perguntei o que era aquilo e lhe disse que era um labirinto. Aí, um dia, Lacan, em seu seminário, diz que “*le truc analytique ne sera pas mathématique*”. Todos ficaram perplexos: a transa

psicanalítica não será matemática. Ou seja, ele desistiu. Isso é o século XX, que pode ser apelidado de Bourbaki, se quiserem.

Como é o século XXI? Não pode ser a teoria dos conjuntos que é ideológica demais. O mundo que se apresenta agora não tem círculo de Euler. Por isso, o pessoal está perdido, correndo para trás à procura de tornar-se um fascismozinho qualquer. As pessoas não estão mais vendo as fronteiras, não há fronteiras. Ainda é cedo para perceberem isto. Quem sabe se daqui a cinquenta anos. Nesse entendimento é que tentei organizar um processo teórico que escapasse daquilo tudo. Como disse, tive que derrubar sujeito e objeto, acabar com as fronteiras, etc., mas, depois que o quadro se organizou, posso hoje dizer que, ao contrário de Bourbaki, o século XXI pode ser chamado – e darei um apelido por homenagem, e não por totalidade de pensamento – de **mentalidade Turing**. O que interessa são as redes, os funcionamentos algorítmicos... O espaço do psiquismo capaz de dar conta do século XXI são as **formações polares**, cada uma com seu **foco** e sua **franja**. Não sabemos o tamanho do foco ou o da franja. A franja pode ser infinita e não tem fronteira. Vejam que é muito mais parecido com o Inconsciente do que Bourbaki. Polariza-se aqui e ali, ou algo no mundo polariza aqui ou ali; olha-se para o núcleo do polo e aquilo focaliza, mas qual é o tamanho do foco? Depende da inteligência da abordagem – sempre reconhecendo que a franja vai muito longe. Portanto, só é possível falar um pouquinho do foco. Se pensarmos em termos de franja, se ela for levada muito longe, ela vira ao contrário, viramos pelo avesso. Ou seja: Revirão. É o mesmo que acontece em nosso sistema circulatório: ele vai, fica fininho e vira ao contrário. Ele passa para dentro da limpeza venosa.

• P – *A cada artigo seu, Turing fundava uma parte da ciência. Os últimos iam para a biologia, a fisiologia e a botânica.*

Não dá mais para pensar dentro da mentalidade Bourbaki, o mundo atual não responde. Procuro ler os autores que tratam dessas questões contemporâneas, vejo que descrevem bem a situação, têm ideias interessantes, mas não dão conta, não apresentam sistemas propositivos – e, de repente, começam a dar para trás. Por exemplo, Yascha Mounk, autor de *O Povo contra a Democracia*. Ele mostra o óbvio a respeito da chamada democracia, que ela, quando vai muito longe, vira ditadura da maioria, populismo. E, ao final diz

ele que que é preciso reforçar nosso ideal liberal. Não percebe que isto acabou, não tem mais. Ele cita os fundadores da democracia americana que, já naquela época, buscavam organizar uma constituição que evitasse sua transformação em ditadura da maioria. Isto é possível? O que temos lá é Trump fazendo de tudo para torná-la o desenho da América. No Brasil, evidentemente, caminhamos para um populismo desgarrado. Acho que não se conseguirá porque aquele no comando é burro demais. Há vários ideólogos disso no mundo. Até leio um, com vários livros publicados em português, pois ele tem cabeça: Robert Scrutton. Sobrenome bem a propósito, aliás. Para nós, não é o caso de fazer política de Planalto, e sim entender a radical transformação de posição mental em relação ao que acabou. Não tem sujeito, objeto, conjunto... Uma Pessoa é um polo cheio de transas, não se sabe até onde vai.

Lacan queria circunscrever com clareza o *sintoma*. Talvez em seu tempo pudesse pensar assim, mas não é possível hoje. Observem em análise aqueles mais jovens, sobretudo, e verão que estão esgarçados, sem encontrar o polo. Isto porque, ao olharem para as possibilidades apresentadas pelo mundo – universidades, etc. –, veem que está tudo circunscrito de Euler. E o mundo, este, não está mais circunscrito. Segundo o que posso oferecer como entendimento, trata-se de uma extrema mudança de mentalidade.

• P – *O século XX parece ser aquele que reconhece tribos. Caso de Lévi-Strauss e da vontade de traduzir uma na outra. Seriam conjuntos diferentes com uma possível tradução?*

A tradução não é possível. Lévi-Strauss pensou que pudesse, escreveu calhamaços sobre a comida, sobre o cru, o cozido, etc. Ele não pensou que o possível é, sim, uma *transa* entre formações. São sonhações da antropologia. Há um brasileiro bastante conhecido que quer até traduzir o espírito da onça. Mesmo que se tente traduzir o sistema de tal tribo em linguagem de cultura ocidental, não dará certo. São sistemas incompatíveis, heterogêneos demais. O possível talvez seja incluir, transar. E não se trata de falar mal das pessoas que fizeram o que fizeram, pois foram geniais – tão geniais que fizeram aquilo tudo morrer, esgotar-se.

• P – *Em termos de clínica tampouco se trata de tradução?*

Não se trata de traduzir ninguém. Tradução implica uma redução indébita.

• P – *Trata-se de propiciar a transa?*

O que se pode fazer é ajudar a deslocar as formações. Diante de um sintoma funcionando como um algoritmo repetido demais, há que insistir em tirar algo do lugar para aquilo se reorganizar. É o melhor que se pode fazer. E o deslocamento efetivamente acontece. Tenho provas disso. Quem buscava traduzir eram os freudianos do começo, aqueles kleinianos e outros. Eles são daquela época, vistos apenas como engraçados hoje.

Quanto a traduzir Lacan, é praticamente impossível. É como traduzir Joyce, que Lacan imitou demais. Safatlinho, acho que num livro de introdução a Jacques Lacan, disse que não recomendava duas das traduções de seus seminários, a do XI e a do XX. Diz até que deveriam ser retraduzidos. É de morrer de rir, mesmo porque nunca os traduzi. É o que está claro na folha de rosto: “Versão brasileira de MD Magno”. Fiz questão junto à editora de que fosse colocado assim. Eu não estava traduzindo, estava tentando inventar.

• P – *Haroldo de Campos falava em Transcrição e, junto com seu irmão Augusto, transcriam na língua brasileira vários autores importantes da literatura mundial.*

Vejam que alguns entendem do que se trata.

• P – *Michel Serres, que morreu esta semana, tem um conjunto de cinco livros intitulado Hermes. Cada um tem uma temática. Há ali um projeto de tradução, que é estruturalista, mas por via matemática.*

Serres tinha uma formação rígida, muito boa, sobretudo em ciência. Não o conheci pessoalmente, mas já me correspondi com ele. Seu *Le Tiers-Instruit* (1991), cuja leitura recomendei na época em que foi lançado, continua sendo importantíssimo. Uma das coisas de que Serres se vangloria nesse livro é, sendo canhoto, ter sido obrigado a escrever com a mão direita. Aí escreveu tudo para lá e para cá. Ele é lateral a essa patota francesa de que estou falando, o que lhe dá boa visão dos fatos. Infelizmente, o pessoal parece ainda não ter entendido que Bourbaki é diferente de Turing. Nas universidades brasileiras, então, a coisa está bem lá atrás. Continuam querendo regurar o irregrável, e não dispõem de

um pensamento de ensino – nem falo de educação – compatível com a época. O mundo está todo assim, mas o populismo daqui é boçal.

• P – *Parece que pega mal no Brasil estudar, pesquisar, saber mais. Do lado da dita direita, é um reacionarismo bronco. Do lado da esquerda – e isto desde os anos 1960-70 –, o importante é a participação política. Tudo se reduz ao engajamento de cada um.*

Isto foi pego pelos que estão no poder hoje e chamado de marxismo cultural, por exemplo. Passei por essa situação quando lecionava na universidade. Estava cercado pela esquerda, pelo catolicismo, pelo catolicismo de esquerda...

• P – *A que se deve isso?*

Há milhares de textos já escritos sobre isso. Lilian Schwarcz acaba de lançar *Sobre o Autoritarismo* em que, mesmo com cheiro marxista, faz uma grande denúncia dessa situação brasileira.

• P – *Falávamos da outra vez sobre os movimentos identitários, que ganharam a cena hoje. Seria uma regressão à teoria dos conjuntos? Você tem que pertencer e se referir primordialmente a determinado grupo, a determinada etnia.*

Isso não vai a lugar algum. Vivemos a época da Diferença e da Rede. Identidade hoje é uma coisa muito relativa. Descobriu-se que já era relativo, só que havia uma porção de formações que iam no sentido de fechar. Se tomarmos no nível do humor alguém de gênio como Chico Anysio, qual é sua identidade? Quantos personagens eram? Quem é o Chico Anysio ali? A mesma pergunta vale para Fernando Pessoa? Qual era sua identidade? O Pessoa propriamente dito? Este não existe. Falem em identidade para Marcel Duchamp enquanto Rrose Sélavy. Será engraçado.

• P – *Em seu percurso você, na França, percebe que aquilo tinha acabado e, a partir dali você faz o que fez. Para isso, você recorre a gente como Fernando Pessoa e Marcel Duchamp, que acabam de ser citados. Nomes como o deles são as balizas para seu trabalho, cujo encaminhamento é minimalista.*

Vamos reduzir toda a parafernália ao mínimo possível. Em Freud, há neurose disso e daquilo, quando é possível pensar apenas em estacionamento, progressão e regressão. Não cabe misturar conteúdo com forma.

• P – Há outros autores minimalistas que também tenham servido de referência?

John Cage; Mondrian – na pintura, há muita gente: os suprematistas... –; Augusto dos Anjos; Guimarães Rosa, em suas *Primeiras Estórias*; Espinosa...

16

• P – *Da outra vez, falando sobre o que o levou a fazer a reformatação da psicanálise que veio a ser chamada de NovaMente, você disse que, ante a dissolução do estruturalismo, “as pessoas não têm ideia de haver alguma coisa depois, e tampouco procuram saber”. Este não procurar saber é que é complicado. Parece que nossa atitude diante de algo que terminou e igualmente diante de algo que terá começado é, de saída, sempre a de não querer saber. E permanecer preso ao que se supõe saber é o contrário do que a psicanálise veio trazer. Sem alguma disposição inicial de procurar saber há análise possível?*

As pessoas são muito pão-duro. Aprendem bem alguma coisa e, se lhes disserem que aquilo mudou, terão que aprender tudo de novo. O que querem é permanecer faturando o que já sabem. Há uma preguiça mental na maioria, que denega o que acontece.

• P – *Mesmo que o que não queiramos saber venha resolver algum problema nosso?*

Neste país, quanto a esse passado de que eu falava, temos dois problemas. Primeiro, esse passado acabou e, se não soubermos dizer, há, portanto, que perguntar ao mundo sobre o que fazer agora. Segundo, temos que tomar a palavra que é nossa. Nosso sintoma não é o do outro. E, há bastante tempo,

temos um modelo construído para isso. Foi chamado de *Antropofagia*. Quem a inventou foi Tarsila do Amaral (depois, Oswald de Andrade faturou). Ela foi para a Europa, estudou, pintou, etc., e, ao voltar, no mínimo fez o *Abaporu* (1928), que significa: *aba*, homem, *pora*, gente, ú, comer: ‘gente que come gente’. Ela disse a frase certa: a gente vai lá, come tudo, digere o que é bom e vomita o resto. Eu aprendi. E mais, a figura que lá está no *Abaporu* é autorretrato de Tarsila. Ela o fez no espelho. Esta é a mais clara definição do sintoma brasileiro, e temos quase a obrigação de incorporá-lo. Oswald foi muito esperto, pegou na hora – e foi bom ter feito isso. Trata-se, pois, de que há o problema contemporâneo do saber, e o problema brasileiro da expressão sintomática.

• P – *Parece que o não querer saber só passa ao querer saber quando ocorre alguma situação...*

...traumática. Quando se está no que chamam zona de conforto, não se quer saber de nada. Qual é o trauma? Pode ser simplesmente alguém ficar chocado com a própria ignorância.

• P – *Este seria um “bom” trauma?*

Sim. A maioria não tem ignorância, todos sabem de tudo. Ignorante sou eu.

• P – *O percurso de uma análise implica deparar-se com sua própria ignorância...*

...e cultivá-la. Torná-la doura, como diria Nicolau de Cusa.

• P – *A sequência dessa postura de ignorância implica um artificialismo, a proposição de algum aparelho de entendimento da nova situação. Aparelho que, como você diz, é o que é possível no momento.*

O qual contará com as circunstâncias da hora, com as soluções que a hora sugere. Qualquer pensamento que tenha valido a pena foi assim. Naquela hora, articulou-se daquele modo e foi capaz de representar o presente e, portanto, ter eficácia.

• P – *O Maneiro, como você articula, é a sintomática positiva brasileira, entretanto com o que mais nos defrontamos aqui é o avesso, o Mazombo. Você também já disse que somos boçais e bossais, da bossa e da boçalidade. E nessa briga do rochedo com o mar parece que a boçalidade tem levado vantagem.*

Sempre leva. A história da humanidade é essa. As pessoas são muito pobres, tadinhas! Não estou falando em dinheiro, e sim de pobreza mental, de verdadeiros macacos.

• P – *Mas em alguns lugares – Japão e China, por exemplo –, ocorreu algo semelhante a essa começo geral de que você falou. Eles deslancharam.*

O erro está em generalizar “o” Japão, “a” China. Foram alguns japoneses, uma minoria, que assimilaram o momento e fizeram com que se trabalhasse no sentido de acolher o novo. Diante de um edifício sendo levantado, com uma porção de operários, o que está acontecendo é um pessoal cumprindo uma tarefa que nunca lhes passou pela cabeça. Cultura é isso. Nos Estados Unidos, por exemplo, se alguém tem uma ideia, logo aparece gente para faturar em cima. Isso é bom. Aqui, fatura-se mal o que se concebe, o pessoal é mais preguiçoso. Lembrem-se de que o sintoma de Macunaíma é a preguiça. Mario de Andrade colocou o dedo na ferida. Gente como ele já disse tudo com clareza. Por que não se quer entender? A invenção de Tarsila é analítica, foi na mosca. Oswald era cafajeste, sacaneou-a demais. Ele emprenhou Pagu dentro da casa deles. Ela tinha dezoito anos. Ele fez com que ela se casasse com um empregado dele e os mandou para uma lua de mel em Santos. Quando chegaram, ele lá estava e mandou o empregado cair fora. Dizem que, de lá, tomou um navio e foi com ela para a Bahia. Não foi o que aconteceu. Sei que não foi porque Anísio Teixeira, de quem Oswald era amigo, me contou que ela foi sozinha de navio. Oswald lhe passou um telegrama para recebê-la no porto e levá-la para sua casa. Depois, é que ele foi para lá. Tarsila, coitada, levou o chifre. Repito que o que importa é esse acontecimento, em São Paulo, ter sido do tipo da intervenção analítica: “Eis o sintoma!” É assim que funcionamos, incluindo aí a cafajestada de Oswald.

• P – *Há também Manuel Bandeira, que foi muito importante. Mas, de 1930 em diante, parece que há algo que mata isso, que é o surgimento da literatura político-socialista no Brasil, com vertente partidária, muitas vezes ligada a movimentos internacionais de divulgação do marxismo. Caso de Jorge Amado, que tem bons livros, mas é evidentemente resultado de uma política de época. Se não fosse o partido comunista talvez ele, assim como Graciliano Ramos, não tivesse a repercussão que teve.*

Parecem escritores russos. Isso sufocou um processo de brasilidade.

• P – *Carlos Drummond também pegou carona nesse movimento. Até seu décimo livro, há nele um aspecto socialista: vamos de mãos dadas, a rosa do povo... Ele não se declarava ativista, mas era reconhecido como poeta social.*

Mesmo sendo amigo de Oswald, ele era meio dissonante. De nosso ponto de vista, interessa o destacamento do sintoma que gere esse comportamento de que estamos falando. O sintoma está ali por baixo e quando aparece, aparece com sua configuração. É claro que a maioria vive de macaquice da Europa, e agora dos Estados Unidos. Na área das ciências humanas, a macaquice é europeia.

• P – *Vem de Marx e Weber.*

E de Lacan, no caso da psicanálise.

• P – *Por um lado Caio Prado Jr., com Marx, e, por outro, Sergio Buarque de Holanda, com Weber.*

Este, muito mais de acordo com o que acontece aqui. Esse partidarismo, aliás, é muito ambíguo no Brasil. Anísio foi perseguido, sobretudo pela Igreja, por ser de esquerda. Sua esquerda era o Partido Democrata norte-americano e John Dewey. Notem que nada tem a ver com esquerda. Ele era só baiano.

• P – *E os comunistas o acusavam de liberal.*

Parece comigo. A direita me acha de esquerda e a esquerda me acha de direita. Logo, não sou de lugar algum.

• P – *O Partido Comunista foi fundado no Brasil em 1922, ano da Semana de Arte Moderna.*

E o Partido Nazista também na mesma época. Era o Grupo da Anta, de Plínio Salgado. Hoje, nossa conversa aqui está cultural, mas o que interessa é, sobretudo, o levantamento de nossa sintomática. Glauber Rocha, com toda sua maluquice, é outro nome essencial nisso. Ele não é macaco.

• P – *Além disso, parece que nunca conseguimos passar a limpo o regime militar que dominou o Brasil a partir dos anos 1960. Tanto quanto à desastrosa participação da esquerda, quanto com relação à violência dos milicos. Isso fica retornando como recalcado. É um inferno, inclusive para quem não viveu aquilo. Caso da minha geração, que até hoje fica sob efeitos dessa situação.*

Não houve intervenção analítica. Mesmo porque alguns analistas que podiam intervir tomaram o lado da esquerda, e ficaram falando besteira. Frankfurt, por exemplo, misturou Freud com Marx, como se fosse possível.

- P – *Lacan também não era chegado à esquerda, a Mao Tsé-Tung?*

Lacan andava com a patota de Breton, Dalí, etc., mas do lado da loucura, e não da esquerda. A China é coisa de Jacques-Alain Miller. Lacan não cabe na esquerda ou na direita.

- P – *O primeiro Manifesto de Breton é de inspiração freudiana, o segundo já é marxista.*

Breton foi falar com Freud, mas Freud não se interessou muito. Disse que conhecia mais Dalí, que era onírico.

- P – *Seguindo essa cronologia, temos, em 1975, a fundação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, que, desde os anos 1990, é um departamento da UniverCidadeDeDeus, onde estamos agora.*

São quarenta e quatro anos de existência. Na época, quando eu apresentava o pensamento de Lacan aqui no Rio, ele era maldito, me jogavam pedra. Em meados dos anos 1990 mesmo muitos que diziam odiá-lo passaram a se dizer lacanianos. Ele teve sucesso, de mercado sobretudo.

- P – *E nessa polarização esquerda / direita, o Colégio era uma terceira via. Ele teve uma função de vanguarda para aqueles que não se encaixavam em nenhuma das duas.*

A barra foi pesada, não me deram colher de chá.

- P – *Hoje, quanto a essa polarização, a situação da psicanálise está bem complicada. Há pouco, um psicanalista famoso afirmou nas redes sociais, que “após Freud, durante muitas décadas do movimento psicanalítico, a psicanálise se colocava numa posição de espécie de subjetividade neutra, acima do bem e do mal, uma espécie de universal que pudesse ignorar as contingências sociopolíticas e éticas, digamos assim”. Continua: “Acho que a partir dos anos 1980-90 até agora, de uma maneira crescente, uma parcela pelo menos do movimento psicanalítico não pode mais ignorar uma reflexão e uma prática mais importante da psicanálise onde a consideração das dimensões sociopolíticas da subjetividade está em pauta”. Penso que a psicanálise jamais ignorou dimensão sociopolítica alguma, pois esta sempre compareceu na clínica.*

Compareceu como sintoma a ser analisado. E justamente a posição que a psicanálise pode exigir para si, ao contrário do que foi dito por ele, é a de insistir na Neutralidade de que Freud fala, na Indiferenciação como possível entendimento da atual situação de polarização que se vê por aí.

Não temos que nos preocupar, pois esse tipo de discurso não vai a lugar algum que preste. Foi o que eu disse que acabou lá nos anos 1980. Trata-se, sim, de instalar o Indiferente. Mas o que mais temos é gente tipo Zéjeca que fica supondo que Lacan é Kojève. Lacan acompanhou o seminário de Kojève, mas pouco tem a ver com aquilo. Zéjeca escreveu um grosso livro sobre Hegel sem considerar que, este, é antes de mais nada a anti-análise por excelência. Leiam-no para ver. E hoje completamente defasado. Aliás, Hegel escreveu um texto muito bem feito sobre *Estética*, em que trata do sistema das artes. Está tudo arrumado, encaixotado ali. Nada há fora da caixa. Só que, depois, a arte degingolou e não cabe em caixa alguma. Ele quis criar o *Estado* da arte. Freud morria de rir daquilo. Assim como ria de Marx.

• P – *O que aconteceu no Brasil nos últimos cinquenta anos é uma modalidade do que aconteceu no planeta, um estertor de Terceiro Império. Neste sentido, é no mínimo curioso pensar que o comunismo emergiu e se difundiu sobretudo em países cristãos: Itália, França, Cuba, Chile, Brasil.... A emergência na União Soviética certamente está relacionada à Igreja Ortodoxa, muito forte lá.*

No fundo, o comunismo é a caridade – a *Caritas* – virada guerra. Trata-se de impor a caridade de maneira estatal. O início está em Constantino que, diante do Império Romano se desfazendo, com os pobres tornados cristãos contagiando a classe média e chegando aos patrícios, enxerga uma cruz no céu. Espertíssimo ele. Até hoje, o Vaticano é o micro Império romano. E tudo isso é problema de **leitura sintomal**, faz parte de nosso trabalho. Cristianismo e comunismo têm uma imposição no sentido da salvação.

• P – *Leitura sintomal pode ser definida como: levantamento, descrição e acompanhamento das transas das formações?*

É leitura do sintoma: passar a limpo, procurar minimizar, buscar os denominadores comuns. Vê-se, então, o sintoma com clareza. Em análise, destaca-se o sintoma do analisando.

- P – *Nessa linha, como pensar sobre o capitalismo?*

Conforme Lacan ensinou, o capitalismo é a exploração do homem pelo homem, e o comunismo é o contrário. O capitalismo é irreduzível. E conforme também disse Lacan: o Inconsciente é capitalista. O funcionamento espontâneo do Inconsciente é no regime do capitalismo. Na melhor das hipóteses, o possível é freá-lo, colocar-lhe rédeas, conduzi-lo. O funcionamento da espécie, e talvez do universo, é capitalista.

- P – *O que seria, então, a instalação da psicanálise com a Indiferenciação no social?*

No social, jamais! O social é sintomático. A Indiferenciação diz respeito ao pensamento psicanalítico. Isto, para considerar, entre outras coisas, o social. Sua reflexão sobre o que acontece no mundo – busca de justiça, de equidade (e não de igualdade)... – vai no sentido de um estado laico e coerente (com um mínimo de desgraça, de sofrimento).

- P – *Mas, no social, não há que tomar posições?*

Quanto ao social, nossa posição é psicanalítica.

- P – *Quanto a essa pergunta sobre o capitalismo, é preciso levar em conta que, para a NovaMente, ele é também um modo de produção de Indiferenciação.*

Sim.

- P – *O valor é um elemento esclarecedor nessa consideração. Ele é particular a cada um. Trata-se sempre da formação à qual damos valor.*

Valor é o que se aplica a uma formação. Aplica-se valor a uma formação. Onde estar errada toda opressão no sentido de equalização. Por isso, falo em Diferocracia. O outro é idêntico a mim enquanto participando da mesma loucura. Os outros não são meus iguais, são meus diferentes – e meus idênticos. Igual não é da ordem da HiperDeterminação, e sim da ordem do Primário e do Secundário. E jamais encontraremos o igual. A ideia de igualdade é uma redução idiota. O respeito absoluto pelo outro vem de sua singularidade. É o que chamei de *Vínculo Absoluto*. Em algum lugar, somos todos o mesmo. Na performance, somos todos diferentes. As formações de cada um não são as mesmas. Há muitas cujas subformações são as mesmas, mas o conjunto não

é a mesma coisa. Onde me encontro com o outro? Na tentativa de aproximar formações que se encaixam. No sexo é igual. Não se tem tesão em qualquer um.

• P – *Não se pode confundir valor com preço.*

Ouvi recentemente alguém falando sobre o preço atual do *Abaporu* da Tarsila. Dizia ele que o preço estava certo porque vale. Vale o quê? Nada! Para quem? Para quê? Como? Onde? Em quais circunstâncias? Mas há um mercado que está usando arte como moeda, como forma de acumulação de bens. Não se pode confundir isto com o valor do trabalho do artista.

• P – *Cabe lembrar que o axioma que está na base de entender o Inconsciente como capitalista é a Pulsão ser movimento de apropriação. Se deixar solto, ela se apropria, aufere lucro.*

Se deixar solto, comemos todo mundo. E a pulsão é idiota: ela quer mais e mais – para morrer. Ela quer tudo – e tudo é a morte. Não se pode segurar um movimento que é espontâneo. Isso não é Secundário, e sim do Haver. O Haver é assim e estamos absolutamente submetidos. Quantas seitas, religiões, partidos, etc., tentaram eliminar isso? Tomem algum monge católico ou budista querendo eliminar o tesão, e não estranharemos se soubermos que estavam lá transando com crianças. Notícias sobre isso são inúmeras.

• P – *Quem faz o crime não é a lei?*

Se sabemos que, na ordem do Secundário, a espécie inventou a lei para estabelecer o crime, o psicanalista não pode escutar crime na fala do analisando. É isto que se chama Indiferenciação e Neutralidade. Diante de qualquer barbáridade dita, cabe ao analista entender a sintomática, esclarecê-la e, se possível, intervir no sentido de o analisando estabelecer uma relação adequada com seu sintoma. Ao analista cabe analisar, *e não*, chamar a polícia. No máximo, pode dizer a verdade na cara do analisando. Não se trata de concordar, e sim de buscar o que é possível fazer com aquilo ali na lida analítica.

• P – *Você já falou em suspensão do sigilo.*

A suspensão de que falei foi *inter pares*. Se você considera o outro seu par, pode conversar com ele. Se não for assim, sequer existirá possibilidade de ensino, de supervisão em psicanálise. Como fazer a transmissão se entre pares há sigilo? Pode-se não mencionar nomes, apenas citar o caso.

• P – *Mas há o caso em que o analista interfere. Por exemplo, quando chama a psiquiatria para conter algum analisando em surto. Qual é o limite?*

Em situação comum, a pessoa está falando de seu sintoma e de suas coisas. É outro caso ver que ela vai perder as estribeiras. Alguém tem que segurar até ela ter condições de decidir se quer ou não.

• P – *Mas se ela disser que vai matar sicrano, não é também perder as estribeiras?*

Não. Uma das formas de se viver é matar os outros. O limite a que você se referiu diz respeito a momentos em que o analista não sabe o que o outro vai fazer. Uma das coisas que a espécie faz é matar, e mesmo matar-se. A ponderação a ser feita será sempre no sentido de o analisando continuar o discurso, continuar a análise. Enquanto for possível, vai-se intervindo, mas há momentos em que não dá mais. A pessoa tomou a decisão e ponto final. No que tomou a decisão diante do analista, isto significa que mandou a transferência às favas. Sua transferência a partir de agora é com a morte. Quantas vezes a análise gora por nada? A pessoa dá uma desviada de cabeça, corta a transferência e vai embora. É problema dela, e não do analista. Se continuasse vindo, conversariam sobre aquilo que estava ocorrendo com ela. Além disso, temos que saber que todos, no fundo, têm um limite para a sobrevivência. Infelizmente, vivemos numa sociedade e num estado que não oferecem condições de cair fora. Era preciso haver condições suaves e bacanas de irmos embora. Basta lembrar que suicídio é crime (vai-se colocar o cadáver na prisão?).

• P – *Se as instituições psiquiátricas também são policialescas e é preciso manter a Indiferenciação, qual diferença há entre internar e denunciar?*

A diferença está no caso. Alguém perdeu as estribeiras e precisa de alguma intervenção de contenção, seja psiquiatria ou o que for. A contenção pode ser apenas um remedinho. Já a denúncia pode mesmo ser um modo de o analista fugir da pressão do que lhe está sendo trazido e continuar seu trabalho de modo menos preciso. Há que pensar sobre isso tudo com muito cuidado, são questões delicadas. Saibam que o analista enquanto tal não é um cidadão. Ele é de fora, não é daqui. A transferência é soberana. Se alguém aceitou estar no lugar do analista, que aguentar o rojão.

17

• P – *A propósito de alguns pontos levantados sábado passado sobre a questão da Transferência, gostaria de pensar, retomando coisas que você já disse há tempo, que o vivo é vincular e não há como sair dessa condição. Quanto a esta nossa espécie, quando uma pessoa vai para a análise, exacerba-se a condição vincular...*

Temos que fazer certas separações. A condição vincular não está necessariamente associada à *Transferência*. Esta ocorre quando alguém faz a suposição, às vezes sem conhecer o analista, de que pode recorrer a alguém porque alguém *sabe*. Daí Lacan ter chamado a transferência de Sujeito Suposto Saber. A NovaMente não trabalha com sujeito e entende que a transferência acontece em diversos lugares. Vai-se ao médico, por exemplo, acreditando que ele saiba curar. Transferência tem a ver com o saber do outro. Portanto, se não for feita a suposição de que tal outro sabe e pode – lembrem-se de que, segundo Foucault, saber e poder são o mesmo – resolver algo meu ou de mim, não haverá transferência.

• P – *Esta não é uma situação ampla, geral e irrestrita no social?*

Não. Em quantas pessoas você confia, digamos assim, para saber lidar com você?

• P – *A criança acha que pai e mãe fazem isso.*

Isso é passado. Minha pergunta se refere a hoje. Repito, quais pessoas você supõe hoje que sabem lidar com você?

• P – *O analista.*

Assim até eu posso responder. Mais quem?

• P – *Alguns autores. Espinosa, por exemplo.*

Espinosa é livro. Podemos nos ligar a milhares de livros, mas não é transferência, pois eles não podem pessoalmente fazer intervenção alguma para nós. Além do mais, estamos lendo, interpretando um texto. Não há transferência com Espinosa. Há, sim, admiração, possibilidade de adotarmos o texto, etc.

- P – *Tenho transferência aqui nesta instituição.*

É algo possível. Você falou da criança. Quanto mais se adquirem saberes e poderes, as transferências vão desaparecendo. Isto a ponto de, às vezes, chegarmos a um momento em que não conseguimos mais achar possibilidade alguma de transferência.

- P – *Não supomos saber a ninguém?*

Quanto a mim, depois de Lacan, não tenho condição de aceitar transferência de ninguém. O defeito certamente é meu por não admitir que ninguém mais tenha essa competência. Não pode me passar pela cabeça que procurarei alguém. O que fazer se acho a pessoa inferior? Inferior até a mim. Aí, fica-se sozinho.

- P – *No movimento de uma análise, isso é algo a acontecer?*

Sim.

• P – *Você já questionou bastante o conceito de transferência em Freud e em Lacan. Isto, mesmo quanto à sua abrangência. Em A Natureza do Vínculo, de 1993, de modo bem genérico, você coloca a dimensão transferencial do vivo. Por que agora você está fazendo essa precisão de raciocínio ao dizer que a análise é a transferência de a pessoa supor em outra um saber?*

Porque este é um denominador comum em todos os casos. Nós chamamos de suposição de saber, mas a criança olha para os pais e supõe que eles são tudo, que podem dizer e resolver tudo. Isto é suposição de saber. No caso de namorado ou namorada também se supõe – bobamente, aliás – que ele ou ela sabe nos fazer felizes.

- P – *Pensei que você fosse dizer “sabe nos fazer gozar”.*

Você tocou no ponto correto. São coisas puramente funcionais. Os casos transferenciais têm um denominador comum, que é certa entrega: o outro é que sabe. Se alguém é colocado no lugar de saber, este tem condições de invadir, de fazer o que quiser. É o que fazem nas igrejas, etc. Quando Chicão aparece na janela da Praça de São Pedro, no Vaticano, aquela multidão que lá o aguarda está fazendo o quê? Está dizendo que ele é quem sabe, que ele é quem fará o mundo feliz.

- P – *Mas isto já não é uma crença na figura divina?*

Sem transferência, nem crença há. Conhecemos alguma crença que não passe por ninguém? Por isso, disse que, quanto a Espinosa, não é transferência. Pode, sim, ser transferência com algum professor que nos tenha apresentado Espinosa. Ou seja, não se faz transferência com Jesus Cristo, e sim com alguém que nos disse para olhar para Ele. Mediante uma transferência, aponta-se um lugar de salvação, ou seja, de saber e, se a pessoa passar a frequentar e assimilar aquilo, virará uma crença enorme. Repito, não se entra aí sozinho, e sim através de alguém. O problema fundamental da humanidade é que, sozinho, não se vai a lugar algum.

• P – *E a análise é o laboratório em que isso se exacerba?*

Foi o que Freud descobriu: a análise é para se desmontar a transferência. Mas, como a pessoa fica sozinha, é muito difícil.

• P – *Você já mencionou que, aos dezessete anos, se deparou com Freud. Você foi apresentado a ele através de alguém?*

Meu irmão mais velho era médico. Quando ele estudava na Faculdade de Medicina, vim passar as férias na casa de meus pais. Uma noite, à mesa do jantar, ele comenta sobre uma nova disciplina de seu curso. Nela estudavam uma pessoa genial – era Freud – e citou algumas coisas que ele dizia. Achei legal, e a frase que me passou pela cabeça foi: “Esse cara pensa igual a mim”. Aí, fui procurar – e acabei pensando igual a ele. Vejam que sempre passa por alguma indicação. Sozinho, não se encontra nada. Isso faz parte da espécie. Ou seja, acreditamos mais no próximo do que supomos.

• P – *Você fez uma distinção entre transferência e identificação. Disse mesmo que você se identificava com Freud e que sua transferência era com Lacan. O específico da identificação seria o “eu sou” ou “quero ser” ele?*

É especular. Olho para a cara do outro e acho que sou assim. Não é que seja ele, e sim que sou assim. A transferência é outra coisa. Procura-se uma pessoa porque, por algum motivo, supõe-se que seja capaz de nos dizer.

• Aristides Alonso – *No final dos anos 1970, assisti a uma palestra sua na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro intitulada Transferência da Transferência. Você falava do processo demissionário nas escolas, por parte dos professores, quanto a assumir o processo transferencial que vinha dos alunos. Era uma demissão de assumir o processo transferencial como tal. Parece*

que hoje vemos uma espécie de criminalização da transferência nas escolas. No fundo do que se apregoa como crítica à escola há o sentido de uma escola sem tesão. Há também a suposição de que possa haver uma educação sem transferência, a qual seria exercida no âmbito familiar, por exemplo.

No mínimo, isto é imbecilidade. É tudo mentira, pois, no fundo, trata-se de trocar uma ideologia por outra. Estão na fase de dizer “isso aqui não” para, daqui a pouco, dizer “isso cá sim”.

• P – *Parece-me que está sendo encarecida a única transferência familiar.*

Só se for em algum grupinho daqui do Brasil. No planeta, em maioria, com quem se está fazendo transferência? Com o chamado *celular*. **O terror que está acontecendo é que o dispositivo móvel celular e seus conteúdos viraram a suposição de saber.** Pergunta-se tudo ao celular. Todos olhando para ele o dia inteiro. Fazem isto querendo o quê? Querendo para si o saber que lá está. Querem-no para se organizarem. O celular não é uma pessoa, mas, atrás dele, há sempre uma pessoa. Isso é o terror, repito. Não é simplesmente por serem viciados em celular – é transferencial: o celular é que sabe. Nele há uma multidão de informações e ele carrega esta multidão para o trato de cada um com ela. E isso é pessoal. Celular não fala sozinho, há alguém lá dentro falando. Se os próprios pais entregam celulares aos filhos, quem segurar esse processo pessoal? Digo que é um terror no sentido de ser *lesional*. Trata-se de uma lesão. O celular é quase um deus – e ele já venceu. O que fazer agora? Aliás, família também é algo lesional.

• P – *Qual é a diferença em relação ao livro? Nele, também não há uma ou várias pessoas falando? Então, por que não se trata de transferência em relação a ele?*

Quando, no passado, alguém pegava um livro, primeiro, ele era indicado, tinha-se a impressão de que nele havia um assunto que o interessava, ele tinha certa ordenação. O celular é o samba do doidão, é um caos. Através dele, as maiores barbaridades são ditas.

18

Segundo Lacan – e segundo Freud, um pouco – o sucesso de uma análise é alguém chegar a equacionar a **fantasia**. A fantasia funciona como uma equação. Não se trata de devaneios eróticos que as pessoas tenham no sentido do gozo. Estes são coisas que as pessoas ficam imaginando para gozar, e isto tem um leque muito grande. Esse leque todo é produzido por uma equação simples, a qual determina esses devaneios. Quase ninguém chega a esta equação em análise. A pessoa montou uma fantasia em algum momento, sobretudo da infância. Aquilo, como já está em Freud, é repetitivo. Na pré-adolescência, a pessoa monta uma fantasia e, depois, a reforça. Mas é algo puramente equacional. Como já disse aqui, é quase que um algoritmo, se não for mesmo um. Ao ser aplicado, rende muitos tesões, muitos gozos. Todos fazem essa operação. Retomando, é raro alguém, em análise, chegar a esse algoritmo. Sobretudo porque é tão íntimo, tão um tesouro pessoal, que a pessoa tem dificuldade extrema em abrir, em falar daquilo. Ela pode até enxergar e sacar o processo, mas, repito, é raro em análise a pessoa desenvolver seus devaneios eróticos até descobrir como se montou o algoritmo chamado fantasia.

O que acontece agora com a internet? Nela, as pessoas falam à vontade de seus devaneios – mas imediatamente *não há ninguém escutando*. No *setting* analítico, as pessoas têm extrema dificuldade por estarem perante uma pessoa. Acontece mesmo em certas análises já avançadas de o processo em presença estar demasiado emperrado, de o analisando não querer mais falar com o analista e, a partir de certo ponto, este lhe pedir que descreva por escrito o que se passa. Ele buscará ver se, mediante a escrita, fantasias fundamentais se apresentam, se o devaneio pode ser levado até secar. Tudo é muito parecido, mas trata-se de destacar o denominador comum que é a fantasia. Repetindo, é difícil, primeiro, a pessoa enxergar a fantasia atrás do devaneio, e segundo, poder falar disso como quem fala sobre culinária ou coisa do tipo. Alguém dizer que adora camarão é comum, mas dizer o que adora no sexo é difícilimo.

• P – *Para você, a fantasia fundamental é diferente daquela colocada por Lacan.*

A fantasia fundamental é da ordem do teatro. Ela é histórica, e não estrutural. Isto no sentido de que alguém, em sua vida, passou por certas coisas adscritas ao têsão, ao desejo, e teve um gozo tão excepcional com certo momento, com certa construção, que ele vira seu ponto de gozo. É o ponto G da alma. A pessoa não sabe, mas só goza por ali, só goza se a fantasia estiver em exercício mesmo que esteja se representando por outras narrativas. Quanto a mim, posso dizer que tenho clareza quanto à minha fantasia, é quase algébrica.

• P – *Ela é corporal?*

Passa pelo corpo, mas, como disse antes, é mais parecido com um algoritmo. A maioria das pessoas só tem devaneios, os quais são produzidos pela fantasia, mas não chega lá.

• P – *O não chegar lá se deve à amnésia infantil, aos dois primeiros anos, de que Freud falava?*

É bem mais tarde que a fantasia será construída. Ela é relacional. Freud falava em período de latência – coisa que não tive (ele chega a dizer que quem não teve é mais inteligente, ou seja, a sacanagem está solta desde cedo) –, após o qual aquilo volta com toda a força como método de produção de gozo e de têsão e aí fica. Quais ingredientes fizeram essa equação? Cada um tem os seus, é histórico. É uma pequena constelação de formações que fica lá para sempre e se exprime de muitas maneiras. Se alguém for meio estúpido eroticamente, ficará repetindo o mesmo devaneio. Se for solto e inteligente, aplicará aquilo no planeta.

• P – *É possível o exercício erótico de gozar de outro modo, escapulindo da fantasia?*

Não existe outro modo. Pode-se mudar sua expressão. É um chip que foi posto lá, não dá para trocá-lo. É um neo *imprinting*.

• P – *A fundação mórfica seria algo igual à fantasia?*

A fantasia faz parte das fundações mórficas. Estas são primárias e secundárias, com as quais teremos que conviver durante toda a vida. A cultura ocidental inteira esteve errada durante milênios por querer construir uma ideologia de comportamento em que todos caibam. Não cabem. Para a psicanálise,

é crucial saber que você não cabe na fantasia e tampouco no devaneio dos outros. Duas pessoas transando, uma nada tem a ver com a outra. Cada uma está gozando de seu lado. Se uma está se aproveitando da outra para projetar sua fantasia como devaneio, a outra está fazendo o mesmo – e uma nada tem a ver com a outra. É parecido com o que Lacan quer dizer com “a relação sexual não existe”. Só tenho a acrescentar que: ...mesmo assim, se fode muito bem. Daí que a pornografia é um dispositivo bastante didático por oferecer uma ampla visualização das possibilidades eróticas, o que pode permitir a descoberta daquelas que são as suas. Aliás, só nos interessa ver aquelas que são as nossas.

• P – *Em 1995 você se referiu à psicanálise como “aparelho da suspensão dos recalques”. Na época, você também relacionou o Inconsciente à noção emergente de hipertexto. Depois, cresceu muito a noção de ciberespaço, que parece ser a projeção computacional de um modelo freudiano do Inconsciente. Isto porque o ciberespaço é sem dimensão, sem tempo, sem não, sem morte, as formações nele descritas podem ser reversíveis, mas ele é construtível.*

É a descrição freudiana do Inconsciente. Quando se constrói qualquer coisa, empresta-se a ela uma configuração desses elementos. Configura-se o que não tem lá – tempo, espaço... –, simula-se sobre a neutralidade do Inconsciente. O que se faz quando sonhamos? Simulamos, chegamos a sentir, a ver, as coisas, as pessoas. É simulação como ciberespaço. Isto, um dia, será juntado num saber só. Os saberes estão fracionados, mas se juntarão no Saber Total daqui a uns séculos.

• P – *William Gibson chamava o ciberespaço de “alucinação consensual” – o que hoje chamamos de realidade virtual. Em termos da NovaMente, teríamos um espaço: de valetudo, de prática dos avessos, de suspensão dos recalques.*

O bacana seria conseguir fazer isso com você mesmo, com sua análise.

• P – *Seria entrar em imersão total e jogar como se fosse a realidade. A simulação suspende o prejuízo de uma ação considerada, por exemplo, criminosa no espaço externo. Ali ela poderia ser realizada sem afetar diretamente os funcionamentos na chamada realidade.*

Por isso, digo que precisamos desse tipo de saída. Só se poderá des-criminalizar diversos comportamentos se conseguirmos emprestar ao suposto

criminoso essa saída. Não há que ficar perseguindo as pessoas por terem certas práticas. Melhor é proporcionar saídas, pois elas não deixarão de ter essas práticas. Se as fantasias dessas pessoas se configuraram assim, que se lhes inventem possibilidades artificiais de exercício. Isto porque essas fantasias são construções psíquicas que têm sua história, que têm uma fantasia de base irrecuperável, que jamais mudará, e têm seus efeitos. Está errado transformá-las em crime. Podem, sim, ser transformadas em *proibição*. E, sobretudo, pode-se pensar no que produzir para satisfazer as fantasias dessa gente. Como as pessoas não gostam de pensar neste sentido, ficam no exercício da imbecilidade medieval de colocá-las na cadeia ou coisa do tipo. Nenhum tesão pode ser criminalizado. Trata-se de buscar meios de lidar com ele para que não se prejudique nenhum dos lados envolvidos. A ênfase da psicanálise não está no que as pessoas não podem fazer – pois efetivamente não podem ser abusivas –, e sim no que é possível fazer para lidar analiticamente a ponto de aquilo andar, tornar-se cibernético. Não há possibilidade alguma de determinar as produções de fantasia da humanidade. Mataremos todos os diferentes? Há coisas que não podem ser feitas. Se forem feitas, aqueles que as fizeram serão contidos de alguma maneira, e se procurará a solução. Há que achar solução, pois aquela fundação não é criminosa. A pessoa é *vítima* de seu tesão. Trata-se, para a psicanálise, de pensar no que se faz, historicamente, para, muito cedo na vida de cada um, destacar a configuração da fantasia da pessoa. É possível chegar a isso, a ver cedo numa criança que seu percurso está indo nessa direção. Não se conseguirá desmanchar a fantasia, mas se conseguirá orientá-la fora do regime da maldade. É algo para o futuro, não é para agora. O fato de ainda não termos recursos para realizar isto não é motivo para que o psicanalista não pense assim. Ele não é da polícia, do Estado, sequer é cidadão. Repito que, por enquanto, ainda vivemos no momento terminal de Terceiro Império, o qual fracassará e, lá na frente, após alguns séculos, por causa da própria tecnologia, isso tudo se transforma em saber e tecnologia.

• P – *Ainda quanto ao que foi tratado aqui semana passado, estivemos conversando sobre você ter dito que não cabe ao analista se meter, julgar, denunciar algo dito pelo analisando em análise. Retornamos à questão do limite. Por que caberia, então, recorrer ao psiquiatra, por exemplo, caso o*

analisando estivesse em vias de surtar? O que me pareceu esclarecedor foi você ter dito que, enquanto existir demanda da parte do analisando, o analista intervirá para mantê-la em jogo.

Enquanto ele estiver demandando, o analista lá estará para receber a demanda. E, se possível, transformá-la. Notem que não se trata de ameaçar o analisando de que o psiquiatra será chamado. Ameaça é coisa de mãe. Pode-se, sim, em caso de uma pessoa em surto, contatar alguém próximo e avisar que ela precisa ser levada à psiquiatria. É preciso dar uma segurada nela. E frequentemente não se consegue segurá-la. Há o caso concreto de um analisando em surto em que o psiquiatra foi chamado. Ele foi medicado. Era um rapaz brilhante e inteligente cuja mãe, com quem ele morava – o pai o recusava desde o nascimento –, era doída demais, aporrinhava-o o tempo todo numa situação de dominação radical. Em determinado momento, ele parou de tomar os remédios. Após algum tempo, veio a se jogar pela janela e morrer. O psiquiatra e o analista só depois vieram a saber que ele deixara de tomar os remédios. Quem segura isso? A transferência lá estava, mas, num momento insuportável, ele fez o que fez. Além disso, a psicose estava lá no fundo desde criança.

19

• P – *Em Pedagogia Freudiana (1992), você conceitua as Fundações Mórficas. No esquema lá apresentado, você coloca os traços mnêmicos, de Freud, antes das fundações mórficas. Isto porque estas dependem daqueles? As fundações mórficas não seriam anteriores?*

O que chamei de traços mnêmicos não é necessariamente do Secundário. Há um enorme arquivo de traços mnêmicos que vem junto com o Primário,

sobretudo etossomáticos. Freud é ambíguo, não fez uma radical divisão conceitual de Primário e Secundário quanto aos traços mnêmicos.

• P – *Freud falava em experiência de satisfação, que era particular a cada um.*

É o que também constituirá a *fantasia*, de que falávamos semana passada. Mas o que Freud está dizendo sobre os traços mnêmicos se refere a experiências da criança. E ao falar em fundações mórficas em 1992, referia-me a traços que já vêm inscritos, que já vêm na máquina. Eu deveria ter dado outro nome para não confundir. As fundações mórficas são essencialmente primárias, e se casam com formações secundárias. Elas já vêm praticamente prontas. Na melhor das hipóteses, do ponto de vista secundário, elas se acoplam a outros expedientes. A fantasia, por sua vez, é uma construção complicada, da qual as fundações mórficas fazem parte. Como disse, fantasia é um construto quase que lógico – não é só lógico, pois tem história – que passa a ser uma espécie de referente de cada um. Na linguagem contemporânea, passa a ser praticamente o algoritmo do gozo de cada um. Só se goza naquele algoritmo.

A confusão comum é entre fantasia e devaneio, que são conceitualmente diferentes. Devaneio depende da fantasia. Nele há expressões da fantasia. Podemos pensar sacanagens e até coisas abstratas – se formos matemáticos, por exemplo –, mas sempre estaremos usando a fantasia, a qual se estruturou em certo momento de grande satisfação, como diz Freud. O gozo que aí se dá não é necessariamente fálico, no sentido de Lacan. Pode ser Gozo do Sentido, como chamei. Quem avançou bem em sua análise conhece sua fantasia, sabe exatamente do momento em que esse gozo compareceu e carimbou. É como se fosse marca de gado. Aí virou uma espécie de *imprinting*, no sentido etológico. Uma espécie de fixação de um roteiro, que é o chamado algoritmo. Ela tem uma sequência e fica lá – infelizmente sofremos disso. A fantasia é uma coisa meio estúpida. Se não a fizermos proliferar-se, ela restará burra a ponto de ficarmos compulsivamente em cima sem variar, sem fazer aquilo falar outras línguas, outros devaneios. A mesma fantasia pode ser aplicada a muitos lugares. Pode-se fazer uma obra inteira, como grandes autores costumam fazer. Isso está solto aí no mundo.

• P – *Mediante análise de uma obra, é possível fazer uma construção da fantasia do autor?*

Freud, ao escrever sobre Michelangelo e Leonardo, estava procurando isso. Ele não achou, mas achou elementos capazes de endereçar para a fantasia. Mas não temos que pedir demais a ele. Falei sobre a fantasia ser um algoritmo, portanto ter uma sequência. Tomem um artista, não interessado em teoria, em psicanálise, em nada disso, e percebam o jogo sequencial presente em sua obra. Verão que não se trata de monomania, e sim de seu grau de disponibilidade de aplicação: um recurso básico que pode se expandir à vontade. Em algumas situações, a abstração chega à Tanatose. Caso de Rothko, em que a coisa fica tão absolutamente lúcida que a única coisa a fazer parece ser matar-se. Ele não soube retornar.

• P – *Podemos também fazer a construção do sintoma do autor?*

Aí é mais fácil. Até o estilo de cada um, seu interesse de assunto, é sintomático. A fantasia é mais difícil. Ela é mais atrás, mais profunda.

• P – *O texto de Georges Bataille, História do Olho (1928), seria a tentativa minimalista de explicitação de um roteiro?*

Bataille é bom nisso.

• P – *Como tratar a fantasia?*

Primeiramente, há que saber qual é. Coisa que as pessoas não sabem. Na maioria das vezes, funcionam quase que compulsivamente a partir de suas fantasias sem fazer ideia de suas fundações. A análise teria, talvez, como última instância de conhecimento, a explicitação da fantasia. Se alguém sabe qual foi seu momento de experiência de satisfação, como Freud chamava, se ele o rememora, se consegue deixar vir à tona sua montagem – a qual, como disse, é quase algébrica –, ele fica uma pessoa que só goza por ali, mas ali é muito abstrato. Portanto, tem uma infinidade de aplicações para a fantasia. Trata-se de cada um conseguir ter diante dele essa coisa mínima que é a sua constituição. Melhor dizendo, sua *constelação*. Qual é seu signo? Não estou falando de horóscopo, e sim brincando com a astrologia.

• P – *É na transferência que a fantasia se desvela para o analisando?*

Na transferência, ela tem boa chance para desvelar-se. Mas não é obrigatório que isto ocorra. Ela pode desvelar-se abruptamente para a pessoa. Se a

pessoa for, digamos, inteligente, e a fantasia se desvelar num acontecimento, ela elaborará e sacará qual é. Há isto em muitos escritores e artistas. O ruim é, desconhecendo-a, alguém tomar sua fantasia, aplicá-la em alguns devaneios e fazer esses devaneios serem repetitivos. Aí é neurose. Qualquer cavalheiro da média burguesia faz isso. Ele não tem educação psíquica para sair daí. Pior, ainda arroga a si ser o dono da verdade, afirmar o que está certo e o que está errado. Hoje, temos ao nosso redor exemplos claros disso. Ele faz a fixação de seus devaneios de algum momento, ou de seus devaneios regrados pelos, digamos o nome correto, cagarregras da sociedade, e quer achar que aquilo é a fundação. Não é.

• P – *Antes dos traços mnêmicos, o sistema límbico seria onde as primeiras marcações se dão, digamos, até um ano e meio de idade?*

Ali, elas não estão organizadas.

• P – *E o sistema límbico pararia de funcionar depois?*

Não para, fica funcionando na ignorância e, como é meio desorganizado, tem que se organizar. Lacan diz que o Estádio do Espelho ocorre quando a criança tem um ano e meio porque, antes disso, não há chance de organização. É esse sistema que vai constituir os traços mnêmicos. Aliás, em última instância, Lacan reduz qualquer traço à ordem do significante. Ele chega mesmo a falar em significante puro, coisa que não faço a menor ideia do que possa ser.

• P – *Há alguma particularidade de marcação da fundação mórfica quanto ao suicídio?*

Não existe suicida de maneira geral. Só há suicida singular. Portanto, só escutando a pessoa saberíamos sobre isso. Temos, por nossa formação ser assim, uma tendência intelectualista de tomar um tema e achar que tem uma constante de significação. Não tem.

• P – *É o vício das chamadas ciências humanas. Durkheim, por exemplo, em O Suicídio (1897), busca achar leis, tipos, uma constante social.*

Não há constante social. As pessoas se suicidam pelos motivos mais idiotas. Repito que a psicanálise vai na contramão do entendimento das ciências humanas. Ninguém precisa de mim para saber isto. Mesmo no regime do sujeito e do objeto, se tomarmos o modo como Lacan escreveu as fórmulas dos discursos em seu seminário *L'Envers de la Psychanalyse* (1969-70), veremos

que ele situa o discurso da psicanálise como avesso dos outros três. A psicanálise não é ciência humana, ela tem sua especificidade. O que não impede de existir grande quantidade de gente que se supõe psicanalista, mas que apenas faz ciência humana. Não têm a menor noção do que fazem. Freud já chamou a atenção para isto ao fazer a gozação que faz com a filosofia.

• P – *Há autores ditos psicanalistas que querem resgatar uma relação que Freud teria com a filosofia propondo que havia ambiguidade no que ele disse.*

A relação de Freud com a filosofia é simplesmente a de faturar suas soluções interessantes. Também faço isto. Interessa-me tudo que vem, se a solução é boa, pego.

• P – *Podemos mesmo dizer que muitas cisões, separações, nas instituições frequentemente ocorrem quando as pessoas se deparam com essa particularidade da psicanálise? Com a indiferenciação, a com-sideração, a impossibilidade de escuta com parti pris do analista, a avaloração...*

O valor está no que é trazido pelo analisando.

• P – *Nada normativo pode ser importado do mundo para a escuta das formações no setting psicanalítico. Quando supostos analistas estão contagiados por formações de referência mundana, o apontamento para a Indiferenciação causa comoções sintomáticas.*

A posição analítica é muito difícil de ser assumida. Por isso, a maioria, mesmo se dizendo em relação com a psicanálise, desliza para as ciências humanas, vira psicólogo. A diferença do psicanalista para com o psicólogo, como já disse, é que o psicólogo sabe tudo, e o analista nada sabe, tem que vir a saber.

• P – *Ambos reconhecem que há um limite. O do analista é a impossibilidade de dizer que “isto é isto”. Para ele, é caso a caso. Para o psicólogo, o limite está esteado em um fundamento cultural.*

Está mesmo codificado. Qualquer psicologia é codificada.

• P – *Temos aí o que você falou sobre os quatro discursos, de Lacan. O discurso do analista é aquele que, em relação a cada um dos demais, mostra seu limite e seu furo. Como sabe que nenhum deles fechará o sistema, recoloca o discurso em andamento.*

Como Lacan colocou o que chamava de objeto do desejo no lugar do agente no discurso do analista, não há como fechar.

• P – *Restritos aos três outros discursos restantes, o que temos são brigas sem solução quanto a seus fechamentos particulares. Cada um deles busca impor seu modo de verdade. Já o discurso do analista vai furando o tempo todo. Ele não traz um sentido, uma verdade final...*

Traz sim. Só que a verdade não é sabida, é descoberta. Em psicanálise, a verdade é importante, pois ela é aquela *lá*, sem fazer a menor ideia de qual seja. Ela que se diga. Não se tem um discurso que montou um aparelho de verdade para aplicar. Se o analisando não a disser, nunca saberemos.

• P – *E o que se coloca como verdade no discurso do analisando? Não é tudo nele que é verdade.*

Ele é cheio de mentiras o tempo todo. Não porque seja necessariamente mau-caráter, e sim porque não sabe. Mas, no processo analítico, na hora em que ele encontrar sua constelação, ela será absolutamente verdade. A verdade que ele tem para dizer é aquilo. Por isso, Lacan diz que você tem que passar a bem dizer *isso*. No que o analisando vai falando, vai depurando, um dia dá de cara com o que ele é. Aí terá dito a verdade. Como alguém tira todas as roupas que usa, uma por cima da outra, e fica nu diante do mundo? As pessoas estão falando seus saberes, suas informações, suas histórias familiares. Se forem sendo tiradas, jogadas fora, o que sobra? A descrição psicológica de uma pessoa é aquilo que o psicólogo sabe. A psicanálise vai jogando tudo isso fora, vai estranhando a história da pessoa. O que sobra? Sua família, por exemplo, se torna absolutamente não familiar. Ela pensa: “Que gente é essa?” Aí, então, encontra-se o que sobrar.

• P – *Lacan usa a analogia da cebola: vai-se tirando cada camada.*

Para ele, nada sobra. Não acho isto. A verdade é o que sobra de toda a discursação. Aquilo não se analisa mais, não é analisável. É da pessoa, é ela. Falando teoricamente – pois analiticamente não podemos saber – é parecido com a pura simples posição de Haver. E isso é insuportável – ao mesmo tempo que é absolutamente lúcido. Em nossa vida, temos enorme quantidade de elementos de composição da nossa distração. Vivemos distraídos com o mundo, processando. A verdade não é isso.

• P – *O subtítulo do Ecce Homo (1888), de Nietzsche, é: “Como alguém se torna o que é”.*

Ele está falando disso. É pré-analítico.

• P – *Antes de elaborar, a pessoa pensa que a família é familiar?*

A análise torna tudo não-familiar. Passa-se a olhar aquilo como uma historinha de alguém. Suspende-se a ideia de pertinência àquele sintoma. Fica-se agora com *seu* sintoma. Nada é obrigatório em relação à composição de sua história. Aqueles que têm experiência, sabem que, numa análise levada bastante longe, é preciso passar a fazer o exercício contrário de inserir-se, de criar vínculos (pois eles não os tem). Eles estão fora.

• P – *Podemos dizer que muitas análises se interrompem justo porque as pessoas chegam a esse ponto e não o suportam? Percebem que há que ir nessa direção, o que é algo de certo horror.*

Chama-se: Solidão. Chamei de *Solitariedade* o processo de lidar com isso.

• P – *Há nesse momento a decisão de interromper a análise?*

Não é decisão, e sim: cagaço. É *fuga*. Aqui entre nós, que ninguém nos ouça, vocês já devem ter percebido que a análise é insuportável.

• P – *Não há também o caso de o analisando cair fora por perceber que o analista não tem estofa para ouvir o que ele tem a dizer?*

Sim. E fica evidente para o analisando. A não ser que seja pura denegação, coisa que não saberemos medir.

• P – *Você fala em solidão, mas me parece também que o analista funciona sob demanda. Se não o procuram, ou ele decide deixar de fazer certo tipo de atendimento – atender crianças, por exemplo –, ele pode ficar numa posição de demanda.*

Como sabem, não há que confundir demanda com necessidade. Você falou em atender crianças e me parece que as analistas notórias nessa área escapam pela tangente. Não conheci Françoise Dolto pessoalmente, mas conheci Maud Mannoni, vi alguns seminários seus. Mannoni monta sua instituição em Bonneuil, e Dolto faz seu programa de rádio, em que ficava educando as mães. Em seu livro *Un lieu pour vivre* (1976), Mannoni diz que, como não há solução, arranjemos um lugar para viver – esta foi sua saída. Lacan, em suas últimas

falas, dizia “*je ne suis pas Madame Dolto*”. Esse tipo de demanda mencionado na pergunta – o demandar a demanda – é o último bastião narcísico do analista. Aliás, quem suportará a ausência total de demanda?

• P – *Da outra vez, você falou sobre a transferência acabar. Há alguns analisandos que simplesmente somem da análise.*

Muitas vezes, são casos em que a transferência sequer começou, mesmo que lá estejam há bastante tempo. Há gente que fica anos delirando sozinha no consultório. Não tomam o analista como referência.

• P – *Esse delirar sozinho seria uma incompetência da pessoa?*

Se for incompetência, é o que chamam de psicopatia. Tomo a referência de Ramachandran para dizer isto. Não são poucas as pessoas que têm deficiência de neurônios-espelho. São mais numerosas do que supomos. Jamais farão transferência. Ou, se não, já têm uma psicose instalada que não se revelou como surto. O surto está ali, próximo, mas pode ficar lá o resto da vida. Há muita gente assim no poder.

• P – *Já lhe perguntei se era possível uma pedagogia da droga e do álcool. Você disse que não. Continuo perguntando: o movimento da compulsividade, que é o circuito previsível sem uma formação capaz de fazer a suspensão do uso, é da ordem da Morfose Progressiva ou da Regressiva? Ou não é possível generalizar, há que ser caso a caso?*

É caso a caso. Se não, ficaria fácil resolver. Há um autor daquele Quarto Grupo, de Piera Aulagnier, talvez François Perrier – o qual, ainda que tivesse nome de água mineral, era bebum radical –, que sugeriu uma formulação sobre o álcool: na repetição da bebida, a pessoa está produzindo transferência com a garrafa. Ou seja, a garrafa, o álcool, é que sabe dele, e não o analista. Vejam o quanto a situação fica difícil.

• P – *Você já trouxe esse raciocínio em seu Seminário de 1980, ao falar de O porre e o porre do Quincas Berro Dágua. O que me interessa agora é a compulsividade. Como interrompê-la?*

Toda compulsividade é um roteiro que não pode parar. Como quebrá-lo? Ainda que seja num pedaço? É muito difícil deslocar aí.

• P – *É o caso de, como acontece com os Alcoólicos Anônimos, impedir que comece, de evitar o primeiro gole?*

O AA não consegue fazer essa intervenção, no antes-ainda. Se a intervenção fosse válida, o resto acabava. Mas a série não acaba, o resto fica suspenso, recalcado pela situação. Por isso, é preciso ficar eternamente impedindo o tal primeiro gole. Quanto a mim, não trato de bêbado. Ou ele suspende a bebida, ou não o aceito.

• P – *Existem os grandes alcoólicos: Charles Bukowski, Omar Khayyam...*

Khayyam, este, é sofisticado. Há também Edgar Allan Poe, que, ao contrário de Bukowski, não deixa a bebida sujar sua obra. Fernando Pessoa tampouco.

20

• P – *Como entender a noção de resistência e sua relação com o recalque?*

Já lhes disse que toda e qualquer formação é resistente. Se não, não seria uma formação. Cada uma tem resistência maior ou menor, com tempo mais longo ou mais curto. Tomo sempre o conceito de *Conatus*, de Espinosa – que é mais claro que o de Freud –, para reforçar que, uma vez que há a formação, ela tende a resistir, tende a permanecer, faz força para ficar. A questão é sobre quando interessa e quando não interessa ser resistente? Estamos num mundo em que é preciso considerar qualquer conceito, qualquer ideia, em sua relativização radical. Na cabeça de Freud, resistência é algo ruim. Não é, depende da hora, do lugar. É ruim o corpo resistir? Sim e não, pois envelhecemos, ficamos doentes e, em alguns casos, demoramos demais para morrer. Freud tomou a ideia para dizer que a resistência em psicanálise é péssima, mas o conceito genérico de resistência é relativo. Por exemplo, em análise, não fossem as resistências do

analisando fazendo o tempo se esticar para conseguir dar solução a um sintoma, o processo ficaria muito louco para ele. Precisamos mesmo da resistência para sobreviver à nossa análise.

- P – *Por outro lado, não é preciso exagerar nas resistências.*

O que mais se faz é exagerar as resistências nas situações. O que é uma cultura? Quanto tempo dura? Quais movimentos e forças são necessários para haver nela um pequeno passo? Cultura é uma composição neurótica, uma composição Estacionária, como chamo. Hoje, por causa da queda dos parâmetros, as culturas estão mais fáceis, não são mais aquelas de antes, têm uma flacidez, mas, durante o percurso da humanidade, foi difícilimo haver qualquer passo, pois, ao adquirir determinado saber, ficamos com medo de perdê-lo e a situação piorar. O mesmo acontece na *história da psicanálise*: a resistência ao crescimento. Ela tem, digamos, cento e vinte anos, o que não é nada perto do tamanho de outras formações do saber. Vejam que ela já resistiu demais.

- P – *Você falou em resistência ao crescimento. Pensei em resistência à mudança.*

O que você pensou é mais geral, mas se a mudança for para trás? Não é o que estamos vivendo no Brasil? A fuga para trás – que nada tem a ver com o conceito de regressão na psicose – é alguém deparar-se com uma dificuldade qualquer e, como se fosse possível, voltar no espaço e no tempo. Ele apela para um sintoma anterior.

- P – *Freud, ao descobrir a resistência, abandona a hipnose. Ele entende que a resistência aponta para o recalçado.*

A resistência não só aponta para o recalçado como é recalcante. Falamos em recalçado e nos esquecemos do recalcante. Freud passa perto, mas não trabalha muito esses dois aspectos. É uma batalha de forças. Por que é difícil o recalque ser visto e, mesmo, operado? Porque há muitas formações segurando, produzindo o recalque. Em análise, não adianta colocar o dedo ali. Aliás, Freud, Lacan e outros dizem que, quanto mais se aperta ali, pior fica. É preciso ir pelas beiradas, demolindo devagarinho. Ao invés de ir sobre o sintoma, vai-se sobre alguma força recalcante que, às vezes, parece ser da maior inocência. É um dos motivos de a análise demorar. Ao percebermos, em um analisando, o sintoma, seu núcleo, etc., não há que mexer ali. Se mexermos, ou ele sai correndo, ou

piora. Parece estratégia de guerra, há que ir demolindo as forças recalcantes, as forças que garantem a estabilidade do núcleo. Por isso, numa análise bem-feita, o analisando acha que nada aconteceu. É comum ele achar que perdeu tempo, que jogou dinheiro fora. Ao tentar lembrar do que aconteceu, isso sumiu do processo. Quanto mais parecer que não é nada, melhor a análise. Isto porque, quando parece que não é nada, as resistências não tiveram tempo de funcionar. Se, por exemplo, apertarmos um botão elétrico de alta resistência, tudo para. Mas se, por fora, formos quebrando as forças recalcantes que trabalham para sustentar o recalque, veremos que cada uma separada não é tão forte assim. Aí entendemos a letra da música: “Onde está a Margarida? / ... / Ela está no seu castelo / ... / Mas o muro é muito alto / ... / Eu tirando uma pedra / ... / Eu tirando duas pedras / ... / Apareceu a Margarida / Olê, olê, olá! / ...” A Margarida aparece.

• P – *E quando aparece a Margarida não é um momento crítico da análise? Você estaria dizendo que há análises bem-sucedidas que não passam por esse momento?*

Não passam. E aí é que está o problema. Se o analista consegue ir desmontando as forças recalcantes, o núcleo duro de sustentação sintomática da pessoa vai ficando fraco, perdendo força. Ao chegar perto, ele ainda tem força, mas é muito menor, mais leve. Entretanto, como cada um tem sua história, como cada um é cada um, pode acontecer de, ao chegar perto, a resistência se tornar violenta. Neste caso, o analista tem a obrigação de cair fora. E mais, pelo que conheço, *a pior resistência é a erótica*. Aí, o analisando fica numa recusa radical. Há mesmo casos em que o analista se depara com: “Ou você transa comigo, ou vou embora da análise”.

• P – *Lacan ia às vias de fato.*

La porque era *ele* quem queria transar. Suponho mesmo que, se alguém fosse lá querendo, ele não toparia. Quanto a mim, não gosto de supor que possa haver transa sexual com analisando. Já Lacan era muito forte analiticamente, de tal forma que acabava de transar e continuava a análise.

• P – *Isto é claro na narração de Catherine Millot em seu livro La Vie avec Lacan (Paris: Gallimard, 2016): “Au cours de toutes ces années, mon analyse avec Lacan s’était poursuivie” (p. 102).*

Vemos, em seu texto, que ali há um negócio que não sai do lugar.

• P – *Ela diz que, um dia, Lacan lhe responde que: “Oui, il manque quelque chose”. Ela fica embaraçada, pois imaginava que se tratasse de algo a mais. Em seguida, ela se dá conta do desejo de ter um filho e se separa de Lacan, ainda que continuasse a vê-lo todos os dias (p. 103).*

O livro é interessantíssimo. Ela não se dá conta de coisa alguma, aquilo é *acting-out*. Ela queria ter um filho com Lacan? Ele deu a resposta correta a ela que estava pensando que era coisa demais: “Falta mais, você não chegou lá ainda”. Esta é, aliás, a burrice de certos inconscientes. Ao invés de perceber que falta algo no campo analítico, acha que falta ter um filho com o analista. Aí faz o *acting-out* de ter filho com outro. Ou seja, ela foi embora da análise.

• P – *E, segundo dizem, foi morar com uma mulher.*

Ela, que é de família tradicional, apenas se casou no nível dela. O que faltava? Isto, para vermos como, de repente, falha o processo, estraga tudo. Lacan estava certo ao dizer que nada havia de mais, que, do ponto de vista da análise, estava faltando.

• P – *Acho interessante e bonito o que ela escreve na primeira página de seu livro: “Je me sentais transparente pour Lacan, convaincue qu’il avait de moi un savoir absolu”.*

É o que Lacan chama de sujeito suposto saber. Mas vemos que há ali um fracasso.

• P – *Transar com o analisando já não é um fracasso?*

Não sei, depende do caso.

• P – *Há, no meio psi, a história de que não pode. Do ponto de vista da análise, essas coisas estão em aberto.*

Não há “não pode” em análise. Quanto a isto, Lacan tinha razão. Trata-se, sim, de quem está fazendo o quê, e com que competência.

• P – *Lembro-me de que ela narra no livro que, assim que Lacan ligava – podia ser de madrugada –, ela ia vê-lo.*

Lacan fazia isso com os analisandos. Ele era tão cara-de-pau que ia ao restaurante às duas da manhã, pedia o champanhe rosé de que gostava e ligava para o analisando ir lá falar com ele. Aliás, a pessoa de quem eu gostava mais, que sabia lidar com ele, era sua mulher, Sylvia Bataille (que fora casada com

Georges Bataille, com quem teve uma filha, a psicanalista Laurence Bataille, que era minha amiga, morreu de câncer). Se não gostasse de algo, ela metia a panela na cabeça de Lacan. Aliás, ninguém aguenta uma pessoa dessa que conseguiu ser mulher de dois caras excepcionais e ter uma filha com cada um. Numa recepção, sentei-me a seu lado para puxar papo. Ela me perguntou: “Vous êtes psychanalyste?” Respondo que sim. Ela me diz: “Je deteste les psychanalystes”. Minha saída foi dizer-lhe: “Moi aussi”. Aí conversamos, mas, antes, estava me expulsando dali.

- P – *O final da análise leva necessariamente à formação do analista?*

A formação do analista é outra coisa. A frase correta é: se a análise tem sucesso, inexoravelmente coloca o analisando no lugar do analista. Já tive analisandos, cuja análise foi boa, que, no finalzinho, contam-me um sonho e me diziam que o sentido estava na cara, pois já tinham visto a que ele se referia. Só me restava dizer: “É isso aí”. Mas só tenho a minha experiência para dizer isto. Cada um tem a sua.

- P – *Freud pensava a resistência como um mecanismo de defesa.*

E é um mecanismo de defesa. Se digo que toda formação resiste, portanto, a própria formação é um mecanismo de defesa. Retorno ao *Conatus*, de Espinosa, para dizer que a formação está se defendendo de qualquer tentativa de desmontagem. Ela quer continuar a ser o que ela é. Precisamos ir generalizando os conceitos, pois Freud, que estava começando, tinha todo o direito de ir devagar e costurando seus raciocínios.

- P – *O fato de uma formação ser resistência não significa que ela não seja necessária.*

É Cila e Caribdis, ou bate em um ou no outro. Como se passa do Mediterrâneo para o Atlântico? A grande resposta histórica é de Sidarta Gautama: o caminho do meio.

- P – *Há também a resposta de Ulisses.*

Ulisses estava brigando com as sereias, contra a sedução, e não com Cila e Caribdis. A ideia de Buda é passar bem no meio que dá certo.

- P – *Generalizando e relativizando o conceito de resistência, como você faz, a relação é com o processo inteiro de recalque. A resistência se*

apresenta tanto do lado das formações recalcentes quanto das recalçadas. A resistência comparece em toda essa agonística.

O recalcado precisa de alianças. Tomem um neurótico “virgem” de análise e o verão nitidamente armando suas resistências. Verão o núcleo sintomático e ele falando coisas que estão garantindo esse núcleo. Como disse, não há que mexer ali, e sim esperar. Depois, aos poucos, vai-se mexendo devagar.

• P – *O retorno do recalcado é um tipo de situação em que a resistência do recalcado ganha? Não estou falando da suspensão do recalque, e sim do recalcado retornando sintomaticamente como recalcado. É uma situação em que a resistência do recalcado prevaleceu sobre o recalque? É uma falha do recalque, como diz Freud?*

Não. A coceira é tão forte que ele tem que coçar. O recalcado incomoda, às vezes coça.

• P – *O recalcado não é uma insistência?*

Mas ele insiste enquanto recalcado. Às vezes, ele se exprime enquanto recalque. Vê-se isto com frequência nas pessoas. Em pessoas com um pequeno tique que comparece o tempo todo, aquilo, se não for problema neurológico, é retorno do recalcado. Aliás, ele retorna para todos. Todos nós passamos por isso.

• P – *Você já disse que pulsão de vida é resistência.*

Freud, mais tarde em sua obra, percebeu que não existe pulsão de vida. O que existe é a resistência.

• P – *Resistência é pulsão?*

Não. A pulsão vive contra todas as resistências. Ela tenta cair fora das resistências, só que não consegue porque a barra é pesada. Quando consegue um pouco, já vai para o *Guinness book*.

• P – *A pulsão é uma formação?*

Não. A melhor analogia é com uma *energia* permanente. É a *konstante Kraft* de que Freud falava. Para nós, chama-se *Tesão*. O *tesão* é permanente, mas sofre recalques violentos o tempo todo.

Retomando a questão do recalcado, pergunto: qual efeito recalcente, dentro de uma estrutura de Estado, pode ter um Stalin diante da União Soviética? O que acontece diante de uma configuração dessa imposta ao Estado? Podemos considerar a explosão da União Soviética como retorno do recalcado

e expressão dele? Aquilo caiu de podre, ninguém fez nada para derrubá-lo. Quem fez cair de podre? A Perestroika já é efeito do quê?

• P – *Parece que o processo passaria pelos Quatro Tempos das Morfo-ses Regressivas que você coloca em 2004: Composição, Estatuação, Catástrofe e Ruína.*

É assim que os Impérios desaparecem. É assim que a democracia morre. Não parece, mas é a mesma coisa. A democracia morre quando vira ditadura da maioria e cala a boca das minorias. Uma democracia não é a ditadura da maioria. Digo isto para percebermos que nosso possível entendimento do psiquismo está valendo para todas as circunstâncias, e não apenas para analisando de consultório.

• P – *Em 2018, item 37, diz você que o Revirão é o limite: “Temos que segurar pelo meio, sem ir muito longe na franja, pois do outro (mesmo) lado é o oposto. É para isto que serve o conceito [de Revirão]”. Se não segurar pelo meio, democracia vira ditadura.*

É preciso ter jogo. Sem jogo, morre. O Revirão é inexorável. Ele vai aparecer.

• P – *A queda da União Soviética, segundo alguns, se deu por terem se endividado além da conta com a corrida armamentista. Eles estavam sem tostão no final da década de 1980.*

Por que estavam assim se os americanos tinham dinheiro e participaram da mesma corrida? A maneira como geriram o dinheiro é suicídio. Quando não há jogo para curtir o outro lado de algum modo, o troço se mata. O que nos interessa do ponto de vista da observação do sintoma é verificar como teria chegado a esse estado de ruína. Poderíamos dizer que o chamado povo não aguentou a falta de jogo e se matou, isto é, matou a economia. O Inconsciente não perdoa.

• P – *E no caso chinês, o que teria permitido a emergência de um Mao Tsé-Tung?*

É sempre a mesma emergência: Mao Tsé-Tung, Hitler, Stalin... É a suposição de salvação. A situação está drástica, e aparece alguém que se apresenta como possível salvador. Ele vem com uma violenta transferência

como se fosse aquele que sabe salvar. Isso é fácil de entender. O mais difícil é quando vem a derrocada.

• P – *Comparativamente aos cinco mil anos de existência da China, o que pensar sobre os judeus?*

O sistema judaico, tão antigo quanto o chinês, tem a vantagem que uma China não tem. Como os judeus são perseguidos onde vão, eles se sustentam. Como o mal sempre está lá fora, eles têm que se garantir. A China está exposta a um Revirão que não acontece no caso judaico. Neste, a formação é sustentada pela oposição permanente. O outro lado sempre está fora, e não dentro. A coisa revira quando o lado de fora passa para dentro.

• P – *Isso mantém uma identidade?*

Sim.

• P – *Uma vez, você disse que a tecnologia está mudando a realidade.*

Realidade é algo muito relativo. Ela não só está mudando a realidade como está dissolvendo muitas formações. Quanto a isso, aliás, está tendo mais sucesso do que a psicanálise. Por isso mesmo, digo que as pessoas morrem de medo da tecnologia e correm para trás. Basta ver que Stephen Hawking, um dos cientistas mais importantes do século, alertou contra a tecnologia. Particularmente, contra a inteligência artificial. Isto porque, se a tecnologia for muito longe, adeus à nossa espécie. A espécie vai produzir sua própria evolução, que está parada por enquanto. E mais, se não acontecer algum cataclismo externo, o pessoal conseguirá construir. Suponho até que isto seja um truísmo do Haver. Fazemos, pois, resistência contra o truísmo do Haver. Vai ver que é assim mesmo, que esse é o percurso. A pulsão do Haver leva a isso. Enquanto espécie, pode ser que sejamos massa de manobra, inocentes úteis, uma etapa no processo que começou com o acidente de surgir vida. Sem um pouco de humildade, não nos damos conta disso. E qual Primário será necessário para que vigore a inteligência artificial? O Primário que contenha Revirão. A questão é saber como se instala o Revirão no computador. O Revirão permite considerar para cá e para lá. É o que o computador quântico tenta fazer. Se Stephen Hawking estava com medo do acontecimento, é porque achava que iria para lá.

• P – *O trabalho da análise, ao buscar o esvaziamento das forças recalcantes, é no sentido de permitir o Revirão?*

Permitir que se possa lidar com ele à vontade. Como sabem, chamo isto, diferentemente do recalque, de Juízo Foraclusivo. Se a pessoa não está com recalques funcionando contra o reviramento, ou ela pira, degradingola (se trabalhou mal a mente), ou, se trabalhou bem, ficará à vontade para escolher esse ou aquele lado. O que ainda acontece no planeta é não existir formação política alguma que seja revirante. São todas partidárias, partidas. Uma conscientização possível que a psicanálise fosse capaz de produzir, não sei se é, seria a de dissolver isso. Tomaríamos posições *ad hoc*. Em pontos que são necessários para que o país não vá à falência – a atual reforma da Previdência no Brasil, por exemplo –, os partidos não podem ser partidários. Mesmo divergindo, a consideração prevaleceria no sentido da necessidade geral. Não é o que acontece. Basta ver, na política, as formações religiosas que são, sobretudo, produtoras de ódio. O que as sustenta é serem contra o deus do outro. Os partidos são meros produtores de ódio. Se imaginarmos uma sociedade que tenha abandonado o partidarismo, as pessoas poderão ter opiniões, mas as soluções para os problemas seriam procuradas *ad hoc*, sem terem que ser de um partido ou de outro. Isto é algo que está longe de ocorrer. Talvez tenhamos que esperar chegarem os robôs para fazer isso. Esse animal que ainda somos é muito pobre, vagabundo – e muito resistente. Vejam a situação difícil da mentalidade psicanalítica que vê tudo isso cada vez mais claro. O que fazer? Mesmo a força sendo pequena, talvez o que haja a fazer seja preparar gente para abrir os entendimentos. Os demais discursos são exclusivos, a psicanálise é inclusiva. A moda é falar em inclusão, mas inclusão do quê? Do que o partido quer? Assim é fácil.

• P – *A produção da inteligência artificial supõe a inclusão do Revirão. Mas ele será usado? Pergunto isto, pois nós o portamos e nada garante que o usemos.*

A gente usa. Se não, ainda habitaríamos as cavernas. O Revirão funciona à revelia. Como, da caverna, chegamos aqui? Revirando. Diante de um *não*, algum maluco diz que não quer esse *não*, e coloca um *sim*. Será sempre um maluco a propor. Aliás, é maluco para os outros. Se mais de um faz, acaba a loucura. Por isso, é bom acontecer a mesma coisa em vários lugares ao mesmo tempo. A promessa do computador quântico é revirar. Uma vez colocada a

oposição, os dois polos estão valendo. Como fazer uma máquina que possa revirar e fazer escolhas?

- P – *Essa máquina não sofreria recalque?*

O recalque que ela sofreria seria sua dimensão própria, que, suponho eu, tem que crescer sempre. A máquina terá limitações físicas e seu processo deverá ter crescimento para algum lugar. Se há uma máquina que propõe as oposições e sabe fazer escolhas no momento, ela pode fazer algum cálculo mediano para escolher. Escolher naquele momento para tal problema. Os cientistas várias vezes passam por isso. Como a ciência frequentemente resvala, têm que escolher uma ou outra opção. Eles procuram uma adequação. Perfeita? Não, e sim a que é possível.

21

Tenho aqui o número 110 (2015) dos *Cahiers de L'Herne*, dedicado a Freud. Entre os vários artigos, interessou-me este, *Spinoza, Sigmund Freud et Romain Rolland*, escrito por Henri Vermorel e Madeleine Vermorel. Os autores fazem um levantamento das relações e correlações de Freud com os outros dois. E o que levantam é perfeitamente indicativo dos elementos que tomei para dizer, por exemplo, que *o estatuto da psicanálise é místico*. A leitura que fazem é a mesma que me permitiu dizer que o fundamento era este. Fiquei impressionado com terem conseguido arrolar a relação dos três com cara de Nova Psicanálise.

- Nelma Medeiros – *Em termos gerais, o artigo toma a via de Freud no Futuro de uma Ilusão (1927). É o Freud crítico da religião enquanto ilusão que ressoa o lugar por onde Espinosa também criticava a religião, chamando-a de*

superstição e de ilusão... Eles mostram que o pensamento de Espinosa é construído segundo uma ascese de entendimento na ordem mística do afastamento das formações. Também em Freud, na luta com sua análise, com a análise de modo geral, com o entendimento que conseguiu, há um percurso místico de entendimento desse mesmo lugar. Ao tratarem da correspondência de Freud com Romain Rolland, o lugar de Espinosa dá uma espécie de ambiência para os dois. E é também na ordem de um sagrado, de um intocável como chama a Nova Psicanálise, que temos a relação da Pulsão com o desejo de Impossível.

O que me interessou no texto foi que essa cabeça, esse ambiente mental que os autores apresentam, é a da fundação da Nova Psicanálise. Sem Espinosa, Freud não existe.

Trouxe também, à guisa de curiosidade, duas esculturas com o nó borromeano. Uma já tinha trazido, em madeira, que achei em uma feira de artesanato. É impressionante ver como o escultor pôde fazer, de um tronco, três pessoas abraçadas em nó Borromeu. Pior, foi esta outra que encontrei: uma escultura em mármore. Ambos parecem ter feito *per via di levare*, como diria Michelangelo: só foram tirando o excesso. Lacan aproveitou a lógica dessa topologia do símbolo da família Borromeu, na Itália, como representativa de sua estrutura de Real, Simbólico e Imaginário. O interessante da topologia desse nó é, como sabem, que, ao retirar uma das peças, as outras duas se soltam. É diferente do nó olímpico, que é uma cadeia de elos. Pode-se cortar um que os demais permanecem enlaçados. O nó borromeano me serve também, pois posso utilizar a mesma estrutura como Primário, Secundário e Imaginário. É uma lógica importante, pois, nesta nossa espécie, sem um dos três elos, os outros dois não funcionam. Isto, diferentemente dos animais que só têm dois, Autossoma e Etossoma. Não é um Borromeu, falta-lhes o Heterossoma. Aliás, alguém precisava ensinar isto a nosso atual Presidente.

• P – *Em seu seminário de 1983, Ordem e Progresso: Por Dom e Regresso, há uma seção intitulada O Globo da Morte, em que você trata dessa lógica borromeana.*

Vocês já viram o globo da morte no circo? Fiquei impressionado como as motos não batiam umas nas outras lá dentro – até descobrir que o percurso

era esse, que bastava substituir o por cima e o por baixo do nó por antes e depois dentro do globo. As motos não saem juntas.

22

• P – *Estávamos nos perguntando antes de você chegar sobre o que seria a Tanatose quando não é uma Morfose. Você disse que ela poderia comparecer em qualquer das Morfozes. Ela faz parte do pathos da Alei. Em 2003, você coloca a melancolia e o autismo nas Tanatoses. Depois, você tirou o autismo, por ele ser defeito do Primário, mas a melancolia estrutural está na Tanatose. Em outro momento, você diz que teve sucesso onde o melancólico fracassou.*

Tenho a impressão de que comentei essas coisas a propósito de um livro sobre a melancolia. Há gente que entra no processo da melancolia e não sabe sair. Isto porque se, por algum motivo nos dermos conta da Alei (Haver desejo de não-Haver), só poderemos conviver com ela na base da Criação. Se não, sucumbimos. Caso de Freud, que era melancólico demais. Lacan e Espinosa também.

• P – *No Sexo dos Anjos, em seu Seminário de 1987, há uma seção intitulada Delenda Melancholia. Lá você também fala da Alegria.*

A melancolia operada vira *Alegria*. Não se vai ficar indo contra o não-Haver. Ele não há, e quero que se dane. Muitos chegam perto, se dão conta de algo que significa isso, e sucumbem. Aí, acabou. Suponho que a terapia seja fazê-los *dizer* aquilo. Todo criador é melancólico.

• P – *Então, no caso dessa melancolia estrutural não seria uma Morfose?*

Seria o reconhecimento da Alei. Você está submetido a isso, queira ou não. O Haver está submetido a isso. Não tem saída. Como nossa espécie é muito doida, diferentemente dos animais – que, digamos, não fazem imediatamente noção de morte e morrem muito à vontade –, ela vive morrendo de fome, de sede, como dizemos. É uma morte permanente. É tomar noção da coisa mais radical que há no Haver, que é o nosso desejo de não-Haver, o qual buscamos ludibriar de várias maneiras. E quanto mais ludibriamos, mais morremos. No sexo, por exemplo, quanto mais se goza, mais se morre. Há mesmo aqueles que fazem o esforço para suspender o gozo.

• P – *Então, a Tanatose não é patológica?*

Se ela for um *pathos*, será um *pathos* do Haver. Não é algo que alguns têm, e sim algo com que todos têm relação. Daí, inventarem várias maneiras de sair disso. Se alguém entra num contágio muito grande com isso, como disse, ou você sucumbe ou cria, isto é, diz isso de alguma maneira. Há mil maneiras de dizer em todos os campos da produção humana. Isso aparece com nitidez nas religiões, nas soluções que dão para a morte. Zoroastro – o famigerado *Zaratustra*, de Nietzsche, que não tem a ver com o verdadeiro – foi aquele que inventou a sobrevivência, que trouxe a ideia de outra vida após a morte, a qual foi tomada por várias religiões. É uma maneira de cair fora da melancolia, de prometer onze mil virgens aos muçulmanos, de ir para o céu...

• P – *Isso não é uma denegação da morte?*

Judaísmo, cristianismo e religiões correlatas compraram a ideia de Zoroastro. Já quanto ao budismo, fico na dúvida, pois Buda não é burro. O pessoal que fez dele uma religião é que é meio estúpido. Para Buda, há reencarnação – a pessoa se repete (para baixo ou para cima, dependendo de seu comportamento) –, e não vida após a morte como em Zoroastro, que inventou uma denegação de alívio para as pessoas.

• P – *O Zaratustra, de Nietzsche, seria uma paródia...*

Você é a primeira professora de filosofia que chama de paródia. Os demais que conheço dão aula sobre o *Zaratustra* como se aquilo fosse sério. Nietzsche é terrível. Na base da gozação, diz tudo. *Ridendo castigat mores*, de Jean Santeuil, é uma boa expressão para isso. No Egito, não há alma, céu ou inferno, guardavam-se as múmias das pessoas importantes porque iriam retornar,

o que é uma espécie de prévia da ressurreição dos corpos no cristianismo. José Régio dizia: “...mas eu, que nunca principio, nem acabo, nasci do amor que há entre Deus e o Diabo”.

A Tanatose não está inscrita nas Morfofos, que, na verdade, são paralisias do fluxo de cada um. A Tanatose, esta, é do Haver. Você cairá, ou não, dentro desse buraco. Há várias maneiras de uma pessoa exercer sua relação com a Tanatose. Por exemplo, a vontade de matar, de aniquilar...

• P – *O suicida seria um Morfótico Regressivo?*

Não. Ele é um horrorizado. Se a pessoa não souber transformar o horror em alegria, estará ferrada. Aí é que está a grande lição de Espinosa. Está fazendo o quê aí? Ou se mata, ou ri.

• P – *As quatro vias régias de aproximação do Cais Absoluto: o erotismo do espírito; a mística do sexo corporal; o eroto-misticismo da impartição da morte; e o eroto-místico-morticínio da criação do conhecimento –, que você traz em 1996, são exercício da Tanatose?*

Sim. São um exercício que todos cumprem à revelia de sua ignorância.

• P – *Nossa dúvida era sobre a Tanatose poder ser tratada ou não como Morfofose.*

Não. Pode-se, sim, conversar com as pessoas sobre isso.

• P – *Quanto aos criadores, você menciona Rothko, que buscou o preto absoluto em sua pintura e se matou. Ele conseguiu?*

A obra não foi suficiente. Acho que não conseguiu. Se conseguisse, não se matava. O preto absoluto não existe, é impossível.

23

- P – Ao apresentar a Patemática, em 2003. Você faz o seguinte quadro:

As Morfofos (ou PsicoMorfofos)

1. (P) = PROGRESSIVAS

(+P) = Positivas (Perversões)

(+P+) = Ativas (sadismo, exibicionismo, etc.)

(+P-) = Reativas (masoquismo, voyeurismo)

(-P) = Negativas (Fobias)

(-P+) = Ativas

(-P-) = Reativas (atos contrafóbicos)

2. (E) = ESTACIONÁRIAS (Neuroses)

(+E) = Positivas (Histerias) (por ser + foi considerada fundamental)

(+E+) = Ativas

(+E-) = Reativas

(-E) = Negativas (Obsessivas)

(-E+) = Ativas

(-E-) = Reativas

3. (R) = REGRESSIVAS (Psicoses)

(+R) = Positivas (Paranoias)

(+R+) = Ativas

(+R-) = Reativas

(-R) = Negativas (Esquizofrenia) (não há sem paranoia anterior ou concomitante)

(-R+) = Ativas

(-R-) = Reativas

4. (T) = TANÁTICAS

Tenho dificuldade em entender o que você chama de “Reativas”, sobretudo nas Morfofos Progressivas e Regressivas.

Uma coisa é a ação sobre alguém (ativo), outra é provocar a ação em alguém para que aja sobre mim (reativo). O sádico e o masoquista são os casos exemplares. O que interessa são os vetores da ação. Se dois machos estiverem transando, nossa cultura dirá que aquele que mete é ativo e o outro é passivo. Será? Quem está comendo quem? As mulheres dão ou comem? Elas devoram os homens, e estes ainda dizem que as estão comendo. É um sintoma machista.

• P – *É sempre preciso ver caso a caso como a pessoa montou seu modo de interação erótica. É lá que se verá se ela entra pelo vetor ativo ou pelo reativo.*

Em todas as situações, inclusive as de clínica, há que observar se a pessoa está sendo ativa ou reativa.

• P – *O Morfótico Regressivo entra na transa? Parece que nem entra, aquilo é uma cola violenta.*

Aí estamos tomando a pessoa já pronta, que já teve formatura, diploma de maluco. É preciso observar em sua história como o processo se montou, como ela lá chegou. Pode ter chegado de maneira ativa ou reativa.

• P – *Ativo ou reativo são traços básicos da fantasia de uma pessoa?*
Sim.

• P – *Fica parecendo que, na verdade, ambos os casos são ativos.*

A rigor, é sempre ativo. Mas como a demanda passa pelo outro, aquele que promove a ação sobre ele, o reativo, precisa que dê certo. A pessoa ativa faz, e pronto! O reativo tem que contar com a sorte. O modo é importante, pois há pessoas nitidamente reativas, estão sempre provocando o outro para que este lhe dê algo. Elas não vão à luta. São parasitas que ganham a vida na provocação do outro. Inventam um processo para o outro cair nele. Vejam que é diferente de um assaltante que chega exigindo que o dinheiro lhe seja entregue. Por outro lado, há parasitas que passam a vida, desde bebês, provocando a mãe.

• P – *Como seria um paranoico reativo?*

Ele provoca o outro para se sentir invadido. É comum, na clínica, a reclamação de que o outro fez tal coisa a uma pessoa e a análise mostrar que foi ela quem provocou o outro a fazer.

• P – *Ao final de Dom Casmurro, de Machado de Assis, Bentinho termina com um conselho: “Meu caro leitor, não tenha ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprendeu contigo”.*

Capitu fez muito bem ao fazer o que fez. Guerra é guerra.

• P – *Quanto a ativo e reativo, você já fez a consideração sobre, num assassinato, aquele que matou poder ter sido a vítima.*

É preciso sempre buscar saber quem agiu diretamente e quem provocou a ação no outro.

• P – *Sabina Spielrein, a inventora da pulsão de morte, tinha um pai que lhe batia muito. Quando transou com Jung, pediu que ele lhe batesse para ela gozar.*

É frequente mulheres terem um problema sério com isso – homens têm dois problemas por causa disso... Elas têm um problema na relação com os homens. Está em Freud e em Lacan que as mulheres são doidas e os homens estúpidos (estes têm grande dificuldade de digerir o processo durante a transa com as mulheres). Lacan diz que nem todo homem é homem, é mulher também, aí fica por conta da experiência de cada vez... Mulheres – digamos, aquelas que funcionam no regime lacaniano do não-todo (pode até ser um homem) – não têm limite. Passam do limite e o tal homem, como é estúpido, sai para a porrada. Mesmo quando é explicado a elas sobre o limite – ainda falta. É o que mencionávamos da outra vez sobre Catherine Millot, a quem Lacan disse que estava faltando. Ela estava reclamando do quê?

• Nelma Medeiros – *Se pensarmos nos termos do Creodo Antrópico, suponho que seja possível verificar a existência de formações sintomáticas assentadas em funções sociais que fazem o cenário para essa leitura. É fácil confundir a composição da ordem da hegemonia das formações em jogo com a lógica do Creodo, que é mais abstrata. Quando confundimos os lugares atribuídos aos chamados homem e mulher a leitura da situação se complica. Na inserção das mulheres no quadro do dito patriarcalismo, característico do Segundo Império – em que a ordem metafórica da paternidade está começando a gerir os processos no sentido da passagem de Primário para Secundário –, a maternidade parece ser uma formação que captura esse sem limite de que você está falando e se coloca num lugar intocável. Ela entra no jogo como um valor*

de troca com a ordem metafórica. Se o comando metafórico das ordenações é do pai, é ainda passagem – o filho é do pai pela mãe –, as mulheres ficam com este papel de mãe supervalorizado. Papel este que passa a ser o vocalizador, a formação eloquente, desse sem limite, pois, afinal de contas “a mãe sou eu”.

Temos isso nítido na aristocracia, na passagem dos poderes. Basta ler Shakespeare.

• NM – *Quanto ao sem limite, você trouxe um raciocínio da ordem da sexuação, dos estilos, o que é algo abstrato. No exercício do que não tem limite, a outra formação, que é seu avesso, acaba entrando como limite. Então, acompanhando o Creodo de nossa espécie, também sexuada e que tem seu Primário com esse comprometimento reprodutivo, nos deparamos com uma situação bem complicada. As formações assentaram certos poderes que entram como conteúdo de cena dessa lógica do Creodo. No que os sociólogos nomeiam como patriarcalismo, e que situamos no Segundo Império, estamos na situação de passagem e de oscilação entre o Primeiro e o Terceiro Impérios. A luta das formações é entre sua hegemonia ir para o Secundário ou ser arrastada de volta para o Primário. Esse momento, historicamente em termos psíquicos, não é a possibilidade de reconhecimento de que o Secundário, a emergência da ideia de paternidade, pode ser a formação de gerência das transas? Assim, conectado à questão da reprodução da espécie, qual é o grande valor de confronto, ou de luta, que tem a mulher com a ordem metafórica da lei? Ser mãe! Ela, que é a mãe do filho do pai, e cuja maternidade é um valor chamado pelo Primário. As ditas mulheres, com um Primário que é uterino, que gesta e pare, entram na transa psíquica se colocando como esse sem limite de que você está falando.*

É a chamada mãe de Deus, Nossa Senhora.

• NM – *E eis algo que está presente na ordem erótica, que, esta, poderia ser bem mais leve do que é. Nas mulheres, isso se cruza o tempo todo, elas endoidecem e os tais homens ficam putos com a situação. E mais, os filhos também são educados assim. Como desfazer isso?*

Só a análise para desfazer. A mãe é um caso do Reativo. Ela não está disputando nada nessa situação. Simplesmente, colocaram um poder em suas mãos – por causa do chamado filho.

• P – *Na cultura, o único poder dado à mulher é o de ter útero e ser mãe?*

Não. É o de puta, de namorada... Ela vira mãe quando quer subir na vida. No harém, já era assim. Elas se virando para ver quem terá o filho do califa. Antes disso, são consideradas umas putinhas que estão por aí.

• P – *É o que acontece com as adolescentes que engravidam nas comunidades carentes?*

Na comunidade, mãe é alguma coisa.

• P – *No final dos anos 1990, fizemos uma pesquisa na comunidade Cidade de Deus aqui ao lado. O médico da clínica da Associação dos Moradores nos disse que nunca foi procurado para controle da natalidade. Se o garoto de quinze-dezesseis anos estivesse transando com uma menina dessa mesma idade e ela não emprenhasse, ele seria suspeito de ser impotente, veado... E ela tinha que engravidar não importa de quem, bandido ou outro. No que engravida, vira uma mãe na comunidade.*

Por que isso acontece? Como sabem, os Impérios são sobrepostos. O Império dessas comunidades não é o Império contemporâneo. Não é porque se produziu um novo Império que todos vão aderir. O sistema disso que chamam comunidade carente é de Segundo Império. Nem de Terceiro é. A menina passa a ser mãe porque transou com o pai daquele filho. É a força do pai produzindo a mãe.

• P – *Mas isso também acontece no âmbito da burguesia.*

Vira uma possibilidade de poder. Seja por status, por pensão, fundo de garantia... É preciso sempre lembrar que o fato de novos Impérios surgirem não elimina os anteriores. Se eliminassem, não haveria mais a igreja católica, por exemplo.

• P – *E isso também tem efeito na cabeça dos machos. Quando se deparam com alguma mulher que não aceita essa tutela, que está em posição de independência quanto a essas questões de ser mulherzinha, de ter filhos, eles se sentem ameaçados, ficam sem saber o que teriam a lhes oferecer.*

A russa fundadora do coletivo Pussy Riot, Nadya Tolokonnikova, lançou um guia já traduzido para o português em que trabalham todos esses pontos. É um movimento que diz: “Não vem porque tem! Jogamos buceta em cima!”

Elas foram à forra, equilibraram os valores dos órgãos sexuais. Esse é o Império contemporâneo, o mundo atual.

24

• P – *Da penúltima vez que veio, você disse que “a pior resistência é a erótica”. Por que é a pior?*

Chamo de *erótica* o comportamento erótico-sexual das pessoas, o qual tem um *design* qualificado pela fantasia e por outros hábitos eróticos de cada um. É algo extremamente desenhado, uma formação muito paralisada.

• P – *Mas você não inclui a erótica nas quatro vias régias de aproximação do Cais Absoluto, como foi lembrado aqui da última vez?*

Aí entra o até quanto você suporta o Marquês de Sade, por exemplo. Não é o que, em geral, as pessoas vivem. Elas não o suportam por ele ser tarado? Não. Por ser *cientista*. Uma porção de coisas que ele escreve nada tem a ver com seu comportamento. Ele vai, vai, vai ao inferno, ao limite. É neste sentido que falo da resistência. As pessoas têm sua zona de conforto no erotismo, e não saem dela: cada um goza com sua historinha. Mas quando o erotismo se mistura com a Mística, no limite, as quatro vias régias que supus – o erotismo do espírito; a mística do sexo corporal; o eroto-misticismo da impartição da morte; e o eroto-místico-morticínio da criação do conhecimento – são todas a mesma coisa. No limite, é rasante. Por que Santa Teresa ficava praticamente gozando – sem provas físicas aparentes – como está na estátua de Bernini? São João da Cruz, seu confessor, este tinha provas, ejaculava. Um dos piores problemas para os psicólogos em relação a gente que foi à guerra é que perdem o limite e não sabem voltar. Matar é um tesão. É nessa região limite que situo o Marquês de

Sade. Ele foi lá nas últimas consequências. Então, como lidar com o tesão de matar? Ao conviver com aspectos limítrofes da destruição, é evidente o gozo lá presente. Uma das coisas que mais me impressionaram quando fui cadete eram os garotos da artilharia. Nos exercícios de tiro de canhão, era visível em seus rostos o gozo que os tomava. Era o tesão de destruir. Temos que levar isso em conta para entender os limites e as confluências aí em jogo. Já o erotismo comum, não é preciso estragá-lo, mas é meio boboca.

No percurso levado muito longe é tudo igual, vai tudo para o mesmo lugar. Temos que entender que nossa espécie é assim. Ela está subdita ao caminho d'Alei, deseja não-Haver. E mais, não há motivo para xingar ou abominar formação alguma, pois é a resistência que garante termos uma vida, uma produção e uma criação razoáveis. Não há bem, mal ou resistência ruim, pois o jogo é assim. Se a resistência não estiver funcionando – e devemos fazer funcionar cada vez menos enquanto sintoma, isto é, tentar fazer o que chamo de juízo forclusivo: cada um pensar, produzir suas próprias resistências –, ninguém sobreviverá. Isso é uma dança, é música.

- P – *Aliás, o que mais atrapalha na dança é a resistência.*

A coragem do bailarino – que faz coisas que dão medo – está em manter o limite. Quanto mais quer se superar, mais risco corre. Se quiser fazer um passo ousado, terá que não deixar o corpo resistir, que não aceitar sua resistência. Daí o risco. Em termos de psicanálise, não cabe pensar, como gostam de fazer os filósofos, em o bem e o mal. Diante da situação, vê-se o que há a fazer. Para dizer que algo é bom ou ruim, é preciso de um parâmetro estacionado. Sem este parâmetro, o que é bom, o que é ruim?

- P – *Espinosa, quanto a isso, fala em aumento de potência.*

Se alguém aumentar a potência, ela o estará matando. Até onde ele tem energia para manter essa potência? Quanto mais gozamos, mais morremos. Em termos analíticos, é preciso ter a mente solta para não ficar julgando pelas relações baratas da sobrevivência. Basta pensar em Artaud, alguém que até hoje deixa as pessoas perplexas. Como lidar com ele? Se ele fosse ao seu consultório, o que você faria? Você estaria diante de alguém que escolheu um percurso de tal envergadura que foi chamado de esquizofrênico. Não o acho esquizofrênico,

e sim alguém que fez a escolha desse percurso terrível. Como Sade, em outra área. Parece esquizofrenia, sim, mas Artaud tem uma obra que não é delirante.

- P – *Parece esquizofrenia para nossas resistências.*

É o que parece para Deleuze. Se alguém escolhe um percurso – e usarei uma palavra difícilima – de extrema *liberdade*, ou de extrema libertação, não tem mais como distinguir nosologicamente. A sociedade comum o chama de psicótico, de maluco, mas vá você fazer o que ele fez! A psicanálise nada tem a ver com a pequena burguesia. Aliás, esse comportamento de tesão pela morte pode ser incluído no regime da Tanatose da qual falamos sábado passado. Como sabem, chamo Tanatose a um síndrome de aproximação radical da vontade de inexistência, a qual, em nosso caso, chama-se morte.

- P – *Deleuze encarece a ideia de corpo sem órgãos em Artaud.*

E ninguém consegue explicar o que Artaud queria dizer com essa ideia. Falam um asneiral sobre ela. Ele nunca a definiu.

- P – *Não seria a ideia de um corpo sem resistência?*

É você que quer que seja assim. Eu também, aliás. Permitam-me delirar um pouco para falar de Artaud. Por ter uma corporeidade, não ser um fantasma, um espírito, imagine que você é um corpo em que função alguma está definida. Se tirarmos todas as funções que costumamos atribuir ao corpo, sobrarão qual? **A libido.** Mais nada. Suponho que Artaud tenha querido dizer que os órgãos são desenhados demais, são funcionais, prestativos. Então, como tirar a ideia de órgão de dentro do corpo? Restará só a libido, a Pulsão. É um corpo que só tem tesão – mas é um corpo.

- P – *É o que as doenças psicossomáticas trouxeram para Freud. Uma cegueira, por exemplo, que não está no órgão, mas que lá está.*

Sim. Eis um bom modo de entender. Se qualquer órgão de alguém funcionar mal, acabou o tesão.

- P – *Quando um órgão funciona mal, o tesão vai todo para lá.*

E isso é a maior sacanagem. Como um órgão pode ficar cooptando meu tesão? É um abuso. Freud só sabia explicar a psicossomática assim. Acho que acontece com quase todos o fato de, a partir de certa idade, suas funções começarem a falhar. E eles têm que superar isso. Basta lembrar de Freud que ficou os últimos dezessete anos de sua vida com um câncer o aporrinhando

cotidianamente. O que fez ele durante esse período? A libido é muito potente. Sobretudo, quando se quer utilizá-la para contestar a resistência da doença. Como dizia Nietzsche, “o que não me mata me fortalece”.

• P – *Na penúltima vez, você também disse que a pulsão não era formação. Como, para mim, no aparelho que você apresenta, não há nada que não se pense como formação, fico confuso.*

A pulsão não é uma formação porque pode-se levá-la às últimas consequências como pura energia do Haver. Onde estão as pulsões no Haver, nos universos, etc.? Se pensarmos na ideia de Big Bang, temos que as formações explodiram, mas cadê a explosão? Cadê a força? Pulsão é a energia que toma carona de algumas coisas. Se você quiser dizer que ela é uma formação limite também é possível. Mas o que chamo de libido não tem desenho em lugar algum. Ela toma carona de suas energias locais. Lembra-se de Wilhelm Reich, que ficou pirado de tanta porrada que Freud lhe deu? No fim da vida, estava construindo a máquina de captar o orgônio. Ele queria captar a libido em estado puro. Talvez quisesse construir uma bateria de libido. Não conseguiu. É também, de outro modo, o caso de Nikola Tesla que jamais conseguiu saber como transmitir a eletricidade sem fio, o que, aliás, é algo que seria importante para todos.

• P – *Há, na literatura, autores que quiseram fixar o momento do orgasmo.*

A pessoa morrerá se fizer isso. O orgasmo é um fracasso. Você quer chegar ao outro, mas não consegue. Pode-se até gostar disso, mas é um fracasso. Se qualquer tipo de gozo não fosse um fracasso atingiria o que não existe, o não-Haver. A tal natureza fez essa sacanagem com os animais, inclusive conosco. Ficamos escravizados por uma formação absolutamente fracassada. Essa função dita sexual é o conceito de Freud e o da entropia. A sexualidade é entrópica.

• P – *E o Originário, ele é uma formação?*

O Originário é simplesmente a possibilidade de Revirão. Chamo-o Originário por ser a origem desta nossa espécie enquanto tal. Animais e outras formas de vida não o têm. O Originário é função do que Freud chamava de Recalque Originário. Ou seja, diante do Impossível, acabou, volta, pois não tem saída. Faço questão de que as bases do pensamento psicanalítico sejam

compatíveis com a física, com a cosmologia... É pura *repetição*. Felizmente, existiu um Espinosa para falar sobre isso.

• P – *A pulsão aumenta, diminui?*

Suas aplicações é que aumentam ou diminuem, mas não a pulsão. É uma força constante que está presente e disponível. As aplicações de energia é que serão reguladas pelas resistências dos aparelhos.

Em algum lugar, já disse que posso sustentar a teoria do eterno retorno do Haver porque ela é feita com o peso da ignorância dos cientistas. O tamanho de nossa ignorância é imensurável. O que nos resta é ir fazendo ficções. Pessoas passam séculos estruturando teorias e, de repente, se dão conta de algo que ninguém tinha visto. E esse algo abala as teorias. Não é que as teorias fossem ruins, eram o que puderam ser. Em análise, é difícil fazer alguém entender isso em relação, por exemplo, à sua família, que era muito ruim, mas era o que ela pôde ser. Complexo de Édipo é isso. E o que fazer com a ideia, com o conceito de *progresso*? Todos já notaram que não somos homens da caverna, pois a coisa se enriqueceu exponencialmente e estamos aqui hoje com quase tudo artificial, mas é isso o progresso?

• P – *No livro O Silêncio dos Animais, John Gray combate a ideia de progresso. Diz ele que progresso está ligado ao humanismo e à racionalidade.*

Há um pessoal retrógrado que tem nostalgia da selva. Quanto dinheiro se gasta na tentativa de manter as espécies que estão em desaparecimento? Para que serve isso se elas desaparecerão com ou sem esforço? A entropia vai comê-las todas. Nós, inclusive. Não há que fazer ações para que desapareçam, mas tampouco é preciso ficar no desespero salvacionista que vemos por aí.

25

Recomendo-lhes algumas leituras. A primeira é do livro do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, *O Fim do Império Cognitivo*: a afirmação das epistemologias do Sul (2019). O autor propõe uma luta contra o imperialismo da epistemologia. Não gosto de sua mentalidade marxista, mas é um trabalho de ordem política que mostra que acabou esse modo, digamos, impositivo, esse colonialismo, em torno do conhecimento. Como sabem, digo isso há décadas.

Em contraposição a ele, temos um autor de outro lado político, da direita conservadora. Roger Scruton, que recentemente esteve no Brasil, publicou junto com Alessandra Bonrruquer o livro *Tolos, Fraudes e Militantes*: pensadores da nova esquerda (2016). Ele faz o *pendant* crítico disso que chama de esquerda – os pensadores que cita não são necessariamente de esquerda –, dessa cultura do século XX. Lacan, inclusive. Como não temos compromisso lateral, é importante tomar contato com essas críticas. Outro livro bom de ler é *Uma Breve História da Religião* (2016), de Richard Holloway, que foi bispo da Igreja Episcopal na Escócia e hoje, por ter perdido a fé, se define como “after-religionist”. Ele faz uma leitura rápida e interessante de todas as religiões. Mas o livro mais interessante que quero recomendar é *No Armário do Vaticano*: poder, hipocrisia, homossexualidade (2019), de Frédéric Martel, muito bem documentado. Ele verdadeiramente *analisou* o Vaticano, em todos os sentidos. É uma exposição comprovada da mixórdia que é aquilo. Após a leitura, temos a certeza de o Vaticano ser a Gaiola das Loucas. Quase só tem veados lá – e todos homofóbicos. Homofobia é para fora e veadagem para dentro. A igreja católica é isso. E também seus arredores, suas franjas, inclusive no Brasil. É o que acontece.

Em relação ao Vaticano, já lhes falei que, na história das profecias, existe: o *Apocalipse de São João*, no Novo Testamento; *São Malaquias*, em 1139; *Nostradamus*, no século XVI; e *Lúcia*, em Fátima (1917). Acho

interessante o fato de todas essas profecias marcarem este momento nosso, agora, como o do fim do Vaticano. Ele será destruído. Não com o Chicão, que ainda está tentando arrumar a situação. Ele, aliás, sofre muito por ser hetero no meio daquela veadaria toda. Já o próximo papa, segundo as profecias, será a destruição do Vaticano. Portanto, da Igreja Católica. Acho que, se é possível alguma profecia, não há destruição alguma do Vaticano, e sim que acabou o Terceiro Império. Como sabem, ele é o representante do cristianismo, e, dentro do cristianismo, da Igreja Católica. O Vaticano poderá continuar com suas ‘meninas’ lá, mas o Terceiro Império irá para o brejo.

Quero hoje retomar uma questão que já tratei no Falatório “A Arte da Fuga” (2000): a **Intencionalidade** – que vive em séria discussão no campo da psicologia, na verdade tratada por filósofos. Há dois partidos. De um lado John Searle, de outro Daniel Dennett. Ambos querem saber o que é a intencionalidade e como ela funciona. Tenho mais simpatia por Dennett, mas não quero uma escolha partidária, pois estamos fora das duas posições. O que chamam de intencionalidade pode ser resumido com o conceito de “consciência dirigida para algo”. Eles só trabalham com a consciência, o Inconsciente não entra em seu repertório. Então, quando funcionamos psiquicamente estaríamos sempre na intenção de algo. A briga entre os dois acontece por Searle ser um subjetivista e Dennett um objetivista. Searle aposta na hipótese de que, além de toda e qualquer pesquisa sobre a consciência e sua intencionalidade, resta uma subjetividade irreduzível a qualquer outro conceito, a qualquer outra formulação. Acho isto algo ingênuo, mas é o partido que ele, um filósofo importante, toma. Dennett, como disse, é um objetivista. Portanto, ateu. Para ele, o que chamam de subjetividade pode ser reduzido a um conhecimento de sua constituição até material. Então, o que é a intencionalidade? Por que você dirige sua consciência para algo no sentido talvez de agir algo a partir desta intenção? Ela também está presente nos animais? Parece que eles têm intenção. E para a psicanálise, o que pode ser a intencionalidade?

• P – *É o comparecimento de um vetor?*

Mas por quê? Como?

• P – *A intencionalidade é exclusiva das IdioFormações? Formações em geral têm intencionalidade?*

Não é das formações em geral. A intencionalidade nas IdioFormações é extremamente complexa e revirante, mas os animais, como disse, também a têm. E mais, Dennett chega a demonstrar que as macromoléculas – sequer se trata de uma célula – têm intencionalidade. Mais ainda, que não só as macromoléculas como, em seguida, as células e daí por diante funcionam como robôs.

Nossa ferramenta – a **Teoria das Formações** –, a meu ver, é mais adequada, não entra na briga das duas posições. Para ela, trata-se de **transa das formações**. E se há transa no sentido de algum movimento, isso vetoriza na mesma hora. Tomemos duas coisas essenciais para raciocinarmos. Primeiro, o que parece misterioso para Searle e que parece uma questão quase mecânica para Dennett, para nós pode ser reduzido à pura transa entre formações. Mesmo a complexa intencionalidade da nossa espécie. Então, cadê o livre arbítrio? Que conceito fazemos dele? É muito sutil, pois o estudo desta suposição de livre arbítrio tem consequências na concepção da robotização da espécie. É claro que ainda estamos longe de esta robotização se efetivar, mas ela começa com as macromoléculas, passa para as células – para o vivo, portanto – e está aqui entre nós. Como a robotização e a intencionalidade humanas são complexas demais, se olharmos caso a caso, ocorrência a ocorrência, teremos uma impressão de liberdade. É liberdade ou uma excessiva multifariedade? Ou a liberdade é poder funcionar segundo ‘si’, segundo sua própria construção de intencionalidade irreduzível?

• P – *Isto não é Espinosa?*

Sim. Searle e Dennett brigam, brigam – e caem de novo em Espinosa. *Aí é Deus sive Natura*. Para nós, é: Deus ou Haver. Essas questões só serão definitivamente resolvidas depois que uma computação sofisticadíssima produzir o robô completo, humano ou hiper-humano. Robotização significa o processo de reconhecimento dos robôs espontâneos e a produção dos robôs artificiais. É, inclusive, a robotização do pensamento.

• P – *Robôs espontâneos são as macromoléculas?*

E daí em diante. Se analisarmos os comportamentos da macromolécula e sua constituição, vemos que ela é um robô. Daí em diante, a coisa vai ficando complexa e fácil de entender que são pequenos robôs que têm seus algoritmos determinados. Como são cada vez mais complexos, vão chegar à nossa espécie.

Isso é uma questão fundamental de nossa época, é o que está em jogo. O processo está rapidamente se encaminhando para essa situação. Como mencionei da outra vez, Stephen Hawking, que é um raciocínio confiável, já estava com medo de a coisa acelerar-se e a inteligência artificial – com Revirão e tudo mais – tomar conta do planeta.

É possível reconhecer a intencionalidade como simplesmente transa entre formações, e sua consequência de uma complexidade extrema de transa de formações internas e externas. Ou seja, a transa entre as formações que você porta e as outras formações. Ficamos, então, crentes de estar sendo muito livres quando, na verdade, estamos cumprindo um processo. Talvez a liberdade seja isto. **A liberdade não é pessoal é interpessoal.** Ou seja, penso que sou livre por ser diferente de você: você tem direito de cumprir sua robótica e tenho direito de cumprir a minha. Isto parece ser a liberdade – ou, se não, ela é isso. Minha liberdade não é uma liberdade, mas minha liberdade em relação à sua é uma liberdade.

• P – *Em termos espinosistas, se a série é infinita, posso, no pedaço, achar que é diferente, mas, adiante, os diferentes se encontram. Então, mesmo o interpessoal sempre será regional. Na série, ele se indiferencia...*

...até o Haver. Espinosa caminha para aí.

• P – *Mas, ao falar da liberdade, Espinosa a coloca do ponto de vista da eternidade. Sua equação é: liberdade = necessidade.*

Ou seja: Haver desejo de não-Haver.

• P – *Ascese é sacar isso, e deixar de lutar com a suposição de que há uma diferença irreduzível que sou eu, esse eu modal.*

Referir-se a esse eu modal é o que faz Searle.

• P – *Para Espinosa, ascese é a análise disso.*

Donde a psicanálise é possível. Pensar assim é estar de acordo com nosso século, com nosso momento. Justo por ser redutível a zero. Segundo Freud, a psicanálise veio para eliminar as ilusões.

• P – *Do ponto de vista histórico-situacional nosso, talvez seja irrelevante chegar a essa conclusão pela agonística ou pelo desmoronamento. O mundo atual está sendo empurrado por ambos.*

Ele vai chegar ao que é. Aliás, sempre se chegou ao que é. A história tem sentido, portanto? O sentido não para, é pura Pulsão.

• P – *Na fenomenologia de Sartre, a intencionalidade é um vazio pelo qual há o Ser, uma abertura que vai “em direção a”. É um subjetivismo?*

Depende, pois quando essa gente antiga fala em Ser, não sabemos se estão falando do verbo ser ou do Haver (que não sabem nomear). Sartre é ambíguo. Heidegger, então, este, fica na angústia por querer falar de “o Ser”. Como não mudam de registro, não colocam o Ser e o Haver como outra coisa, ficam angustiados. Quanto mais definem o Ser, mais ele escapa. Haver não tem definição. *Há!* – e não se discute.

• P – *O existencialismo diz que a personalidade é nada.*

Isso é frescura do existencialismo. A personalidade é, sim, um sintoma horrível, pesadíssimo.

• P – *A Pulsão tem intencionalidade?*

Sim. Ela vai no sentido de seu próprio desaparecimento.

• P – *Você está dizendo que há, sim, uma intencionalidade, que é essa?*

Há. Assim como estou dizendo que, no robzinho, tem uma intencionalidade. Ela não é descritível por Searle, com seu subjetivismo, e é mais radical do que o objetivismo de Dennett. Ela é mera transa de formações. Não tem alma aí. Tem Espírito, este é pura transação, pura informação.

Pensar assim coloca a psicanálise em outro patamar. Ela sobe um grau. Em Freud, ela ainda é conteudizada demais. Foi o que ele pôde fazer para descrever a situação do Inconsciente. Se dermos um pulo para Lacan, ficaremos mais perto de uma situação, digamos, algorítmica. Digo isto sem poder entender ele chamar S/s de algoritmo. É um pouco de forçação, pois não é uma sequência. Mas Lacan faz o esforço de, no que chama de “retorno a Freud”, ler Freud de outra maneira, atualizada com as ferramentas de sua época. Sobre tudo, linguística e estruturalismo. É uma tentativa de diminuir o anedótico na história da psicanálise, embora continue bastante anedótico. Faço a suposição de que a psicanálise precisa subir de grau. Isto, de acordo com a época atual – o que é mais uma ferida narcísica: vamos analisar o robô. As pretensões anteriores estão indo para o brejo. Espero que vocês tenham entendido essa sequência que, por enquanto, acaba aqui onde estou. Ela é necessária já que o acontecimento das

formações é o que é. É claro, como sempre digo, que a maioria está vivendo de retrocesso, mas isto, um dia, vai passar.

• P – *Parece haver um temor demasiado só em pensar no que possa ser o robô ligado ao que seria a nossa espécie.*

Como a ignorância é grande, não temos condição de fazer um levantamento total das formações em jogo em qualquer situação humana, dá a impressão de que há um troço extra: Deus, alma de outro mundo, o Mal, o irredutível como pensa um Searle... Não é irredutível. Quanta coisa no passado foi tida por irredutível e está hoje analisada e funcionando tecnologicamente com perfeição? Era irredutível naquele momento por falta de condições de redução. Não é o conceito geral de Irredutível.

• P – *A dificuldade atual parece estar na transposição disso que pensamos ser o humano para o robô.*

Isto é visível na própria figuração dos robôs. Eles são construídos parecidos conosco. A história da tecnologia, como sabem, é assim. Os primeiros vagões de trem e os primeiros carros pareciam carruagens. Os atuais carros de vanguarda nada têm a ver com o design dos primeiros carros. Então, por que os robôs ainda são bonecos parecidos com gente? Isso é inútil. Não se consegue pensar que robô pode ser hiper-humano, com seu Primário radicalmente diferente de nossa figuração? Sem esse robô, o limite é um pouquinho depois de Marte, pois a espécie tal qual está configurada não aguentará ir muito longe. Por isso, já disse que, se existe disco voador ou objeto voador não identificado, isso, para mim, é um robô. Não tem gente lá dentro. Ele é a Pessoa. Daí Hawking ter falado em desligar a inteligência artificial. Não adianta, pois ninguém consegue parar o movimento da Pulsão. Notem que estou falando de outra disposição mental para a psicanálise.

• P – *Diante disso, como pensar o conceito de vivo?*

Há que mudar esse conceito. Grandes cientistas fazem um enorme esforço para conseguir o pontinho de mudança entre o não vivo e o vivo. Como passou de um ao outro? Só entenderão se desenvolverem a Teoria das Formações. Houve uma transa entre formações anteriores e disponibilidades outras que não sabemos quais foram – e o troço ficou vivo. Então, se uma ameba tem intencionalidade, podemos dizer que ela é consciente? Qual é a consciência da

ameba? Ela tem intencionalidade. Pode ser algorítmica, mas tem. E as bactérias (cuja intencionalidade é destruir minha vida)? Isto que acabei de dizer é besteira, pois têm a intencionalidade que têm, cujo efeito pode destruir minha vida. Então, como pensar as Formações do Inconsciente a partir daí? Nem sei se as definições de Searle e Dennett – subjetiva ou objetiva – devem ser mantidas. Nelas, a intencionalidade está em algum lugar, tem sede. Segundo nossa posição, ela não tem sede, é o que acontece *entre* isto e aquilo. Ela é pura Pulsão, diz respeito a um movimento *pró*. Um pedaço de ferro jogado no quintal, por exemplo, tem o oxigênio em volta. Eles transam e dá ferrugem. Diríamos que há certa intencionalidade no ferro de virar ferrugem? Há certa intencionalidade no oxigênio de enferrujar o ferro?

• P – *O conceito de vida também foi pensado como sede: alguma complexidade se deu, reações químicas ali ocorreram e emergiu uma nova organização. Organização esta que tem propriedades que lhe são atribuídas. A partir dela, cria-se uma sede.*

Parece ser sede, é igual ao Sujeito. É o que lhes digo, não sairemos do século XX se não jogarmos sujeito e objeto no lixo. As pessoas sentem por dentro uns fricotes e acham que isso se chama liberdade. Mais correto é chamar de Tensão, e não de liberdade. In-tenção é uma tensão interna. É aí que está sua definição, e por isso, por suporem um interno e um externo separados, Searle e Dennett ficam brigando e não saem da arena.

• P – *Intencionalidade é um conceito escolástico.*

Buscaram-no em São Tomás, para quem ela fazia muito sentido. Em última instância, era uma intencionalidade para Deus. Pior é que tinha razão se pensarmos em “Deus ou Haver”.

• P – *Parece que o que certos psicanalistas de hoje falam sobre intencionalidade diz respeito a ela estar correta, incorreta...*

Freud descobriu certos jogos no jogo das formações com suas significações e os apontou. Apontou perfeitamente como jogo de formações muito espessas. Lacan tentou torná-las menos espessas ao falar em significante, em sujeito como brecha. Mas ainda tem um sujeito, tem muito conteúdo. É um grande alívio quando, saindo de Freud, a gente se dá conta da existência de

Lacan. Fica-se, como fiquei, deslumbrado ao ver que ele deu um passo abstrativo enorme. Com o passar do tempo e a mudança do mundo, vemos que falta muito aí.

• P – *Você diria que, na sequência, a Teoria das Formações é um alívio abstrativo enorme?*

Para mim, é.

• P – *A intencionalidade tem também a ver com uma causa, com saber a história da pessoa...*

Isso tem que ser colocado na conta do levantamento das formações em jogo. Quais formações em jogo fazem com que a pessoa esteja se movimentando daquele modo? E há algumas que jamais conseguirão ser eliminadas, são muito pesadas. Isso não é uma causa, e sim uma função, mera funcionalidade. É como uma máquina que desmontamos para saber como funciona.

• P – *Mas os robzinhos também enguiçam, dão problema.*

Não há o robô perfeito. O robô perfeito se chama: Haver – e ele fracassa sempre. Se a teoria do retorno estiver certa, acontece um (des)fracasso (pois o fracasso é impossível).

• P – *No sentido do vetor Progressivo do Creodo, tal qual você aponta, se o Secundário se abstrair demais, se for muito espiritual, dado o tipo de Primário desta nossa espécie, a tendência será substituir o Primário. Trata-se de consertar para trás no sentido de continuar andando para a frente, do Primário para o Originário. Mesmo que não conheçamos o Primário de algum outro planeta, este do nosso é muito prenhe, e o grande dilema contemporâneo é o apego, o apeço demasiado por esse bicho que dá fricotes. Por outro lado, acho sintomático que você tenha proposto a psicanálise considerar justamente o Primário como nível mais pesado de Recalque. Há que lidar com isso, que não é uma contingência, algo que passe ao largo com tranquilidade. Isso sintomatiza, puxa para baixo e modela a funcionalidade do Secundário.*

Há duas maneiras de lidar com esse Primário, digamos, boçal. Uma, às vezes considerada de alto nível, é a maneira daqueles que fazem o exercício da eliminação dos desejos do Primário. Isto, no nível budista, no nível cristão – não conseguirão. Por isso a igreja católica é cheia de “bonecas”, cujo armário é descrito no livro que mencionei no início. Outra maneira, ao contrário, é

botar para quebrar dizendo que rompe a funcionalidade precípua do Primário. Estamos entre Santo Antônio (setenta anos sozinho no deserto) e Marquês de Sade. No meio, há uma régua enorme.

• P – *Freud falava em “ego corporal”. É este que resiste demais a virar robô, a virar apenas uma maquininha...*

...ou a se reconhecer como tal, o que já seria algo. O luto desse ego só terminará depois do Quarto Império.

• P – *Haverá muita sacanagem até lá.*

É como Santo Agostinho pedindo a castidade, mas “não já”.

• P – *A Nova Psicanálise está lidando com esse luto?*

Não sei. Ela é muito regional.

• P – *Teríamos, então, a passagem de Freud (como uma formação muito espessa); a Lacan (com o simbólico); e à NovaMente (que toma a análise como Análise das Formações e suas transas). Em termos de nossa Formação em Psicanálise aqui, o difícil estaria justamente em cada um conceber como essa passagem ocorre.*

Sobretudo, reconhecer essa jogada, essa transa, em sua própria análise. Trata-se, como digo, de uma mudança de postura. Um analista antigo, como foi o meu primeiro, freudiano, estava pensando em Édipo, etc., em formações inteiramente anedóticas, com fortes laços animais. Lacan muda de postura, nem dá muito tempo para a pessoa falar no consultório porque aquilo faz massa. Para ele, trata-se de empurrar para adiante. Já a postura da NovaMente não é essa. Ela chegará dentro de um século – e em computadores.

• P – *No início, você retomou a definição de intencionalidade como “consciência dirigida para algo”. Depois do que você disse a seguir, cai a ideia de consciência?*

Depende de como ela for definida.

• P – *O que se torna a consciência dado que há a Pulsão, que ela está entre, que é puro movimento...?*

Tomemos uma formiga. Para ela, o que chamam de consciência é apenas um conjunto de formações com disponibilidade para transa com outras formações. Ela é absolutamente formigal. Pergunto, então, se a macromolécula é consciente do que está fazendo? Sim. Isso é bem baratinho, mas é consciência.

Consciência é o fato de que a transa se dá. Cachorro, outro exemplo, tem consciência demais, ele sabe muito bem o que quer. Até o final do século XX, tudo se colocava – em Lacan, menos do que em outros – com sede e movimento dessa sede para outra sede. Isso acabou. É o que está acontecendo no comportamento mundial, na política mundial, etc. Como acabou, as transas perderam o referencial, parecem estar alucinadas e as pessoas ficam sem saber como governar a situação. Os maluquetes da atual governança mundial jogam coisas que, do ponto de vista do passado, são inconcebíveis. O pior é que frequentemente acaba dando certo. Não há anteparo. O mundo está ficando populista. O populismo é o fascismo *light*. Justo por ser *light* tem menos sangue, menos fedor, e as pessoas caem nele com facilidade.

• P – *Para a IdioFormação, dotada de Primário, Secundário e Originário, a consciência é complexíssima. E como ela ainda tem o mecanismo do Revirão, podemos dizer que ela tem uma autoconsciência?*

A IdioFormação tem um polo de formações que pode ser questionado pelo polo oposto. Não há isso nos animais. Retomando Gertrude Stein – “uma rosa é uma rosa, é uma rosa...” –, diríamos que um cachorro é um cachorro, é um cachorro... Uma Pessoa *não* é uma Pessoa. É várias pessoas, ou alguma loucura.

• P – *Indiscernivelmente, isso vale para dentro e para fora, pois essa loucura comparece como metamorfose do mundo. Nossa espécie modifica o mundo...*

...e o mundo se modifica sozinho diante de nós. A psicologia, por exemplo, tem sede e acha que uma pessoa é uma pessoa. Publicam até tratados sobre a “personalidade”. Um dos graves defeitos de Jung foi escrever sobre “tipos psicológicos”. É interessante ver ali como ele pensa que consegue mapear os tipos. Freud encarecia com ele por isso, por esse psicologismo. Mesmo que se verifique haver tipos, o que há ali é descrição da sintomática funcional. Psicanálise não é isso. Não é ensinar a alguém, já que ela teria tal ou qual sintoma, a fazer isto ou aquilo, mas, ao contrário, levá-la a questionar o sintoma que é o seu. Todos os sintomas de uma pessoa são questionáveis. Por que essa prisão?

• P – *Jung explora as mandalas nos casos dos loucos e diz que são uma forma de eles se unificarem já que são muito partidos, fragmentados, esquizos.*

Como se fossem uma tentativa de cura, de não aceitação de sua multiplicidade de formações. A saúde seria complexidade de formações...

...complexidade não é fragmentação. O que ele chama de fragmentação, e que faz sentido, é o fato de as formações estarem dispersas, não conversarem, não fazerem um “todo”. A pessoa age assim, depois assado, e não temos reconhecimento de um sintomão que organize seus processos. É uma bagunça mental. Jung acha que, ao desenhar mandalas, o doido está fazendo uma tentativa de organização. Não acho muito isso. Acho que, por termos um Primário limitado, etc., há configurações repetitivas na espécie. Se deixarmos solto, repetimos. Vemos na história da arte: uma repetição de configurações que têm a ver, às vezes, até com a organização primária. Por exemplo, o desenho dos corpos humanos. Por que isso? Maomé era alguém que achava isso uma indecência. Não há figuras humanas nas mesquitas, apenas geometricidade. É arte geométrica, iconoclasta. Ele achou baixaria ficarmos repetindo esse monte de merda que é o Primário. Na arte islâmica, mesmo elementos da natureza – folhas, frutos... – são raros. Acho que há aí certa sacação de escapar do configuracionismo do Primário humano.

• P – *O protestantismo tampouco tem imagens.*

Mas, nele, não há essa pinimba, elas são desnecessárias. No islamismo, são proibidas.

• P – *Não haveria certa fobia? Mataram os jornalistas que desenharam Maomé...*

Isso não é Maomé, e sim a boçalidade de hoje. É igual ao boçal cristão, que mata as ideias dos outros. Basta ver os ditos psicanalistas boçais pelo mundo.

• P – *Vick Muniz, o artista plástico, também faz suas figuras humanas compostas de pequenos pontos, não busca representar diretamente o Primário dos corpos.*

É pontilhista. São pontos jogados que – como acontece na televisão – organizados de certa maneira viram figura. Aliás, alguém difícil de ser estudado é Seurat, o inventor do pontilhismo. Há bastante tempo, cheguei a sugerir que seria possível fazer um estudo do pontilhismo de Seurat como nó borromeano. A questão ali não é gráfica, e sim perceptiva. A percepção varia: em dado

momento, um ponto está por cima de outro, em outro, está por baixo. É no sentido do cruzamento: tal cor está por cima de uma e por baixo de outra, a qual, por sua vez, também está por cima de uma e por baixo de outra... As cores têm profundidade, e quando Seurat separa um pontinho, as profundidades se mexem.

• P – *À psicanálise o que interessa é o Inconsciente, e não a consciência. Esta interessa à psicologia.*

Não há senão o Inconsciente, mas, dentro dele, há formações, digamos, limitadas que chamamos de consciência. Freud tem certa responsabilidade nesse mal-entendido por parte da psicologia por causa dos desenhos que fez das tópicas.

• P – *Ele disse mesmo que se tratava de tornar o inconsciente consciente.*

Tornar conhecido é o mesmo que tornar consciente?

26

• P – *Em que medida a psicanálise se apropria da ideia de ontologia? Em 2001, diz você que a ontologia da psicanálise é sexual. Trata-se “do Haver como experiência bruta antes ainda de qualquer discurso a seu respeito”.*

É o que Freud já tinha dito.

• P – *Para que serve o conceito de ontologia na psicanálise?*

O conceito de ontologia não presta para nada em psicanálise. Se propomos o Haver como limite, como intocável, inabordável, apenas reconhecível – mais frequentemente como dor –, nada há a dizer a seu respeito, apenas intermináveis poemas. Em nossa proposição, o *Ser* – que concerne à ontologia – é o que quer que se diga sobre o que acontece, sobre as coisas. Não há mistério

algun nisso. Já lhes disse que, como não têm passagem de Ser a Haver, os filósofos ficam indo para lá e para cá – e não saem do lugar.

- P – *Há condição de termos Experiência de Haver sem dor?*

Se você tomar aspirina, como a maioria faz, não terá essa experiência nem a dor.

- P – *Da vez anterior, você falava dos robôs. Michio Kaku, em seu livro O Futuro da Mente, faz um percurso sobre os pesquisadores da inteligência artificial. Há aqueles que chegam a extremos como Ray Kurzweil que pensa em fazer download, em transpor digitalmente as conexões cerebrais de uma pessoa e replicá-la. As possibilidades de replicação passam pela clonagem, pela criação de robôs, pela tentativa de copiar artificialmente neurônio por neurônio, pela transposição a um artefato. Diz ele que, se for possível pensar uma mente praticamente sem corpo, ela, por princípio, seria inteiramente enlouquecida. Penso que, mesmo sem ter as ideias de Primário, Secundário e Originário, ele estaria dizendo que haverá recalques para que aquilo se organize segundo determinada formação.*

Há muita literatura nisso que ele traz. Se houver qualquer organização de suporte, haverá recalque. Suponhamos que essa organização de suporte seja bem genérica, então haverá um mínimo de recalque. No entanto, quando se propuser uma questão a esse funcionamento, a questão sempre será recalcante, limitadora. É o problema da análise: qualquer questão colocada é necessariamente recalcante, limitadora de saída. Ela é uma questão, e não *a* questão. *A* questão é Haver. Se tomarmos no nível da matemática mais abstrata, por que ela não dá conta de tudo? Porque, se for colocada uma questão, fechou. O recalque não está só na máquina, e sim no modo de operação. Ele está em toda parte. Estamos acostumados com uma plethora de recalques primários – autossomáticos e etossomáticos – e secundários. É muito recalque, todos configurados demais, bem desenhados, são um macaco.

- P – *Isto, em função do Primário desta espécie?*

E também do Secundário. Basta ver a boçalidade da guerra religiosa contemporânea. Por outro lado, a criação da inteligência artificial é fazer o recalque ficar brando, o menos configurado possível. Coisa conseguida por

algumas pessoas, aquelas que eliminam ao máximo a função do recalque e ficam em disponibilidade. Nunca será disponibilidade plena.

• P – *Será assim no Quinto Império?*

Sequer tenho condições de imaginar o que ele seja. Pensar o Quarto Império já é difícil.

• P – *À medida que se eliminam certos recalques não aumenta a angústia?*

Não sei. O Recalque Originário é impossível de ser superado. Então, de algum modo, ele é organizador. No caso do Juízo Foraclusivo, o que temos são recortes aos quais se diz *não*. Quando se diz esse *não*, isto pertence à ordem do recalque. Em última instância, Freud não conseguia atinar com a ideia de Recalque Originário. Ele fazia a suposição de que ele houvesse, mas jamais conseguiu defini-lo. Lacan caiu fora, tirou o seu da reta. Acho que o materializei. Para mim, o Recalque Originário está no Haver.

• P – *Mas a matéria não é menor que o Haver?*

O Haver é feito de alguma coisa. Qual é a última instância do Haver? Antes de não-Haver, isso aqui é o quê? Espírito? Não. Se não for matéria, é coisa, alguma coisa.

• P – *Parece que estamos, de novo, falando em ontologia.*

Nada tenho a ver com isso. Não sou católico. Tomamos os saberes como se fossem insuperáveis. O mundo apresentou certos saberes e – sobretudo na ordem acadêmica – acham que temos que necessariamente passar por ali. Não temos! Essa, aliás, é uma ordem Estacionária, neurótica. Em vez de conversar sobre esses saberes, acham que temos a obrigação de continuar imaginando o “sujeito”, por exemplo. Não temos, é apenas algo inventado por alguém. Pegamos ou largamos. Podemos escolher nossas ficções. Não tenho culpa da neura daqueles que, lá atrás, ficaram invocados com a tal ontologia. Se voltarmos para Parmênides e Heráclito, veremos dois neuróticos brigando quanto ao Ser ir para cá ou para lá. É a ficção da resposta de seus recalques. O que temos a ver com aquilo? Nada. Não há isso na China, por exemplo, pois, lá, a ficção é outra. É preciso acabar com a ideia de que temos *saber* sobre as formações do Haver. O que temos são ficções, as quais são formações. Então, para não ficar

desbundados demais, inventamos alguma solução que será aquela contemporânea nossa, aquela possível. E se não for contemporânea, não será nada.

Como ser contemporâneo de si mesmo? Urgindo uma solução compatível com a situação aqui e agora. E é porque o aqui e agora muda sozinho, não espera ninguém mudar, que há a suposta evolução do pensamento. Então, quando se aplica o saber anterior, parece que ele não cola, não dá conta. Não é apenas por vaidade que algum pensador reforma todo pensamento anterior. Ele olha para a situação, ela não o satisfaz, então se pergunta sobre o que fazer com sua estupidez, com sua ignorância. Aí, inventa uma nova teoria, uma nova religião. Como sabem, as fronteiras estão se apagando. Uma religião é o quê? É tentativa de dar conta da situação de outro modo, mediante credíes, etc. Mas é a mesma coisa. Alguém inventa uma religião, ela é uma invenção como outra qualquer. Aliás, pode ser um surto. As religiões mais antigas se parecem muito com surtos. Quando se consegue fazer isso se instalar na cabeça das pessoas, vira um recurso auto-hipnótico. Se disserem que é coisa alguma, elas entram em pânico, pois é o único recurso que têm. Por isso, a análise tem que ser bem cautelosa. O analista está vendo a situação, mas não pode dizer. Freud dizia que se a resistência for apertada demais, a análise acaba. Já lhes disse que a melhor análise é aquela em que o analisando é desmontado sem perceber isto. Aliás, não se acaba a análise. É possível, sim, ficar enjoado dela e ir embora por saber se virar sozinho. A boa análise é aquela que você acha que nunca fez.

• P – *O vetor da Pedagogia é o contrário? Ela tem que enfatizar que é efetivamente aquilo que a pessoa está aprendendo?*

Sim. É mesmo importante perceber isto para, na sequência, poder analisar o que ocorreu. Mas o único procedimento – não direi discurso – que tem o vetor contrário mesmo é o da psicanálise. Por isso, por não entender qual é o vetor, a maioria dos ditos psicanalista é de psicólogos. Isso é visível nas declarações que dão e em textos que publicam. Os discursos em funcionamento em nossa espécie são de imposição. Uma comparação com a escultura renascentista, que tinha seu modo *di levare* e *di porre*, mostra esses outros discursos sempre colocando (*porre*) algo. A psicanálise está retirando, seu vetor é de lá para cá. Ela não sabe a verdade do analisando, é ele que sabe, é ele que tem que entregar o material. Psicologias e pedagogias dizem o que é certo, o que

é errado, o que a pessoa tem que fazer. Analista até diz se algo está certo ou errado, mas, antes, foi o outro que disse e aquilo trouxe problemas, não está funcionando. Tanto do ponto de prática quanto da teoria, os não efetivamente envolvidos com a psicanálise acham seus (da psicanálise) procedimentos muito estranhos, pois não é desse modo que o mundo funciona para eles. Educação, aliás, sempre dá errado, a criança jamais chegará a ser o que os pais desejaram, porque querem enfiar as coisas nela. *A Pedagogia Freudiana*, de que lhes falei [em 1992], não é essa. Se a criança não é o mesmo sintoma dos pais, logo dará errado. A pedagogia é uma transmissão do sintoma, e não reconhecimento de sintoma. Pior, desqualifica o sintoma do outro. A situação é esquisita porque alguma informação tem que ser dada ao animalzinho, à criança que lá está. Lacan dizia que, em análise, o analista é um bebê tentando aprender a língua da mãe. O analisando chega e o analista fica no gugu-dadá até conseguir falar a língua dele e entender o que está dizendo. O analista é quem é o analfabeto. Depois, até parecerá uma conversa normal, mas não é, pois ele está falando a língua do outro. É o mais difícil na análise.

- P – *Mas, sem isso, não há análise.*

Repetindo, é uma questão de vetor.

- P – *Em 2012, você já disse que a psicanálise, ao contrário de outros discursos, era a única a fazer o caminho de volta. Volta para antes da oposição, para o Bifido.*

Trata-se de uma *Postura*.

- P – *Hoje, então, que temos a psicologia misturada com a astrologia, fica mais complicado.*

Acho a astrologia mais divertida.

- P – *E quanto à psiquiatria?*

A psiquiatria é ambígua, pois há certos transtornos, como chamam, que são da ordem do Primário. Aí, não é com o psicanalista. A este não cabe analisar hipoglicemia, por exemplo. Diante dos sintomas que me relatam, antes de mais nada, penso que se trata de falta de educação ou de alguma afecção do Primário. Frequentemente, a pessoa mal-educada pensa que é neurótica. Por outro lado, se alguém é TDAH e/ou TDO, há que saber que, nestes casos, trata-se de defeito de fábrica, não dá para tratar mediante análise.

- P – *Parece que TDAH e TOD são bem comuns nas crianças atualmente.*

Hoje, não se bate mais nas crianças. Está errado, é preciso lembrar no Primário que há contenções. Não é o caso de bater por raiva, e sim para acordar a criança, para retirá-la do vício adquirido de dominar o adulto fazendo fitinha. Notem que não se trata tanto de TOD, e sim de que ela é mal-educada mesmo. Como os pais não têm noção de como lidar, ela vira o reizinho da família e abusa de todos. Não há conversa possível aí. Para esses casos, a intervenção analítica implica tocar o Primário. Lacan fazia isso o tempo todo, a ponto de berrar e se estapear com o analisando diante de todos na sala de espera (e eram cinquenta pessoas no mínimo lá). Vejam que tudo é muito sutil, não há regras. O que há é compreensão da situação. TOD não é necessariamente fazer birra, e sim uma discordância compulsiva e um aluguel permanente do outro.

- P – *Antes de se falar em TDAH e TOD, havia uma moralização da situação. Era referida como preguiça mental, como inutilidade social, por exemplo. A análise pode ajudar bastante aí.*

Ajudar no entendimento da situação. Por exemplo, identificando o que é falta de educação e o que depende do defeito no Primário. É preciso ser assim para que a conversa ocorra a partir de saber disso.

27

- P – *Sua formulação da Teoria das Formações muda o modo de compreensão do que seja conhecimento. Ao tratar de formações, sejam quais forem – espontâneas ou primárias –, vemos que é o mesmo que ocorre na matemática e nas*

ciências: também tratam de formações, de transa de formações, de polos de formações, sem uma hierarquia prévia a estas formações.

Qual é o volume de formações recalcentes que oprimem o funcionamento do Inconsciente? O Inconsciente é tudo. Somos herdeiros de uma espécie estúpida, cujo funcionamento depende de grande quantidade de recalques da ordem do Primário. Como o Inconsciente é menos recalcado do que o corpo de uma pessoa, sonhar algo é diferente de fazer aquilo que sonhou. Os efeitos do funcionamento cerebral não têm o peso que o cérebro tem. O cérebro é pesado, mas, por ter certo tipo de funcionamento, seus efeitos são leves.

• P – *Ao dizer que há formações recalcentes que oprimem o funcionamento do Inconsciente, você está dizendo que oprimem Alei?*

Oprimem nosso Tesão.

• P – *Uma IdioFormação com um Primário mais soft, mais rarefeito, terá um caminho mais direto ao Tesão?*

Sim. A suposição dos cientistas é de que, por nosso universo, existem civilizações milênios à nossa frente. Como será essa gente? É gente? O que há lá? Qual é o limite de o cérebro, por exemplo, suportar uma infinidade de funcionamento? Há gente que pira. O cérebro eletrônico, ou coisa parecida, é muito mais resistente, não é biológico. Por isso, é tão rápido. É mais louco.

• P – *Ele tem problemas de temperatura. A partir de certo ponto, derrete.*

Queima a mufa. Aliás, é enorme a quantidade de pessoas que foi parar em hospital psiquiátrico por causa disso. Em geral, operamos devagar, com pouca coisa, mas alguns, às vezes, derretem os miolos.

• P – *As máquinas de Duchamp têm a ver com essa rarefação de que você está falando?*

Ele fica, entre outras coisas, imaginando corpos sutis, puramente relacionais. A *Mariée* funciona. Quem é aquela noiva? A Morte (que não há), com todos aqueles bobocas se masturbando na parte de baixo. Querem gozar com Ela, mas Ela não comparece.

• P – *Mas Ela pulsa e envia uns ventos.*

A materialidade que Duchamp coloca lá é analógica. Ele propõe uma analogia para que possamos conceber o processo. Aquela materialidade não

faz o que ele propõe, mas é análoga ao que seria. Por isso, ele é artista, e não cientista.

• P – *O modo de pensar por analogia não foi muito recalcado no Ocidente? Parece que prevaleceu certo raciocínio de que se deve impor um pensamento à realidade, e não de buscar equivalências e relações.*

Quebraram a cara, pois o que pensavam que era uma abordagem a mais direta possível, era mera analogia do Real. O que temos são ficções. As pessoas se acostumaram com décadas de certo tipo de pensamento científico e *realizam* o processo, mas isto é para trás, e não para a frente. Pensam que a analogia que alguém inventou para explicar o que seria um átomo, por exemplo, é aquilo mesmo. Não é. O que houve foi que a invenção de uma analogia tão bem bolada que, ao ser colocada para funcionar, funciona parecido com o que foi pensado. É só o que acontece.

• P – *Parece que, quanto a isso, uma das estratégias tomadas pelos autores foi decidir pela metáfora contra a analogia. Queriam se garantir nas noções de linguagem, de representação, de simbólico, como se estas não fossem da mesma ordem das formações do Haver. Lacan, por exemplo, recalcou a analogia.*

Como queria limpar o campo, Lacan fez a suposição de que as analogias eram imaginárias. Assim, uma mera substituição significante seria uma metáfora. Sua maquininha funcionou bem – durante o período em que funcionou. Ele teve, portanto, que condenar a analogia à ordem do imaginário e dizer que a substituição significante é quase matemática, quase algorítmica. Não o é necessariamente, embora tenha valido dentro do escopo de seu pensamento. Mas, de repente, o lugar de aplicação desse escopo muda de configuração, então o que se faz? Inventa-se outro. É só isso que há. O conhecimento é bem mais bobo do que pensamos que seja. Se tal ficção funcionou durante algum tempo, fica como um troféu da humanidade.

• P – *A ideia que chega a Lacan é que a analogia se dá por um princípio de semelhança. É uma ideia distorcida que vem de séculos atrás.*

É uma ideia euclidiana. Analogias são sempre por semelhança? Não. Mas o caminho que Lacan tomou considerava assim. Vejam que não há crítica possível a um pensamento tão bem organizado. Lacan não estava errado, ele

estava *Lacan*. Hoje, o mundo se configura de tal maneira que rateia a aplicação do que ele trouxe. Caímos fora da retrogressão do mito do conhecimento verdadeiro. Não existe isso, só existe conhecimento. Verdadeiro só o sintoma de alguém, que é aquele e não outro. As pessoas tratam mal a ideia de contemporaneidade de si mesmo. A humanidade chegou ao que faz hoje porque tal rapazinho lá na pré-história era gênio, inventou um machado de pedra, outros perceberam a vantagem e usaram. Ele se deu conta de que, em sua contemporaneidade, faltava algo para poder despedaçar o bisão, então inventou uma teoria realizada para sua realidade que era: comer o bisão.

• P – *Por que todos não almejariam ser contemporâneos de si mesmos?*

É o que foi chamado de zona de conforto. A pessoa tem um saber e não quer que se mexa nele, pois podem estragá-lo. Isto, por não alcançar o entendimento do novo, do que é diferente do dela, e ficar apavorada. As pessoas são basicamente reacionárias, espontaneamente reativas. O novo dá medo. Tenho uma série de saberes, se mexerem, fico em pânico. Vimos isso acontecer no final dos anos 1980 no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. O pânico era visível diante de terem que abandonar o que já sabiam e apostar em algo contemporâneo, que apontava para um futuro e deixava de reforçar o passado. O Planeta dos Macacos era evidente para quem podia ver.

28

• P – *Conversávamos antes de você chegar sobre definições de conceitos, de análise, de síntese, etc. Nesse sentido, retomo o que, em 2008 (AdRem, p. 126), diz você: “Trata-se de eliminar o mau hábito de pensar a partir de enunciados e citações de autores. Há que tomar o movimento do pensamento*

e utilizar. Só assim será possível saber se o pensamento pensa apesar das tolices ditas pelos autores (todos eles). Se conseguimos captar o modo de pensamento, o resto é lixo. Nunca confundir o entendimento de um processo articulatório, de uma estrutura de funções, com os enunciados produzidos na tentativa de dizer aquilo. Os enunciados geralmente não prestam, são ruins, fracos”.

Não é para ficarmos repetindo fala dos outros. A gente entende os raciocínios e pensa sozinho.

• P – *Isto, aliás, foi o que caracterizou seu modo de abordar o pensamento de Lacan. Quando, nos anos 1970, você o apresenta aqui, já estava implícito que o fazia a partir de um entendimento próprio.*

O mesmo faz Lacan em relação a Freud.

• P – *Talvez, hoje, as teorias já não venham com uma co-naturalidade anterior de autoridade que não permitia tanto questionamento. O conceito de Universal, por exemplo, parece não ser imediatamente aceito por alunos por lhes faltar essa experiência concreta.*

O que pode nos deixar preocupados, pois ninguém tem experiência de Universal. Não é da ordem do entendimento por via do experimentado, e sim da ordem de uma articulação secundária. Digo isto porque, de umas gerações para cá, a relação com as articulações secundárias tem empobrecido bastante.

• P – *Isso também ocorreria no caso da ideia de Imperativo Categórico, de Kant. Não se mostra mais tão óbvio que, mediante a posição de um sujeito racional, enquanto tal, seja reconhecível o dever como universal e necessário e a ação boa como aquela que se dá por dever.*

Por isso, chamo-o de Imperativo kantegoico.

• P – *Mas a ideia de imperativo categórico já foi mais reconhecível culturalmente.*

Ela foi academicamente mais reconhecível.

• P – *Um cristianismo bem instalado é bem compatível com a ideia de imperativo categórico.*

A ideia foi buscada lá. É preciso entender que isso só tem validade no contexto do autor. É como uma reza. Já notaram que a universidade reza o tempo todo? Uma co-naturalidade anterior de autoridade pode ter acabado, mas,

por outro lado, é preocupante não entender que tal conceito vale no escopo do autor. Denuncio que, de algumas levas acadêmicas para cá, não se tem mais a formação sobre autores, conceitos e contextos. A referência à abstração parece ter sumido. Querem uma experiência de concretude em cima de um valor abstrato. Por isso, ao dizerem que não têm experiência de *universal* não se dão conta de que ninguém tem. Mesmo porque não existe Universal. Outra história é entender o quê e o porquê de um autor chamar algo de Universal. Antes de uma boa formação abstrativa, crianças demandam que a teoria dos números, por exemplo, seja compatível com o ábaco. Não é. O ábaco é auxiliar, mas não a mesma coisa. A busca de concretude está, sim, evidenciando a falta de abstração no raciocínio dos alunos de hoje.

- P – *Como pensar a raiz quadrada de -1 com o ábaco?*

Lacan gostava tanto desse exemplo. Ela é impossível de ser concebida no imaginário.

- P – *Gaston Bachelard dizia que a formação do espírito científico não se dá apenas no laboratório. É preciso uma relação com os conceitos.*

Sempre recomendei a todos a leitura linha a linha de seu livro *A Formação do Espírito Científico: Contribuição para uma psicanálise do conhecimento* (1938). É muito didático para entender as questões de que estamos falando. Vejam, pois, que, ao mesmo tempo que é interessante pensar sobre a co-naturalidade não aceita, é assustador quanto ao que concerne à ausência crescente de abstração.

- P – *Mestre Eckart dizia que seu aparelho era intelectual. Ele tomava as Escrituras e mudava. Por exemplo, inverteu a passagem sobre Maria e Marta. Iam excomungá-lo por isso. Para ele, o que importava era o processo de pensamento.*

Ele morreu a tempo, antes que o enviassem para a fogueira.

- P – *Ele fez fanfiction com as Escrituras...*

Ele era genial. Estava em busca de Deus, e descreveu bem o caminho. E já que você falou em religião e tocou na relação assassina da religião com o pensador religioso, temos a pergunta: O que acontece com a crença num texto supostamente sagrado, divino? Reificação, como se aquilo fosse transponível diretamente para a realidade. Vejam que, além de estupidez, trata-se de loucura.

Estou, então, dizendo que o aluno da universidade que não consegue abstrair está fazendo o mesmo. Assim como professor de filosofia faz o mesmo. Quem foi o analista de Kant?

- P – *Swedenborg*?

Não deu certo.

- P – *Hume*?

Hume era a ‘tia’ de Kant. A história da filosofia é de morrer de rir. Aliás, no caso, prefiro a tia. A psicanálise põe em crise essas ideias assentadas. É a crise que permite o entendimento de que aquilo é uma construção. Se funciona para dentro – como no caso do imperativo categórico –, está bom, é a cabeça de Kant. Veremos se tem aplicabilidade. O cristianismo já tinha comprado a ideia.

• P – *Sua frase “o que quer que se diga é da ordem do conhecimento”, traz a questão sobre sua extensão no que concerne à lida psicanalítica, à Postura do analista, e a qualquer ordem de conhecimento que compareça. Já sua frase “não há limite entre bem e mal, é ad hoc”, parece sempre apontar para certo horror. E a frase “só se pode conviver com Alei mediante criação” indica um extremo em relação ao escopo da análise.*

A que horror você está apontando quanto à segunda frase mencionada?

• P – *Está relacionado a outra frase sua: “não se pode ouvir crime na fala do analisando”.*

Já lhes disse que *crime* depende de código. Ato algum é criminoso se assim não estiver designado na lei. É só um ato – violento, agradável, maldoso, simpático... Isso porque a lei, em sua história, em sua distribuição no mundo, inclui violências absurdas, inclui a ordem do celerado, é de uma degradação insuportável. Como sair dessa? Analista não pode escutar com o ouvido do código.

29

Dada a situação cultural e social, qualquer que ela seja, e dado que o Ocidente está há séculos submetido a um sufoco cristão em sua generalidade, em todas as aparências que ele toma, **as pessoas, em análise, têm vergonha de sua fantasia**. Isto é doença. Por que, na análise, a fantasia não surge logo? Por que a pessoa tem vergonha de sua fantasia se ela é aquilo? Quem mais vai ser ela? Ninguém. Só tem ela que seja ela.

• P – *Dá a impressão de que o espírito atual é o contrário. As pessoas parecem não ter vergonha de sua fantasia.*

Não têm vergonha de dizer algumas besteiras e sacanagens. Isto não é dizer a fantasia. A coisa parece estar mais relaxada, a putaria se solta, mas – e agora até direi o verbo errado – confessar a sua fantasia não é o que ocorre. Quando conseguem falar, vê-se a dificuldade extrema que comparece. De onde vem isso? Que doença é essa de a pessoa ter vergonha de existir? Que ideologia faz isso com as pessoas?

• P – *Se a fantasia não se diz, ela se manifesta sub-repticiamente o tempo todo como efeito ruim, de baixa extração.*

Por outro lado, é possível alguém tomar sua fantasia e fazer uma obra de arte. Mesmo na cama. Aliás, notem que a doença ocidental precisa chamar de pornografia as produções feitas sobre as praticagens sexuais explícitas. Nelas, as mulheres são as safadas, as desqualificadas. Em grego, *porné* é: puta. E pornografia é ‘a grafia da puta’. Por que colou assim na cultura? Porque toda expressão da sexualidade e da singularidade de fantasia tem que ser reprimida como coisa ruim. Ora, se a fantasia de alguém é ruim, ele não presta, pois é a única coisa que ele tem. Foi o motivo de Freud, durante décadas, ter sido acusado de pornográfico, de ser pansexualista. A pergunta, portanto, é: Como se muda de cultura?

Dito isto, o que é um **estilo**? De uma pessoa, de um autor? É a expressão de sua fantasia. É possível aplicar o escantilhão dos estilos basais – Clássico,

Maneiro, Barroco e Tanático – na multifariedade dos estilos das pessoas. Por exemplo, diante de vinte pintores barrocos, todos são barrocos, escolheram aquela estilística, mas cada um tem um estilo. Mesmo quando alguém produz uma filosofia, esta filosofia é expressão de certo estilo, de certa concepção baseada em sua fantasia fundamental. Ele não sabe. Aristóteles, por exemplo, não sabia que era Aristóteles, pensava que era Platão.

- P – *E Platão pensava que era Sócrates.*

É assim.

- P – *Se a fantasia se expressa mediante um estilo, por que é tão difícil dizer a fantasia?*

Uma coisa é alguém, automática e sintomaticamente, expressar sua fantasia. Outra, é entendê-la, descrevê-la, dizê-la – em análise, por exemplo – com a convicção de que ela é absolutamente possível e existente. Quanta coisa uma pessoa exprime sem se dar conta, inconscientemente? Num autor, vemos que seu estilo é tão bandeira que está em todo canto de sua obra. Ele não faz ideia do porquê daquilo. O estilo enquanto fundamentado em construção do que chamo de fantasia não é reconhecido e, ao dizê-lo, a pessoa se envergonha, não o afirma. E mais, não se trata de denegação aí, é inconsciência. Quando vem à tona, há enorme quantidade de formações para dizer que aquilo está errado. A pessoa se exprime, mas falar direto não pode, está errado, é pecado... Vários analistas escrevem que a maioria das pessoas termina a análise sem dizer sua fantasia. E é a última coisa que se consegue numa análise. Permanece aquele caroço lá embaixo, envergonhado. Ou seja, não sabe por onde goza. Ou seja, não sabe por onde morre.

- P – *Expressar-se, o estilo se expressará. Isto cai no que você disse sobre sintoma não ser virtude. Chegar à fantasia é outro trabalho, o de dar conta daquela expressão em sua minimalidade.*

Trata-se de um algoritmozinho. E se este algoritmo é eu, por que eu teria vergonha dele?

- P – *Trata-se então de elevar-se à dignidade da fantasia?*

Sim.

- P – *Lacan falava em bem dizer seu sintoma.*

Ele falava de modo mais ambíguo: *bien-dire*. Bem dizer é abençoar, bendizer. Trata-se de bendizer tudo, sintoma e fantasia. Sintoma é mais fácil, todos estão vendo. É, aliás, o que mais se faz hoje. Dizer sintoma semvergonhamente está fácil, quero ver dizer a fantasia.

- P – *É uma exigência do trabalho de análise?*

Mas não se pode ficar pedindo que a pessoa faça isto. Seria pressão demais.

- P – *Ficaria meio kantiano.*

E moralista, portanto.

- P – *Lacan disse que a fórmula da fantasia era $\$ \diamond a$...*

Como em meu teorema não há sujeito ou objeto, onde a enfio?

- P – *...para você, a fantasia fundamental é: Haver desejo de não-Haver ($A \rightarrow \tilde{A}$). Então, qualquer declinação que haja, qualquer narrativa, qualquer algoritmo singular, seria uma descrição decadente do movimento da Pulsão?*

Descrição da morte. Por onde a pessoa goza? Ou seja, repetindo, como a pessoa se mata? Notem a expressão “estou me matando de trabalhar”, é suicídio. Alguns são suicidas convictos: fazem uma obra, suicidam-se na frente de todos. Outros fingem que não são suicidas, que são escravos, que alguém os está matando.

- P – *Diz você, em AdRem (2008), p. 129: “Somos, sim marionetes – complexas, brilhantes, que fazem coisas incríveis, mas marionetes. Marionetes até da HiperDeterminação, quando esta acontece. É só quando se faz o recorte que dá a impressão de que somos ‘alguém’”.*

Fernando Pessoa fez uma metáfora com a astrologia. Diz que somos “escravos cardíacos das estrelas”. Vejam que há, inclusive, emoção aí. A impressão de subjetividade que, no Ocidente pelo menos, rolou durante séculos é feita para sustentar a impressão de arbítrio, sobretudo o chamado *livre arbítrio*. Se tivermos uma noção de perspectiva histórica de milênios para trás e para a frente, tudo isso se desmanchará lá adiante. Acabou-se a frescura do *indivíduo*. O século está esperneando por causa disso. O encaminhamento de Quarto Império é dissolvente. Assim como a tecnologia vai nos invadir – dentro de casa e alhures –, ela mostrará nossa banalidade. E ninguém ligará se ela está ou não invadindo, pois é tudo a mesma coisa.

- P – *Mostrará a banalidade de sua fantasia?*

A banalidade de haver fantasia, sim, mas não da minha. Nesta ninguém toca.

- P – *Mas ela é uma entre outras.*

Quando você sabe disso com clareza, está com vergonha do quê? Portanto, pode invadir à vontade, pois não estou ligando.

A noção de indivíduo é no sentido de sustentar o tal arbítrio. Isso está caminhando pouquíssimo para a frente para acabar, e há uma resistência dando para trás com força enorme para que não acabe. A coisa está tão imbecil que bate na economia: o planeta está entrando em recessão. Como os economistas não sabem da Economia Fundamental, não sabem que é ela que está em jogo. Ou seja, se fazem força demais para reificar, para dar para trás, o movimento *para*. A economia está parando, estão todos freados. Temos a impressão de soltura, mas a Economia Libidinal está dando para trás. Ficará assim durante dois séculos pelo menos.

• P – *O fim da ilusão de arbítrio não vem hoje com a situação de perda de direitos? A ideia de direitos foi atribuída a indivíduos. Hoje, compreensivelmente, as pessoas se sentem prejudicadas nesse sentido.*

Mas não estão sendo prejudicadas.

• P – *Em AdRem, mencionado há pouco, você define o reacionário como aquele que quer sobreviver só com o que já sabe, sem se arriscar.*

Essa é a garantia das religiões: ficar repetindo a mesma porcaria. Uma religião é uma tentativa de entender o mundo e explicá-lo. Ela é a filosofia dos crentes. Para entender, basta tomar as seitas de dentro das religiões. Nos Estados Unidos, mais do que em outros lugares, a produção de seitas a partir do cristianismo é algo grotesco. Basta ver a *Christian Science*, por exemplo, fundada no final do século XIX por uma histérica doida, Mary Baker Eddy, que tem seguidores até hoje. Stephen Zweig escreveu um interessante livro intitulado *A Cura pelo Espírito*, que li quando jovem, em que mostra a diferença, dentro do mesmo problema, das abordagens de Freud, Mary Baker Eddy e Mesmer. São radicalmente diversas.

• P – *As tecnologias elétricas – no sentido de McLuhan – são disruptivas, se expandem em grande velocidade, e produziram algo que não havia*

antes: emissores de todos os lados. Antes, o emissor era alguém privilegiado – um escritor, um filósofo, etc. –, mas a circulação, a circularidade e a dissolução do processo informativo produziram um outro tipo de cabeça, parecido com a daquela da garotada sobre a qual falávamos há pouco...

Mas essa garotada ainda não assimilou o que está acontecendo.

• P – *Eles não leem mais...*

A dissolução está em curso, a quantidade de seus efeitos é enorme, mas é tudo de péssima qualidade, pois ela não foi absorvida e assumida. Isso demorará tempo para acontecer. Eu disse que seriam duzentos anos. O que vemos é só o efeito ruim, a bagunça criada pela dissolução. Quando a dissolução for regradada como tal, será outra coisa. O que estamos atravessando é a dissolução que vem – e virá, não tem saída – com efeitos nefastos como mera bagunça. Isto porque ela não foi assumida. Estamos sentindo que estamos atrás dentro da dissolução. Agora é pior do que na época do fim do Império Romano. Como isso durará longo tempo, o que cabe a cada um é produzir um estofo mental para segurar o processo. Saibam que o Quarto Império ainda não se instalou, e as pessoas não têm acesso a onde ele está nascendo. Não têm acesso ao que a tecnologia faz, são meros usuários. Queiramos ou não, existe uma elite de cada tempo, e a de nossa época – uma elite de pensamento tecnológico – não é essa dos usuários. Como sabem, segundo meu raciocínio, o Quarto Império já é rachado por natureza, tal qual foi o Segundo. Ou seja, nele, é muito mais difícil de estabelecer um sentido só. Em caso de psicanálise, temos condições de nos preparar para o que vem e de nos curar dos sintomas pregressos o mais rápido possível. Assim, será possível atravessar o século sem ficar atônito, pois estaremos enxergando e procurando cura. O que vemos, em geral, são os valores do Terceiro Império repetidos: Chicão, etc. Mas é um gueto, acabou!

• P – *Isso significa o fim de qualquer religião?*

Religião é algo muito duro. Ela não acaba assim, aparecem outras. Já falei sobre isso num Seminário intitulado *Psicanálise: Arreligião*. Não perceberam a piada que lá estava?

• P – *Há também os Direitos Humanos, que são tributários do Terceiro Império, do Amor que lhe é inerente.*

O que fazer com eles? Perguntem aos robôs. Todos somos humanos, mas há uns que são mais humanos que outros... Já notaram que, atualmente, estamos diante de uma guerra entre afirmação e negação dos direitos humanos? A ideia de direitos humanos é histórica, e está em questão em nosso momento. A psicanálise tem a ver com os Direitos da IdioFormação, onde quer que ela apareça. Este é um salto para Quarto Império, e não é para agora.

30

• P – *A psicanálise não seria também um pensamento ocidental? Haveria possibilidade de um pensamento que, oriundo e possibilitado por certa cultura, estivesse descontaminado dessa cultura, dessa origem?*

Cultura é igual a neurose. Descontaminar-se completamente não acho que seja possível, mas é possível manter bastante distância. Vocês sabem que há psicanalista no Japão, na China... Deve ser algo diferente lá.

• P – *Ouço dizerem aqui que a Psicanálise NovaMente seria descontaminada, que não é nem Oriente nem Ocidente, que não é nem esquerda nem direita, que é neutra em relação a esses sintomas, a essas culturas. É possível desembaralhar-se de um pensamento que vem de certo lugar que, por mais que não seja determinante, não deixa de ser contaminante?*

De minha parte, não afirmo que a psicanálise seja independente da cultura, que ela não seja de esquerda ou de direita, que ela seja neutra – estou, sim, dizendo que ela *tem* que ser. E se esse lugar for assumido, ele desqualificará qualquer neurose. Portanto, desqualificará qualquer cultura. É claro que a pessoa que assume o lugar do analista é sintomatizada. Que competência terá ela de, no exercício desse lugar – como sabem, psicanalista não é uma pessoa,

e sim uma função –, colocar-se fora das determinações culturais? É justo para isso que tem que fazer análise, pois uma determinação cultural fortíssima que carrega são sua formação e suas neuroses pessoais. É uma tarefa difícil, mas a psicanálise *tem* que ser isso. Não consegue por incompetência. Se não for um Terceiro Lugar, não serve para nada, é mais uma cultura – e, aí, qualquer uma serve.

Por isso, ao tentar pensar o Estatuto do lugar da psicanálise, eu disse – e as pessoas ficam confusas quanto a isso – que **o estatuto da psicanálise é místico**. Trata-se de um radical afastamento que vemos em operação, por exemplo, na histericonia da Teresa, em Silesius – que Lacan achava um grande perverso (ao contrário, acho-o um grande místico) –, em João da Cruz, em Eckhart que sempre cito. Eles chamam de Deus o deslocamento radical que exercitam, mas isto não interessa. Interessa que, nesse exercício, ficam por cima. É o mesmo deslocamento que a psicanálise pede para o analista – e para quem quiser ser analisado. Que esforço é possível fazer para um deslocamento tão radical em relação às culturas, às formações ditas neuróticas, aos processos estacionários em geral, de modo a afastar-se, a estar fora? Qualquer mínimo julgamento de conteúdo, seja moral ou outro, estragará o processo. Analista não julga. E mais, não há crime, pecado ou erro em psicanálise. Nela, as pessoas são errantes, mas não erradas. O que há, do ponto de vista desse lugar, é desencontro daquela pessoa consigo mesma. Desencontro que pode ir para o devido lugar. Tampouco há valor, moeda de troca. Quando a pessoa volta para o mundo, ela se vira, faz o que acha melhor. O mínimo julgamento ou moralidade faz com que se pare de escutar. Escutar mediante uma referência conteudística equivale à surdez. Em suma, são os místicos que provam que o lugar analítico é possível.

• P – *No meio da Proud Parade, em San Francisco, vi uma pessoa com um cartaz em que estava escrito: “No human being is illegal”.*

É o que estou dizendo. Aliás, essa parada tem a cara do Inconsciente: uma zona. O inconsciente não tem juízo...

• P – ... “*nem nunca terá*”.

Chico Buarque *dixit*.

No século XX, a psicanálise foi situada como referida e mesmo descendente do espírito científico, mas isto não se sustenta. Por que cientistas,

sobretudo epistemólogos, não conseguem considerar a psicanálise? Se a descrição do conhecimento for aquilo que dizem, jamais poderão dar conta dela. Ela está em outro lugar. Notem, portanto, que a posição de que falo é radicalmente diferente das demais em vigor no planeta. Eles querem dar conta de alguma coisa, querem saber e dizer o que é essa coisa. A psicanálise não faz isso. Ela busca arranjar dispositivos de abordagem. É o que fazia Freud ao falar em neurose, psicose, etc., que são apenas dispositivos e não qualificam definitivamente, mas permitem que o analista observe e não se perca – embora eu até ache que ele deva se perder. O que a psicanálise pode pensar – e aqui não importa sua história, e sim o fio vermelho que a atravessa com o mesmo sentido – é que se trata de dissolver formações. A psicanálise tenta achar disponibilidade. Só isso. É algo tão simples, tão fácil: a pessoa ficar disponível. Notem também que mesmo quando, aqui e ali, há posturas idênticas que não se nomeiam psicanalíticas, também é difícil para elas. A postura do místico, por exemplo, sempre esteve, no mínimo, ameaçada de morte pela Igreja católica.

A psicanálise, portanto, não é um sintoma ocidental, e sim uma afecção externa. Se tomarmos um místico qualquer, veremos que, dentro de sua ordenação – religiosa, por exemplo –, ele está o tempo todo fazendo um esforço de se retirar dos conteúdos e de os retomar de maneira cada vez mais abstrata – até sumirem.

• Patrícia Netto Coelho – *Há também uma dificuldade, que é pensar que a psicanálise NovaMente seria uma alternativa à direita e à esquerda, ao Oriente e ao Ocidente, ao relativismo e ao universalismo... Ela não é mais uma, e sim uma maneira de considerar essas situações de oposição. É uma maneira de pensar que reconhece esse tipo de experiência referida à Indiferenciação. Este não é o caso da política, da ciência, da psicologia, da filosofia ou de outras psicanálises. A NovaMente aponta para uma capacidade que já está dada, é da espécie, não é exclusivamente oriental ou ocidental. Sua maneira de colocar o problema é diferente, e não está nessa série de alternativas a essas dicotomias.*

É importante observar que isso faz parte da espécie. A nossa é a espécie do Revirão. Já lhes falei que havia um analista na Escola de Lacan, daqueles mais antigos, mais preocupados com a existência da Escola, que tinha uma analisanda que vinha da classe Z – era lavadeira, quase analfabeta cultural –,

a qual ficava muito preocupada porque uma porção de conhecidos seus a procurava para fazer análise. E ela funcionava bem, segundo ele. Parecia que ela vivia nesse mundo, batia certo nos pontos de entendimento do que lhe diziam. Ela não sabia de Freud ou de Lacan, mas ele a achava uma excelente analista. Vejam que uma coisa é alguém ser analista, outra, é teorizar o que está vendo. São dois campos diferentes. Freud ou Lacan, enquanto teóricos, não são analistas. Estão tentando dar conta de uma experiência da qual não fazem a menor ideia. Uma coisa é alguém passar por uma experiência, exercer algum efeito a partir dessa experiência, outra, é se virar para saber o que fazer para dar conta daquilo. Que explicação ele se dá?

- PNC – *E mesmo Lacan é ambíguo quanto a colocar a origem da psicanálise nas ciências modernas. Depois, ele dirá em outros termos...*

Isto, *depois*. O ensino de Lacan na universidade, hoje, só vai até o *antes*. Este, aliás, é o problema que se coloca quanto a alguém que tem um percurso enorme, mas o pessoal toma apenas um bloco que lhes parece possível entender. Para eles, Lacan é apenas isso. Não é.

- PNC – *Esse é mais o Lacan referido a Alexandre Koyré.*

O Lacan propriamente dito, aquele de carne e osso, quanto mais o tempo passava, mais ficava perdido. Quando começou mexer com aqueles nós, era de dar pena vê-lo emaranhado naquela floresta nodulada.

- P – *Não estaria ele tentando abstrair, escapar da cultura francesa?*

Coisa das mais difíceis para um francês. Quando dava aula para o pessoal de Vincennes, eu falava bastante que era estranho Lacan ter aceitado a sugestão de colocar a psicanálise na universidade. É algo que colou, está assim em vários lugares do mundo. A ideia foi de Serge Leclair, que foi o primeiro diretor do Departamento de Psicanálise de lá.

- P – *Althusser não estava misturado aí?*

Não. Althusser era comunista. Ele tinha uns alunos brilhantinhos – Jacques-Alain Miller, Alain Grosrichard, Alain Badiou... – que começaram a estudar Lacan. É preciso lembrar que até então Lacan não tinha publicações. Ele falava e deixava rolar. Eram outros que gravavam e transcreviam. Aquilo era semi-socrático. Foram esses garotos que arrumaram as publicações. Sobre tudo, Jacques-Alain. Althusser era psicótico, mas era o pensador da Esquerda

francesa. Lendo seus livros, vemos que ele sabia, era competente. Era maluco, mas não era burro. Esses garotos o convenceram a olhar para Lacan, ele disse que Lacan era gênio. Pronto, aí pegou. A participação de Althusser é essa, mas não na Escola de Lacan. Aliás, quando Lacan dissolveu a Escola ele foi lá criar caso com Lacan. Quem salvou Lacan da expulsão da Sociedade Francesa de Psicanálise foi esse fenômeno que o levou à École Normale, que, por sua vez, é a caretice acadêmica. É preciso lembrar que, naquele momento, o Partido Comunista francês era de grande potência e, lá, Althusser era um deus. No Brasil, nada há parecido com a École Normale. Seria interessante se tivéssemos. Era, aliás, a ideia de Anísio Teixeira. Aquilo que está na Tijuca chamado Escola Normal – hoje chamado de Instituto de Educação – foi montado por Anísio e Lourenço Filho para vir a ser uma École Normale. Não deu. Outra coisa que tampouco temos parecido aqui, um Collège de France, que lá foi fundado no século XVI.

- P – *O projeto da USP é de uma instituição colonizada. No início, a língua lá usada era o francês.*

Como sabem, Lévi-Strauss deu aula lá.

- Nelma Medeiros – *A universidade que Anísio criou aqui em 1933, chamada Universidade do Distrito Federal, era mais potente do que a USP. Quem desmontou o projeto foi a ala católica reacionária ligada a gente como Alceu Amoroso Lima. Anísio se auto-exilou no interior da Bahia naquele momento.*

Foi cuidar da fazenda do pai. Como sabem, trabalhei com ele no Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional, que tinha uma boa produção de revistas e textos.

- Aristides Alonso – *Tomando o Creodo, você apontou as emergências conceituais a partir das quais você fez o que chamou de Faxina. Freud, com toda sintomática judaica, ou mesmo europeia, fez brotar a psicanálise em meio a Édipo, etc., mas destacando a Pulsão de Morte. Isto de maneira tal que Lacan pôde resgatar e buscar refazê-la. As formações sintomáticas são fortes na constituição dos conceitos e, se não houver leitores à altura, essas formações culturais – e não as emergências conceituais – serão tomadas como sendo as ideias fundamentais da psicanálise.*

São construtos de entendimento... O mais importante em Freud é a frase: “Tive sucesso onde o paranoico fracassou”. As pessoas não pensam nisso. Por que disse ele isso? Não vi texto algum questionando isso. Freud estava fugindo da psicose. Repito, ele estava tentando desesperadamente escapar da psicose – e conseguiu. Basta lembrar de seu começo, da confusão que era sua cabeça. Ainda mais com aquele namorado doido, o Fliess. Aquela esquisitice era coisa de paranoico fugindo da homossexualidade. Freud passou mal, tinha uns sonhos estranhos que, depois, publicou.

• P – *O fato de a psicanálise ter sido produzida por um homem, branco, ocidental é um vetor. Entretanto, Freud sacou que ocorreu assim e seu movimento foi de fazer a análise justamente disso, de ser judeu, etc.*

Na Escola Freudiana de Paris, havia um analista preto, que era marido de Gloria, a secretária de Lacan, o qual, frequentemente, servia Lacan como chofer. No começo, aqui, o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro teve uma negra, que morreu, e um negro, que foi para Goiânia. Perguntei a Muniz Sodré por que havia tão poucos negros em minha instituição. Ele me disse que era por causa do Candomblé. É uma boa resposta. Não é necessariamente a referência ao Candomblé, suponho que seja à negritude.

• P – *Minha experiência com analisandos negros é diferente daquela com brancos. Me vi levado a sempre buscar considerar o lugar de onde vinha o que era dito, pois não era o mesmo a que eu estava mais habituado.*

Lacan, num seminário em que eu estava presente, mencionou estar impressionado com uma analisanda sua que era quíchua. Um dia, topei com ela na sala de espera do consultório dele. Ela se sentava feito uma estátua sul-americana, ficava dura, reta, até Lacan chamar. A gente tem língua parecida, neolatina, dá para levar, mas traduzir quíchua em francês deve ser bem complicado. A construção sintática é bem diferente, há significações que não cabem em nossa fala... Lacan estava impressionado com os *rr*, que eram muito fortes.

• P – *Por que a negritude impediria negros de chegarem às instituições psicanalíticas?*

Porque ela tem outras soluções. Solange Falladé, que era minha amiga, também era analista da Escola de Lacan. Ela era uma princesa africana. Eu

gostava muito dela, tinha uma ótima cabeça. A negritude é uma impregnação cultural muito forte. Como a branquitude, aliás.

• P – *Muniz Sodré, alguns anos atrás, me disse que era adepto do Candomblé por ser muito mais antigo que a psicanálise.*

Durante bom tempo, ele fez parte da instituição de Inês Besouchet. Mas já que é assim, posso também abandonar o Candomblé porque a pré-história é mais antiga...

• P – *Retomando as perguntas iniciais de hoje, é possível pensar que, dadas as posições, a psicanálise não se vê obrigada a aceitar nenhuma delas para si. Daí Freud falar em neutralidade do analista. Penso que, uma vez a posição analítica minimamente instalada, as posições que se lhe apresentam perdem suas forças de pressão sintomática. Por que aceitar a imposição de optar por essa ou aquela? Ou melhor, por que a oposição colocada seria necessariamente a única ou a melhor para o encaminhamento das coisas?*

As oposições que a cultura coloca são frequentemente um tipo de colonização mental. Como escapar de ser colonizado? Houve um grupo francês que, bem depois de Lacan ter falecido, tinha – e suponho que ainda tenha – injunções com grupos brasileiros de ditos lacanianos. Sua referência era René Major, o qual queria recolonizar, queria montar uma colônia francesa aqui no Brasil. Tentaram me cooptar para o projeto deles de Estragos Gerais da Psicanálise. Como sabem – está publicado –, me recusei veementemente.

• P – *Queriam exportar uma questão que é deles como se tivesse o mesmo peso aqui. Estados Gerais é um acontecimento francês. Com as piores consequências, aliás.*

E a pessoa que se recusa fica meio estigmatizada aqui no Brasil, mas é o que há a fazer. Muitos brasileiros caíram nessa. Ainda por cima, chamaram Jacques Derrida para falar.

• P – *Derrida, aliás, foi o que de mais inteligente aconteceu lá. Disse que “a psicanálise é sem álbi”.*

Ele precisava dizer algo que prestasse. Vejam que é uma guerra. Se deixarmos, é colonização. Indiquei-lhes a leitura de *O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*, de Boaventura Santos. Não gosto de seu marxismo, mas ele tem uma guerra boa. Chega de colonização na área

do conhecimento. Na verdade, ele quer trocar um sintoma por outro, mas a denúncia que faz é precisa.

• P – *Em uma entrevista para nosso curso de pós-graduação, um candidato me perguntou se lá não havia um curso de psicanálise pastoral?*

Lembrem-se de que já se chegou a imaginar a possibilidade de haver uma psicanálise católica.

• P – *No Brasil, tivemos Helio Pellegrino que era bem católico...*

Hélio era meio doidinho, eu gostava dele. Quando eu era professor na PUC, chamaram pessoas supostamente adequadas e lá fizeram uma reunião com Michel Foucault, que tinha vindo fazer palestras aqui. O Jornal do Brasil publicou a notícia na época. Mencionou meu nome, mas fiquei tão envergonhado que nada disse. Foucault dizia umas coisas fortes, e Hélio perguntava: E a mãe? Ela é que é importante...

• P – *Foi dito que o pensamento de Lacan estaria datado. Mas ele dava soluções para problemas de sua época...*

Lacan estava pensando segundo sua época e dando soluções para qualquer momento. Mas bateu de frente com o século XXI.

• P – *Você acha que existe algum pensamento que possa dar conta para todo o sempre? A Nova Psicanálise também está diante de um momento de mundo e apresentando suas ferramentas de acordo com esse momento. Mudando o momento...*

...ela vai morrer. Eu vou morrer, por que não ela também?

• P – *Uma inteligência artificial se alcançasse o nível humano, supostamente estaria portando a Formação Originária, o Revirão?*

Sim.

• P – *Mas podemos supor que haja algo para além do Revirão? Faço e pergunta por não termos, hoje, condição de supor que, no futuro, por não sabermos como será, seja isso que venha caracterizar essa superinteligência.*

Uma coisa é o escopo teórico ser superado. Outra, supor que Freud, por exemplo, seja superado quanto a seu conceito de Inconsciente. Jamais será. Então, se for conseguida uma Inteligência Artificial que preste, ela terá HiperDeterminação e, portanto, terá o Revirão. E, no que isso acontecer, todo o trabalho analítico poderá ir para o lixo. Isto porque, certamente, surgirá uma

Inteligência Artificial que, em pouco tempo, conseguirá operar a massa mental de uma pessoa de modo que a ajuda seja rapidinha. Além do mais, as pessoas não serão os imbecis que somos. Terão passado por certas experiências que as deixaram bem mais abertas. A superação será quase total, mas se esta teoria estiver certa o Revirão é insuperável. Ele será a base da máquina. Notem também que é o humano que, *a posteriori*, ficará equiparado ao nível da máquina. Um computador quântico competente necessariamente incluirá o Revirão. Os efeitos serão outras coisas, das quais não temos como saber agora. Serão efeitos de velocidade, produção, etc., mas, antes, deverá acontecer o momento em que o Revirão se inclui na máquina.

• P – *Como saber se o Revirão será a base de funcionamento do que virá? Não será ele apenas outra formação disponível?*

O Revirão não é uma Formação do Haver, **e sim o Haver enquanto função**. Logo, se lá chegarem, não há a superação possível dele. Ou seja, é a partir do Revirão que lá chegarão. Aí, as coisas ficam inconcebíveis para nós hoje. Basta pensar na pré-história quando alguém conseguiu inventar um número. Nunca mais ficaremos livres dele. A superinteligência jamais ficará livre dos números.

Vejam que não temos condição de imaginar um Primário sem dor. (Será também que é sem prazer? Aí, não brinco mais) Imaginem um Primário que possa ser feito, aperfeiçoado e acrescentado permanentemente. Ele será imortal. Este nosso, atual, que serve de base para os autores sobre tecnologia pensarem o futuro, não tem condições de ser feito. O lado bom é que quantidade enorme de supostos problemas de hoje irá para o lixo. Não serão mais problemas por não terem que bater de frente com esse Primário idiota. Nem sei imaginar isso.

• P – *Mas, nas análises, é possível imaginar problemas indo para o lixo.*

Sim. Qualquer pessoa que tenha conseguido fazer alguma análise sabe bem do que está sendo falado aqui. Ela pode constatar que certo encadeamento era sua história, agora não é mais.

• NM – *Isso de ir para o lixo retorna às questões iniciais de hoje. Se o movimento é no sentido da suspensão radical no sentido místico, quanto mais ele é exercitado aquilo que antes comparecia como fundamental vai perdendo*

valor. *A psicanálise, mesmo com sua história cheia de fatos menores, recolhe desta mesma história uma experiência que é a de nossa espécie: o vetor do abismo.*

Essa experiência sempre existiu desde a pré-história. Ou melhor, se lá não existisse, não haveria história. E tudo isso é culpa do velho Revirão. Como gente não tem a mesma estabilidade que animais têm, começa a inventar besteira, começa a requisitar. E quanto mais se requisita, mas perto do fim se chega. Do fim, em todos os sentidos. É, aliás, uma pena que registros da existência de espécies paralelas à nossa tenha desaparecido. Seria interessante se tivéssemos um neandertal colega...

• P – ...*pelo jeitão da situação atual, acho até que temos...*

...é o caso de dizer. Mas seria bem interessante se tivéssemos mais algumas espécies com o Revirão. Talvez o pessoal entendesse melhor as coisas.

31

Vocês estão aí falando sobre o texto *Das Unheimliche*, de Freud, que é normalmente traduzido por “O Estranho”. Quando dizemos sobre algo que é “estranho”, não se trata só de estranheza, e sim de que estamos falando dentro da coisa e achando estranho.

• Susanne Bial – *Unheimliche, em alemão, é intraduzível. Diz respeito ao que não devia acontecer, mas acontece.*

• Rosane Araujo – *Uma IdioFormação é portadora de formações primárias e secundárias e da formação originária, que é o Revirão. Como, da vez anterior, você disse que o Revirão não era uma formação, em que momento ele não é formação? Como você também já disse que a Pulsão, no sentido que*

tem na NovaMente, não é uma formação, fica difícil de entender uma vez que o Haver é uma formação de última instância e tudo que há são formações.

Insisto em chamar o Revirão e a Pulsão de formação e de não-formação. São dois conceitos-limite. E quando se está no limite é igual à polícia, que é o limite entre a sociedade e o ladrão. Logo, não se sabe de que lado está. Então, se perguntarem se o Revirão é uma formação, direi que não é. Mas o Revirão, dentro de uma situação, é uma formação. Há uma balança aí. E a Pulsão, quando funciona no Haver, não é uma formação dentro do Haver. Ela é o Haver enquanto função, no limite. Já numa pessoa, a Pulsão é uma formação. Isto, por estar adscrita à grande formação chamada Pleroma. Em matemática, há vários conceitos assim, que são limite e, por isso, funcionam ambigualmente. Portanto, Revirão e Pulsão são formações enquanto presentes em formações. Como conceitos genéricos não são formações, são o próprio movimento do Haver. O movimento do Haver, como o nome diz, é a pura Pulsão, é pulsional. Por que comparece o Revirão? Porque o Haver não encontra seu destino. Porque não há o não-Haver, retorna. Por isso, chama-se Revirão. E é um conceito-limite por fazer parte da Pulsão em sentido genérico. Ele é um acontecimento que se dá na Pulsão: no que a Pulsão funciona, ela revira.

- P – *A Pulsão é transcendental?*

A Pulsão é transcendental não enquanto ela própria, mas enquanto seu destino. Ela busca uma transcendência que jamais achará.

- RA – *Conceito não é uma formação?*

O conceito é uma formação dentro da língua e da teoria. Mas enquanto referido à sua própria constituição, é um conceito-limite.

- P – *Freud descrevia a Pulsão como limítrofe entre somático e psíquico.*

Ele sempre a colocou assim, como conceito-limite. Nas pessoas, temos Primário, Secundário e Originário. O Originário é repetição, ou eco, ressonância, do Revirão que há no Haver. O Haver tem Primário? Não. Primário é um conceito de gente e de animal. O Haver é sua própria constituição. É preciso entender que são conceitos que reviram sozinhos. O Haver tem Secundário? Sim, tem: somos nós. Nosso Secundário que é o do Haver. Nosso Originário é repetição do Originário do Haver.

- P – *Nosso Primário também não seria o Primário do Haver?*

Isto, se considerarmos desse modo. As coisas têm caminho. Indo por aqui, têm um sentido. Por ali, outro. Podemos dizer que o Haver tem Primário, que somos o Primário do Haver. Fica um pouco difícil, pois há mais coisa fora...

Costumo supor que uma IdioFormação, onde aparecer, é a consciência do Haver. Então, o Haver tem consciência de si? Sim. Chama-se: IdioFormação. É consciência enquanto resto do Inconsciente. O Haver produziu a gente só para ter consciência de si. Temos que pensar assim para que o Teorema da NovaMente seja coerente. Isso resolve a questão da consciência de si. A IdioFormação é a única que tem consciência de si, ou seja, ela revira. Em algumas regiões do Haver, brota de novo o Revirão e, portanto, consegue produzir como Secundário a consciência que o Haver tem. Não adianta colocar Deus, não tem isso lá, nós é que somos a consciência do Haver. Quando o pessoal religioso, sobretudo católico, resolveu que tem um Deus lá fora, queria colocar a consciência do Haver como Deus. Para nós, não tem nada lá.

• P – *Mas tem um reflexo?*

Um reflexo que é a repetição do movimento do Haver como Revirão. Repetição que, enquanto tal, não há em outros lugares. Se, dentro do Haver, as coisas reviram, elas não são revirantes, e sim reviradas pelo Haver. Nós somos malucos, reviramos sozinhos. Por isso, todo mundo é doido. Nietzsche dizia que “o homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem: uma corda sobre um abismo”. É correto, pois esta situação nossa de IdioFormação é muito malfeita. Suponho que, à nossa revelia, estamos aqui para fabricar o Super-Homem, o qual talvez não seja de base carbono. É mais uma ferida narcísica pensar que somos os intermediários.

• P – *Mas, por outro lado, em 1996, você disse que a Hipótese Deus é ineliminável em nossa espécie.*

O que lá está proposto é que, em momento algum da história deste animal que somos nós, deixou de haver a suposição de um Deus. Ela comparece sempre, nem que seja negativamente. Nem ateu deixa de fazer essa suposição. Aliás, este é que não deixa mesmo de fazer, pois nem ateu é já que, em ‘ateu’, está a palavra ‘deus’. É preciso colocar um Deus para dizer que não é. Ateísmo é denegação. Se me perguntarem quem ou o que é Deus, há um passo adiante de Espinosa: **Deus é Haver**. Como no tempo de Espinosa o tipo de conceito que

é o Haver seria impossível, ele disse “*Deus sive Natura*” – sendo que *Natura*, para ele, era tudo. Se substituísse pelo conceito que uso hoje, diria: “*Deus sive Habere*”. A Hipótese Deus não some, pois tem uma potência muito acima de nós. E mais, acho que Deus não é uma Pessoa. Caso contrário, teríamos que personalizar o Haver. Eis, aliás, uma boa pergunta: O Haver é uma Pessoa? Repito que ele é um conceito-limite, pode ser ou não.

Nós somos a espécie do Revirão. Uma espécie que revira. Ou seja, uma IdioFormação, que é aquela que, ao chegar no limite, revira. Portanto, é e não é. Estar no limite é estar no ponto do Revirão, que não é estável. Então, não é algo concebível em qualquer pensamento filosófico pensar que Pulsão é um conceito, sim, justo porque não é. Em pensamento matemático, é.

• Aristides Alonso – *Freud e Lacan não tiveram essas questões, pois, para eles, tratava-se de Formações do Inconsciente: sonhos, chistes, atos falhos... Não lhes passava pela cabeça a ideia de Inconsciente como formação.*

E as Formações do Inconsciente, para Lacan, estão adscritas a haver linguagem.

• AA – *Seu pensamento, ao generalizar dentro do conceito de Revirão, topa com um ponto muito estranho, unheimlich, que, por exemplo, é justo o que é e não é dizível. Outra questão é entender que isso esbarra na Bifididade apontada e na binariedade da língua.*

A língua é limitada. Nela, só se consegue algum dizer pleno mediante ato poético. Marcel Duchamp soube fazer isso com frequência. Poetas dizem de um modo que não é apenas ambíguo. É, sim, bífido. Pode-se ler para lá ou para cá. E isso faz parte de nossa estrutura mental. Como a formação de nossos hábitos pedagógicos, didáticos, é euclidiana e aristotélica, temos dificuldade para entender a ideia de Bifididade. Euclides e Aristóteles têm recorte. Aqui, não tem. Aqui, revira. Muitos pensamentos contemporâneos – na matemática, na física, e mesmo na biologia – também são assim, não têm mais recorte estático. Por exemplo, onde começa a vida? Eis um problema sério dos biólogos. Há um vírus, depois dele vem o quê? Há que pensar isso, pois como produzir vida sem ser reprodução de vida? Não se conseguirá produzir isso mediante esses raciocínios aristotélicos.

• AA – *Não dá para traduzir aristotelicamente o entendimento das Quatro lógicas (Desistência, Resistência, Consistência e Inconsistência) que você apresentou. Na Consistência e na Inconsistência, está-se trabalhando no regime das decadências das possibilidades. Já a Resistência aponta para um elemento de última instância como a Insistência. Esta é uma lógica nomeada, mas que comparece como elemento estranho. Para acompanhá-la, é preciso falar em Haver, em Real, em Bifididade, em Revirão. Se não, o conceito não arruma os raciocínios.*

Os conceitos básicos da NovaMente não permitem uma arrumação aristotélica. Consistência, aliás, chama-se: burrice. Não há pensamento consistente, e sim pensamento mais ou menos organizado. Lacan se aproveita da Inconsistência para distribuir o homem e a mulher – o que é uma bobagem. Não se trata disso, e sim de modos diversos de constituição. Aí, ele tem que dizer que nem todo homem é homem. O que importa é que há pessoas de constituição Consistente e pessoas de constituição Inconsistente. Acontece mesmo de, estatisticamente, as mulheres serem mais doidinhas e os homens mais estúpidos. Então, fica parecendo que é uma questão de sexo, mas não é. Na matemática nova, temos o Paraconsistente, que é difícil de ser entendido. Newton da Costa, seu criador, tentou dar conta do não-todo, do *pastout*, de Lacan.

• AA – *Falar de Consistência e Inconsistência ficaria mais no âmbito do Ser. A questão da Resistência – e da Bifididade – estaria referida à própria funcionalidade do Haver. Há algo entre Haver e Ser nessas lógicas. A escrita da lógica predicativa é feita segundo a lógica do Ser – e a filosofia é escrita dessa maneira. Como as Quatro Lógicas da NovaMente usam os termos da predicação, fica difícil a compreensão da Lógica Resistente sem que anteriormente seja explicitado o conceito de Haver. Nesta lógica, há um salto, uma aristocracia, pois ela é superior às lógicas da Consistência e da Inconsistência. Se estas não forem pensadas como decadência do processo, não há como dar conta da lógica da Resistência. Uma cabeça filosófica, ocidental não consegue entender isso.*

Por outro lado, é possível fazer o mapeamento de filósofos que sofrem com isso, que estão em crise do Ser. Eles ficam angustiados tentando dizer algo para além do Ser. Por exemplo, François Laruelle com seu *l’homme-comme-Un*,

Lévinas desesperado com seu *l'ilya*... Como ele não sabe português, não pode dizer *Haver*. Isto é bem sério, pois os grandes pensadores, para mim, são portugueses: Espinosa (que pensava em português, e não em holandês), Fernando Pessoa (“minha pátria é a língua portuguesa”)... A língua portuguesa é riquíssima, ela nos deixa separar o Ser do Haver. Heidegger não consegue essa separação, pois tem uma língua pobre (como a francesa, de Lévinas). Temos que denunciar isso.

- AA – Habere, *do latim, vem de habitare*.

É importante constatar que há bastante gente angustiada, na tentativa de sair do Ser. O Ser tem configuração, o Haver enquanto tal não tem. Os físicos correm atrás para ver se acham. Há que considerar também certos argumentos fundamentais do Oriente. O Yin / Yang, como já lhes disse, é bífido. A curva que está no desenho é a melhor maneira de representar o Plano Projetivo. Não se consegue desenhá-lo, então é representado como um círculo com aquele Revirão dentro. Se fizermos um furo no Plano Projetivo ele virará uma banda de Moebius, e se, nela, fizermos um furo, virará uma banda bilátera. Está tudo no desenho, que acho uma intuição antiquíssima do Bífido e do bilátero. Como sem a matemática contemporânea não era possível conceber o Plano Projetivo, conceberam o desenho de algo que é preciso recortar para comparecer. O que escrevem sobre Yin / Yang é tudo misturado: um corre para lá, vira ao contrário... E mais, se não for isso, quero que seja.

• AA – *Diz você que estamos aqui para dar continuidade à purificação do processo da IdioFormação. Na literatura ocidental, temos o tema antiquíssimo do Doppelgänger, do Duplo. Começa no Gênese com a feitura do homem a partir do barro. Depois, temos Golem, Frankenstein, o Médico e o Monstro, Dr. Jeckyll e Mr. Hyde, o Vampiro sem reflexo no espelho... Aí vêm as máquinas replicando até a fantasia máxima de construir um duplo homólogo à funcionalidade mental da espécie. Acho interessante que essa história que estamos tomando pelo viés da psicanálise esteja escrita na cultura em sua representação mitológica, narrativa e ficcional de n maneiras. O sonho é sempre fazer esse Duplo de modo pleno, chegar a algo homólogo de si.*

Isso é prova concreta, material, da existência do Revirão. Foi aí que o achei, não tirei da cartola.

Estamos na era da pós-verdade, o que significa que o estabelecimento de verdade ou não-verdade é muito relativo. Sempre chegamos a uma conclusão falsa. Eis algo que costumamos a entender para o século XXI: toda conclusão é conclusão, mas é falsa. O *fake* não é um acontecimento raro. É preciso começar a entender que **somos a espécie *fake***. A maior zorra que acontece hoje é que a crença na verdade dependia de sistemas fechados que decidiam o que era e o que não era verdade. Então, se o sistema rompeu, o que fazer? Razão, todos têm – não há dúvida quanto a isso. Lacan tentou escapar dessa, do ponto de vista da psicanálise, falando em atingimento de *sua* verdade em análise, que é quando você consegue *dizer* a verdade. E é verdade, pois sua construção é essa. Mas é verdade apenas enquanto você. O vizinho pode achar aquilo errado. Onde vai, então, para a lógica e para a filosofia o conceito de verdade?

• P – *O que pensar daqueles que negam a verdade científica e falam em terraplanismo, por exemplo?*

A ciência tem argumentos mais concretos e tem a funcionalidade como referência. Se alguém tem uma ideia, constrói uma teoria, vai ao laboratório e funciona, é isso. Atualmente, o que vemos como terraplanismos, etc., são movimentos não de negação, mas *contra* a ciência. São uns jumentos locais, pois, do pasto em que vivem, ao olharem em volta, efetivamente veem tudo plano. O pasto é obviamente plano. Como digo, nossa época é de fuga para trás e todas as invencionices religiosas, mitológicas, que já se fizeram estão tendo muita força por serem o refúgio do imbecil. Estamos cercados. É melhor falar apenas inter-pares, pois o risco é grande. Estamos num momento radical de revirada no mundo, em que todo o saber que valeu até o final do século XX está em crise e em crítica. Mas o século terá que engolir o Revirão, queira ou não. Isto, até na ordem biológica. Durante milênios ele foi denegado. Construíram inúmeras barreiras para denegá-lo. Quando alguém passava da borda, era colocado no hospício, na fogueira ou virava santo.

Por quantas vias a realidade pode ser abordada e chegar a uma conclusão razoável? No Ocidente, determinada via tomou o poder e o resto está proibido de pensar. No caso do Brasil, temos um Revirão oculto, digamos assim. A cultura brasileira se comporta em dois níveis diversos. O nível oficial é careta, importado, colonizado, imbecil e dominador. Já o que brota por baixo

em nível de arte, de carnaval, etc., é nosso, é o Maneiro. O que a Semana de 1922 denunciou foi justo a dificuldade de entender como esses dois níveis vivem no mesmo lugar. Qual dos dois escolher como referência?

• P – *Não é o caso de fazer uma diplomacia entre os dois? Guimarães Rosa parece fazer assim.*

Guimarães Rosa faz erudição do que o povo diz. Ele eruditiza, torna válido aquele modo de falar. Sua ação é como se fosse a de um linguista recuperando a fala e a língua popular. Ele vai lá no fundo da língua que é a nossa. Villa Lobos fez o mesmo.

• Patrícia Netto Coelho – *Talvez pudéssemos mesmo dizer que o brasileiro tem facilidade no trânsito das línguas, tem uma boa relação com a língua alheia. Consideremos Trajano Ribeiro, que fez uma tradução original de Homero, os irmãos Campos com suas transcrições, Jacyntho Brandão, tradutor de Gilgamesh... A situação de trânsito parece ser bem disponível aqui.*

Daí que tomei dois seminários de Lacan e os escrevi como quis. Fiz questão de chamar *versão brasileira*, e não tradução. Tanto é verdade que Safatle, como bom representante da cultura europeia, diz que não são boas traduções. O português do futuro será esse que o povo fala, sem as redundâncias da língua oficial.

32

• P – *Estou corrigindo um trabalho de conclusão de curso sobre arte e crime perverso. Tendo por base que tudo é arte, o autor quer mostrar que um crime exercido com perversidade poderia ser expressão de uma fantasia e, portanto, seria uma obra de arte.*

O que é um crime perverso?

• P – *Ele cita, por exemplo, o Barba Azul, Gilles de Rais, como sendo a expressão de um estilo de gozo, o exercício de uma fantasia.*

Iria ser exercício do quê? Não canso de repetir que crime é o que está escrito na lei. Maldade é outra coisa. Faz-se arte com o que quer que. Outra história é a situação desse hábito, dessa produção, dentro da sociedade. Há poucos dias, o prefeito da cidade mandou confiscar uma revista em quadrinhos com o desenho de dois rapazes se beijando na capa. Se mandou censurar, está chamando aquilo de crime. Mesmo que não esteja na lei, ele pronunciou uma lei, ele (não legislou, mas) legiferou sobre aquilo. Então, o que fazer? Se ele tiver quórum nalgum Congresso, transformará em lei. Vejam que há uma gradação infinitamente grande. Qual deles é arte? Sotckhausen, no final da vida, ficou maldito por ter declarado algo óbvio: Onze de Setembro é uma obra de arte. Disse eu, na época, que era uma obra de arte que inaugurava o século XXI. Isto, com todas as significações. Outra coisa é julgar o fato do ponto de vista do social, do Estado, das pessoas diretamente afetadas. O Sistema não quer, amaldiçoa essa obra de arte, mas é obra de arte. Paulo III, papa do Vaticano, mandou pintar panejamentos nos nus de Michelangelo. Foi um custo para tirar. Quem é o perverso aí? São limites difíceis de traçar, em que o entendimento nada tem a ver com o julgamento. Se algum analisando disser que faz tal ou qual coisa, o analista buscará entender ou julgar?

• P – *Em Velut Luna (1995), falando de Galileu, você sugere ter havido certa ingenuidade da parte dele ao supor que a razão convenceria o papa de que estava certo.*

O papa era matemático, sabia que estava certo – mas aquilo não pode, estraga todo o Vaticano. Ele era muito mais papa do que matemático. Vejam que a situação é mais grave ainda.

• P – *Em certas situações, é até melhor que o inimigo não entenda.*

É, aliás, o que prefiro para mim. Como até hoje não entendem o que é Revirão, estou bem... Há uma distância entre o entendimento e o julgamento. E o julgamento será em função de qual código? Até onde se pode ir? Entendam que isso é que é Revirão. Quando se vai muito longe num percurso, há um lugarzinho em que se passa para o lado oposto.

• P – *No decorrer de sua obra, você critica a ideia de perversão, diferencia de perversidade, fala em Morfose Progressiva, e chega à ideia de Autarcia.*

Só é possível definir qualquer coisa dentro de determinado contexto. Tomem o exemplo de alguém que está com seu parceiro e pede que este lhe bata. Há ainda aquele que diz que tem que sair sangue... São narrativas comuns em análise. Se isso vai em frente, o que pensar? Está aí o Marquês de Sade para falar sobre isso. Quanto a mim, não estou justificando coisa alguma, e sim apenas dizendo que existe. De nosso ponto de vista, não temos recurso a código algum de reprovação ou de aplauso. Nosso código é de consideração e de suspeição, pois não se sabe onde está o limite. Ele é traçado de fora. Outra formação com certo grau de concordância de outras formações se torna o código de julgamento das ações. E isso é uma ficção social. O insuportável para a maioria das pessoas é viver na base do entendimento. Então, vivem referidas a códigos. E se há código, há juízo. Código pode ser a língua (“Está escrito certo ou errado?”). E os gramáticos ficam querendo segurar sua estrutura (frequentemente, de uma língua que nem mais é falada daquele modo). Imaginem isso a respeito dos atos humanos e das manifestações do psiquismo com suas espontaneidades fora de qualquer código. Traçar limites em códigos é ficção. Outra coisa é pessoas começarem a acreditar, a achar que aquela ficção deve ser imposta a elas e aos outros. Aí vira o que escrevo como *Fixão*.

• P – *No texto que estou corrigindo, o aluno chama de monstruosidade o estilo daqueles que cometem esses crimes.*

Já lhes disse que a palavra ‘monstro’ está ligada a *mostrar*, exhibir, expor. Por isso, chama-se de monstruosidade aquilo que inesperadamente se mostra. É o oposto de obsceno, que é “fora de cena”. Quando “vem à cena”, torna-se monstruoso. E mais, é preciso ter estômago para encarar essas situações-limite. Ocorre-me agora que, em 1990, um dos ingredientes da explosão do chamado Colégio Freudiano/RJ foi, a propósito do horror da situação analítica, eu ter me aproveitado da experiência de Santa Ângela de Foligno, mencionada por Georges Bataille em seu livro *A Experiência Interior*. Eu tentava falar desse limite do suportável e aquilo causou uma verdadeira rebelião junto a certo pessoal lá presente. Ela que lavava leprosos e bebia a água cheia de cascas de

ferida se tornou santa. Já Sade seria o quê? Por outro lado, pensem: Alguém extremamente lindo é um monstro? Onde ficam os limites? O grande problema do século XXI com a possível entrada do Quarto Império é apenas uma questão de fronteiras. As pessoas estão desesperadas justo porque, devido à tecnologia, a situação andou e se dissolveu tanto, que os limites estão borrados. Aí uns exageram para trás, querem limites muito curtos, e outros querem uma porralouquice total. O planeta está assim.

• P – *O limite não esbarra na questão do Impossível? Você disse que a proibição é metáfora do impossível.*

Trata-se aí de um impossível modal, que depende dos recursos disponíveis para sua ultrapassagem em determinado momento. O Impossível Absoluto, este, é absoluto, jamais poderá ser ultrapassado. Ao proibir algo, quer-se fingir uma impossibilidade. A interdição é uma analogia da Impossibilidade. Como o grau das impossibilidades modais diminuiu bastante, a maioria se aferra em acreditar que interdições são impossibilidades – e isso virou um sintoma. As pessoas acreditam a ponto de ficarem apavoradas com as ultrapassagens que são cada vez mais frequentes.

• P – *É a vitória do código.*

O que está sendo esculhambado são justamente os códigos. Eles estão desmoralizados. A saída é construir o Quarto Império na base do entendimento e da conversa sobre o que *ad hoc* pode ou não. Os contratos serão pulverizados, serão locais. E isso já começou. Minha geração jamais podia aventar a ideia de casamento homossexual, por exemplo. Era inimaginável. Vejam que o código já se desmoralizou. Casamento não é para reproduzir, e sim companheirismo para fazer uma sociedade. Muitas pessoas já deixaram herança para o cachorro a que se associaram no final da vida... O fato de as pessoas se apavorarem e correrem para trás esbarra no fato de que nem mais está dando para correr para lá, não vai funcionar. A tecnologia é explosiva e responsável pela pulverização, pela exacerbação da informação e da relativização nas mentes. O que resta, é andar para a frente. É, aliás, o que pregam os chamados aceleracionistas.

• P – *Não seria também porque, como você diz, o Inconsciente é onívoro?*

O Inconsciente sempre foi assim, fica fazendo merda. As regras, por sua vez, dado que o Primário é frágil e limitado, viviam sustentando limitações enormes. Entretanto, dentro da ordem das coisas – que podemos considerar como produção artificial de Primário –, aconteceu uma subversão de tudo. O mundo está subvertido.

• P – *Mas códigos sempre serão necessários. Se não, sequer daria para sair à rua.*

Aí é que se coloca a diferença entre funcionar Sintomaticamente e funcionar segundo Juízos Foraclusivos, como chamo. É preciso chegar a acordos de comportamento mediante juízo no sentido de que algumas coisas serão colocadas fora para o bom fluxo das situações. Mas o que vemos em vigor são códigos quase que religiosos, que pedem uma crença total. Se não pedem, as pessoas leem como se fossem algo a ser acreditado enquanto referido a uma realidade. Então, como conseguir um trabalho psíquico para cada um ter todas as suas formações dentro de um mesmo princípio? As pessoas são fracionadas, são um monte de cacos de formações em que, frequentemente, uma nada tem a ver com a outra.

• Aristides Alonso – *Os estudiosos da tecnologia dizem que vivemos numa sociedade cada vez mais exponencial com uma mente ainda linear. A mente linear diz respeito ao nosso modo milenar de viver; mas, na mente exponencial, após uma série de duplicações, não há mais como computar e o processo se torna explosivo.*

Lembrem-se de que, em contraposição aos demais modos de pensar, a psicanálise já nasceu no exponencial. Nosso Primário é tosco e, além disso, temos as formações que o imitam – a chamada cultura, que é uma estagnação –, mas a psicanálise foi feita para se tornar um aplicativo no celular.

• P – *É possível um atendimento psicanalítico a distância?*

É possível, embora eu não goste. E mais, a psicanálise enquanto tal tem seus dias contados. No que se dispersar nos processos disponíveis no mundo, será possível mapear e intervir nas mentes com muita facilidade. Então, se houver desenvolvimento na espécie, a psicanálise, por ser um pouco grosseira, acaba. Disseminando-se, ampliando suas operações, ela acaba. O pensamento psicanalítico, no futuro, será dominante, hegemônico. Isto, não por algum meu

wishful thinking, e sim porque o mundo está ficando do jeito que o Inconsciente funciona. Basta ver que, na história da filosofia, o pessoal fez enormes esforços para entender, desenhar, qualificar, criar fronteiras – e tudo se transformou em ficções, algumas até muito interessantes. Só.

• P – *No caso da análise, que é pessoal, um mesmo algoritmo valerá para todos?*

Temos dificuldade para entender isso porque nossa tecnologia ainda é lenta demais. O mundo que é específico de cada um tem traços redutíveis a um esquema minimalista. Temos que considerar que cada pessoa fala uma língua por ser analfabeta. Se não o fosse, falaria qualquer uma. Sempre lhes digo que, na situação analítica, há que entender a língua de cada um. Mas isto, em nosso sistema que é devagar demais, e temos que entrar naquele pequeno universo. Entretanto, se isso se disseminar – e está se disseminando para fora do recurso psicanalítico – a ponto de as leituras ficarem superficiais, a minimalidade virá facilmente à tona. Deleuze já pensou bem sobre isso, mas ainda faltam muitos recursos para que efetivamente aconteça na rapidez que estou supondo. Freud, ao criar o Édipo, pretendeu que fosse para todos. E ainda tentou fazer uma diferença geral entre macho e fêmea – depois viu que não funcionava. Foi a tentativa de falar de um sintoma comum, mas é um sintoma grotesco, anedótico demais, que, ao tornar-se um pequeno algoritmo, poderá ser rapidamente entendido. Temos o mau hábito de pensar como o troglodita do século II que precisava de inúmeros exercícios mentais para fazer uma conta de somar. Hoje, nem a fazemos mais, apertamos uma tecla. A psicanálise é um tipo de ação e de discurso ainda mal concebido e mal distribuído, mas – por necessidade – chegará a esse mínimo. Aí, talvez, alguém possa se sentar e falar – com o vento.

• Patrícia Netto Coelho – *Quanto ao que você está dizendo, não se trata de criar um aplicativo do zero. A cada dia, temos mais aplicativos que mapeiam, fazem listas, descrevem preferências das pessoas, registram seus trajetos... Isso já acontece de maneira fragmentada, mas a resultante virá de aplicativos produzidos pelo uso de aplicativos anteriormente produzidos. Fato este que é visto como uma situação de controle.*

Acho reacionário tomar o que está ocorrendo como da ordem de um controle tirânico. Quando todos ficarem pelados, acabou a vergonha. O pessoal está com medo de ficar nu em público – mas ficará!

• Nelma Medeiros – *A transparência envolvida nessas tecnologias desconfigura a própria ideia de individualidade. As pessoas ainda agem, sofrem, teimam, fazem análise como indivíduos. A tecnologia está colocando essa situação com os dias contados.*

A ideia de indivíduo será eliminada. Temos ainda muita saudade do século XX, mas a diferença específica de cada pessoa será lida rapidinho. A resultante será uma especificidade com mais formações expostas e disponíveis à consideração. E isso será o cotidiano das pessoas, o que possibilitará a cada um viver em processo de leitura de todas as monstruosidades que se apresentarem. Ainda não percebemos que, dentro de nós, há um monstro? As tecnologias de vigilância que vigoram atualmente influenciando eleições em diversos países, por exemplo, é apenas o meio de campo. Quando vigorar muito, isso mesmo dissolverá o processo. Os nichos que vemos hoje com comportamentos manipulados e agressivos em relação a outros acabarão se conhecendo mais e incluindo ainda outros mais no jogo. Então, lá para adiante não existirá individualidade, mas a manipulação será difícil. Ou seja, todos, ou quase, serão espertos.

• PNC – *A própria ideia de manipulação é meio esquisita por supor uma dissimetria, uma desvantagem que não existirá necessariamente...*

Durante algum tempo, será uma imundície. A coisa ficará tão imunda que, em determinado momento, o pessoal se reunirá de algum modo por ter entendido que não dá mais para continuar do jeito que está. As situações neuróticas se dissolverão espontaneamente, virarão lixo cultural. Basta pensar nas inúmeras históricas de antigamente, que ficavam paralíticas, etc. Onde estão elas hoje? Elas já têm ambos os sexos e se comprazem em expor sua histeria nas redes sociais, por exemplo. Os grandes nichos pregressos que aí estão vão ficar e se tornarão campos de concentração. Basta ver que governantes já têm a preocupação de como sustentar a massa de inúteis – os *useless* – que cresce a cada dia.

• P – *Em função dos raciocínios que você está trazendo, a própria noção de singularidade não tomaria outro viés? Temos que supor que ela estará em vigor lá adiante.*

Sim. O que não haverá serão ideias como sujeito, indivíduo... Isto, aliás, já acabou, o pessoal é que não quer ver. Essas duas ideias, em última instância, são a noção de *personalidade* da psicologia.

• PNC – *A rigor, personalidade é uma pessoa famosa, uma celebridade...*

É o caso de dizer. Foi por isso que tive que pensar em Teoria das Formações. Tomemos uma Pessoa, aquilo é um sujeito, um indivíduo? Não. É um amontoado de formações, muitas vezes incongruentes umas com as outras.

33

É bastante difícil entender o que seja a **Fantasia**. Cada pessoa tem uma – e apenas uma. Quero supor que a fantasia pessoal seja singular. Ela foi montada dentro de um enorme complexo de componentes primários, secundários, de acontecimentos históricos... Há um momento em que ela se funda. Em geral, as pessoas não se dão conta dessa resultante lógica. A fantasia pessoal se exprime frequentemente nos comportamentos e nas ações das pessoas mesmo sem que se deem conta e pensem que são coisas diferentes. Quando se exprime mais claramente, exprime-se mediante *devaneio*, não fala direto. Os devaneios, de qualquer tipo, de uma pessoa estão infectados pela fantasia. Sobretudo, os devaneios eróticos. A fantasia determina por onde a pessoa goza – sexualmente, etc. Segundo Lacan, existem vários modos de gozo: fálico, do sentido, e do Outro. Da vez anterior, eu disse que uma das maneiras de considerar a fantasia – a maneira contemporânea, mais consentânea com

os comportamentos mentais de nosso século – é considerá-la um algoritmo. Ao escrever *significante* sobre *significado* (S/s), Lacan tinha tentado falar de algoritmo. Acho um pouco forçado.

• Aristides Alonso – *Acho que é sim, pois faz uma estrutura sintática mínima de algoritmo. Há que lembrar que Saussure coloca um círculo fechando o sistema, mas coloca uma seta-guia que faz um giro entre significante e significado.*

Então, é um algoritmo. É que, em Lacan, não percebo bem a sequência. Mas ele colocou de uma maneira nova, que é a de considerar sintaticamente. Se for isso, você tem razão, pois eu não estava considerando sua fórmula sintaticamente.

• AA – *Você mesmo já encaminhou esse raciocínio no artigo O Hifen na Barra (1972). O que Lacan monta sobre a lógica do signo, de Saussure, de subida e descida da seta, é posterior à sequência que ele monta como algoritmo: S1, \$, S2. Ele compõe o que seria o algoritmo correto da linguagem.*

Isto, sim, entendo como da ordem algoritmo.

• AA – *É a mesma sequência que ele desdobra já combatendo a alienação do significado. Não há significado. Este é mais um significante que se monta e a estrutura sintática se desenvolve...*

Mas, em algum lugar aí, é preciso achar um significado atribuído... E Saussure tem razão, pois não é necessariamente linear, há uma função de ida e volta. Entretanto, S1 e S2 é mais ou menos linear...

• AA – *...menos a queda do objeto (a) e o sujeito (\$) que se representa, que se representa, que se representa...*

Sim.

Continuando o que dizia, as pessoas estão sempre fazendo a suposição de que seus devaneios, sobretudo eróticos, a sequência de elementos que vão articulando para atingir o gozo... Todos sabem que, para gozar, é preciso fazer uma série, e cada um tem a sua, tem a sua historinha. Isto é algo mais verificável na masturbação do que na cópula. Na masturbação, faz-se um requerimento de sequência algorítmica, e se a pessoa se perde no meio, brocha. Esta é uma das provas do processo sequencial do algoritmo. É difícil conseguir extrair a fantasia de dentro dos devaneios, dos sonhos ou dos comportamentos em que

ela aparece com frequência. É quase um orgasmo, e coloco tudo isso no mesmo processo. As pessoas são inteiramente desenhadas, mas como o devaneio é diferente a cada situação, é difícil descobrir o desenho, o denominador comum ou o que dali se extrai como organização mínima.

Deparei-me recentemente com um relato de fantasia e vi que a pessoa tinha uma caixinha-Marcel Duchamp, com tudo que é seu mínimo ali guardadinho. É sua última instância, que comparece como algoritmo mesmo, mas ainda disfarçado. Trata-se de algo de uma ordem que, primeiro, figurarei freudianamente por ser mais fácil para entender de maneira genérica. Ela tem o ego e seus projetos de tesão e de gozo, e tem o superego e seus projetos de determinação e dominação. Esse ego está aprisionado, e quem possui a chave de acesso e o comando é o superego. Quando aborda esse ego, o superego impõe a finalização do processo como gozo no sentido de um Imperativo. Lembrem-se de que, em Lacan, o superego diz: Goza! Agora passando a limpo em nossos termos, a pessoa tem uma formação capaz de pronunciar seus desejos – que chamamos de Pulsão ou Tesão –, mas que está aprisionada na situação por outra formação que só permite a realização desse desejo como gozo mediante sua determinação imperial. Está aí a fantasia.

São formações que foram montadas assim por causa da história da pessoa. Vejam como é simples o conjuntinho das operações que funciona como responsável por suas fundamentais articulações no mundo: uma formação desejante aprisionada e determinada por uma formação dominante. A formação só realiza sua função desejante mediante essa aproximação que, mais do que dar permissão, faz a imposição de gozo à formação. E é muito bom quando se consegue saber qual é esse conjuntinho porque é ele que regula os processos de consecução, ou seja, de gozo. Após descobrir isso, a pessoa pode perceber que ele está latente no fundo de todos os seus processos. É o DNA do gozo.

• Patrícia Netto Coelho – *Na fantasia não haverá sempre em jogo um movimento de tesão e algum tipo de embargo?*

O embargo pode não entrar diretamente na fantasia. O que relatei foi o joguinho fechado de uma situação específica que funciona assim. Lacan escreve como fórmula da fantasia: $\$ \diamond a$. Não posso manter essa fórmula já que matei o sujeito e joguei o objeto no lixo. Não dá para generalizar, pois, em qualquer

pessoa, esses elementos serão achados em seu jogo de vida, em seu jogo de devaneios, mas cada um monta sua fantasia de um jeito, é uma singularidade. Pode tê-la montado no absoluto desrespeito ao superego.

• AA – *Lacan escreveu essa fórmula e você escreveu: $A \rightarrow \tilde{A}$, que é a fórmula da fantasia do Haver. Num Seminário antigo, você escalonou alguns passos que seriam dados no processo de análise: (1) Destacamento, (2) Assunção, (3) Desdobramento, e (4) Acontecimento de uma ampliação e uma generalização como se fosse o próprio Haver.*

Alei ($A \rightarrow \tilde{A}$) é, sim, a fantasia do Haver. É por onde o Haver goza. E esses passos que você menciona só são possíveis quando se conhece a fantasia. A partir desse conhecimento pode-se percorrer o processo até a última instância. E nada há mais a fazer na vida a não ser tomar esse conhecimento e dizê-lo – belamente.

• PNC – *Para ser considerado fantasia, o algoritmo equaciona o quê?*

Equaciona alguma situação histórica que, ao mesmo tempo que pode até tê-la feito sofrer, fez a pessoa considerar um grande momento de satisfação. É o que, com outras palavras, está em Freud, aliás. Pode não parecer, mas foi um momento de satisfação, cuja engrenagem, cuja montagem, resultou nesse algoritmozinho. Não importa se ela estivesse dando ou tomando porrada – cada pessoa com seus ingredientes. Houve um momento de satisfação que resultou em tal algoritmo, o qual se repete de alguma forma toda vez que a pessoa precisa gozar. E o que a pessoa pode fazer com seu algoritmo é assumi-lo e fazer com que seja bacana – pois não será outro. Há que caçar na história das pessoas, em suas falas, em seus sonhos, etc., um grande sistema que caminha para esse ralo. A maioria, ao invés de assumi-lo e fazê-lo falar artística e poeticamente, fica em luta constante com o processo querendo que não fosse assim. É preciso saber que é assim e que é assim que se deve fazer.

• PNC – *Não haveria certo Creodo da espécie referido a essa decantação da fantasia? Numa situação de Quarto Império, em que se requisita a possibilidade de replicação da espécie em outra base que não carbono, isto já não seria uma situação de suscitar essa fantasia do Haver, que é de última instância?*

Sim. Somos empurrados para Lá. O processo é escalar.

• P – *Há uma forma para alguém saber qual é sua fantasia? O exercício analítico?*

Não há forma. Você vai falando consigo mesmo, com os outros... A fantasia está aí, mas as pessoas têm muita dificuldade em falar dela. Segundo Lacan, é a última coisa possível de se atingir numa análise.

• P – *Essa dificuldade seria devido a quê?*

Você encontrar um teorema aí no meio é como achar agulha em palheiro. Ela está funcionando o tempo todo, mas há coisa demais em cima encobrindo. Alguns têm sorte e, de repente, a expressam, cospem a agulha.

• AA – *Você disse que havia três momentos destacáveis no processo da explicitação da fantasia. Primeiro, dizê-la, chegar à sua configuração; segundo, assumi-la; e, terceiro, o que se fará com aquilo. O primeiro e o segundo têm a ver com a análise. O terceiro é com a pessoa.*

A pessoa que faça o que quiser com aquilo. Na obra dos grandes criadores, há um tal índice de repetição que, com bastante trabalho, seja possível destacar uma configuração da fantasia. Ela é repetida por onde quer que a pessoa vá.

• Nelma Medeiros – *Poderíamos mesmo dizer que o movimento para a frente do Creodo é por causa da fantasia? Ele avançaria na base das fantasias sendo colocadas no mundo e levaria o resto atrás?*

Sim.

• P – *Qual é a diferença entre fantasia e sintoma?*

Fantasia pode ser chamada de sintoma, mas o contrário não é possível. Montou-se um aparelho repetitivo que é um sintoma da melhor espécie. Ninguém o derruba. Há mesmo pessoas cujo bloqueio da fantasia – por repressão, etc. – as transforma em melancólicas.

Então, dado isso tudo, chamo atenção para algo que não me parece bem tratado na história da psicanálise. Já lhes disse que **o estatuto da psicanálise é místico** e que **o paradigma da psicanálise é sexual**. Entender o paradigma é mais fácil, pois já está assim em Freud. O paradigma é responsável pelo entendimento do funcionamento do psiquismo. Ele desenha o funcionamento do psiquismo, que, desde Freud, é sexual no sentido mais genérico possível. Em nossos termos, é: **Sexão** (A/Ã). É partição, impossibilidade de chegar ao

sucesso desejado, fracasso e retorno. Quanto ao Estatuto, temos Lacan que disse que o estatuto da psicanálise é ético. Ele tomou a frase *Wo Es war soll Ich werden*, de Freud, que peço à nossa colega alemã aqui presente que traduza.

- Susanne Bial – “*Onde Eu era, Eu devo ser*”.

Boa tradução. Esse é o comando da fantasia. A fantasia comanda que eu seja onde eu era. Há aí até uma relação com o superego. Entender a fantasia é importante pois a pessoa fica com uma formulinha que sabe que é dela, passa a perceber seu funcionamento, pode explorá-la e fazê-la falar coisas incríveis. Voltando à questão do Estatuto, temos que saber que ele é o código de funcionamento da análise, ele diz como a análise tem que funcionar. Ela tem que funcionar no sentido que chamo de *místico*. No sentido de Indiferenciação ao máximo diante de não-Haver, que é Lá longe. É impossível, mas factível parcialmente. Já o paradigma, como disse, é o modo de composição de seu entendimento da psicanálise, que é o entendimento de como o psiquismo funciona. O psiquismo só pensa ‘naquilo’.

Então, ao contrário dos moralistas – ou sendo mais moralistas do que eles –, direi agora quais são os dois extremos para o entendimento da **fundação da fantasia**: a *Mística* e a *Pornografia*. Acho que aqueles ligados à psicanálise deveriam frequentar, estudar e conviver com os místicos e os pornógrafos. Há vasta bibliografia sobre eles e também sobre excelentes trabalhos de pornografia (que vai de gente séria à pura putaria). Já lhes disse que, para mim, o Marquês de Sade é um cientista, mas, sobretudo, é um excelente pornógrafo. Para que serve uma pornografia? Para que é lida e usada? Para cada um ver se consegue, em alguma dessas produções, achar seu próprio funcionamento de fantasia. Como não é qualquer pornografia que dá tesão, então, quando dá, cada um que procure saber o que foi. O objetivo da pornografia é provocar o tesão em alguém. Por isso, é a produção de uma infinita variedade de devaneios. Cada um lá achará a série que lhe serve. Ela quer atingir a fantasia primordial da pessoa – e consegue. Marquês de Sade é mestre nisso. Sua obra, que é enorme, percorre todos os caminhos possíveis. Os místicos declaram, e vemos em suas práticas, que o objetivo deles é: Gozo. E há várias maneiras, desde Santa Teresa à obscenidade. Angelus Silesius é claro quanto a isso em seu *O Peregrino Querubínico*. Os místicos muitas vezes são mais pornográficos do

que os pornógrafos. Aliás, a frase de Santa Teresa – “Morro de não morrer” – é a definição da Pulsão.

• Potiguara M Silveira Jr – *Há um texto de Susan Sontag, datado dos anos 1960, A Imaginação Pornográfica, em que ela articula o místico ao pornográfico. Por exemplo: “...O romancista Mandiargues, cujo prefácio precede o de Paulhan na tradução americana, não hesita em descrever História de O como ‘uma obra mística’ e, portanto, ‘estritamente falando, não um livro erótico’. Aquilo que História de O relata ‘é uma completa transformação espiritual, o que outros denominariam uma ascesis’”.*

Não conheço esse texto dela. Vou ler. Há também um texto maravilhoso, que é o *Kama Sutra*. Por outro lado, não há que confundir fantasia com gostos estéticos. Estão misturados nos devaneios, mas são coisas diferentes.

• NM – *Os comentadores das obras dos místicos misturam o que leem com união da alma com Deus, com vertente neoplatônica, com Plotino...*

Aí estragam, pois não se trata disso lá. E no Brasil temos: Hilda Hilst, que é ao mesmo tempo pornógrafa e mística, Clarice Lispector (embora, nela, a pornografia esteja disfarçada, corre por dentro)...

• AA – *Em Água Viva, ela tem a metáfora do Espelho, que acho até melhor exposta do que em Guimarães Rosa. Ela se depara com o puro espelho.*

No conto de Rosa, também. A figura some. Há ainda Glauco Mattoso, outro pornógrafo que nos faz dar boas gargalhadas. E não podemos nos esquecer do grande ‘São’ Gregório de Matos

• AA – *E há Bernardo Guimarães, que escreveu O Elixir do Pajé. Ele faz uma paródia do I-Juca-Pirama, de Gonçalves Dias...*

...também fiz uma intitulada *Ave Adão!*.

• NM – *Às vezes, Gilberto Freyre, em sua obra, também é um bom pornógrafo do Brasil.*

Gilberto era praticante de erotismos bem exóticos.

34

Sempre digo que é preciso prestar atenção à Mecânica Quântica. Ela se aproxima cada vez mais de nosso trabalho. Tenho aqui artigos de um físico (professor do Perimeter Institute for Theoretical Physics, Waterloo, Canada), Christopher A. Fuchs. Num deles, de 2002¹, já no título temos: “Mecânica quântica como informação quântica”. Em outro momento, escreve que “o estado quântico deveria ser visto como informação”². Vejam que ele reduz o panorama a mera informação, estritamente a informação. Mais importante é o que, em outro texto³, diz com uma clareza que nunca vi antes: “A mecânica quântica *não* descreve a realidade física, mas nosso conhecimento da realidade”. Ou seja, a mecânica quântica, com suas formulações, não está descrevendo imediatamente alguma realidade física, e sim nosso conhecimento sobre ela. É um salto em relação à mecânica clássica, da microfísica. Outra frase do artigo de 2002: “O estado quântico é somente uma expressão da informação subjetiva” – como não uso este termo, digo “pessoal” –, “a informação que temos sobre um sistema quântico. Não tem realidade objetiva” – “concreta”, digo eu – “em si ou de si mesma”⁴.

“Seria a realidade, no nível mais profundo, informação?”, pergunta ele. Minha resposta, como aposta, é: sim. Fuchs cita bastante a frase de John Archibald Wheeler, que foi seu orientador: “it from bit”. Ou seja, a realidade não é senão elementos de informação. A própria física, em sua contramão, está se aproximando da ideia de haver o Inconsciente como informação pura. Tenho, portanto, acertado ao dizer que **o Haver é o Inconsciente**. Os físicos clássicos não têm as condições ou a coragem de afirmar esse “it from bit”. Aproveito-me, portanto, desses achados da teoria quântica para reforçar que **o Haver é feito**

1 *Quantum Mechanics as Quantum Information (and only a little more)*.

2 “The quantum state should be viewed as information”.

3 *Quantum Theory Needs No “Interpretation”*, por Christopher A. Fuchs e Asher Peres: “... quantum theory does *not* describe physical reality”.

4 “The quantum state is solely an expression of subjective information – the information one has about a quantum system. It has no objective reality in and of itself”.

de pura informação; ou melhor, que **o Haver é feito de pensamento;** ou melhor, repetindo, que o Haver é o Inconsciente. É também um outro estado dele, coagulado. As realidades que tocamos são pura coagulação de informação. A teoria quântica está sendo a teoria *física* do Inconsciente.

• Patrícia Netto Coelho – Há um texto seu, intitulado O Halo Bífido do Inconsciente (*publicado como artigo em TranZ: Revista de Estudos Transitivos do Contemporâneo, edição 2010*), no qual você já traz esse percurso de Niels Bohr, passando por Wheeler e vindo até a mecânica quântica mais atual. Quanto ao estado quântico ser somente uma expressão da informação “*subjetiva*”, segundo o autor que você está citando, temos que saber que o “*it do bit*” é também uma realidade, um conhecimento nosso sobre aquilo. A realidade não é única, ela tem instâncias. Há uma realidade secundária, que é o conhecimento que uma *IdioFormação* pode estabelecer sobre uma realidade dada. Isso dispensa as ideias de subjetivo e objetivo, do que seria do nível do ideal e do que seria do nível de uma dita realidade. O que você está encarecendo é a ideia da *Transa de Formações*.

Da Transa e da Homogeneidade radical do Haver. Notem que a física quântica tem o mesmo vetor da psicanálise: vai na contramão dos saberes. Importantes cientistas da física quântica dizem não ter resposta para o que ela é. O mesmo vale para o Inconsciente. Se perguntarem o que é, direi que não sei.

Fuchs define o qbit como “um estado que, na computação quântica, permitirá trabalhar ao mesmo tempo com os dois estados deferidos”. Aí, está se referindo ao que chamamos de dois alelos do Revirão. E há também a questão do que chamam *decoerência*, que, para nós, é a questão de o Ponto Bífido imediatamente cair para um dos lados, para um dos alelos. O que chamam *coerência* – a sobreposição quântica enquanto tal – é o que chamo de Ponto Bífido no Inconsciente. A coerência não se sustenta, nem mesmo no Inconsciente. Há, sim, que levar o Ponto Bífido em consideração para reclamar o outro alelo. Em análise, por exemplo, o analisando traz uma posição e podemos reclamar a outra para desequilibrar a queda de nível do Ponto Bífido para um dos alelos. É a esta queda, a esta declinação da coerência, que chamam *decoerência*. Seria bacana se, dentro em pouco, fosse possível unificar as duas teorias, a física quântica e a Nova Psicanálise. A psicanálise antiga é linguística, etc.:

tudo lateral, tudo decoerência. Tirando as equívocas de Freud, a história da psicanálise diz respeito à decoerência. E mesmo Lacan tendo inventado a equívoca como interpretação, a equívoca não foi esclarecida enquanto alternância entre alelos.

• Nelma Medeiros – *Pesquisando sobre Christopher Fuchs, li que, desde o início, ele encasquetou com a questão: O que é mundo? Ele tem uma pegada pragmatista declarada. Então, longe de ser um problema para o conhecimento, o quântico é o grande barato de conhecer. O conhecimento será sempre a partir do indeterminado. É ele que alimenta a vontade de conhecer.*

Alguns chamam isto de ignorância.

• NM – *Ele fala em instrumentalismo, em pragmatismo e se refere a William James e John Dewey. Podemos falar em Gnose aí.*

Essa aparelhagem é a vertente gnóstica do pensamento. A Gnose foi pensada de um modo pré-psicanalítico, mas não há diferença quanto à postura de conhecimento. Vejam que as coisas estão confluindo. Quando o Quarto Império chegar de vez, tudo isso estará esclarecido. Há também que lembrar de Ralph Waldo Emerson.

• NM – *Segundo Harold Bloom, o pragmatismo é uma tradição herdeira dos poetas transcendentalistas norte-americanos: Henry David Thoreau, Emerson, etc., os quais são, digamos, primos da poesia romântica gnóstica inglesa: William Blake, John Keats... E o pragmatismo é uma referência forte para Anísio Teixeira aqui no Brasil. E também para MD Magno, que dá uma guinada gnóstica de pensamento em conhecimento...*

Conhecimento é o título do campo. Como sabem, *Gnose* quer dizer conhecimento: a possibilidade de chegar ao que outros chamam de transcendente pelo movimento transcendental do conhecimento cuja transcendência não-há. Chegará o dia em que tudo isso totalizará. Ao contrário de partir de baixo para cima, o pessoal partirá de cima para baixo. Partirá da pura informação para o conhecimento de todo o resto. A física clássica parte do que chamam objetos de estudo. O Quarto Império inverterá esse vetor. O Bífido será tomado como referência, o que é o procedimento da psicanálise. A psicanálise – assim como a física quântica – é o pensamento do Quarto Império.

• NM – *Poderíamos dizer que a invenção da Paternidade no Segundo Império é uma decoerência?*

Só há decoerência do Primeiro ao final do Terceiro Império. Freud ficou tocado por isso. É grande a quantidade de textos seus em que ele fica *entre* os Impérios. Lacan evitou esta postura referindo-se apenas à equivocação da psicanálise. Já o pensamento psicanalítico que concebo é coerente, assim como a física quântica.

• PNC – *Neste sentido, Lucrécio e Espinosa têm o mesmo lugar na psicanálise: a ideia de clinamen – declinação, desvio – e a ideia de expressão.*

Eles têm a ideia de coerência?

• PNC – *Para Lucrécio, o princípio é o átomo.*

No sentido dele, se é átomo, como poderia partir-se? Mas ele cheirou a ideia.

• PNC – *Lucrécio fala em clinamen. Quem fala em átomo é Demócrito.*

Os historiadores da física colocam ambos como seus precursores. Acho perfeitamente espontâneo que o pessoal daquela época, ao tentar criar, estivesse mais ambíguo do que a física clássica de Newton. Isso é importante para nós, pois, se tivermos uma correlação com a física quântica na definição do Inconsciente, entraremos no Quarto Império com as quatro patas.

• Aristides Alonso – *Onde a teoria binária da comunicação apanha é no aspecto em que a definição de informação oscila. Ora está para um lado, ora para outro; ora comparece como novo, ora como repetição; ora como caos, ora como organização... Por isso, parece-me que o Revirão é justamente o equacionamento da teoria plena da informação. E a teoria da informação clássica é apenas um recorte no Revirão. Considera os alelos sem colocar a lógica da plenitude da funcionalidade de ambos*

Eu disse que o Revirão é a linguagem. A teoria clássica é, portanto, uma consequência de Recalque. O pensamento ocidental até agora, em sua maior parte, tem sido consequência de um grande recalque. Já os pré-socráticos eram ambíguos. Quando não são ambíguos, são um casal. Basta ver Heráclito e Parmênides.

• PNC – *Haveria uma diferença entre a psicanálise e a física? Isto, à medida que a psicanálise focou nos efeitos que o Bífido produz no binário, mas,*

para ela, o binário não está desligado do Bífido. É o que vemos em Freud, por exemplo, ao falar do psiquismo como invasão do Inconsciente na consciência. Na física, uma vez que lida na escala binária, parece que a realidade está lá, estável, funcionando segundo leis próprias que não são aquelas do mundo quântico. Há uma separação, o mundo quântico não desestabiliza muito o mundo clássico. É a referência a certas fronteiras que, na sequência, deve se modificar. Por outro lado, uma revisão da física clássica deve supor a Bifididade na escala do binário, ainda que o conhecimento atual não consiga apontar.

Não consegue apontar porque há decadência. O universo suposto é decadente.

• AA – *De que modo um conhecimento próximo poderá reconhecer no decadente a presença do resto que foi amputado?*

É um reconhecimento imediato se pensarmos no Revirão. Basta sonharmos para ver isso. Os sonhos resvalam com a maior facilidade de um lado para outro, ou para uma situação esquisita em que dizemos não ter entendido. É o “não era minha mãe”, citado no artigo de Freud sobre a denegação. Isto porque é Bífido, o sonho acopla dois opostos. Lembro-me agora do sonho que tive ontem: eu ia visitar Lacan para levar de presente aquele nó borromeano de mármore que lhes mostrei aqui outro dia. O que estava eu devolvendo para ele?

• P – *Você disse que a física quântica assim como a psicanálise tem um vetor da informação para a experiência. Isto, ao contrário da física clássica, que seria da experiência para a informação. Nas leituras que fiz de Alexandre Koyré e outros, entendi que o que chamam de virada da ciência moderna inclui a física newtoniana, ao contrário da aristotélica que, esta sim, é descritiva, vai da experiência para a informação.*

Comparativamente, pode parecer que a física newtoniana vai da informação para a experiência, mas, com um passo a mais para nossa contemporaneidade, isso fica prejudicado.

• PNC – *Michel Serres, em seu livro La naissance de la physique dans le texte de Lucrèce: Fleuves et turbulences (Paris, Minuit, 1977), vai contra a tese de Koyré. Diz ele que é impossível pensar todo o conhecimento antigo da física sem formalização. Já haveria uma física matemática entre os gregos antigos.*

De qualquer forma, o fato de formalizar é a partir da experiência, e não o contrário. Partir da informação para a coisa é outra história, é considerar que, de saída, estamos diante de Formações, as quais são arranjos de informação: são formações de formações, de formações...

• NM – *Temos que lembrar que há outro alelo em Koyré. Ele também escreveu um livro sobre os místicos e os alquimistas, em cuja conta colocou a ciência.*

Talvez seja uma espécie de *mea culpa* pelo fato de o modo galileano ter passado a ser o modelo da ciência.

• P – *Quanto ao vetor da informação para a experiência, poderíamos falar em produção de realidade?*

Não existe realidade senão produzida em qualquer nível. Este é o problema. Quando nos damos conta disso com clareza, procuramos como compor essa realidade. Tomamos os bits e tentamos compor uma realidade em cima de uma experiência da qual ninguém dá conta. Aí, isso é apresentado ao mundo como um conhecimento. Foi o que deu para fazer.

• P – *Trata-se também de como decompor. No caso da psicanálise, seu trabalho é de decomposição.*

Trata-se, literalmente, de como a coisa se compõe.

• NM – *E é gnóstico porque não há outra coisa a fazer. São produções de realidade.*

No Quarto Império, o Império d'Oespírito, é disso que se trata. É o Império da informação pura.

• P – *Freud não intuía isso ao falar em realidade psíquica?*

Sim. Já Lacan é mais decoerente.

• P – *Os poetas são decoerentes?*

A qualificarem a poesia, os críticos – com exceção de Harold Bloom – não costumam apontar para isso.

• PNC – *No Brasil, temos Claudio Willer, que é claro quanto a essa indicação. Você já indicou a leitura da tese dele, Um Obscuro Encanto: gnose, gnosticismo e poesia moderna (2010). No início do livro, já temos a relação dos transcendentalistas norte-americanos com a gnose a partir de William Burroughs e Jack Kerouac.*

A relação com os transcendentalistas e com o LSD.

• PNC – *Não acho que Lacan esteja do lado da decoerência. Ele destacou a passagem do Bífido para o binário e ficou num lugar intervalar.*

É o que chamava de equivocação. Isto, na prática analítica, mas não está claro na teoria.

• PNC – *Está no L'Étourdit.*

Que é maluquice dele. Esse texto é a loucura de Lacan, sua coerência. É um texto raro em sua obra. O uso da topologia em Lacan, por exemplo, é decorrente. Querer situar a neurose, isso e aquilo, é decadência. É uma complicação dos diabos – para nada. Ele, com isso, certamente estava tentando achar algo.

• NM – *É importante acompanhar o modo de articulação desses saberes todos tentando entender como os autores foram fazendo computações alélicas. Tomaram um aspecto e levaram o mais longe que puderam. Acontece que agora está se mostrando que qualquer dessas computações alélicas dependem do Halo Bífido. O alélico deixa de ser a referência. Trata-se de poder considerar qualquer situação, primeiro, a partir da Bifididade para entender o modo de seu comparecimento binário.*

Assim como, nessa operação, vai-se partir da informação para a realidade. É o que já está começando a aparecer tecnologicamente. E é por isso que a maioria fica desarvorada. O mesmo acontece no social e na política. Ao falarem em pós-verdade, por exemplo, estão dizendo que as verdades eram *fake*. Então, sem condições de articular os acontecimentos, as pessoas já foram invadidas pela situação generalizada de dissolvência. Até isso assentar na forma nova, a dificuldade será extrema.

• AA – *Ao dizer “da informação para a experiência”, você já está referido ao novo sentido. A informação binária clássica está no vetor inverso. Para Claude Shannon, informação é basicamente redução de incerteza e busca de certeza. Para Norbert Wiener, na medida do possível, é a transformação de situações caóticas em entendimentos organizados. É a decoerência, um dos lados. A informação quântica é o contrário...*

Na década de 1960, estudamos esses autores nas faculdades de comunicação. Hoje, a pergunta é: isso a que eles se referiam é informação?

• AA – *Se usarmos o foco do Revirão, poderemos ver que o que entendiam por informação diz respeito a algo que foi recortado e binarizado. O caminho ocidental de produção de conhecimento partiu do decoerente para vir a considerar o coerente.*

Note que, no final do século XIX, já tínhamos Nietzsche desfazendo a diferença entre bem e mal.

• PNC – *Quero perguntar sobre seu uso da topologia. Ao situar o ponto neutro na banda de Moebius – e é você quem o faz, e não a topologia –, temos o Bífido. Isto é diferente do Plano Projetivo, que é absolutamente homogêneo?*

Fica difícil distinguir aí. Se pensarmos matematicamente o Plano Projetivo, não há dentro dele a menor condição de distinção. A banda de Moebius é um corte no Plano Projetivo. Portanto, apresenta duas opções opostas ao mesmo tempo. Ela tem uma borda, o que já é começo da possibilidade de situar-se dentro dela: a pessoa pode perceber que revirou. No Plano Projetivo, não se percebe absolutamente nada, não há como se orientar. Não se consegue construí-lo por causa da dureza do material, mas um computador pode desenhá-lo mediante um ponto que percorre o espaço. Ele lá está computado. Ele pode ser feito com um fóton.

• P – *Se o Plano Projetivo é o Haver em seu estado mais puro, isso comparece no Inconsciente?*

Você já ficou completamente desorientado? É quando você fica absolutamente coerente. Qualquer coisa estar valendo é a essencialidade do Inconsciente. Se o Inconsciente não fosse dessa forma, seríamos um animal, com uma formação absolutamente descrita que pode ter elasticidade, mas é somente aquela. Se não nos perdermos de vez em quando, não acharemos nada. Por exemplo, você estuda, lê muito, faz análise com Lacan – aí se perde, fica maluco e inventa uma teoria. Trata-se aí da Loucura Fundamental.

• P – *Neurose é insistência na decoerência?*

O que acontece com uma formação Estacionária é ter decaído, recalcado um lado e ficado presa ali. Ela jamais se lembrará do outro lado se a análise não a futurar. E se essa queda, essa decadência para um lado, tiver um recalque muito pesado, a pessoa ficará maluca, psicótica. Tomem o que acontece com a atual situação de governança em quase todo o planeta, em que o pessoal

apavorado com a pós-verdade está fugindo para o recalque excessivo, para a lateralização excessiva. O pior é que não se conseguirá manter esse retrocesso, pois a situação de Quarto Império é dissolvente e desmoralizará até o besteirol que vemos vigorar cotidianamente nas falas e atos das autoridades constituídas. O problema é esta espécie nunca ter passado por isso antes e não estar sabendo o que fazer. Algum recalque é preciso, mas como não se consegue inventar um recalque novo, a maioria corre para os velhos. A situação não se sustenta porque a situação, sobretudo tecnológica, não deixa. A produtividade que interessa à economia é dissolvente. Então, o que há a ser feito se o capitalismo funciona, se a produtividade é o que interessa, e se a produtividade depende da tecnologia que é dissolvente?

• P – *Segundo o Creodo Antrópico, do Primeiro ao Terceiro Império, estamos dentro de um modelo instituído sobre uma base orgânica, primata (macho-fêmea, fêmea-filho, família). Como o Quarto Império rompe com esse modelo macacal, isso faz com que a nave que nos conduziu até agora se desgoverne em demasia. O novo modelo traz consequências que não temos como avaliar: clonagem, inteligência artificial, robótica...*

Há ainda o grande projeto secreto no planeta, ao qual não temos acesso.

• AA – *Pierre Lévy, ao chamar de cibercultura esses movimentos vindo das redes computacionais, principalmente da microcomputação, traz uma questão grave justo porque o ciber é dissolvente da cultura. Tal qual a conhecemos, a cultura é bastante centrada até o Terceiro Império. No Quarto Império, desfaz-se a própria ideia de cultura.*

Há um esforço enorme de retornar às culturas para ver se lá tem salvação. Não tem, pois cultura é uma formação Estacionária. Além disso, repetindo, o processo é dissolvente. O que vai dar é: pulverização. E não há cultura que a aguente. Notem também que, do ponto de vista de distribuição, as culturas orientais são mais coerentes do que as ocidentais. Então, se a coisa for para esse lado, talvez ganhem a hegemonia. Talvez consigam, antes do Ocidente, um desenho de Quarto Império. Temos sempre que lembrar que, em última instância, o cristianismo é uma religião SM, sadomasoquista, o que já é freio bastante. No Oriente, mesmo que o povo funcione grotescamente, a ideia de religião que lá vigora é de alto nível. Basta ver Buda, que é um pensamento da

maior qualidade e importância, fora de uma situação sado masoquista humana. Já passou a era em que os sádicos da Igreja torturavam, matavam. Atualmente, na melhor das hipóteses, são gays.

35

• Aristides Alonso – *Em nossos estudos, antes de sua chegada, foi mencionada a proposta de entender a cultura a partir do Princípio de Denegação Projetiva apresentado em seu Falatório de 2000. Sabemos que o termo cultura tem pelo menos dois usos muito pesados. O primeiro vem da Escola de Frankfurt, para a qual ela é o que há de melhor, é o ápice da produção humana, a inteligência, a razão. É, digamos, o resultado do Iluminismo, com passos criativos. Lévi-Strauss, por sua vez, pensa a cultura como praticamente da ordem da expressão do humano, com a questão do simbólico, da linguagem, da relação de parentesco. Já para você, desde Psicanálise & Polética (1981), cultura se torna mais um substrato de decantações imperiais, como poderíamos dizer hoje, que organizam modos repetitivos de funcionamento mental das pessoas em seu interior. Ela insere cada um como uma espécie de neo-animal. São, portanto, três entendimentos diferentes de cultura. E precisamos ter clareza deles ao apresentarmos a psicanálise ao público.*

Lacan dizia uma frase sobre a transmissão da psicanálise que me serve bem: *Il ne faut pas chercher à convaincre, con ou pas*. Ou seja, ela nada tem quanto a convencer ninguém, babaca (*con*) ou não. Ela quer que se dane. Parece arrogância, mas é um princípio de sustentação. Ela tem algo a dizer – que peguem ou larguem! O problema não é dela. Ela não tem rival nem mesmo nas supostas linhas que há dentro dela. IPA e outras instituições ficaram o tempo

todo cada uma querendo derrubar a outra. Para quê? Não têm mais o que fazer? Isso embarga o essencial no pensamento da psicanálise, que nunca é convencer o analisando. Trata-se de intervir e entregar. O problema é dele, quem faz análise é ele, o responsável é ele. O analista talvez até esteja atrapalhando a análise dele.

• P – *Analista não mente?*

Ele nunca sabe. Embora Lacan tenha dito: *Je dis toujours la vérité: pas toute, parce que toute la dire, on n'y arrive pas... Les mots y manquent...* (Digo sempre a verdade: não toda, pois não se consegue dizê-la toda... Faltam palavras para tanto). Para definir o que é mentira, é preciso definir o que é verdade. Algo só é mentira diante de uma verdade possível. Mas onde ela está? O que há é a *paranoia*, que, por exemplo, diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. É, aliás, uma vergonha terem escrito isto naquele Testamento – a não ser que cada um possa dizer.

• P – *Nos SóPapos 2014, diz você que “as pessoas mentem sobre seu sintoma”.*

O problema do analisando é ele mentir sobre o sintoma. Se ele tem alguma verdade é seu sintoma. Mentir sobre ele é estragar a análise – mas ele mente. Alguém olhando de fora pode estar percebendo formações que o outro denega. Mentir é denegar, é estar sabendo e dizer o contrário. Dada a cultura, de modo geral, o analisando está sempre denegando. Quando consegue falar sério, até consegue entregar sua fantasia.

• Patrícia Netto Coelho – *Quanto ao que você trouxe semana passada sobre a Bifididade e o Quântico, retomo sua menção em 2010 à hipótese de Roger Penrose de haver numa microestrutura cerebral algum tipo de funcionamento quântico e as refutações feitas a ela por questões de temperatura, etc. No final do artigo, escreve você: “...o pessoal busca construir um computador quântico, mas por que não constroem um hipercomputador revirante, pós-clássico? É uma sugestão: tudo que se disser, ele avessará. Isto é quântico? Não. Tem a mesma estrutura lógica do quântico, mas não o é”. O fato de você fazer a analogia entre o funcionamento bífido e a questão do quântico é uma analogia mais ou menos recortada, pois, em seu caso, há um raciocínio a mais, que é aquele da Catoptria. Ou seja, temos a Bifididade e a Catoptria. Então, ao falar de hipercomputador revirante, trata-se da Catoptria, e não do quântico?*

Se considerarmos do ponto de vista do quântico, estaremos pensando em *coerência* e em *decadência*, *decoerência*. Ao sugerir o computador catóptrico, não estou exigindo que se faça coerência, e sim que a cada proposta se ponha o espelho. Isso não junta, não gera sobreposição, mas relativiza o tempo todo. Assim, na suposição de haver possibilidade de sobreposição, reclama-se o oposto, o avesso. Por que não inventam um computador que fique desse modo? Não estão procurando isso.

• AA – *Então, Bifididade seria igual ao Quântico?*

Sim. A pergunta anterior diz respeito à minha sugestão de pensar em avesso. Temos sempre que lembrar que Lá, na última instância, como já disse e os físicos quânticos também, é homogêneo. Por isso, convidei Heráclito a se casar com Parmênides: tudo é Um porque tudo é múltiplo, e tudo é múltiplo porque tudo é Um. O Oriente sabe disto há milênios. O importante para nós é essa física da última instância estar chegando cada vez mais perto desse entendimento.

• AA – *Tomemos um troglodita de quinze mil anos atrás, no qual surge um processo revirante. Primeiramente, aquilo se constitui como da ordem do sonho ou da imaginação. Virou na cabeça dele, mas não virou no mundo, não foi traduzido em alguma decadência protética.*

Trata-se aí de requisição de avesso. O livro de Michel Serres que sempre cito, *O Terceiro Instruído*, propõe esse exercício de fazer tudo ao contrário: se você é destro, escrever com a mão esquerda, etc. Por isso, quanto à Postura do Psicanalista, não se pode aderir a formação política alguma. O analista está fora. Ele pode *ad hoc* preferir esta ou aquela. Aí é situação de mundo. Se ele nomear uma ideologia, será apenas um idiota completo. Ideologia é idiotice congelada, coagulada.

• AA – *Dado o funcionamento do Princípio de Catoptria na mente, supõe-se que surjam revirões inimagináveis, que não se concretizam, nem viram discursos.*

E quando o Revirão surge à revelia? Atualmente, está acontecendo demais. As pessoas ou denegam violentamente, que é o que faz a maioria, ou buscam dar conta do que aconteceu. É comum cientistas declararem estar fazendo uma coisa, surgir outra e descobrirem algo novo. Aquilo não

foi descoberta, aconteceu à revelia. Eles colheram o *acontecimento*. É, aliás, imbecil essa mania de atribuir coisas ao ego. Acontecimento – e não é preciso aqui a definição dada por Alain Badiou – é a coisa acontecer à revelia de seu processo, não foi alguém que fez. Por isso, um Fernando Pessoa diz: “Não meu, não meu é o quanto escrevo. A quem o devo? De quem sou o arauto nado?” É o reconhecimento de que mesmo seu poema lhe caiu sobre a cabeça. Ele só se fez disponível. Isso é diferente da produçãozinha cotidiana com o já feito, que é apenas criatividade como chamo para diferenciar de Criação.

• AA – *É uma distinção bem clara na Música.*

Johan Sebastian Bach inventou o *Caranguejo*, que é um tipo de composição em que todo o processo é colocado para cá e depois vira-se ao contrário. Num Tratado de Harmonia clássico, como o de Schoenberg, o que temos é geometria, álgebra. A psicanálise, por sua vez, não é muito diferente desses truques. Frequentemente, confundimos as decantações de figuras, as formações muito figurais, com os processos que, lá dentro, estão em andamento. A cultura não dá passos criativos. O que dá passos é o acontecimento que rompe a cultura. Conseguiremos acolhê-lo ou não. É interessante ver a teoria quântica contemporânea chegar à conclusão de que o Haver é pura ordem de qbits. Por isso, digo que o Haver é pura informação. Ou, se não, é pura música. Isso, ao coagular, vira samba canção. Algo completamente coagulado, que mexe com a “alma” das pessoas... Coagulou, é cultura – e nos afeta justo por sermos coagulados. É um bem como outro qualquer. Se entrar no mercado, passa a ser consumido. Por exemplo, assistimos a um espetáculo teatral completamente inédito capaz até de nos movimentar e causar mudanças. Isto ocorreu porque éramos imbecis, estávamos menores do que o espetáculo. Ou seja, se o espetáculo foi posto é porque já era, já faz parte do acervo.

Por que é difícil produzir um passo em qualquer campo do conhecimento? Porque estamos aprisionados no conhecimento tido. Tomem o momento de criação de um pensamento e de uma prática novos como ocorreu com Freud. Uma vez seu aparelho montado, o Inconsciente já se torna meio difícil de ser abordado, pois fica-se repetindo a bobagem. Depois que cai, é bobagem. Na sequência, temos uma quantidade de gente tentando furar o sistema freudiano: Melanie Klein *et caterva*. Alguns fazendo loucuras ou, se não, fugindo para a

configuração como é o caso de Jung. O maluco do Reich, este, queria ser mais científico do que a ciência, queria colocar o orgônio dentro da pilha. Quanto tempo levou para alguém saltar fora e começar de novo? Lacan tem a antena boa, percebe a mudança de paradigma no mundo e tenta explicitar o paradigma que sacou. Foi genial, estava tudo arrumadinho – mas já acabou, passou o tempo. Outro dia, me disseram que, nos anos 1980, eu teria dito uma série de coisas que estariam acontecendo hoje e me perguntaram como vi aquilo. Respondi que bastava olhar para ver. O pessoal não olha, não entende que se captura de fora para dentro, que não se inventa nada. Sabe-se lá por que a pessoa tem uma disponibilidade, enxerga coisas, tenta dar uma explicação para ela mesma e aparece um paradigma. O resto de tudo que coloquei – e só interessa esse resto – é contemporâneo. Não tenho culpa, sou vítima.

• AA – *No caso da psicanálise, nem podemos falar em mudança de paradigma. O paradigma é sexual – que é o mesmo de Freud, de Lacan e de Magno.*

O paradigma é o mesmo, mas como ele se temporaliza, como está funcionando no atual, como a contemporaneidade o está exprimindo? De Freud para Lacan, o que vemos é um processo de abstração e generalização. Foi o que tentei continuar ao limpar e extrair dali umas maquininhas de operação. E daqui a dois séculos, com os computadores quânticos etc., o que fazer com esse paradigma? Teremos todos os saberes em grande suruba.

• AA – *Quanto ao que você trouxe sobre os qbits e a Bifididade, como o paradigma é sexual – desenhado em última instância como “Haver desejo de não-Haver” – e o Pulsional é colocado como Alei número um para o que quer que haja, temos que notar que a física não tem um paradigma dessa ordem. Ela tem o conceito de força, e o de entropia é apenas mais um. Este não é elevado, como queria Einstein, ao número um da física. A proximidade com a psicanálise é feita, mas com bastante dissimetria quanto ao paradigma.*

De nosso ponto de vista, a física tem que ter um paradigma sexual. Se, em última instância, Alei é “Haver desejo de não-Haver”, qualquer conhecimento terá que passar por aí. O pessoal lá é sintomático demais para ter esse paradigma, mas terá que ter. O que os aprisiona é a história da física. Os passos que dão são dificilimos e é frequente desconfiarem do passo novo. Desconfiam

da física quântica, por exemplo. Se algum discurso acena com uma possibilidade, por que não acolhê-la? Há certo fechamento dentro dos discursos que não permite. Essa tolícea vai acabar. Aí os desenhos exclusivos se desfazem e se tornam uma questão do conhecimento enquanto tal. Vejam a estranheza que causa um Rupert Sheldrake ao falar em ressonâncias morfogenéticas e em a realidade ser mais do que o quântico, ser pura organização de mini formações.

• AA – *Há anos atrás, fui a uma conferência de Sheldrake na UFRJ. O público era de astrólogos, cartomantes, bruxos, feiticeiros, alquimistas...*

Os cientistas os rejeitam e esse pessoal acha que ele está dizendo algo do que eles dizem. É grande a quantidade de bruxos e bruxos que conta com a física quântica. Mas, ao contrário, Sheldrake é cientista. Em seu trabalho está inclusa a ideia de ser possível extrair o entendimento de que o Sexo é uma armadilha tão essencial e tão violenta que está em toda e qualquer formação. Se não fosse assim, o Haver não funcionaria. É o Haver indo para não-Haver, achando que vai gozar e quebrando a cara a cada vez. Os físicos não tomam o sexo como Sexão, e sim como acoplamento de animal, o que é justamente a armadilha montada pelo Haver para nos ferrarmos, para ficarmos fazendo filho e coisas quetais. Não entendem que as formações, por mínimas que sejam, estão disponíveis. Ao serem articuladas de algum modo, produz-se um conhecimento – sempre precário: é o conhecimento que se conseguiu produzir.

• AA – *A teoria da informação decide sobre o que é conhecimento conforme três estágios para a mesma informação. Primeiro, é a entropia, que é informação, mas não se sabe qual. A suposição é que haja informação lá. Ao se fazer o cálculo logarítmico, é possível extrair bifurcações e tomar decisões. Quando uma é achada, temos uma informação. Com a repetição desse processo, se o resultado for o mesmo, produz-se um processo chamado redundância: uma informação, sempre que calculada, provavelmente dará o mesmo resultado. A redundância é uma estratificação da informação, que, neste estágio, é uma obtenção de cálculo sobre o entrópico. E, num terceiro estágio, a informação se torna perigosa, pois, quanto maior for seu tempo de permanência na redundância, mais chance haverá de ela entropizar e a gente se ferrar.*

Ao mesmo tempo que é difícil separar conhecimento de redundância.

• P – *Quanto a isso, podemos pensar na ideia de buraco negro, do qual informação alguma escaparia?*

O próprio Stephen Hawking teve que aceitar que o buraco negro evapora, solta informação com toda a gravidade. Não é possível no Haver um buraco negro absoluto. De alguma forma, aquilo se mexe. Se não, o universo paralisaria. Esta é a tese de alguns físicos caso não houvesse chance de o universo se modificar. Daí a tese deles do buraco branco. Há uma saída, um ralo, que seria a evaporação do buraco negro. Daqui a uns dois séculos o conhecimento será abrangente, todos os seus rótulos desaparecerão.

Essas especificações são coisa de macaco. Em termos de comportamento humano, basta ver o pessoal retrógrado de hoje assustado com o fato de a circulação veloz de informação sobre as pessoas ter permitido que elas sejam singulares. Se quisermos ser contemporâneos, teremos que pensar tudo em termos de gradação. Tudo é gradual. Qual é o gênero de alguém? Mais ou menos para cá, mais ou menos para lá. É necessária uma descrição para achar a régua na qual cada um está. O pessoal antigo quer definições distintas para cada caso. A psicanálise começou assim dizendo bobagens classificatórias. A todo momento, Freud achava uma nova neurose. Não era de sua época juntar aquilo tudo num único pacote, o que não dava abertura para se fazer a leitura de um caso. Quais são os sintomas, os ingredientes, as formações de uma pessoa? Ela pode reconhecê-los e ir para a vida com esse reconhecimento de si mesma. É de morrer de rir hoje ver algum analista dito freudiano ficar falando em Édipo. Por isso, fiz a tentativa de, ao invés de falar em neuroses e coisas do tipo, apontar para formaçõezinhas mais para lá ou para cá, todas graduais. E a gradação é a tal ponto que, de repente, vira ao contrário. Não é incomum, por exemplo, vermos um dito obsessivo dar um ataque histérico.

• AA – *Um dos temas da atualidade é falar em tecnologias exponenciais. Seria correto dizer que a expressão do Tesão é exponencial?*

Sim. Por isso, digo que o Tesão é excessivo. Da pré-história até hoje as mudanças ocorreram durante milênios. Hoje, são muitíssimo mais rápidas.

36

Continuo hoje com a questão da **Fantasia**. O problema na Clínica é a raridade de seu destaque. Isto acontece tão pouco que, de modo geral, as análises ficam em suspenso, ou terminam sem conseguir destacá-la. E, quem sabe, é o ponto mais importante de uma análise. As resistências do Inconsciente são fortíssimas em relação às noções de gozo das pessoas. É algo que escondem até do ponto de vista de sua auto-expressão, é algo de que não se fala na cultura ocidental, não é de bom tom conversar sobre isso, é mesmo imoral. Entretanto, se não temos clareza sobre nossas noções de gozo, fica difícil desrecalar a fantasia. Ela está sempre se disfarçando, as pessoas estão sempre disfarçando sua sexualidade. Sobretudo, ocultando, até para si mesmas, suas fantasias. Mas, mesmo sem saberem, elas a usam o tempo todo: no gozo sexual, no gozo dos sentidos do mundo. Ela está em exercício, mas não lhes aparece com clareza.

Fico supondo que é uma falha grave essa falta de clareza sobre a fantasia. Nada é mais importante no psiquismo de alguém do que o desenho de sua fantasia. Repetindo, quem sabe se a finalidade de uma análise não é a descoberta da fantasia? Não vi autor algum tratar disso do modo que considero adequado, ou mesmo necessário. É importante porque **a fantasia é absolutamente singular**. Não existem no planeta duas pessoas com a mesma fantasia. Cada um tem uma e única fantasia. Isto serve até para determinar ou designar a identidade da pessoa. Fazendo uma analogia, podemos mesmo dizer que **a fantasia é a impressão digital do Inconsciente**. Se é reconhecido que é possível determinar a identidade de qualquer pessoa no planeta pela diferença digital porque ela é singular, isto é importante porque, mesmo no Primário, temos um desenho de singularidade da pessoa. De novo, digo, então, e faço a suposição de que isto não foi dito antes – se o foi, repito –, que a fantasia é a impressão digital de seu Inconsciente. Você é alguém que tem *tal* fantasia. E mais, a fantasia,

funcionando à revelia da consciência das pessoas, pervade todo e qualquer de seus atos. Sobretudo, os mais importantes. Ela lá está como base.

Se alguém tiver um acesso mínimo à sua fantasia e observar-se dentro de sua história, verá que o tempo todo está com essa referência. Está agindo segundo sua fantasia. Isto, a ponto de podermos dizer que, do ponto de vista psicanalítico, em qualquer tipo de produção, **a fantasia determina o estilo da pessoa**. Se tivéssemos acesso à fantasia de um grande escritor, e com essa intenção percorrêssemos sua obra, certamente veríamos que essa obra foi construída em cima dessa fantasia. É o estilo dele. O que é um estilo? Esta é uma questão antiga. Buffon disse que “o estilo é o próprio homem”. Lacan ironiza dizendo que “é o homem a quem nos dirigimos”. Repito: o estilo é a sua fantasia. É a caneta [*stylo*] com que você se escreve.

• P – *Se não se tem clareza de sua fantasia, fica-se na alienação, macaqueando o gozo de outrem?*

Isto, na medida do recalçamento de sua fantasia. Mas, à sua revelia, ela está se exprimindo. Como sintoma, por exemplo. E se exprime como qualquer possibilidade de driblar o recalque. Muitas vezes, no que se exprime, o analisando fica em pânico achando que algumas de suas expressões esquisitas são a neurose. Não são, são a fantasia que ele está recalçando. Ela aparece como sintoma, como comportamento esdrúxulo que parece que não é dele – mas é a verdade dele que está falando ali. Quando a pessoa fala a verdade à própria revelia, ela estranha. Assim como a fantasia é singular, as expressões da pessoa são (não singulares porque ela as pega do mundo, e sim) pessoais. Ela arruma um teatrinho para si e, às vezes, se pega num processo qualquer que parece que não é dela. O problema sério é a pessoa não assumir sua fantasia e, consequentemente, não a colocar no mundo. Não assume por nem fazer ideia do que ela seja. Não faz isto por mal, e sim porque aquilo foi completamente recalçado. O Ocidente cristão é babaca em termos de exposição da sexualidade, finge que não existe. É uma grande putaria, mas que acontece na moita. É diferente do Oriente que a expõe. Haja vista a Khadjuraho, na Índia, com as imagens de atos sexuais externas e internas de seus templos. É para todos verem (e dizem que a obrigação dos pais é levar as crianças para lá entenderem do que se trata). O Ocidente cobre as cenas com panos.

• P – *Há também a abordagem da expressão sexual, do ponto de vista da cultura, pela via da homoafetividade, do gênero, etc. Penso que é um equívoco porque o sexo da pessoa é a fantasia.*

Se a fantasia é singular, não existe homossexualidade. O que existe é homoanatomia – mais ou menos, pois, mesmo no Primário, as pessoas não são iguais. E a gama de formações da genitália é enorme. Então, se a fantasia é singular, todos são heterossexuais. O pior é que nem transar direito conseguem, pois nunca encaixa direito, cada um tem a sua. Fica um roçando sua fantasia na fantasia dos outros. Aí até goza, mas, ao fazê-lo, percebe que acabou.

• P – *Se a fantasia se expressa pelo sintoma, este já dá uma pista para seu desenho?*

Sim, mas é difícil desvendar-se o que há por trás, o que está constituindo o sintoma. Sobretudo porque, como dizia Freud, não há só sintoma, há também inibição e angústia. Não é fácil alguém ultrapassar uma inibição. Ele fez a tentativa de diferenciar. Quanto a mim, coloco isso tudo na conta do sintoma. E como a inibição é resultado de um recalque, mesmo que uma noção de sua fantasia chegue à consciência, a pessoa imediatamente se inibe, se envergonha dela.

• P – *Se a fantasia é singular, ela revira?*

Esta é uma pergunta danadinha. De que maneira a fantasia, enquanto tal, se exprime? Revirando. Notem que, para acompanhar o processo de reviramento, não é preciso acompanhar o reviramento do próprio construto, pois este não é de um lado nem de outro. Ele é singular, no entanto é necessariamente bífido.

• P – *Qual seria, então, o avesso da fantasia?*

Si mesma. Se ela é o Ponto Bífido, o avesso está em si mesma. Ela, como tudo que é essencial, tem duas caras. Tomem Janos. Ele lá está porque não se consegue situar onde começa e onde termina o ano. Repetindo, se a fantasia é uma construção singular, tem as mesmas características de um Ponto Bífido, ponto este que tem duas caras, uma é o avesso da outra. Por isso, as pessoas frequentemente ficam espantadas pelo fato de terem gozado sexualmente com um improvável. Não entendem como puderam ter tesão naquilo que não é muito

delas. O sonho toma a coisa com mais disponibilidade e avessa. Avessa até o tesão. O tesão é determinado pela fantasia, mas com que expressão?

• P – *Uma fantasia se forma?*

Ela é histórica. Numa análise, há que descobrir como ela se construiu. Além de se configurar num determinado momento – lembrem-se de que Freud disse que era um momento de extrema satisfação – e de essa configuração depender da cena, do teatro daquele momento, ela acaba se tornando a bacia, a confluência de n experiências que se dão nessa configuração. É uma construção do mesmo modo que falo de um polo com suas franjas. A pessoa descobre que tem uma posição polar, com um foco e com uma franja enorme. É por onde ela passeia a vida inteira e acha engraçado como, em dada situação, teve tesão em algo que achava que não era seu. Com remissão à fantasia, ela é pega na franja. É complicado, mas algumas pessoas exprimem isso em análise de maneira que é possível reconstruir.

• P – *Uma vez destacado o desenho de uma fantasia, pode-se fazer qualquer configuração a partir dele?*

Não qualquer configuração, pois mesmo uma franja sendo infinita pertence a algum polo. Por isso, a análise é tão difícil.

• Nelma Medeiros – *Fazendo analogia com um raciocínio simples de Espinosa – ao se referir à maquinaria de produção, ele chama de natureza naturante, e ao se referir aos resultados, chama de natureza naturada –, a fantasia seria naturante?*

Sim.

• NM – *Ela está no nível de produtividade. Por isso, podemos falar em Bifididade, em grau zero. Ela veste qualquer roupa, mas, na expressão, decai. Aí, ela é naturada e o que surge são seus produtos. Ela revira porque, enquanto expressão, expressa para lá e para cá. Portanto, ela mesma é singular e bifida. Assim, uma vez a máquina funcionando, ela começa a proliferar...*

...e com estilo.

• Aristides Alonso – *Retomo a afirmação de que o estilo é a expressão da fantasia. Em dado momento, você disse que uma teoria é a biografia de uma pessoa...*

...é a biografia da fantasia daquela pessoa.

• AA – *Então, se a Nova Psicanálise é a expressão da fantasia de Magno, temos que é fundamental para a Gnômica a inclusão da teoria da fantasia como elemento constituinte do processo de conhecimento. Não há como pensar o conhecimento sem a inclusão dessa máquina de produção que é a fantasia.*

Sim. A pessoa deu a sorte ou teve o trabalho de conseguir se orientar por sua fantasia, e conseguiu produzir uma obra. E mais, no caso de uma teoria psicanalítica, nem por isso as expressões subsequentes a Freud deixam de ser a mesma psicanálise. Há as condições de seu tempo, mas foi aquela pessoa quem abriu a boca. A mania histórica que temos de sempre nos referir a autores ocorre porque, efetivamente, aquilo tem dono. O dono não é o autor, e sim sua fantasia. De modo que o dito autor sabe muito bem que não foi ele que fez – aquilo se fez nele.

• NM – *Por outro lado, enquanto história contada, a mania de nos referirmos a autores é um modo defensivo em relação à fantasia. Quando se coloca o autor e a autoridade, parece que ficamos dispensados de mostrar a nossa fantasia, encostamo-nos nas deles.*

Vira personalismo. Na psicologia, é chamada de personalidade.

• AA – *Fazendo uma analogia com o que foi dito sobre natureza naturante e natureza naturada, em informática há duas posições: coder ou coded.*

Veja que é o mesmo que disse Espinosa.

A fantasia de uma pessoa, se for desrecalcada, se a deixarem falar, apresentará um desenho. Desenho esse que é muito produtivo e muito imbecilizante, pois não se vê o que está fora dele. Por que a história da ciência não acontece logo toda, no mesmo dia, no mesmo mês? Porque há que aguardar alguém cuja fantasia coincidiu com o acontecimento. Mediante sua fantasia, ele teve uma visão que outro, cuja fantasia era outra, nada enxergou. Portanto, o conhecimento só pode ser colaborativo, nunca individual. O conhecimento é *omnibus*, isto é, para todos.

• Potiguara M Silveira Jr – *Man Ray dizia: “Não fotografo a natureza, fotografo minhas fantasias”. Ele que fotografou Marcel Duchamp travestido de Rose Sélavy...*

É o que todos fazem. É o que está na obra de Duchamp: cada trabalho seu tem tudo isso. Inclusive, ao ser fotografado como Rrose Sélavy – é a Mona Lisa de Duchamp. Acho, aliás, que a Mona Lisa é autorretrato de Leonardo.

• P – *Pode-se dizer que a cultura pau-brasil tem um sintoma e, por consequência, uma fantasia?*

Não creio que haja uma fantasia do Brasil. Há, sim, sintoma.

• P – *O sintoma não é uma expressão da fantasia?*

O sintoma pessoal é uma expressão da fantasia. Mas o sintoma de um povo é a expressão de uma fantasia? Acho difícil constituir-se uma singularidade nacional. Mario de Andrade mostrou que é uma colcha de retalhos, e tudo faz um sintoma só chamado: Macunaíma. Pode-se falar em sintoma de um povo. O Brasil tem sintomas horríveis, que não o deixam deslancar. Com ingredientes da pior qualidade – e com outros da melhor qualidade. Este é o nosso drama.

• P – *Só IdioFormações têm fantasia?*

Sim. Sem Secundário a fantasia não se constrói.

• P – *O Haver tem fantasia?*

Já lhes disse que, nele, tudo se coincide na mesma fórmula: Haver desejo de não-Haver. Ela é sintoma, tem fantasia, é tudo numa Alei só.

• AA – *Então, o estilo é a expressão da fantasia e a produção de teoria, de pensamento, de conhecimento é biográfica. Quanto ao quadro dos Estilos Basais proposto por você – quatro lógicas mínimas de funcionalidade da expressão –, uma fantasia de alguém também terá vertentes de expressão para consistente (Clássico), inconsistente (Barroco), insistente (Maneiro) e desistente (Tanático)?*

Muito frequentemente, pega um ramo só. Quando consideramos a obra de alguém suicidário – e não é porque se suicidou que é suicidário, e sim porque se vê em sua obra que o é –, qual fantasia lá está? Em Rothko, por exemplo? É uma fantasia consentânea com o Haver. Não há que assustar-se com o suicídio da pessoa. Vejam Duchamp, de quem falamos há pouco, que, no *Grand Verre*, coloca a Morte em cima e fica na maior sacanagem na parte de baixo. O Maneiro fica no meio.

• P – *Freudianamente, uma situação de satisfação que consta numa fantasia seria uma espécie de equacionamento de elementos primários, secundários e uma referência ao Originário?*

Sim.

• P – *Se não fosse assim, não haveria satisfação. É uma formulação peculiar, específica, singular. É um jogo, uma combinatória desses elementos, cuja resultante é sempre a satisfação.*

A fome não é necessariamente vontade de comer. E notem que satisfação nada tem a ver com gozo. Por exemplo, quando alguém transa sexualmente fica satisfeito? É o caso de Messalina, a quem se atribui a frase “*lassata sed non satiata*”. Que construto era aquele que não parava? Hoje, chamam de ninfomania. Não entendo o *ninfa* aí, pois há homem assim também. Eles não aguentam, pois são bem mais fracos...

• P – *Messalina transou com toda a soldadesca.*

• AA – *Quanto à Bifididade, se a fantasia se expressa num estilo, qual seria o avesso do estilo?*

Os avessamentos dentro dos movimentos do psiquismo são dos mais diversos níveis e das mais diversas composições. Às vezes, fazemos um avessamento muito distante da base. Ocorre um avessinho lá na franja. A coisa é rica por ser prolífica. Não existe criação em ciência ou em qualquer outro campo que não tenha sido o tropeço daquela pessoa num avessamento local, pequeno. No que procura tornar coerente a presença desse avessamento, ela inventa todo um sistema. Isto, por causa de um detalhe.

• P – *É mediante um evento que a fantasia se esclarece para alguém?*

A fantasia é um evento. Sua constituição é eventual e, portanto, histórica.

• P – *Para a IdioFormação, a fantasia se forma em qual período? Quando bebê?*

Ela é difícil de se constituir, pois vai herdando de vários momentos. Minha fantasia, por exemplo, se constituiu aos cinco anos de idade. Freud chamava de *momento fecundo*. Dei a sorte de achá-la, de saber onde está, quando foi, hora, minuto e segundo.

• P – *Se você sabe a hora com exatidão, dá para fazer o mapa astral dela...*

Sou capricórnio com ascendente em capricórnio. Quando as pessoas acham o que aconteceu, acabam situando, acabam se lembrando do momento de constituição da fantasia.

• P – *Você diria que a vertente mística é o lado suicidário do melancólico. Seria o menos-menos do gozo, enquanto a vertente pornográfica é o mais-mais?*

O místico não é suicidário, ele não interrompe o processo de sua morte. Se deixar, ele vai e fica indo para Lá.

• PMSJr – *Santa Teresa é clara quanto a isso. Diz ela: “Está a alma [...] morrendo do desejo de morrer. [...] lhe parece faltar quase nada para sair do corpo. [...] Desejaria que se afrouxasse o tormento, pelo receio de acabar de morrer. [...] nenhuma coisa do mundo lhe pôde valer naquele transe, a alma sente maior desprezo dele. [...] Nenhum temor sente da morte. Tem menos medo dela do que teria de um suave arroubamento” (Castelo Interior ou Moradas [1577]).*

Vejam que não é suicidário. Se o fosse, aproveitaria a carona e iria direto para Lá. Para ela, trata-se de “morro de não morrer”. Suicidário é uma precipitação. A pessoa está com pressa, é uma afobada... Mas não é por isso que alguém se mata, e sim por não suportar uma situação dada. Matar-se do outro modo é o que fazemos o dia inteiro. Ao falar em menos-menos, a referência era à prática sexual propriamente dita. Os místicos fazem um esforço que, frequentemente, nem conseguem manter. Sempre menciono São João da Cruz que não tinha como impedir suas ejaculações. Era um esforço danado para ir para o céu, mas o Primário respondia. Há também Santo Antônio, setenta anos isolado no deserto. Anatole France escreveu um livro, *Thaïs* (1890), que li na adolescência. Ela foi uma prostituta famosa que viveu no Egito, século IV. O interessante é que Paphnuce, uma espécie de Santo Antônio, resolve convertê-la e acaba vendo que sua fé (dele) é uma ilusão. O autor trata do Revirão, suas duas faces – fé e pecado – lá em jogo: ele vai lá para fazê-la vir para cá, e ela o faz ir para lá.

Problema sério da história das ciências: grandes coagulações de expressões de fantasia. É o que a pessoa tem e se acostuma com isso. Ela tem uma concepção tributária da fantasia de alguém e como é agida em processos de transmissão, etc., começa a co-naturalizar. Jamais alguém viu um átomo para desenhar do modo que foi exposto, mas compra-se a ideia porque ela serve. Serve até outro dizer que, para ele, não é nada daquilo, e então surge a física quântica na contramão da física clássica. Ou seja, vivemos num grande engodo, mas que funciona. São ficções, que funcionam ou não. Vejam também que ninguém toma a fantasia e faz um projeto científico. Ele foi afetado pela fantasia e, estilisticamente, o projeto se funda a partir dela.

- P – *Como seria o que aconteceu a um Einstein?*

É alguém bem esquisito na história. Tomem o universo em que ele existiu de começo e perguntem como foi pensar aquela loucura que pensou. Ninguém pediu que pensasse. Jamais saberemos o que lhe aconteceu para que aquilo caísse sobre sua cabeça. É inexplicável um funcionário público do departamento de patentes conceber aquelas ideias. Uma confluência se dá para uma situação, mas não saberemos o que realmente ocorreu. Às vezes, a loucura da pessoa funciona fortemente com várias formações do Haver, como se dá na Física. Nunca dará conta de tudo, mas deu conta de alguma coisa e aquilo se aplica. É inimaginável pensar em Einstein conversando com Newton. Este ficaria horrorizado. A fantasia é um construto. Trata-se, em sentido freudiano, de tomar consciência de sua construção. O construto é soterrado.

- P – *A fantasia é uma formação. Sua inscrição é em que nível? Ela tem uma base que é primária?*

Está tudo funcionando junto: Primário, Secundário e Originário

- AA – *A fantasia parece arrumar o modo de gozo para a pessoa. Essa organização parece algo cibernético.*

Do mesmo modo que se arruma uma fantasia, arruma-se uma concepção científica. Não é que a fantasia tenha ido para lá, e sim que é o mesmo processo. Depois que a concepção foi montada não se sabe explicar como foi. Não adianta perguntar a Einstein como ele chegou lá, pois ele não sabe. Aquilo foi chegando. O processo é tão complicado e tão inconsciente que não se saberá, nem fazendo análise.

• Patrícia Netto Coelho – *Em história da ciência, há o que chamam de contexto da explicação, que é a formalização, e há o contexto da descoberta, que inclui a busca histórica do que aconteceu.*

No fundo, o que fazem é psicologia do cientista, mas não conseguem dizer o que aconteceu realmente.

• PNC – *Mas há que contar com o aumento da capacidade de computação, o que talvez possibilite bem mapear a quantidade enorme de formações aí em jogo.*

Esse é o futuro da psicanálise. Ela desaparecerá como *setting* e ficará banal como processo. Será uma banalidade para todos viverem em estado de psicanálise com seu computador (computador de que não temos ideia como será). Todos poderão ter facilmente acesso ao desenho de sua fantasia. A pessoa precisa tomar uma decisão e a buscará no computador. Talvez o computador não dê a decisão, mas mostrará caminhos possíveis. Será uma decisão analiticamente posta, que vem sabendo da configuração psíquica da pessoa. Ou seja, dada a pletora de formações sobre as formações da pessoa que esteja num computador quântico, este resolve a situação.

• P – *Então, é o computador que vai gozar?*

Sim. A pessoa ficará de palhaço ali. Como sempre foi, aliás: são as formações que gozam.

37

• P – *Antes de você chegar, conversávamos sobre a relação entre formações e agonística: dado que há formações, haveria necessariamente a agonística das formações. Surgiram então as perguntas: O místico estaria em agonística?*

Não haveria uma suspensão neste caso? No recurso à Indiferenciação, haveria um esvaziamento dos poderes das formações? Outra questão dizia respeito à relação da Teoria das Formações com a Música. Nela, a harmonia é ainda uma agonística?

É na música que vemos com clareza a agonística em jogo. Aquilo não para. O nome é *harmonia*, mas é mentirinha. Se alguém estaciona num acorde, não é nada. Estaciona-se onde, então? Pode-se apenas marcar um ponto final quando se quer dizer que acabou. O jogo da harmonia no seio da música é uma agonística de sons, não para.

- P – *Há intervalos que demandam evolução...*

...o tempo todo. Mesmo na melodia.

- P – *...e há intervalos que são harmônicos. Seria possível uma relação não-agonística entre notas que não se repetem?*

Quando uma música termina, ela termina? Não. Não é possível o último acorde. Aquilo ressoa. O ouvinte fica cheio de afetações. Já lhes disse que a música é um campo de excelência para o entendimento da psicanálise e do Inconsciente. Ao mesmo tempo que não tem significado determinado... Quando se escreve numa língua qualquer, ficamos mais ou menos aprisionados à ordem da significação e os termos são significativos. Ou seja, as palavras têm algum significado. Sair disso é muito difícil. Tomem escritores que tentaram fazer literatura e escapar do significado (Joyce é um ponto máximo quanto a isso). O livrinho de minha autoria que vocês republicaram agora, *Aboque / Abaque*, qual é o problema dele?

- Aristides Alonso – *Nele, há uma proposital destruição da construção das narrativas e das construções poéticas, seja quanto à constituição morfológica – há lá textos que são quase que aleatórios, outros são inconclusos, ambíguos, sem começo, i.e., com fratura das escansões básicas e repetitivas: plot / solução, conflito / clímax... É um texto atonal.*

E, às vezes, finge ser tonal. O livro foi escrito entre 1964-70 e publicado pela primeira vez em 1974. Eu lidava com esse problema que você apontou e tentava resolvê-lo literariamente – mas não tem solução. No penúltimo texto do livro – *As possíveis palavras ou os vamaris combalhares* –, eu fazia questão de provocar sentido sem semântica. Alguns aqui presentes devem se lembrar de

que trabalhei esse ponto em aulas minhas na disciplina “Textos Experimentais” da Escola de Comunicação / UFRJ. Eu pedia para as pessoas lerem e dizerem o que estava sendo contado ali. Não há língua, há fingimento de estar falando português. E todos sabiam do que se tratava. Cada um tinha uma história. O texto seguinte – *Hisfiemt ou alé alé álea ou a revolução dos dedos* – é resultado de eu datilografar aleatoriamente na máquina de escrever sem olhar – e é um conto, claro! Se tenho um sintoma, só pode estar sintomatizado lá. Parece não fazer sentido algum, mas faz. Não há escapatória, meus dedos são sintomatizados. Não adianta fingir que é aleatório, eles vão lá e se repetem.

Na história da música, há grandes períodos de tentativa de arrumar seu sentido. Cada autor impõe um estilo e pretende uma significação musical, se é que podemos falar nisso. Mas o que se vê é que nem música programática consegue fechar o círculo. As pessoas escutam e, na base da analogia com seus sentimentos, começam a nomear o que a música está dizendo. O que Beethoven compôs foi *opus 27, no. 2*, mas o pessoal escuta uma *Sonata ao luar*. Mesmo Wagner que inventou o *leitmotif* e construiu composições endereçadas para personagens, aquilo ao ser tocado sozinho ganha inúmeros sentidos.

- P – *Debussy fez questão de nomear.*

Ele simplesmente tomou a escala tonal, abandonou e fez outra. Sua música soa estranha por ter apenas cinco tons. Uma escala maior – dó, ré, mi, fã, sol, lá, si, dó – tem outras resultantes.

- P – *Debussy faz uma mistura de música atonal e música modal, cria tensões e dissonâncias estranhas – que hoje vemos, por exemplo, na bossa nova – com acordes aumentados, cria uma harmonia que, às vezes, não acompanha a melodia...*

E Stravinsky deita e rola em cima disso.

- P – *A música moderna é um esgarçamento dessa harmonia mais clássica e se torna cada vez mais dissonante. É um caminho até chegar ao atonalismo de Schoenberg. Há também Satie...*

Satie é um experimentalismo auditivo, não tem regra. Debussy tem. Ele mantém a escala. Por isso, soa tão estranho.

- P – *Hoje, já é mais palatável.*

Isto, depois de tudo que aconteceu. E Stockhausen, o que é aquilo?

• P – *E Cage, que buscou o Silêncio?*

Não se consegue ouvir o silêncio: o coração está batendo, as sinapses neurais ocorrendo... O que nos interessa é que não há descanso – nem no último acorde. A agonística está n' Alei do Haver e invade todas as formações. Mesmo em Cage, que busca o silêncio, a música continua. Comecem a escutar o que o suposto silêncio tem e verão que é cheio de sons e ritmos. Trata-se, para ele, então, de acolher qualquer som. Ou seja, ele requisita o silêncio para provar que o silêncio não existe. Qual é o barulho feito pelas estrelas? Nem morrendo, atinge-se o silêncio. Não há como anular a significação. Cada um tem uma sintomática – estou falando de Primário, Secundário e Originário – e imediatamente começa a dar sua significação ao som que está escutando. É um tipo de emoção e de sensibilidade que é diferente, não é a mesma música que está sendo ouvida por cada um. E é uma das provas do funcionamento quase abstrato do Inconsciente.

• Patrícia Netto Coelho – *Ramachandran, em seu livro O que o cérebro tem para contar, a propósito da sinestesia, relata que apresentou a um grupo de pessoas uma forma arredondada e uma pontiaguda. Depois, escolheu duas palavras supostamente não pertencentes à língua do grupo – boubá e kiki – e pediu que associassem às formas apresentadas. A maioria associou boubá à forma arredondada e kiki à pontiaguda.*

Há um sentido no fonema, o qual escapa à língua. Notem também que ele só fez essa pesquisa no Ocidente. No Oriente, pode ser outra coisa.

• P – *A melodia equivaleria ao significado?*

Não. Quantas letras podemos colocar numa melodia? Se ela impusesse um significado, não se conseguiria sair dele. Tomem, por exemplo, a *prosódia*. Hermeto Paschoal é alguém que prova a todo momento essas coisas de que estamos falando aqui. Ele é daqueles que, em música popular, tem audição perfeita para a prosódia. Quando alguém está falando, está fazendo música sem notar. A fala é toda musicada e alguém como Hermeto, com a cabeça prosódica, escuta a melodia da pessoa. Quando encaixa uma canção, ele está encaixando uma prosódia. A música já vem pronta para ele com a frase.

• AA – *A arbitrariedade do signo, em Saussure, não cola justo por isso. Não pode ser apenas uma convenção social.*

Está aí a dificuldade, talvez insuperável para o campo da computação, de alguém fazer análise. Analista não fica ouvindo significantes. Há muita coisa que vem do outro sem palavra alguma, vem com a respiração... Ou seja, sem *presença*, fica difícil analisar. E mais, não é apenas o analisando que está em jogo lá. O analista também respira. Qual dueto lá está? Não é permitido fazer, mas acho que seria interessante fazer a suposição da possibilidade de registrar as análises nos consultórios. Veríamos que, a cada analisando que chega, o teatro muda completamente.

• P – *Você diz mesmo que é possível detectar uma mudança de cheiro no analisando ao longo da análise.*

Vários psiquiatras e psicanalistas escreveram sobre a possibilidade de, por exemplo, conhecer o psicótico por certo cheiro característico. Por trás de tudo, sempre há uma semiologia. Cada pessoa tem seu cheiro, mas grupos étnicos têm cheiro específico de todos. Não há como escapar desse genérico. Nem do ponto de vista musical ou de qualquer outro. Ou seja, cada caso é um caso, cada caso tem sua singularidade. E mais, faz parte do tesão de cada um certo cheiro que foi organizado em sua infância. Aquilo jamais sairá. Lacan chegou a dizer que a psicanálise é a ciência do singular. Notem que são dois termos que parecem incompatíveis.

• Lia Guarino – *Da outra vez, foi dito que a fantasia é singular e que, consequentemente, o estilo de cada um é singular. Por outro lado, a teoria aponta Quatro Estilos basais, comuns a todos. Eles não são generalizações?*

Primeiramente, são generalizações minhas, por tê-los inventados assim. Segundo, ao passar pela história da arte, é reconhecível que, no mínimo, há quatro estilos de base. Notem que é um arranjo que procura semelhanças. Suponho, pois, que haja quatro estilos – Clássico, Barroco, Maneiro e Tanático – sempre presentes. Cada um de seu jeito. Ou seja, dentro desses estilos, cada um tem seu estilo. Ao escolher um estilo para produzir uma obra, o estilo é seu. Você optou por uma estilística e entrou com seu estilo na estilística optada. A pessoa escolhe ser barroca, clássica... Ela escolhe um parâmetro, o que é algo da ordem do intelecto. Cada artista clássico, por exemplo, tem seu estilo – todos dentro do classicismo por terem escolhido essa via. A moda, aliás, determina tudo ao redor. Estamos sempre dentro de uma moda de época. Nos clássicos do

Renascimento, por que reconhecemos a obra de cada um? Porque é o estilo dele – mas dentro do classicismo por ele ter optado por aquele tipo de construção.

• LG – *E os artistas de hoje? Qual estilo têm?*

É uma zorra. A arte acabou plenamente – ou seja, qualquer coisa é arte, dependendo de um Ato. O que vemos é o mercado dando um jeito para continuarem a rolar. O que não é arte hoje? O mercado inclui alguns como artistas, os quais não têm motivo algum para serem incluídos – e têm todos os motivos para serem incluídos. O grande explicador disso é Marcel Duchamp. Foi isso que enxergou. O último artista destacado foi Picasso. Agora, o que não é arte? Não canso de repetir que analistas devem frequentar Duchamp. Ele fez isso por ter se construído dentro de uma agonística terrível. Ele queria ser pintor – e viu que não dava mais, que já estava feito. Se Picasso lá estava pintando, o que ele faria enquanto criador de obra? Vejam, nele, como é alguém entender que *acabou*. Foi, então, inventar outra forma de arte plástica que escapasse da história da arte e da pintura. E agora, depois dele, o que fazer? Artista algum contemporâneo escapa de Duchamp. Se quisermos ser rigorosos, diremos que a arte escapou da pura expressão para a tecnologia. Os futuristas já viam que seria assim. A arquitetura, esta, se mantém ainda, pois moramos dentro dela. Ao olhar para a história desta nossa espécie esquisita, não há como não tomar tudo como uma grande bagunça inconsciente. É importante tratar dessas coisas porque cabeça de analista é a lata de lixo do mundo, tudo é jogado lá. Digo isto, pois tem gente que pensa que pode ser analista limpinho. Não pode, o que há é sujeira.

• P – *Você já falou em CleanIcs.*

Produzir limpeza é outra coisa. É poder extrair do lixo uma formação compatível. O problema do analista diante do analisando está em que aquilo é uma lata de lixo só. O que é possível pegar para conseguir articular algo?

• P – *É uma coleta seletiva?*

Esta é feita antes. O analista tem que fazer a seleção depois. Tem que meter a mão na merda. É, aliás, o que diz Sartre: “Mergulhei minhas mãos, até o cotovelo, no sangue e na merda”.

• AA – *Ao propor os Quatro Estilos basais, que são quase sem conteúdo, são modos de articulação, você está se aproveitando do conceito de*

modos de gozo, já elaborados em parte por Lacan. Você, então, propõe quatro modos – um deles batendo num ponto morto – e vê ali uma analogia com a expressão de base artística. É como se fossem algoritmos de construção de processos de gozo: mais fechado (Consistente), mais aberto (Inconsistente), de passagem (Resistente), e o impossível (Desistente). Há transas entre eles, mas cada um tem uma formatação bastante determinada. No caso das narrativas, já se percebeu que contar uma história é a mesma curva – com maior ou menor extensão – de uma gozada. Ela vai, causa um máximo de tensão e, depois, faz uma tentativa de resolução. Trata-se de tensão e distensão. Há, portanto, algumas coisas que se repetem, têm uma base muito mínima. Há uma riqueza de expressão, mas essa estilística em vazio, de base, é muito simples.

E há cientistas que fazem a suposição de que a própria estrutura do universo que conhecem – não estou falando do Haver – é mínima. Stephen Wolfram, de quem falo sempre, diz que, no fundo, tudo é pequenininho, são autômatos celulares mínimos. Depois que começam a fazer articulações para lá e para cá, aquilo parece uma coisa enorme.

• AA – *Ele parte do autômato celular, criado por Von Neumann e utilizado na computação, e da suposição de uma equivalência computacional entre o que se coloca como físico e o que se depara como possibilidade de construção pela informação. Ele faz parte do grupo daqueles que supõem que o universo é uma grande máquina de informação e, ao contrário do pessoal da teoria da complexidade – para a qual não há sistema simples, todo sistema é hipercomplexo –, ele diz que a complexidade é gerada por princípios extremamente simples. São autômatos que se repetem e produzem a multiplicidade. E isto até com ações aleatórias que surgem dentro da própria computação. O aleatório resulta do mecanismo da computação. Quanto mais se repete, ao invés da mesma coisa surge o aleatório. E ele está operando em escala de computação binária, não é a quântica.*

A ciência biológica que fica buscando entender como se passou do vivo para o não-vivo precisa entender algo simples como isso, que a repetição do não-vivo virou o vivo. Isto, aleatoriamente. Tomem uma mente muito produtiva da história da humanidade, alguém com uma obra imensa. De onde saiu aquilo?

Saiu de uma titiquinha de mosca que proliferou. Saiu da fantasia dele. Aquilo não é dele, e sim da máquina.

• AA – *É pouco considerada na cibernética, de onde vem Wolfram – para a qual, quanto mais se repete, vai-se produzindo um campo fechado de redundância –, a tese de que, ao contrário, mais está-se aproximando do momento em que aquilo entrará em colapso. Justo nessa operação pode haver um momento de ruptura, de mudança, de acontecimento.*

Um acontecimento por saturação. Por exemplo, na França, o preparo de um pianista ou de um ator é chamado de *répétition*. Aqui, chamamos *ensaio*. A própria repetição *produz* uma expressão.

• AA – *A Pulsão é uma máquina de repetição.*

Repete, repete – e vemos a merda que dá...

• LG – *Mas o obsessivo não é aquele que fica repetindo?*

Obsessivo não repete. Ele está o tempo todo tirando da reta. Assim como a histérica jura que vai conseguir, ele fica evitando. Por isso, é um paralisado. A técnica fundamental do Dr. Lacan – que deixava a gente irritado, mas é uma ótima irritação – era, a maior parte do tempo, só devolver o que o analisando dizia – e, de repente, um salto se produz. É seu famoso *c'est ça!* É como se dissesse: “Você está perguntando para *mim?*” Às vezes, repetia isso sem dizer. Aí, você ficava no lugar da suspensão. Saía da sessão puto com ele – “mato esse velho!” –, mas, ao chegar à rua, a cabeça virava e percebia o quanto você é que era o imbecil. Você está pensando que você é o quê além disso que está dizendo? Não está vendo que é você?

• LG – *Isso se devolve porque, afinal, você é isso que você está dizendo. Mas não há também o entendimento de que não se é idêntico àquilo que se diz?*

Os dois entendimentos ocorrem no mesmo lugar. As pessoas sofrem tanto com o fato de serem elas mesmas e vão para a análise querendo virar outras. Elas têm que entender que não virarão, que só tem elas e mais ninguém para fazer esse papel. Quanto a isso, há um ensaio de Borges intitulado *El otro, el mismo* (1969), que li há muito tempo... Aliás, o *Outro* foi um desvio estruturalista de Lacan. Não considerou que só há a **Lesma Lerda**.

38

Impossíveis modais são impossíveis por causa das circunstâncias. São modais, mas não podemos pensar em sua infinitude. Todos os processos dentro do Haver desaparecem. Se isso é morte ou não, não sei. A imortalidade não existe. Aqueles que dizem buscá-la estão, sim, procurando viver mais. Qualquer suposição de longevidade do vivo, por maior que seja, por mais tecnológica que se apresente, acabará em algum momento. Acabará por não servir para nada. Irá para o lixo. Aliás, essa suposição é denegação da morte. Todos vão morrer, sim. Ainda bem! Não há futuro maravilhoso, o que há é possibilidade de futuro rico. Riqueza é só riqueza, não é o mesmo que felicidade. Comparada com as anteriores, somos uma civilização muito rica – e lá para a frente o que pode haver é uma riqueza exorbitante. Será preciso muita análise – não sei como, pode ser com robô – para lidar com ela.

• Aristides Alonso – *No site da Singularity, onde fiz um curso online, já há robôs que tratam empaticamente pessoas com problemas de suicídio, depressões... Ray Kurzweil é um dos que aposta na imortalidade.*

Psicologia é fácil, é uma questão de convencimento, é a arte da propaganda. A propaganda pensa que funciona como psicologia, mas é o contrário: a psicologia funciona como propaganda. Ela busca fazer a cabeça dos outros – mas não conseguirá com certas pessoas. Já lhes disse que, na psicologia, o vetor é daqui para lá, é tentar fazer a cabeça do outro. A psicanálise, de preferência, esvazia cabeças. Seu vetor é de lá para cá. Espero que façam o robô psicanalista (mas será bem difícil).

• P – *O texto L'Étourdit, de Lacan, tem a ver com o que você diz sobre a psicanálise ser um pensamento perplexo?*

Diretamente, não tem a ver. *O Aturdido* é um texto aturdido de uma cara aturdida. Só isso. Já disse que esse texto é o resumo da análise do Dr. Lacan. É, aliás, um grande feito alguém conseguir escrever aquilo. Ele estava falando dele, de sua análise.

• AA – *Catherine Millot, em seu livro La vie avec Lacan, diz ter presenciado Lacan escrever o texto. Ele, primeiro, escrevia uma versão mais compreensível. Daí, rasgava, recomeçava e “acrescentava um grau de ‘complicação’” (p. 83). De novo, jogava fora, recomeçava – e o que temos é a terceira versão abarrocada. Ele complicava propositalmente.*

O texto não é abarrocado. É alucinado. Há gente que fica alucinada com as palavras. Ele fingia isso, embora tivesse a competência – que eu achava espantosa – de falar quase já escrito. Sua fala parece um escrito, mas seus *Écrits* são mais enrolados, enrascados. Ele queria dizer algo muito simples: O Inconsciente é assim. O Inconsciente é isso. Olhem o meu!

• AA – *Talvez a história da escrita não tenha sido suficientemente estudada. Nem Jacques Derrida fez isso. Ela implica o sagrado, a suposição de fala divina, a inscrição da permanência, a interpretação... O fato de estar escrito faz valer algo diferente. Ela quase que achatou a oralidade.*

Esse é o drama da literatura. Joyce não fez o que fez só de sacanagem. Seu texto é ilegível. Tem gente que lê. Até achei que tivesse lido. Nem é preciso Joyce, basta ler Virginia Woolf para ver isso.

• P – *Mas o texto dela é claro.*

Você que pensa. Ela te enganou. Leia os textos que ela escreve quando resolve ser experimental. Para onde ela está indo? Tomem um livro banal, *Orlando: A Biography* (1928), que todos conhecem, e vejam. Tomem também *Jacob's Room* (1922) e verifiquem se entendem algo lá. Ela é safada, faz de conta que está sendo clara, que está narrando uma história – mas não está. Ela está mexendo na língua inglesa. Aí, fica quase tão maluco quanto *L'Étourdit*.

• P – *A língua falada não seria menos presa, mais transgressora? A escrita tem mais policiamento.*

Realmente, não gosto de fazer análise por escrito.

• P – *Sócrates não escrevia por achar que matava o pensamento.*

E acreditamos que ele falou aquelas coisas que Platão e outros escreveram. Cada um diz que ele falou uma coisa diferente. O Sócrates de Platão é o Platão de Sócrates. Notem que acabaram o ensino e a transmissão oral depois da invenção do gravador. Se gravou, está escrito. A tecnologia se apropriou do oral e o transformou em escrita. Pode ser uma inscrição como é a de um

gravador comum. Daqui a séculos, há como recuperar o texto. Tomem textos supostamente escritos depois da décima interpretação do oral. Dá para acreditar em texto da Bíblia, por exemplo – sobretudo, do Novo Testamento, que é um monte de cacos –, como transmissão do que tal pessoa teria dito? Aquilo foi escrito setenta anos após a suposta morte desse cara que acho que nunca existiu. A coalescência das histórias é em função de grupos. Era gente que estava dentro da mesma alucinação. E resultou numa crença enlouquecida dentro e em volta do Império Romano, o qual se aproveita dela e funda o Vaticano. Vivemos até hoje dessa loucura. E o doido é Dom Quixote? É a pós-verdade, são as *fake news*... muito antigas.

• AA – *Falamos de gravação eletromagnética, de tecnologia eletrônica, quântica, mas o primeiro computador inventado é aquele situado entre o diafragma e os olhos em nossos corpos. Ele resulta de terem transformado a entrada e a saída de ar contínua e cortada que aí ocorre em um sistema de comunicação: vogal, consoante, sílaba... À medida que isso sai na vertente do vento que nos mantém vivos, a palavra Espírito é associada à respiração. A pessoa perdia o espírito quando parava de respirar. Por outro lado, a palavra que saía dela era seu espírito que saía. Esse primeiro sistema de comunicação, que durou mais do que qualquer outro, tem uma contaminação muito pesada sobre nossa comunicação. Sobre o entendimento de transmissão, de iluminação, de divindade...*

Já imaginaram como devia ser um papo entre trogloditas?

• AA – *Acho que Lacan foi bastante sensível a isso. Seu seminário era falado, os Écrits eram escritos, a Télévision era televisivada, a Radiophonie era transmissão radiofônica. Ele marcava o meio em que aquilo passava...*

Mas ele se recusava a entrar no processo da mídia. Na televisão, só falou – e do jeito que quis – entrevistado por Jacques-Alain Miller. Não deixou fazerem dele um palhaço da TV dando entrevistas. O mesmo no rádio. Para mim, Lacan é a figura mais fascinante do século XX – mas o século XX acabou e levou todos os seus luminares. Pessoas têm dificuldade em lidar com nossa época por estarem com o século XX na cabeça. Acabou! Aquilo não funciona mais. O século XX fez tudo que fez de acordo com seu momento – e o momento implodiu! Os pensamentos não valem para sempre.

39

Somos primitivos, ainda. Ficamos encantados com a tecnologia, mas é coisa de macaco. Quando chegarem as *Pessoas*, vocês vão ver. Temos o azar de o processo do Revirão ter emergido – pois é emergencial – dentro de um mamífero primata. Emergiu num lugar muito ruim. O Primário desta espécie que aqui conseguiu transcender é péssimo.

Tomem os conceitos de **Sexualidade** e de **Sexo**. São conceitos que vieram do Primário para o Espírito, segundo Aristides mencionou há pouco. Por que a sexualidade tem que ser necessariamente uma armadilha? Em nosso caso, é uma armadilha. É possível pensar numa espécie – espontânea ou industrial lá para o futuro – para a qual o sexo, se for uma armadilha, é em última instância? Em última instância como é o Haver: $A \rightarrow \tilde{A}$, Quebra de Simetria e retorno. O sexo é isso, não há outro. O Haver vive – não direi fodendo porque vive *se* fodendo. Ele é solitário e não transa com a Outra instância (que não há). Herdamos essa sexualidade obrigatória do Haver adscrita a um animal da pior espécie, uma besta. Chamo de armadilha porque o processo – que é simplesmente uma lógica de repetição e de interrupção – grudou no sexo animal. Isto, até em insetos, mas tomemos os mamíferos, sobretudo os primatas: o sexo foi sequestrado pela reprodução. E como a reprodução – sabe-se lá por quê – não é partenogenética, a sexualidade, em nosso planeta, foi dividida por duas anatomias e sequestrada em função da reprodução. É um inferno! É tão infernal que, depois de milênios, sem que se conseguisse interromper esse sequestro, a ciência atual conseguiu, mas a moral não permite. Só agora, século XXI, o raciocínio está começando a se separar da reprodução no sentido de que qualquer sexualidade vale. A reprodução não interessa, o que interessa é que a gente quer gozar.

O que está acontecendo e que à psicanálise interessa... A psicanálise pregressa, em Freud e em Lacan, estava demasiado adscrita à sexualidade do macaco. Basta ver Lacan ainda preocupado com masculino e feminino, com

homem, com mulher. Isso acabou junto com o século XX. Só trogloditas contemporâneos têm essas preocupações. O que está emergindo como pensamento atual é considerar o sexo como brinquedo, ele aí está para a gente se divertir. Ou seja, tiremos o verbo divertir e coloquemos *morrer*. É para a gente se matar de gozo. Repetindo, até o século passado a história da humanidade foi sequestrada pela sexualidade enquanto sequestrada pela reprodução. E toda vez que algum ditador quer dominar mais um pouco seu povo, repete como processo saudável a reprodução. O que está colocando os retrogredidos apavorados é que as cabeças emergentes inverteram o processo. Não interessa a reprodução – mas *o sexo interessa*. Qual? Qualquer um.

• P – *E esses movimentos atuais sobre buscas de identificações e identidades sexuais?*

Ainda é barbaridade. O pessoal luta pela identidade em vez de lutar pela diferença. Não sou idêntico a mim mesmo, não consigo. Quem pensa ser idêntico a si mesmo é um estúpido, pois não é. O máximo que dá é alguém se aproveitar de alguns papéis e dizer que é fulano, que é professor... Eduardo Portella dizia que não era ministro, que *estava* ministro.

• P – *Não tem identidade, mas tem a fantasia.*

Tem o selo da fantasia. A fantasia de cada um é singular, mas está comprometida com o Primário, o Secundário e o Originário. Se o Primário for outro, como será a fantasia? Qual é a sexualidade de um robô? Tem que ter. Se não, ele não vive. A questão toda está em, ao invés de ler do passado para o presente, quiçá para o futuro, fazer a suposição de uma constituição radical – que não precisa ser de futuro, pode ser eterna, de sempre, do Haver – em que o sexo esteja Lá. Como ele se instala para cá? Se lermos daqui para lá, ficaremos eternamente macacos, não sairemos da macaquice. Se lermos de Lá para cá, vale tudo. Trata-se, pois, de mudar o vetor: considerar sexo e sexualidade da última instância para cá. O Sexo Absoluto é o Sexo do Haver, que funciona no fracasso como qualquer sexo. Se esse é o Absoluto, onde se aplica? Em qualquer lugar onde compareça. Nossa história, repito, é tomar a sexualidade humana, tentar domá-la, registrá-la no Segundo Império – e dizer que ela é isso. Não é. A psicanálise, desde Freud, tenta amenizar a coisa. Faz variações ao falar em

sujeito (Lacan) etc., mas tudo isso pode ser jogado fora – e a leitura a ser feita é de lá para cá. As aplicações serão quaisquer.

• P – *Mas, se tudo acontece no Primário, como pensar esse vetor do Originário para o Primário secretando o Secundário?*

Vejam que, em nossa espécie, no que o Primário, via Originário, secreta o Secundário, quanto menos estúpido o Secundário ficar – e ser menos estúpido é afastar-se do nosso Primário –, mais se aproximará do Originário de novo. O Primário é uma estupidez. E ele precisa ser estúpido, se não, morre. Então, por causa da sobrevivência, mesmo a do Originário, se matarmos o Primário, o Originário irá junto. Esta nossa espécie é maluca por lhe ter acontecido dentro do Primário um registro que a enlouquece, que a retira das funções do Primário. Por isso, ela secreta o Secundário. Mas o Secundário vem cheio de sintomas, é ainda subdito demais ao Primário, imita-o o tempo todo por analogia corporal. Escritores tipo Joyce e Virginia Woolf, de que falávamos há pouco, fizeram o que fizeram justo para tirar o Primário de dentro do Secundário, para fazer o Secundário cada vez mais si-mesmo. Isto é muito difícil na literatura. Já na matemática é bem mais fácil. Quanto mais a matemática fica abstraída, menos Primário tem. Isto, a ponto de não haver aplicabilidade para certos raciocínios. Repetindo, somos uma espécie que, desde o começo, está subdita à estupidez do Primário e vem tentando se livrar (não do Primário, e sim) de sua estupidez. Agora tentam se libertar também do Primário ao buscar construir o robô. Trata-se de, neste caso, fazer outro Primário, pois este nosso é um fóssil.

40

• Aristides Alonso – *Em Est’Ética da Psicanálise (1989), diz você: “Ao invés do metafórico, para generalizar, prefiro apontar que nada é possível dizer senão pelo analógico. Aliás, é preciso cuidado com esse termo. É aí que, para ser, é preciso estar a par: estar a par e ser (estar a parecer), a par e passo, paripassu com o Haver em suas modalidades. Ou seja, como estabelecer esse estar-a-par-e-ser com o Haver em suas modalidades? Isso é que é a razão ana-lógica. [] Não há nenhum conhecimento possível sem alguma analogia entre as formações do Haver (atenção para este termo que introduzo hoje), isto é, aquelas do Inconsciente divino, e as formações do Inconsciente, isto é, aquelas do Haver humano enquanto tra-dutivo, metafórico” (p. 27).*

Seria melhor colocar *analógico* no lugar do metafórico.

• AA – *A questão que estávamos trabalhando diz respeito ao modo das formações quanto ao intelectual e ao sensível, quanto a poderem ser consideradas heterogêneas ou homogêneas... Para mim, a questão de base é o analógico. Na transa das formações, em sua transitividade, em sua agonística, é que se dá o processo que antes era pensado como ação de coisas distintas: simbólico, linguagem, razão, alma... Seriam, de fato, formações engrazadas de certo modo que produzem isso que foi visto como separado. Ou seja, qualquer conversa, qualquer transa é a possibilidade do ana-lógico. Portanto, a Teoria das Formações precisaria incorporar o raciocínio da analogia como fundamental na transa, na transitividade entre as formações.*

Há um autor italiano, Enzo Melandri, que só agora vim a conhecer, que contribui bastante para o entendimento dessas questões.

• Patrícia Netto Coelho – *Ele foi um filósofo com formação em lógica (1926-1993) que publicou um estudo minucioso e consistente sobre a analogia, La Linea i el Circolo: Studio logico-filosofico sull’analogia (1968), que estou começando a ler. Sua tese é que ela é um conceito relegado a segundo plano pela lógica e pela história da filosofia. Teve uso importante em Aristóteles e na*

filosofia grega, mas o século XX e as ciências humanas, tal como se organizaram em torno do estruturalismo, foram uma espécie de desvio de certo encaminhamento que se fazia e deixou a temática da analogia de lado. Ele cita As Palavras e as Coisas, de Michel Foucault, que fala de um modo de classificação próprio do período moderno que, antes do advento das ciências humanas, é descontínuo, taxionômico e não analógico. E a análise de Foucault sobre a origem das ciências humanas, assim como o estruturalismo, tem a marca da descontinuidade, de pensar as instâncias simbólicas como autônomas, de se organizar segundo uma situação de corte, de corte epistemológico...

Parece-me que ele foi bastante prejudicado e ficou no ostracismo por ter sacado esse defeito do estruturalismo e de seus arredores na época de sua vigência no século XX. Sua obra está sendo republicada agora na Itália. Ele critica a razão metafórica, a razão dialética simbólica – e eu diria que é praticamente um precursor do Revirão. Publicou também um livro, menos grosso que aquele sobre a analogia, que é *Contra o Simbólico*. Ele faz questão de lembrar que *símbolo* vem do grego *syn* ‘junto’ e *balló* ‘pôr’, ‘jogar’. Trata-se de juntar as metades. Ele chama seu raciocínio de dialético, mas sou contra, pois é: Revirão. Ao tomar o mito grego de Sísifo, cuja interpretação no nível do simbólico é o homem esforçar-se, esforçar-se e não conseguir, ele se pergunta pelo outro lado: esse em que o homem precisa insistir, insistir apesar de cair. Achei genial ele trazer isso que estava recalcado no pensamento simbólico. Faço, então, agora, um desafio a vocês: Qual é a outra face do Édipo? Segundo o tratamento simbólico do Ocidente, ele é alguém que cometeu um pecado radical. Ou foi uma boa ideia?

• AA – *Outra face possível para Édipo pode ser Prometeu. Ele se rebela contra Zeus, de quem conhecia os segredos, mas é capturado e amarrado na montanha para ser devorado pela águia. Ao invés de recuar, invectiva Zeus dizendo que vai se libertar e fazê-lo pagar pelo que fez. É uma contestação do poder, da injustiça. Então, ao contrário de a tragédia ser submissão ao destino, ele é alguém contra a situação estabelecida.*

Isso é que é pensar em Revirão e em Formações. Não existe formação sem a outra face. E Enzo Melandri é alguém que opera dessa forma. Ele toma as dialéticas possíveis e termina em Marx. (Aí fico com o pé atrás, mas acho

que há um passo dele além de Marx). A verificar. A dialética de Marx é histórica e material, e Enzo tenta sair por ali. Mas o mito de Prometeu é construído em cima do fígado. Por quê? O fígado é regenerável. A águia jamais terminará de comê-lo. É bem bolado e não é meramente simbólico. Se não, é simbólico no sentido em que Enzo coloca: pôr junto.

• PNC – *Isso ajuda a precisar algo que, em seu texto, às vezes fica solto. Você se refere ao simbólico, de Lacan, e fala de Secundário. Há uma importante diferença entre os dois. Em seu Seminário A Música (1982), o simbólico – “... é isso que é formado de metáfora e metonímia, é isso que é formado de nexo e plexo articulando o sexo, o corte” (p. 42). E você fala do Diabólico: “que não vem do latim diabolus, e sim do grego diá-bó-lico: ‘através do lance’” (p. 44). É quase um Bífido aparecendo ali de modo incipiente. Diz você, depois, que o simbólico, de Lacan, está dentro do Secundário. Eu diria que não é isso, é outra coisa...*

Eu poderia dizer que o simbólico, de Lacan, é uma região do Secundário.

• PNC – *Há também Kant, Ernst Cassirer, por exemplo, para quem o simbólico é outra coisa. Lacan mostra a situação de abertura, de inconsistência, incompletude, variação, e, para ele, isso é suficiente para a psicanálise. Você se pergunta por que essa configuração, qual é sua razão – e precisará extrair dali outra Tópica, o conceito de Bifididade, para apresentar o Secundário.*

Foi muito difícil. Fica embrulhado.

• PNC – *O Seminário mencionado por Aristides, Est’Ética da Psicanálise (1989), é uma espécie de divisor de águas. Nele, passa-se a limpo a teoria do significante, de Lacan, a partir da ideia de analogia. Aí muda a ideia de formações do Inconsciente, em Freud, e a teoria do significante, em Lacan. Diz você que há uma hemiplegia do significante...*

O simbólico, de Lacan, é hemiplégico, pois, em vez de considerar a junção, considera a partição. Essa é justamente a importância do arcabouço da Teoria das Formações, que é oferecer o mínimo de formações de base. O que importa é, no trato, digamos, com o discurso do analisando, ou mesmo com os discursos em geral, não ser preciso aplicar um processo de conhecimento dado sobre a narrativa. Há, sim, que encontrar na narrativa as suas formações. Em geral, o que fazem por aí é escutar o que está sendo falado já reduzindo a

formações teóricas dadas. Segundo a postura da Teoria das Formações, há que escutar para descobrir quais são as formações, pois não se sabe de antemão quais são. Mesmo supondo que elas se repitam, a postura não é sair aplicando concepções simbólicas às formações. Trata-se de esperar que *elas digam* o que estão fazendo lá. As teorias, mesmo as psicanalíticas desde Freud, têm armado conceitos e configurações que aplicam ao discurso do analisando. Édipo é um bom exemplo do que não interessa fazer. Isso valeu até o século XX, mas morreu, acabou. O que interessa é acolher o que é dito para tentar entender que formação é. E nem adianta comparar com qualquer outra, pois aquela dita é aquela e não outra. Mesmo que alguém escute muitos analisandos, não pode decantar o que ouve em formações que descrevem antecipadamente outras formações.

Pensar assim é passar a psicanálise a limpo e é consentâneo com nossa época. Quando o século XX terminou – um pouco afobado em 1980 –, produziu-se o chamado *Lixão*. Tem gente até hoje catando coisa lá para sobreviver. A abordagem agora teria que ser completamente nova. O lixo anterior está todo podre. Pode-se eventualmente tomar alguns pedaços e encaixar em outro lugar, mas não funciona mais. Eis algo em sintonia com a ideia de **Pós-Verdade**. Pensam que ela é uma falta de consideração, um abuso contra a verdade. Não é. A verdade acabou – e temos que produzir dentro da pós-verdade. Até o final do século XX, vários discursos que supunham estar procurando verdades quebraram a cara. O mais evidente é o da ordem jurídica, que é um jogo em que se ganha ou perde dependendo dos investimentos. Antigamente, a ordem jurídica era estabelecer a verdade para poder premiar ou culpar. Está desmoralizada. Pulemos para a física, a mais dura das ciências, que também quebrou a cara, seu saber hoje é uma titiquinha de cinco por cento. Não estou dizendo que seja cinco por cento, e sim que é a titica dos cinco por cento. Leiam um livro engraçado, *Não tenho a menor ideia: um guia para o universo desconhecido*, de Jorge Cham e Daniel Whiteson, em que os autores, dois físicos, mostram o tamanho da ignorância da ciência. A titica de que falo é, dentro dos cem por cento, termos cinco por cento de matéria bariônica, da qual não se conhece quase nada, vinte e sete por cento de matéria escura, da qual nada se sabe, e sessenta e oito por cento de energia escura, da qual se sabe menos ainda. É a

raiz do Quarto Império, que está brotando em autores como esses. Se a física já está dando o braço a torcer, o que se faz e desfaz com o resto?

A Pós-Verdade é descobrir que lidamos com narrativas, que chamo de *Fixões*. Aplicamos essas narrativas ao mundo e vemos se funcionam ou não. Não temos mais que isso. Então, ao fazer o esforço de saltar fora de um projeto teórico e tentar construir outro, simplesmente estamos tentando uma narrativa consentânea com nosso momento. É uma violenta ferida narcísica: viver confessando nossa ignorância – mas procurando certa narrativa que nos dê uma posição dentro do mundo vigente. Por isso, digo que até dá para aproveitar algumas coisas do lixão, mas sabendo que aquilo para trás acabou. O jeito é olhar para a frente. Nossa situação é difícil, mas pode ser lúcida – a primeira lucidez é saber que acabou. Vejam na ordem jurídica como ficou a situação de nosso ex-presidente, que vem de ser libertado da prisão. Comentei bem antes com Rosane Araujo que ele seria solto, que dariam um jeitinho, pois o que estava vigorando era apenas um lado com seus rompantes boçais. E quando pesa demais para um único lado, já se percebeu que aquilo vai longe. Foi assim que começou a Alemanha nazista: um lado só que passou a eliminar o outro. Aqui, tacitamente, percebeu-se que, sem o *pendant*, a situação teria forte chance de descambar para esse extremismo. O pior é que, nesse caso, a pós-verdade é funcional, pois não se podia deixar como estava. **A pós-verdade é a verdade do momento.** O tácito de que falo é igual ao Inconsciente, que fala pelas beiradas, e não diretamente.

- P – *Onde estaria o furo nessa situação?*

É preciso haver um furo aí. Atualmente, não está sendo considerado, mas ele surgirá de onde menos se espera. E esse momento será a fundação do Quarto Império, A Solução. Nosso momento de término de Terceiro Império é o da bagunça, do lixão passado. Quando isso fizer todos os prejuízos que fará – e fará, podem esperar –, só então virá a resposta. Quando as formações entram em derrocada, quando não mais há formações suficientes para sustentar a situação, ela é ultrapassada por algum acontecimento que pode ser o mais banal.

- Susanne Bial – *Hoje comemoram-se trinta anos da queda do muro de Berlim, mas não houve queda alguma. De repente, as pessoas começaram a passar para o outro lado sem impedimento. É claro que as formações anteriores*

estavam desgastadas, mas o que aconteceu foi simplesmente atravessarem de um lado para outro.

É como em análise: o analisando fala pelos cotovelos para dizer nada. Não se dá conta de que está num processo repetitivo. É preciso uma infinita paciência para aguardar que, de repente, ele fale. Lacan dizia que, primeiro, a pessoa fala de si sem saber para quem. Segundo, fala de si para se conhecer. Terceiro, fala de si com o analista. Este momento pode demorar anos.

• P – *E o que significa ‘falar com o analista’?*

Significa que o analisando está falando com o outro. E quando fala com o analista, este chega no mesmo ponto que ele. Chega junto, como se diz, *to come together*? Lacan falava em *palavra plena*, que é quando se falou mesmo, quando se falou com o outro. O outro tem condições de entendê-lo, de compreendê-lo. Mas, para compreender, o outro tem que sair de suas posições. Não pode aplicar as posições dele, tem que ir lá. Não se entende um teorema de matemática repetindo o enunciado, há que entender o teorema. É a mesma coisa.

• P – *Seu conceito de Vínculo Absoluto serve para esse momento?*

Não. O conceito de Vínculo Absoluto serve para saber que, em algum lugar, sou o outro. E é justo o que não vem à tona.

• AA – *Retomando a questão do digital e do analógico, os termos que mais prejudicam o entendimento são: língua e representação. O que há de fundamental na ideia de Secundário é que, dado que há Revirão instalado no Primário, ele suscita a competência articulatória de último grau. É competência articulatória do-que-quer-que. Que se faz como? Analogicamente. Esse é o truque da espécie que, portanto, não precisa se dar necessariamente pela vertente só simbólica, só linguística, cultural. A dificuldade do pessoal da inteligência artificial, até onde sei, é não ter teoria para a emergência de uma formação que suscite essa competência articulatória nessa mente artificial que não seja programação repetitiva de processos anteriores.*

Está faltando esse pedaço lá. A competência articulatória depende do Originário. Se não se colocar o Originário dentro, não funciona. O pessoal da inteligência artificial vai do simbólico para lá. O percurso a fazer é do Originário para o Secundário. A maquininha que está dentro de nós dependeu desse percurso. Esta é nossa diferença para com os macacos. O resto é macaquice mesmo.

• P – *Hoje, na área do marketing, já se busca o algoritmo da diferença, e não apenas o mapeamento dos gostos repetitivos das pessoas.*

Se insistirem nessa busca, entenderão o que é a Diferocracia. Observem que o pessoal está fugindo disso em todas as partes do planeta. Insiste em igualdade, em que a diferença não existe.

• P – *Me vejo muito nesse lugar que iguala o Secundário ao simbólico, à cultura, à representação, e continuo com dificuldade de acompanhar a diferença que está sendo apontada.*

A noção de Simbólico resulta do que chamo de hemiplegia. Pega só um lado. Retome o que foi dito há pouco sobre Sísifo, mito que os autores tomam sempre do mesmo modo: a espécie humana se esforça e cai, se esforça e cai... Onde está o outro lado? Ao considerar o Secundário, que implica considerar a Bifididade da situação, não dá mais para pensar num único lado. É justo a consideração da Bifididade que está começando a dissolver a história do passado. Há décadas, falo do Revirão – e agora ele começa a comparecer histórica e histericamente. Notem que, antes, pensava-se, por exemplo, em masculino e feminino separadamente. Isto, mesmo em Lacan que se enrasca em sua teoria da diferença dos sexos. Agora, qual discurso está comparecendo? Não estou falando contra Lacan, e sim situando sua posição naquele momento em que encarecia a heterogeneidade entre real, simbólico e imaginário. Há que tirar o simbólico da frente e reconhecer as emergências das formações como vêm.

• P – *Mas a ideia de simbólico, em Lacan, não comporta a ideia de Inconsciente? Por que haveria hemiplegia aí?*

Lacan não consegue sair da hemiplegia. Como trata de estruturas, e não de formações como faço, é preciso ver que a estrutura fecha o processo. Ele fica tendo que dar satisfação ao entendimento das pessoas dizendo que, às vezes, isso funciona para lá, às vezes, para cá. Tratando-se de estrutura, onde está a diferença sexual precisa? Aí, vemos como ele se embanana, pois não há essa precisão. Ele é esperto, diz que há homens que são mulheres e mulheres que são homens. Mas o que é mulher? Mesmo se pensarmos em anatomias, sabemos que há muito mais do que duas. Há mulheres com paus avantajados, basta olhar. Lacan, após sua tese de doutorado, se perde dentro do conceito de personalidade – um conceito da psicologia que ninguém consegue desenhar

direito –, sai dele, começa a estudar Freud, faz o seminário de Kojève e vai virando um estruturalista de base. Isto, em cima de Lévi-Strauss e de Jakobson. Então, uma vez tomado esse protocolo, ele tem que obedecer. Coisa que degringola com Lacan ainda vivo. Por perceber isso, não falo em estrutura, e sim em formação. Qual? Não sei, só vendo. Previamente, não faço a menor ideia do que possa ser o sexo de um outro. Se fizer alguma ideia do meu, já está bom.

• AA – *A generalização que você faz de formações do Inconsciente para formações do Haver derroga a analogia fonológica do modelo linguístico do qual Lacan é herdeiro. A língua, agora, é uma das formações possíveis. Se o jogo binário da computação já escapa do modelo de língua, qual será a linguagem, a articulação do Secundário produzido pela computação quântica? A articulação aí em jogo talvez não seja a língua...*

Não será. Lacan já disse que a língua é um sintoma. No caso da computação quântica não poderá ser um sintoma, e sim uma dispersão no Secundário, que se utiliza de qualquer formação. A questão hoje é como organizar isso.

• AA – *A língua é um caso do Secundário. Transformar o homem em parlêtre foi uma ideia muito fechada do modelo estruturalista.*

Não canso de lhes dizer que, em seu protocolo e em seu tempo, Lacan é gênio. Estou em outro protocolo. Daqui a alguns anos alguém pode dizer que meu protocolo foi para o lixo. Nada posso fazer quanto a isso. Em 1977, eu frequentava a análise com Lacan e sua Escola e dava aula no departamento dirigido por ele em Vincennes. Saí do Brasil ingênuo, lacaniano, por ter encontrado seu texto em certo momento de minha vida. Ao lá chegar e ver o funcionamento daquilo tudo percebi que tinha acabado. O que fazer, então? Partir disso e ir em frente, pois aquilo não valia mais. Não falei disso explicitamente, mas se tomarem minha produção da época verão que foi uma tentativa de análise, de cair fora. Demorou, mas caí fora: saí do século XX, saí do lacanismo. Isto porque tive a sorte de cair em minha cabeça esse entendimento. Muita coisa aconteceu lá. Há um número das *Lettres de l'École Freudienne* sobre os Quatro Discursos, escrito por vários autores, que tinha acabado de sair quando cheguei. Li inteiro e, no final, pensei que aquilo era horóscopo. Escrevi isto e dei para Jacques-Alain Miller publicar. Ele quase me matou, ficou puto e, claro, não publicou. Por que dá para fazer um horóscopo sobre o discursivo com aquela

facilidade? Por causa do estruturalismo. Já notaram que a produção astrológica é estruturalista *avant la lettre*? Faço essa analogia para dizer que o estruturalismo caminhou e deu nisso.

Quando estive nos Estados Unidos em 1970, fui ao MIT para conversar com Chomsky. Como ele estava de férias, falei com Gyorgy Kepes, um estruturalista que publicou um livro que nada tem de língua, mas a abordagem é a mesma. Ele não é um estruturalista tipo europeu, estava procurando as estruturas do plástico, do arquitetônico. E é isso que acabou. Há uma enorme diferença entre procurar estruturas e procurar formações. Estruturas têm mais compromisso com certo tipo de organização, ou seja, são mais sintomáticas do que uma formação, a qual pode ou não ser muito sintomática. E se for sintomática de uma pessoa, não o será para outra, será apenas uma formação disponível.

• AA – *Isso tudo parece vir das matemáticas em vigor até 1920, de sua vontade de eliminar o inconsistente e transformar tudo num sistema inteiramente consistente, demonstrável, inscritível e reconstrutível.*

Isto apesar de Lacan apontar para a Consistência e a Inconsistência. Notem também que, em determinado momento, ele desistiu disso e passou para a topologia, para a poesia chinesa. Ele não era burro. Há, nele, um vício – talvez hegeliano por causa de Kojève – de fazer ciência no sentido antigo. Ou seja, com a topologia, ele tentou se afirmar dentro do pensamento científico de sua época. Quis formalizar, tirar dali uma teoria dura, mas, a cada vez quebrava a cara, recomeçava e ia adiante. Tentem ler *L'Étourdit* e verão que jamais conseguirão. Ele não escreveu para ser lido, e sim para se esconder claramente.

• PNC – *O conceito de simbólico é uma marca do pensamento ocidental. É como se houvesse um procedimento de anotação de certas regularidades que são traduzidas como regra. E como, nessa operação, esquecem que isso foi colhido, que é provisório, precário, tomam como razão predominante sobre a realidade. É o caso de Lévi-Strauss, do iluminismo... E Lacan é herdeiro dessa concepção.*

Qual é a responsabilidade de Kojève sobre vários autores daquele momento em Paris? Isso é Hegel. Basta ler seu *Curso de Estética: o Sistema das Artes* para ver como está tudo minuciosamente organizado – e não serve

para nada. É pensamento totalitário: arma-se um sistema e o mundo tem que caber nele. Só que não cabe.

- PNC – *Aí Lacan inventa o não-todo.*

Excelente saída. Bota a culpa nas mulheres. Lacan fez um enorme esforço para pensar tudo isso. Ele era muito inteligente. Não tanto quanto Foucault, aliás, que foi a pessoa mais inteligente que conheci. Inteligência, para mim, é rapidez na transa. Num papo de botequim, era preciso correr para acompanhá-lo. Lacan era meio devagar.

- PNC – *Qual seria o avesso de uma operação de legiferação?*

A com-sideração de formações.

41

• Aristides Alonso – *Estamos pesquisando sobre sua ideia de Formações do Haver. Da vez anterior, tratamos da questão da analogia e quero retomar um trecho da citação que fiz (Est'Ética da Psicanálise, p. 27): “Não há nenhum conhecimento possível sem alguma analogia entre as formações do Haver (atenção para este termo que introduzo hoje), isto é, aquelas do Inconsciente divino, e as formações do Inconsciente, isto é, aquelas do Haver humano enquanto tradutivo, metafórico”. Posteriormente, você eliminará essa separação entre formações do Inconsciente e formações do Haver.*

É uma separação didática. Falei de brincadeira em *divino*, mas trata-se do *Haver*. Como sabem, parafraseio Espinosa dizendo: “*Deus sive Habere*”. Foi didaticamente que coloquei essa separação, pois as formações do Haver são todas. Entretanto, é preciso lembrar que esta espécie, este nosso caso de IdioFormação, produz, inventa conhecimento. Conhecimento é algo que se

inventa e, no que se o inventa, estamos tentando analogias entre nossas ficções e as formações outras do Haver, as formações que essas ficções querem explicar. E, nesse paralelismo, inventam-se analogias que podem ser as mais delirantes ou as mais aproximadas. Hoje, não se pode falar de conhecimento para mais do que isso. A história toda da epistemologia fica prejudicada ao perceber-se que o conhecimento são ficções como outras quaisquer. Então, o possível é inventar alguma construção, alguma formação dita de saber, que seja capaz de ser analógica a outra formação que estas estejam considerando. No que se faz isso, pode-se caminhar da mais grotesca mitologia à mais refinada e aproximada formação dita científica.

Em nosso caso teórico não se trata de estruturalismo, pensamos em termos de escala: há uma escala enorme de aproximação e uma ignorância mil vezes maior. Temos, como qualquer cidadão primitivo que vive de mitologias, uma tendência – que é da espécie, penso eu – a reificar ou a naturalizar nossas invenções. É o mais imediato. Então, rapidamente tomamos um conceito, que é uma invenção para tentar analogicamente dar conta de outra formação observada por ela, e pensamos que é uma coisa, uma verdade absoluta. Nem na mais rigorosa física contemporânea existe isso. Um físico ao falar em partícula está falando do quê? Toma essa palavra para nomear elementos mínimos que estariam dentro do átomo, mas, às vezes, é uma função qualquer de relação entre um elemento e outro – são analogias que a física faz. No entanto, conseguem produzir e calcular bastante coisa mediante essas analogias. O conhecimento da física é mínimo, perto de zero.

• AA – *Freud, ao propor a ideia de Inconsciente, só pôde abordá-lo mediante certas expressões, Bildungs, que comparecem: o sonho, o ato falho, o chiste, o sintoma, as formações patológicas... Lacan, ao considerar esse material, chamará os primeiros textos freudianos de canônicos: A Interpretação dos sonhos, O Chiste e suas relações com o Inconsciente e Psicopatologia da vida cotidiana....*

E diz, com a maior cara de pau, que está fazendo um “retorno a Freud”. Foram esses, aliás, os primeiros textos de Freud que li aos dezessete anos de idade. Não sabia então que eram canônicos.

• AA – *Freud já dizia que não se aborda diretamente o Inconsciente, e Lacan nomeia o que está sendo trabalhado nesses textos como “formações do Inconsciente”. Já você aborda isso como simplesmente formações.*

A primeira frase é ambígua, pois, se o abordo através de suas formações, estou abordando o Inconsciente diretamente.

• AA – *A operação que você faz é analógica: toma o modelo freudiano e faz uma generalização com o conceito de Haver. Passa, portanto, a não ser apenas o Inconsciente humano, e sim a estender-se ao que-quer-que.*

Não é possível conceber a emergência de uma consciência dentro do Haver que não seja correspondente ao Haver. Este foi o meu raciocínio: se não é o mesmo, não existe. O século de Lacan não permitia que se pensasse assim, os epistemólogos estavam no poder. Como perderam o poder, falo o que quero.

• AA – *Há em sua proposta um entendimento segundo determinado modelo, que é o freudiano.*

O que me permite a possibilidade de reconhecer a mesma emergência em qualquer construção primária que venha surgir. Por isso, tirei a palavra *homem* e coloquei *IdioFormação*. Isto porque não sei qual será o Primário de uma *IdioFormação* que compareça por aí. Ela sofrerá as resistências de seu Primário. Notem que estou tirando essa concepção de nossa experiência contemporânea, que está evidente, mas ainda não foi deslocada para dentro dos saberes. Falta às ciências duras, às ciências humanas, etc., fazer esse deslocamento. Estão desarvoradas, meio perdidas, confessando mais sua ignorância do que antes faziam – mas ainda não adotaram o novo modo de operar.

• Patrícia Netto Coelho – *O contexto do conhecimento em que Lacan está inserido tem uma inflexão que é teológica. É preciso provar a existência de um objeto, tal qual Descartes ou Santo Agostinho tem que provar a existência de Deus. O conhecimento prescinde desse tipo de prova. Assim, pensar que só se poderia saber sobre a existência do Inconsciente através de seus efeitos, é igual aos argumentos sobre a existência de Deus. Isso é algo que não faz sentido para o entendimento do Inconsciente e tampouco para outros entendimentos. Não é preciso provar a existência do átomo.*

Mas estamos habituados a pensar assim.

- PNC – *Freud falava que era preciso construir conceitos. Ele era ficcional, artificialista.*

Mas, ao procurar analogias, às vezes ia a lugares muito comprometidos.

- PNC – *Mas ele não é um positivista que tem que provar aquela existência para validar um conhecimento.*

A situação de Freud era mais difícil do que a de Lacan. Ele frequentemente resvala para um positivismo por não ter permissão de sua época para deixar de fazer isso. Se fizesse, diriam que era maluco.

- P – *Por outro lado, a emergência do Haver não é em todo lugar. Não emerge nos animais.*

A emergência é rara. Mas há uma tentativa nos animais. Eles têm consciência. Já são experimentações do próprio Haver no sentido dele mesmo. Suponho que as pedras não tenham consciência. O Haver não fica revirando a toda hora, mas revira. Esse é o problema da física e da cosmologia. Falam em Big Bang – eu também falo –, mas acho que não existe, que foi uma piada feita por alguém que não estava entendendo o que aconteceu. Tampouco acho que do nada algo tenha explodido. Mais adequada é a teoria da inflação e da deflação. Que tipo de Revirão terá havido nas mutações encontradas em formações baratas do Haver, animais ou não?

- PNC – *Mutação também é um termo ruim. É o nome da ignorância.*

É péssimo. Resulta de nossa ignorância sobre o que terá acontecido.

- PNC – *Percebe-se determinada ruptura num processo que se repete, percebe-se certo modo ou característica e o processo deixa de funcionar, ou surge uma nova funcionalidade. Parece ser abrupto – pode nem ser, poderia já estar acontecendo há milênios –, pois não há um tempo de transformação acompanhável da emergência da nova forma. Ai chamam de mutação, mas não se tem ideia do que efetivamente ocorreu.*

É um problema. À medida que não há como acompanhar a ignorância do processo, joga-se uma analogia. Notem que há analogia até na mitologia. Às vezes, ela é pobre. Então, chama-se de mutação a uma resultante não se sabe do quê. O problema pelo qual passa o conhecimento hoje é ter que lidar com uma enorme massa de lixo, jogar muito fora.

42

O conceito de **Primário** foi primeiramente formulado para esta espécie, e não para o vivo em geral. Depois, ele se generalizou. Qual é o Primário do Haver? Nem os físicos sabem.

• AA – *O próprio conceito de vivo também recai na ignorância. Fala-se, por exemplo, em vida artificial. Isto coloca um problema para nós. Se o não-Haver não há, se A morte não há, é preciso reconsiderar a ideia de vida.*

Ninguém sabe dizer onde está a passagem para vida.

• P – *A ideia de Pulsão não serve para pensar a vida como pulsar?*

Pulsão tem dois sentidos. Esse de pulsação e o de impulsão, de força. Freud chamou de *konstante Kraft*. Ou seja, é o têsão universal.

• P – *É, então, possível pensar uma tópica do Haver? A tópica que você propôs é do recalque.*

E também é do Haver. Freud não soube definir o Recalque Originário. Apresentou-o como conjectura para garantir a existência do Recalque Secundário. Lacan tampouco soube defini-lo. À medida que misturei Inconsciente e Haver, posso dizer o que ele é: o Recalque Originário é não haver o não-Haver. Ele é físico, é do Haver, e se repete nas outras situações. Há, portanto, um Recalque Originário tangível. Freud estava proibido de pensá-lo assim. Lacan também estava meio proibido. Quanto a mim, no que tomo toda a situação e coloco num único lugar, chamado Haver, e tomo as re-emergências do Haver dentro dele mesmo, posso dizer que, uma vez que Alei é ‘Haver → não-Haver’ e, no entanto, o não-Haver não há – e por isso o movimento retorna –, o Recalque Originário é: o não-Haver não há.

• PNC – *É possível pensar uma tópica do Haver a partir da distinção entre artifício espontâneo e artifício industrial? O Haver é espontâneo, dá conta tanto das formações primárias quanto do Originário. E, em função das transas do universo, o Originário teria entrado numa situação peculiar com o Primário e surgiu o Secundário.*

Chamo de *artifício industrial* o que é re-emergência. Dentro desta espécie, re-emergiu o Revirão. Ao se produzirem a partir dessa re-emergência, as coisas serão artifícios industriais. Ou seja, quando, dentro do espontâneo, a coisa se repete, o que se produz a partir daí é o que chamo de Artifício Industrial – mas o Revirão não deixa de ser espontâneo por também pertencer ao Artifício Espontâneo. Em se tratando do caso das IdioFormações, os recalques são: Primário, Secundário e Originário. E à medida que o Recalque Originário é do Haver, é possível considerar como zonas de recalque o que uma formação elide ou expulsa enquanto funcionamento dela mesma. Aquilo funciona igual ao recalque. Por que abacate não é laranja? Que recalque sofreu o abacate que não consegue ser laranja?

- P – *Então, no caso do Haver, não se distingue entre Primário, Secundário e Originário?*

Não tenho total clareza quanto a isso.

- PNC – *Muitas vezes, tentamos fazer certas generalizações que, a rigor, dependem de um conhecimento que ainda não se tem. Basta pensar no conceito de vida mencionado há pouco. Ele é problemático, indefinido – e é importante para entendermos o Primário do Haver.*

Não temos certeza de que o Haver seja vivo. Se tomamos no meio de campo, temos vivo e não vivo. Tomamos o vivo aí e dá a impressão de sabermos o que é. Entretanto, caminhando para trás chegaremos a formações quase biológicas, ou mesmo biológicas, como um vírus, por exemplo. Ele é o quê?

- Nelma Medeiros – *Há que lidar com os conceitos sabendo que todos os conhecimentos estão em crise. Temos o hábito escolar de usar o conceito para crivar, recortar e excluir. O novo hábito é de cheirar, abranger, não se preocupar com recortes. O escopo da NovaMente ao mesmo tempo que opera com o rigor, digamos, more geométrico do passo a passo, tem uma aplicação que respeita as franjas, as zonas de ignorância. É uma teoria que se desenvolve no aguardo de mostrações de novos conhecimentos.*

Quando me deparei com os problemas causados pelos hábitos do século XX, pensei que era preciso entender que existem Polos que têm Foco e Franja. Ou seja, faz-se uma ficção, inventa-se uma narrativa para dar conta de certa região do polo. O resto é *ignorância*. Há que mudar o hábito mental. Ao invés

de tomar o conhecimento e aplicar, temos que buscar no arquivo uma ficção que dê para mexer um pouco e, assim, mexer na situação apresentada. No futuro, não importará de onde veio a ficção e terminará essa mania de excluir. Trata-se, sim, de saber que se está pensando de tal modo por estar seguindo tal ficção, dentro da qual faz-se o que é possível. Seguindo outra ficção, também se fará o possível e, de repente, uma dá mais certo do que a outra. Isto, quando dá. Notem que é uma postura diferente daquela do século XX. E mais, o século XXI não dará conta dela. Como sabem, digo que no Quarto Império há forte tendência a correr para trás. Falei em duzentos anos até dar com a cara na parede do século XX, sem saída – só então se correrá para a frente. Há que esperar, mas pode valer a pena se pudermos, a tempo, já começar a compreender o fenômeno para, pelo menos, agir de outro modo, ter outro tipo de paciência. O máximo a fazer é encarar o fato de que toda crença é religiosa e inventar uma narrativa para nos manter em suspenso tentando nadar (às vezes, contra a corrente). Salve-se quem puder.

Trata-se de viver dentro do *mal-estar*, conforme Freud mostrou. O século XX é paranoico e arrogante. O século XXI é o primeiro pavor dentro da falência do Terceiro Império e de nada se enxergar para a frente. As pessoas não estão perplexas, mas fugindo para trás, tentando se assegurar das coisas. Perplexos estão aqueles que buscam pensar a situação. Já lhes disse que a psicanálise é o pensamento perplexo. E é uma situação difícil, pois as pessoas não têm muita competência para viver nesse limbo. O Quarto Império é partido, esticado entre duas posições opostas, não tem o bom assentamento que teve o Terceiro. Este é todo assentadinho, parece até que é verdade. Por isso, há a tal Pós-verdade: toma-se toda a verdade do Terceiro Império e faz-se o quê com aquilo? São saberes caretas, quadrados e paranoicos. Como sair dessa parana? Vejam que isso foi bater com clareza na universidade: professores sapientes em *uma* disciplina, dentro da qual tomam *um* autor, e daí falam sobre como o mundo deve ser.

• NM – *Historicamente, na bipartição do Segundo Império, a emergência recalcada, diluída, foi a Gnose. Era ela que, lá, estava empurrando para a frente, mas não conseguiu ser a formação de organização. E ela se traveste e retorna agora na consideração do Quarto Império.*

Mas a própria Gnose se deturpou como religião, e estragou tudo. Do ponto de vista religioso, ela é falsa como qualquer religião. Aliás, acaba de morrer um grande gnóstico norte-americano, Harold Bloom.

• P – *A Gnose comparece nas artes plásticas?*

Qual é a cara do Maneirismo? Faz parte dela, está de acordo. Lembrem-se de que tentei fazer uma correspondência geométrica do Maneirismo com o oito-interior, que é sua forma básica. É Revirão o tempo todo.

• P – *O pessoal parece ter reconhecido essa pega gnóstica – portanto, perigosa – do Maneirismo e inventou o Barroco como reação.*

Por isso, esse momento é chamado de Contra Reforma. A correspondência geométrica do Barroco é com a espiral. E a do Classicismo com a circunferência, com tudo demarcado, simetrias definidas.

• AA – *O aspecto canônico revirante do Maneirismo é bem visível no Don Quixote, de Cervantes, em cujas construções sempre, de algum modo, aponta-se para um avesso. Entre a ficção e a própria ficção, entre as personagens e seus duplos, entre a narrativa de um delírio para determinada situação e depois inversão desse delírio para dentro da situação, a inversão entre Quijano e Quixote...*

N'Os Lusíadas é menos claro.

• AA – *Aí, o mais interessante é a artificialidade da construção. É Camões tomar um poema épico romano, transpor para a literatura e fazer um carro alegórico. É todo maneirista, fake, fajuto e tosco em sua construção. Visto de longe, parece o Aleijadinho. Aproximando, vemos uma diferença entre o material usado e o modo como foi manuseado. O maneirismo de Camões está, sobretudo, em seus Sonetos: “Amor é fogo que arde sem se ver”, é “ferida que dói e não se sente”, é “um contentamento descontente”... É, aliás, como o Aboque/Abaque, que você publicou nos anos 1970, o qual digere o que vê pela frente.*

É o que temos. E Olavo Bilac, que é grande, em qual sacola enfiá-lo?

• AA – *Ele foi esculhambado pelos modernistas. Mario e Oswald, principalmente. E ficou mal falado, pouco lido.*

É uma besteira terem feito isso. Todos ‘fazemos’ merda, inclusive esses dois aí. Os sonetos de *Via Láctea*, de Bilac, são maravilhosos. Gosto muito

também de *Alvorada do Amor*, sobretudo da última estrofe: “Ah! bendito o momento em que me revelaste / O amor com o teu pecado, e a vida com o teu crime! / Porque, livre de Deus, redimido e sublime, / Homem fico, na terra, à luz dos olhos teus, / – Terra, melhor que o céu! homem, maior que Deus!” É um texto gnóstico (escrito em 1902).

• P – *Retomando a questão da fantasia, é possível dizer que ela é Alei – Haver desejo de não-Haver – encarnada nesta nossa espécie?*

Sim. A fantasia é fundamento de gozo – e, se é fundamento de gozo, é Pulsão de Morte. Você ainda vai morrer disso.

• P – *Qual é o destino das identificações em análise?*

Só há uma identificação: a fantasia. Esta é cláusula pétrea. Uma vez feita a travessia da análise, as identificações continuam as mesmas, mas a pessoa deixa de ser o imbecil da escravidão a elas. Isto porque sabe que é possível mexer nas identificações, suspendê-las, aplicá-las. Temos que saber que, antes de mais nada, cada pessoa é um animal estúpido, cheio de identificações. A função da análise seria neutralizar isso. Ou seja, a partir de certa formação, considerar isso neutramente. Aí, para-se de sofrer com as identificações e até é possível fazer um bom negócio com elas. E à medida que posso abstrair ao máximo minha situação, posso mesmo produzir identificações *ad hoc*. Observem também que a fantasia é uma estupidez, pois não se pode trocá-la. Mas se pode travesti-la, jogá-la para cá e para lá. Tomem alguém doido como o marquês de Sade, que passeia pela fantasia dos outros. Qual é a dele? O grande trabalho que podemos fazer é mudar a postura mental. E fazer a Fantasia ser polivalente.

43

• P – *Estamos estudando as Tópicas. Nelas, trata-se da ideia de lugar. Assim, em última análise, o lugar onde tudo se passa seria o cérebro?*

A tópica de Freud é psíquica. Hoje, já sabemos que o nosso Inconsciente está instalado no cérebro.

• P – *Para Lacan, o lugar onde tudo se dá é a linguagem.*

E a linguagem fica onde? Fica no cérebro. Se ele for tirado, não há linguagem. Estamos falando mais ou menos errado, pois, se há uma sede, uma centralidade no cérebro, ela não está só lá. Cérebro sozinho não pensa. Ele depende de muita coisa, do corpo em que está instalado, do ambiente... Os orientais dizem que, de repente, você está pensando com a lua... Lacan dizia que pensava com os pés: pensava em pé ou andando. Um cérebro sozinho, sem relações de sensibilidade, conseguiria pensar? Por exemplo, um computador maravilhoso, quântico?

• P – *O cérebro faz parte do sistema nervoso.*

O qual está aberto para receber enorme quantidade de estímulos que vem de onde? Estão onde?

• P – *A Tópica da NovaMente (Primário, Secundário e Originário), que diz respeito ao Haver e não apenas ao psiquismo ou à linguagem, seria uma alternativa para achar um lugar na ideia de um cérebro, digamos, alargado?*

Ao anotar essa Tópica, eu buscava uma tópica específica desta nossa espécie, chamada de IdioFormações (não é espécie humana). Portanto, ela envolve tudo. O Primário é genérico. Artistas e cientistas de várias posições declaram que não pensam com a linguagem verbal, pelo menos. Aquilo se articula para eles entre sensibilidade e raciocínio. Einstein disse claramente que não pensava com a linguagem no sentido verbal, e sim mediante articulações matemáticas. Em muitos artistas, o que lhes passa na cabeça são configurações. Lacan diria que isso foi antes articulado pela linguagem. Não foi. Ele queria que fosse, pois o protocolo do estruturalismo assim obrigava – mas esse protocolo

não tem que ser universal. Em termos da Teoria das Formações, quanto à percepção sensível, o que há são formações do lado de cá e formações do lado de lá. No que elas transam, dentro das possibilidades atuais tem-se um resultado perceptivo.

• P – *Para acabar com a ideia de representação, os neurocientistas chamam isso de equivalência funcional.*

Notem que, diante de alguma coisa, somos ativos. Nós é que estamos inventando a visão do ponto de vista das nossas formações. Entretanto, nossas formações estão transando de algum modo com outras. A coisa se dá no meio, nem lá nem cá. Isso está dito naquele livrinho meu, *O Pato Lógico* (1979), que foi onde a Teoria das Formações teve início sem ser assim nomeada. Lá está como funciona: Ex-citação, In-citação e Re-citação. São sempre duas formações, uma em frente à outra, que conversam entre si à medida que haja correspondências interessadas. Estas formações não leem aquelas completamente, nem se apresentam àquelas completamente. É o que dá na hora, e daí resulta. O pessoal da psicologia antiga que estudava a teoria da percepção e da sensação pensava que tudo acontecia do lado de cá, que a coisa estava dada e era aquilo mesmo. Está errado. Digo, então, que se a inteligência artificial não conseguir inventar a sensibilidade, ficará limitada, não pensará direito.

• Aristides Alonso – *Uma das abordagens do pessoal que estuda a consciência é o que chamam de qualia. É a resultante de algo mais sensível – inframince, como diria Duchamp –, de uma transação que não pode ser reduzida à operação que se verifica ocorrer ali.*

Isso é compatível com a noção de *Polo com Foco e Franja*. Em qualquer sentido, mesmo no sentido nervoso.

• AA – *O que qualquer inteligência – a artificial inclusive – busca é conectividade, transa. Portanto, vai-se produzir alguma “sensibilidade” aí. Miguel Nicolelis diz que o cérebro poderia ter mais conectividade se não estivesse aprisionado numa caixa tão limitadora, e sim num dispositivo mais solto. O cérebro só iria até onde permite o Primário no qual está instalado.*

Não é verdade. Por isso, há gente que recebe espírito. O cérebro não está dentro nem fora. Se tomarmos a história da espécie, qual é o tamanho do cérebro? Na pré-história, ele era pequenininho – e a máquina já estava toda lá.

Como, então, articular coisas que nos parecem impossíveis de ser ficcionadas? O pessoal da *science-fiction*, por exemplo, quer extrapolar as possibilidades de ficção do cérebro – e consegue. O que há de ruim no Primário é a limitação de transa e de material. Por exemplo, alguém numa nave espacial indo em direção ao sol, certamente sucumbirá. O cérebro não aguenta. Mas, dentro de condições agradáveis de sobrevivência, o cérebro só tem o limite de seu recalque. E o recalque é produzido, sobretudo, pela cultura. Os saberes que temos são muitos úteis – e estragam tudo, estragam nossa inteligência. Ao entrar num tipo qualquer de formação em determinada sociedade, estamos comprando – e agora direi algo ruim – uma religião. Quando um cientista não considera sua teoria como mera ficção provisória, ele é religioso. O mesmo vale para o psicanalista. Produzimos uma teoria para adequar aos acontecimentos e aos saberes contemporâneos. Só isso. Não é para rezar para ela, e sim para pensar. Se não, o próximo passo ficará difícil demais.

• AA – *Uma questão colocada pelo pessoal que pensa os qualia é: como se percebe a vermelhidão do vermelho?*

Isso é franjal, é muito longe. Como chegar lá?

44

• Nelma Medeiros – *Retomo a questão do Excesso e da Falta. Você traz um construto teórico que não implica a falta como faz o construto de Lacan. Ao colocar “Haver desejo de não-Haver” e não-Haver como Impossível absoluto, não se trata de falta aí. Então, ao dizer que o cérebro não é no Primário, não é dentro nem fora da caixa craniana, e sim no entre, na funcionalidade, me fez considerar que o protocolo estruturalista fala de falta*

por ter partido de um circuito que supõe que os acontecimentos estão ali em termos da estrutura. No caso de Lacan, estrutura do Inconsciente como linguagem. E ele tem que marcar as posições de um Outro barrado, onde circula o saber; de um sujeito barrado, que é emergência desse intervalo; de seus significantes; e da falta que percorre essa estrutura. É assim porque esse desejo é concebido como faltoso, uma vez que a estrutura, por definição, não se completa. A falta é imanente ao processo.

É uma imitação da linguística.

• NM – *E você já mencionou que há conexões com o próprio cristianismo.*

A falta faz sentido aí, pois eles pensam com base na resultante. O que coloquei implica parar de pensar no resultado, e sim pensar na causa. A causa da falta é o excesso. Quando alguém pede muito, ultrapassa a situação presente. Por isso, como bom masoquista o judeu-cristianismo fica sentindo a falta. Não pode pensar que é só ter tesão, que o que há é ir em frente.

• NM – *Por isso, não-Haver não é falta.*

Não-Haver não há porque não há. Ponto! Não está faltando nada. Tanto é que o requisitamos o tempo todo. Ele é requisitado, e jamais cessará de ser requisitado porque a requisição não falta. O Tesão não descansa – só um pouquinho, raramente.

• P – *O que temos, então, são formações do Haver, às quais damos ou não valor. Valor não é algo que exista por si. Ele dependeria dos investimentos que fazemos numa formação para justificar a escolha que fazemos por elas?*

É o contrário. É nossa valoração que faz a escolha. Damos valor e escolhemos. Valorizar é escolher. Uma formação só tem valor porque é requisitada. Não há valor em si. Deus não faz escolhas. Se fizer, é bom desconfiar, pois deve haver algum padeco inventando aí. Não confundir com as exclusões que precisamos fazer do ponto de vista do Primário. Se não, morremos (ou, se não, morremos, pois é possível também escolher isto). O pior é que esse processo de exclusão começa a ser disseminado para outras funções que não precisariam ser excluídas. Faz-se analogia de escolhas necessárias com escolhas que são indiferentes. É onde começa a tal moralidade, que é ficar imitando um cachorro. O Primário é um bicho.

• P – *Nietzsche, ao dizer “só há interpretações, não há fatos” estaria fazendo uma suspensão dos valores?*

Ele quer dizer que o que chamamos *fato*, na verdade é uma produção nossa. Está certo. Notem que, no positivismo, os fatos são observáveis, calculáveis e mensuráveis. Ou seja, são uma estupidez. Ao dizer, então, que “só há fatos, não há interpretações”, estou dizendo que, a cada vez que acontece um resultado, é um fato. Se não for assim, ficará incompatível com minha ideia de *Haver* indiferente. Nietzsche está certo do ponto de vista de que não há fatos positivos no mundo, mas digo “só há fatos, não há interpretações” à medida que, quando se pensa estar interpretando, está-se produzindo um fato novo. Nietzsche está certo ao dizer o que diz – “não há fatos” –, pois tudo que podemos pensar ou fazer é resultante de transa entre formações. O que digo é que quando aparece uma resultante, é um fato. Começamos a tropeçar no fato. Tomemos o exemplo de um cientista, Einstein, que põe uma fórmula – aquilo é um fato. Dali para frente, tropeçaremos nele. E se isto não for suficiente, como, além do tropeço, vai-se fazer outra fórmula? É um fato da física, concreto.

• NM – *Nessas considerações ressoa um problema caro ao pós-modernismo, aos anos 1980-90: a onda dos relativismos e dos interpretacionismos. Recortavam-se partes da realidade e se buscava operar discursiva e interpretativamente sobre elas sem considerar que há fatos de várias ordens de realidade.*

Um impedimento na psicanálise é a ideia de *interpretação*. Faz muito mal à sua história ela ter começado com esse conceito. Não se trata de fazer interpretação alguma. O mais que se pode fazer diante da posição de um analisando é mostrar uma formação que faz uma oposição e ver no que resulta. Resulta apenas deslocamento. Não se está interpretando nada, e sim fazendo alguma coisa para deslocar. Um exemplo concreto é o do mestre Zen, que joga o discípulo da ponte após ouvir dele a pergunta sobre qual era o “ser” do rio.

• AA – *Com a Teoria das Formações, as noções de língua, de signo, etc., são colocadas no âmbito das formações. Tira-se o estatuto que a língua tinha nos entendimentos anteriores, até em Lacan. Isto não é algo que seja aceito com clareza, pois ainda fica sambando em nossa cabeça a ideia de representação. Não se trata mais dela quando lidamos com fatos e resultantes de transas entre formações.*

Representação é quase positivista. É como se tomássemos um troço e tivéssemos um processo de representação daquele troço. Não existe nada chamado “aquele troço”. Existe uma resultante de transas que é apenas uma resultante que usamos – e pior, abusamos e ficamos estúpidos. Esta nossa espécie jamais passou pelo que está acontecendo agora: o Quarto Império é novo. Ficamos milênios no Terceiro Império, que faliu não porque desmoronasse por si mesmo, e sim por ter ocorrido um cataclismo e o referencial mudou. O Terceiro é um Império duro, é si-mesmo, diferente do Segundo que é frouxo. Demos muito azar de o Terceiro Império ter sido configurado por Constantino, que resolveu dar bola para os cristãos. Antes, os atos e pensamentos de Júlio Cesar, que queria sair da república e voltar ao império, eram melhores: uma invenção de pensamento novo referido diretamente ao Secundário. Aliás, falavam dele como “o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os homens”. Isto é algo que não cabe no Segundo Império.

Notem que já havia laivos de Terceiro Império bem antes, em Alexandre, que desfaz o nó górdio cortando-o em dois com sua espada. Na batalha de Isso, o imperador persa Dario III, derrotado, teve que fugir deixando a mãe, a esposa e os filhos para trás. Alexandre, o vencedor, junto com seu namorado, Heféstion, vai visitá-los. A mãe de Dario III, por engano, presta homenagem a Heféstion, que era um garotão bem mais bonito que o baixinho Alexandre. Ao perceber o engano, ela pede desculpas e recebe a seguinte resposta de Alexandre: “Ele também é Alexandre”. Isto é Secundário: Alexandre é nomeação, e não pessoa. Ele não acredita em formações fixas, sua postura é de disponibilidade diante de situações amarradas. É também o que a análise faz: produz fatos novos (e não interpreta nada).

• NM – *Em De Mysterio Magno (1988), você retoma a distinção feita por Lacan entre gradus e hierarquia (p. 147s.), diz que há, sim, hierarquia e que ela é borromeana. Quero supor que ela diga respeito à nomeação, ao Secundário. Na Formação dos operadores da psicanálise, a posição de função analista – tal qual a de Alexandre – é ocupável por qualquer um...*

...que a ocupe.

• NM – *Portanto, entrar nesse jogo e buscar avaliar por graus extrínsecos para dizer quem é e quem não é, seria acreditar nos lugares sociais e em valores de formações que são de fora do processo analítico.*

É estar pensando que se trata de uma pessoa, e não de uma função. O que Alexandre diz é que esse aí também funciona como Alexandre. Todos ali são Alexandre.

• P – *Essa é uma referência ao Secundário, mas, na referência ao Originário, o que modifica a situação não é a inclusão da Bifididade?*

Pior, o que fazer com a verdade? Não é que a verdade faltará, e sim que será *ad hoc*. Por isso, falam em pós-verdade. Antes, ela era fixa e poderia ser encontrada para sempre, se fosse encontrada. Agora, a verdade “depende” – estamos na teoria da ficção.

• AA – *Quanto ao Creodo Antrópico, podemos dizer que o algoritmo família tem sua fundação no Segundo Império, esteado no modelo do curral. Nele, temos o macho, que é o reprodutor e o controlador do curral, e os demais componentes. O que está girando até o Terceiro Império é esse algoritmo com mais abstração. Com o cristianismo larvar, tentou-se cair fora do curral, mas o modelo paulino o jogou de volta para lá. Institui-se o modelo da Sagrada Família, que é uma esculhambação do cristianismo. Já a passagem para o Quarto Império me parece ser destituínte do modelo de família em favor de um modelo de empresa. Cada vez mais, sociedade de quem quer que com quem quer que.*

Sobretudo, no sentido de empreendimento. Mesmo quando querem imitar, por falta de noção, surge algo esquisito. Vejam o chamado casamento gay, que deixa o pessoal do Terceiro Império em pânico. Por quê? Primeiro, são duas pessoas “do mesmo sexo” que se casam, o que ainda não permite que haja reprodução direta. Segundo, querem imitar a família antiga, o que é uma burrice. Querem receber a bênção da ideia de família. Terceiro, adotam uma criança. Observem que tudo isso se passa apenas no Secundário. Aqueles que exigem que se passe no Primário são ainda, pelo menos, do Terceiro Império. Basta ver os truques do cristianismo ao fazer uma família de Primário sem Primário. Ou aquilo foi partenogênese, ou a moça foi engravidada pela “pomba”, ou deu uma voltinha com alguém que não era o José. No entanto, a moça continua Virgem. Todas as mulheres são virgens. Mesmo as putas mais usadas deste

mundo. Ninguém consegue penetrá-las... de Verdade. Não souberam dar o passo para o Secundário. Agora é que esse passo está sendo dado. Como fazer uma junção de pessoas pela fala e pelo papel? Enfiaram o Secundário e deram um jeitinho de arrumar o Primário para garantir certa presença de Primeiro Império.

45

A psicanálise, em termos de clínica, de tratamento, só lida diretamente com sintomas. Na melhor das hipóteses, há a possibilidade de confessar a fantasia. Digo “confessar”, pois todos de algum modo sabem, mas não dizem. Ou seja, as pessoas são sintomas ambulantes. Por isso, não se consegue ultrapassar o limite do sintoma. Não se ultrapassa o sintoma, apenas sabemos dele, temos algum uso pragmático, somos capazes de investi-lo com boa rentabilidade.

Há a questão do diagnóstico – dia-gnose – do sintoma. Técnicas e conhecimentos que se dizem curativos – medicina, etc. – sondam, fazem a semiologia do caso da pessoa para estabelecer um diagnóstico e, depois, tentar a cura. A psicanálise, ao contrário, faz o tratamento para achar um diagnóstico. Quando o acha, é só isso. Faz-se, portanto, uma análise longa para conseguir um diagnóstico. E mais, não há dois diagnósticos iguais. Esta é a diferença da psicanálise para com as outras técnicas. Num tratado de medicina ou de psiquiatria, temos as generalidades e as especificidades nas quais as pessoas serão encaixadas. A psicanálise começou mais ou menos assim com Freud: fulano é histérico, é obsessivo... Hoje, sabemos que isso é uma bobagem porque o diagnóstico só vem no fim e é singular. Terminar uma análise é cada um achar seu diagnóstico – e já que o achou, então agora faça análise. Por isso, falei em

Análise Propedêutica e em Análise Efetiva. Se você conseguiu a Propedêutica, achou o diagnóstico, agora faça a Análise Efetiva.

- P – Diagnóstico *é uma palavra problemática.*

Sim. Estou usando como analogia para comparar com as outras técnicas, que procuram um diagnóstico para fazer o que fazem. Na psicanálise, o processo de tentativa de cura é feito para achar um diagnóstico. Trata-se de encontrar o desenho do sintoma. Você é um sintoma, ao encontrar seu desenho, começa a fazer sua análise. Não precisa mais do analista. Se quiser ficar com ele, pode ficar. Quando você dá de cara com sua singularidade – ou seja, quando você encaixa com seu sintoma, faz as pazes com ele (o problema do chamado neurótico é viver em guerra com o próprio sintoma) –, começa a ter condições de entender o que é um Vínculo Absoluto. Portanto, você tem condições de valorar todos os sintomas como o seu. Todos os sintomas têm o mesmo valor. Não se pode entrar num processo diferocrático, como chamo, sem essa valoração. Assim, para chegar perto do Quinto Império só a psicanálise possibilita caminho.

- P – *Caem as rivalidades?*

Suponho que sim. Você olha para a cara do outro e pensa: “Olha lá eu”.

- P – *Nessa conexão de deparar-se com a função analista, como traduzir o Wo Es war Soll Ich Werden, de Freud?*

O *Es* é neutro. É o nome do Haver: “Onde era, eu chegarei”, “Onde é Haver, é aonde devo chegar”, “Onde há, eu hei” – estou abusando da tradução, estou apresentando *Minha Versão*. Essa posição é o lugar onde aparece a diferença absoluta e começamos a ter condição de perceber que, enquanto diferentes, somos iguais a todos os outros.

- P – *Somos iguais, mas sem relação?*

Lacan supunha que a relação sexual era impossível dada a diferença entre o homem e a mulher. Isto é uma bobagem. Ou seja, é uma genialidade do século XX. Depois da queda do muro, seja de Berlim ou qualquer outro, *a relação é impossível* independentemente da sexuação e da sexualidade.

- Patrícia Netto Coelho – *A relação de que Lacan está falando nesse lema é no sentido da analogia. Já o que você está dizendo implicaria uma*

impossibilidade de analogia? Ou seja, o não existir relação sexual de Lacan seria traduzido por você como “não há analogia”?

Lacan está dizendo que, se temos duas formulações incompatíveis, elas não fazem uma relação matemática ponto a ponto. Transformando isso em Teoria das Formações, temos: uma formação aqui e ali outra. Transa é possível, mapeamento não. Só é possível mapeamento de regiões. Então, temos, sim, analogias no meio dessa balbúrdia. Analogias a quê? Ao nosso sintoma e à nossa fantasia. Se algo lá é análogo à nossa fantasia, ao nosso sintoma, dá para transar, dá até para ter tesão – mas sobra uma porção de coisas. Portanto, a relação entre as duas formações completas não é possível. Em matemática, relação é ponto a ponto. O que conseguimos é mapear pontos com pontos, mas não estabelecemos a relação plena entre as duas formações totais. Por isso, nunca dá certo. Cada um goza para seu lado. Não existe o *come together*.

• Aristides Alonso – *Há também aí a questão do Real em Lacan, que se define quase sempre pela negação. Diz ele que a relação sexual é real no sentido de que, se houvesse, seria comparecimento do real – que é justamente o que não pode comparecer. O real, em Lacan, é um elemento permanentemente faltante no processo, que não permite fechar o sistema, pois tem um dado que escapole.*

Para Lacan, ao fazer as fórmulas quânticas da sexuação, quem cabe onde? Quem é homem? Quem é mulher? Isso é uma bobagem do século XX, pois o que cabe dizer hoje é que a homossexualidade não existe, é impossível. Toda transa é hétero. Ao ficarem aderidas ao que Lacan chamava de Imaginário, as pessoas pensam que a relação é homossexual. Não é. E a anatomia não consegue dar conta disso.

• P – *Diz você nos SóPapos 2014 (p. 123): “Ao contrário de Lacan, que colocou os homens como homossexuais e as mulheres como hetero, estou dizendo, que, no Mundo, não há homossexualidade possível. Ela só é possível aonde ninguém vai querer praticar sexo senão aquele do ‘Haver querendo transar com não-Haver’ – isto é homo-sexual: todos têm o Mesmo lugar”.*

Pode-se dizer assim também.

• P – *Voltando à questão do assumir o sintoma, cabe lembrar que, em Schopenhauer como Educador, Nietzsche disse a frase, tomada de Píndaro: “Torna-te quem és”.*

É o que faz a psicanálise.

• P – *Mas como alguém se tornaria quem é?*

Assim como eu disse há pouco.

• P – *No caminho proposto por Nietzsche há a orientação: “Observa seus amores”.*

Observa seus sintomas. Amores e ódios são sintomas. Já falei sobre fazer a “análise de suas filias”. Elas podem ser más.

• P – *A frase completa de Nietzsche é: “Torna-te quem és sabendo o que é isso”.*

Dito assim é mais preciso ainda. A análise é feita para isso. É o que eu dizia sobre fazer as pazes com seu sintoma. Ou seja, você se torna quem é sabendo o que faz. Aí é que entra a Teoria das Formações. Há que procurar fazer o levantamento do máximo de formações em jogo. Depois, é possível benzê-las. Lacan dizia “bem dizer”. Esse é o momento da soberania. Ninguém poderá dizer nada contra você, pois não cola aí. E mais, se a pessoa conseguiu chegar a esse ponto, qualquer um lhe serve como analista. Qualquer um que estiver diante dela, será explorado como tal. Ela fará análise a suas custas. Não é mais preciso apontar o que Lacan chamava de sujeito suposto saber. A situação toma conta da pessoa.

• P – *Nesse SóPapos 2014, você também fala das Quatro Inv: Invocação, Invenção, Investigação e Investimento. São as quatro operações que estão sempre juntas e presentes em qualquer produção do conhecimento. Não é preciso de sujeito ou objeto nessa operação.*

Lacan, a meu ver, é a última afirmação cartesiana. A força de expressão de Lacan está em Descartes – e há ditos lacanianos repetindo isso até hoje.

46

Lacan dizia que Joyce era psicótico. Não era. Já lhes disse que os cupins comeram as edições que anotei em minhas leituras. Eles foram seletivos e destruíram uma prateleira inteira de livros de e sobre Joyce. Tentarei fazer aqui um trabalho sobre o meu Joyce, que é diferente do de Lacan.

Além disso, repito que conheci Lacan tardiamente. Fiquei de boca aberta porque ele coincidia perfeitamente com certas formações minhas. Ao conhecê-lo, já sabia o que era a topologia, a banda de Moebius, já tinha lido Joyce, Guimarães Rosa... Em geral, desde aquela época, final dos anos 1960, início de 1970, o pessoal conheceu Lacan e, depois, foi ler Joyce, foi saber o que era topologia. Comigo foi o contrário: cheguei a Lacan por causa dessas leituras já feitas. Então, estou numa posição que considero melhor. Para mim, Joyce nada tem de psicótico.

• AA – *Lacan, em seu modelo de pensamento, supunha que uma extremação da análise levaria a uma psicotização.*

Lacan se dizia psicótico. Isto porque a base de seu pensamento é a psicose paranoica. Minha escolha não foi essa. A de Freud era a histeria.

• AA – *Para Lacan, a resultante enquanto produção de discurso vai em direção ao esvaziamento de sentido. É o que ele lê principalmente em Finnegans Wake. Ele trabalha com a ideia de que psicótico não metaforiza, fala literalmente, quase que chapadamente.*

Aí é que entra Deleuze ao falar de Artaud. Nesse caso, é a esquizofrenia que está em jogo.

Escrevo agora o título do que tratarei em próximos encontros aqui: **Joyce: Sense in Thomas**. Notem que Joyce é um tomista. Não como teologia, mas como a dissolução dentro do dizer. Não estou falando da pessoa de Joyce como Lacan se meteu a falar (só porque o encontrou uma vez lá em Paris na livraria *Shakespeare and company*). Minha tese é sobre Joyce como obra. O *Ulysses*, que já situei como final de Terceiro Império, além de ser imitação

da *Odisseia*, é tomista. Joyce também fala de Vico, de sua circunferência. *Finnegans Wake* é a dissolução da sintomática das línguas. Ele coloca dezoito línguas funcionando ali para tentar estraçalhar a sintomática do inglês. Nunca conseguirá, é claro. Primeiro, é um texto ilegível. Segundo, cada um lê o que quiser lá. Ele levou dezessete anos escrevendo o *Finnegans* (publicado em 1939). Aliás, é bom lembrar que não existe isso de alguém escrever de uma tacada só. Guimarães Rosa levou dez anos anotando e acumulando material para, em uma semana, escrever *Grande Sertão: Veredas*. O texto que publiquei intitulado *Rosa Rosae* me custou sete anos de leitura de *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa. Fiquei perdido lá esse tempo todo até achar o que achei. Fiquei três anos olhando *As Meninas*, de Velázquez, até escrever *Corte Real*. Fiquei esse tempo todo esperando o quadro falar comigo. Redigir é fácil, difícil é saber o que será redigido.

- P – *A frase de Freud sobre a psicanálise como processo de ‘trazer o Inconsciente à consciência’ parece ser bem elucidativa da tarefa da psicanálise.*

Há muita coisa que faz isso. É o que faz um cientista ao construir uma teoria. O mesmo vale para um músico ao escrever uma sinfonia. Essa frase de Freud não define a psicanálise enquanto tal. Aliás, o Inconsciente, para a psicanálise, fica bem perto de Nietzsche.

- P – *O que especificaria a psicanálise é seu paradigma ser sexual?*

O mais importante é fazer referência direta ao movimento da Pulsão dentro do Haver. O que temos é: “Haver desejo de não-Haver”, Quebra de Simetria. Isso é que é o Sexo, o paradigma sexual que especifica a psicanálise. Nós aqui estamos apenas repetindo o processo. Se não, fica igual àquele pessoal do tempo de Freud que achava que ele estava falando sacanagem. (Ele estava, mas o essencial não era isso).

- P – *Estamos vivendo uma época de recrudescência da questão sexual. Era de se esperar que não houvesse esse retrocesso depois de tudo que aconteceu a partir dos anos 1960.*

Justo porque foi longe. Estão apavorados por aí.

47

• Susanne Bial – *Pedi ao Magno que me permitisse aproveitar este nosso último encontro do ano para anunciar a vocês o lançamento do livro Sementes de Susanne Bial e Reinhart Viebig no Século XXI. É um livro familiar, minhas sementes aí estão. Para mim, as sementes que estão no livro – e as sementes da NovaMente aqui hoje presentes – são sementes do Quarto Império. Não esperem nada de mais desse meu terceiro livro, mas ele é resultado de uma insistência que, ao longo dos últimos trinta e cinco anos, contou com minha convivência com todos aqui. Quanto a meu primeiro livro, Muito Além de Imigrante: uma narrativa familiar (NovaMente, 2004), agradeço ao Potiguara aqui presente por ter me dado o primeiro empurrão para que começasse a escrever, a escrever do jeito que sei. Tudo que veio depois – É do Teatro (2016) – foi graças a ele... Se estiver ruim, é porque não aprendi bem... Obrigada.*

Susanne é nossa madrinha. Persistência é isso. Notem que a instituição em que estamos – a UniverCidadeDeDeus, sede da NovaMente – resulta de quarenta e quatro anos de atividade ininterrupta com a psicanálise. O Colégio Freudiano do Rio de Janeiro foi fundado em 1975. É preciso ter saco, paciência...

• P – *Uma questão surgida hoje de manhã em nosso Mutirão de estudo sobre A Clínica NovaMente dizia respeito ao conceito de interpretação que, hoje, não é mais importante na prática analítica.*

Esse conceito não nos interessa, não serve para nada. O que há é: colocar outro fato, simplesmente participar da conversa, tentar deslocar o que foi colocado. Lacan, em sua prática, dizia que só acontecia uma coisa: a *equivocação*. A manobra que ele oferecia era fazer o dito mudar de posição. Mudar, sobretudo, de significação. Para ele, interpretação era isso. Ou seja, não há interpretação alguma. Trata-se de fazer o analisando equivocar o que está colocando com tanta precisão e com tanta força. É equivocar o recalque, equivocar o sintoma, fazer um deslocamento. O analisando conta um monte de coisas que não sabe – se soubesse, não contava – e o analista, seguindo o fio do que

foi dito e fazendo alguns movimentos de sugerir que ele fale e pense mais, de repente, vê montar-se uma configuração do sintoma. Não é um desenho nítido, e sim o que Freud chama de *construção*. Constrói-se com aquele material algo que pese como significação – e, quando isso é feito razoavelmente bem, cola, o analisando reconhece como se fosse dele. Às vezes, até reverte a temporalidade. Diz, por exemplo: “Era isso que eu achava”. Achava nada, está remetendo para trás o que achou agora.

• P – *Ocorre algo parecido no processo de destacamento da fantasia? É da ordem da construção?*

Não se diz nada sem estar inventando alguma coisa. O que importa, no caso, é que a invenção seja com materiais oferecidos e o mais próximo da configuração trazida pelo analisando. É uma questão de *analogia*. Oferece-se um análogo do que poderia ter sido a configuração daqueles materiais. Isso desloca. A pessoa, às vezes, passou por uma situação que foi traumática. ‘Traumática’ nada quer dizer, não é pancadaria, e sim apenas que deixa uma marca. Como ela não consegue configurar aquilo, uma das coisas que a análise pode fazer é, dentro daquela configuração oferecida, apresentar uma analogia. E a pessoa reconhece, aquilo resolve a situação para ela. Fantasia é algo da pessoa, que ela não sabe ler ou juntar seus cacos. Chega um momento, após ouvir tantos cacos, que é possível oferecer um análogo à pessoa. E vê-se quando o análogo cabe. O analisando reconhece porque é análogo ao que é dele. Serve como uma “interpretação”, como significação da situação dele, que, agora, pode ser indiferenciada. Notem que nosso termo nem mesmo é a equivocação de Lacan. É, sim: *indiferenciação*. Se conseguimos indiferenciar ao máximo, esse processo nos obriga, antes de mais nada, ao reconhecimento dos outros. Isto é o que costumamos a entender. Então, mais que reconhecimento de minha fantasia, trata-se do respeito pela fantasia do outro. Isto remete ao que chamo Vínculo Absoluto. Alguém que não respeita a fantasia dos outros não reconhece a sua própria. A fantasia é poderosa, todo poder a ela. Ela tem que ser exercida e falada no mundo.

Em qualquer regime de invenção, o autor tem duas saídas. Ou repete incessantemente a fantasia, ou tenta uma maneira (não de ficar livre dela, mas) de dissolvê-la no mundo (assim como se tenta dissolver sintomas). Tomamos

grandes artistas, grandes escritores, e observamos que seu percurso na produção da obra começou – e demorou tempo – como repetição pura e simples da fantasia. Um ou outro se rebela logo de começo, ou no fim. É o caso de Joyce, de cuja obra continuarei a tratar em outros encontros nossos. Para mim, é sintomaticamente, e dentro de sua fantasia – que aparece com nitidez no final de *Finnegans* –, que ele repete, repete, no sentido do vetor permanente de Vico (... “*a commodius vicus of recirculation*”...) e das construções de Tomás de Aquino. Ele chama a história de “pesadelo”, toma esse pesadelo e mete um tanto de sua vidinha no *Ulysses*. Joyce tem algo que raramente aparece, que é rebelar-se contra a escravidão ao sintoma e à fantasia, que é o *Finnegans Wake*. Primeiro, ele toma o que Lacan considera o sintoma de base da pessoa, que é sua *língua*, e tenta destroçar o inglês mediante dezoito línguas. E vai destroçando a história, a mitologia, a bíblia, a cultura, o sintoma, a fantasia... Ao ler, vemos que não consegue. Aquilo não é legível. Cheiramos isso lá – daí Augusto e Haroldo de Campos terem publicado um livro intitulado *Panaroma do Finnegans Wake* (1971). Não dá para fazer mais do que cheirar.

Por que Joyce tinha que se meter com Tomás de Aquino? Como estão todos indo para trás atualmente, também resolvi ir, fui para a Idade Média. Quero mostrar que o pessoal lá não é nada disso que estão dizendo por aí. Estão brandindo esses autores e esses pensamentos como garantia da imbecilidade que é deles, e não dos autores. Com o olhar de hoje, sobretudo com o olhar psicanalítico, ao voltar lá vemos que são geniais – amarrados dentro de uma camisa de força chamada cristianismo ou, se não mesmo, igreja católica. Se lhes dermos um banho de água sanitária, veremos que ficam limpinhos e até bem contemporâneos. E há os árabes e os judeus também pensando lá. Quem estava mais ou menos pendurado em Platão nesse período da Idade Média tomou um choque de Aristóteles que mudou tudo. *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco (1986), narra isso com perfeição. Tomás, no início, está com Platão, aproveitando Agostinho, mas o retorno de Aristóteles começa a aparecer e ele os abandona.

• Patrícia Netto Coelho – *Outro ponto que surgiu em nossos estudos de hoje de manhã foi sobre a relação entre as formações primárias e as morfoses. Você já falou sobre certas formações primárias que vazam para as formações*

secundárias. Você também já evocou o esquema que está n'O Pato Lógico (1979): Ex-citação, In-citação e Re-citação...

Esse é o esquema da sexualidade. Serve para mostrar, desde aquele momento, o que é o entendimento da Transa entre Formações. Outras transas existem. Aliás, sempre que duas formações transam, ambas levam vantagem. Se não, não transavam. O vazamento entre formações primárias e secundárias é mais um motivo da analogia. Como sabem, toda formação, qualquer que seja, é sintomática, é careta. Pouco importa se a caretice é primária ou secundária na hora da transa entre as formações. Tomem o caso de Gilles Deleuze, que fez um enorme esforço para escapar dessa transa com o Primário. Sobretudo, por ser sintoma dele que era doente. Entendemos bem sua guerra com um pulmão estragado, e sem poder pegar nas coisas porque lhe doíam os dedos. Onde achou ele uma espécie de libertação dessa transa? Em Artaud, no corpo sem órgãos. Depois que leram *O Anti-Édipo* (1972), que é um excelente texto, as pessoas acharam que tinham entendido o que era. Mas o que é mesmo o corpo sem órgãos?

• PNC – *No livro é uma imagem para pensar uma situação sem código. O capitalismo seria um processo permanente de captura no código. O corpo sem órgãos é o que resistiria. É o que ele dirá que é a fórmula do desejo.*

Ele quer o desejo em estado puro. Lacan nunca disse isto, pois ficaria difícil. Não sei se é porque começaram a ler Deleuze pel'*O Anti-Édipo* que ele está desfigurado hoje. Deleuze não é libertador da sexualidade, não é Reich ou Marcuse. Ele é um masoquista radical. Se o colocarmos nessa conta, trata-se de “desejo de não-Haver”. Corpo sem órgãos não tem encarnação, só goza no movimento do desejo. Se seguirmos Deleuze, viramos um asceta – ou aquilo é psicose esquizofrênica. Além do quê, ele é muito chato quando pensa sobre isso. Leiam *Différence et Répétition* (1968) e vejam se não estou certo. Já a *Apresentação de Sacher-Masoch* (1967) é sua obra prima. Ela fala dele enquanto sintoma, enquanto fantasia e enquanto teoria.

• P – *Diz Nietzsche no prefácio d'A Gaia Ciência: “Um psicólogo conhece poucas questões tão sedutoras quanto a da relação entre a saúde e a filosofia e, no caso de ele próprio ficar doente, entrará em sua doença com toda sua curiosidade científica”.*

Toda obra foi feita de uma doença. Se o autor estivesse bem, ficaria quieto. Os conceitos de *autoria* até quase o final do século XX são elogiosos às pessoas. Já lhes disse que o tal autor é vítima. É a obra que o faz. Michel Foucault já falou sobre isso.

48

- P – *O conceito de Primário faz sentido sem considerarmos o de Originário?*

Sim. O Primário tem um código assentado e o comportamento limitado dentro de seu código. Ele é mais parecido com o robô contemporâneo nosso do que com uma pessoa. O animal é um quase robô muito sofisticado. Vemos que ele aprende coisas, mas é algo que faz parte de seu programa. Leiam as pesquisas de Konrad Lorenz, que são excelentes. Antes da etologia, falava-se em instinto, alguns animais só faltavam falar. O programa deles é complexo – mas não revira. O animal é simplesmente assim, nasceu assim. O Recalque Originário é nas IdioFormações. Se o animal se incomodasse com isso, escreveria um tratado de filosofia. Afinal, tudo que fazemos se deve a esse incômodo. É o que Freud chamou de *Mal-estar na Kultur*, em alemão. Digo que é: *Mal-estar no Haver*. O Primário pode ser muito complexo, difícil de ser lido. Os biólogos, por exemplo, não deram conta de muita coisa dele até hoje. Acrescente-se que nosso Primário tem um buraco, um furo, que o faz ficar girando. É como se os animais tivessem uma programação muito rica, mas fechada, não passa daquilo. Já nós somos a espécie enlouquecida. Ainda demos o azar de aparecer como revirantes numa porcaria de Primário, da pior qualidade. Suponho que haja aí pelo Espaço algum tipo de IdioFormação que tenha dado a sorte de cair num Primário melhor que esse nosso.

• Nelma Medeiros – *Outro ponto de nosso estudo de hoje diz respeito à ideia de simulação numa análise. Ela se daria por parte do analista. Seu aparelho é simulatório. À medida que ele propicia suspeição e suspensão, propicia, na situação transferencial, a emergência das repetições no analisando. Daí, propõem-se construções que forem convenientes para o deslocamento das significações. A situação analítica, então, simula amizade, alegria, concordâncias, discordâncias... É todo um teatro no sentido de trazer as formações ao reconhecimento de sua situação simulatória. Um ato falho em sessão analítica é uma simulação de suspensão de recalque. A clínica seria um grande aparelho simulatório?*

Fernando Pessoa disse isso de outro modo: “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente. Que chega a fingir que é dor. A dor que deveras sente”. Aqueles que não têm análise, pensam que são “gente”. Aí, fazem análise e descobrem que são apenas um ator, são completamente determinados pelo texto. Mas há algo que parece liberdade: poder simplesmente revirar (mesmo à revelia). Não é porque alguém é gênio que revira, e sim porque tropeça, à sua revelia. O que é o sentido do teatro desde sua pré-história? É as pessoas saberem que estão simulando fora de cena. Dentro, é mais fácil. O teatro é um aproveitamento desse saber, desse conhecimento. Não é que as pessoas do teatro estejam pensando isso, mas quando alguém se põe a escrever teoria da ação em teatro, não importa que sejam opostos – Stanislavski ou Brecht –, tentam dizer que é perfeitamente possível fingir ser outrem. Isto porque *you are not you*. *Je est un autre* – é o que está escrito no poema de Rimbaud. Se um garoto desse diz isso, é porque teve uma percepção de que estava sendo falado. É, aliás, bem esquisito perceber isso – mas é assim mesmo. Por isso, para tentar teorizar esse acontecimento, Lacan inventou o tal *outro*. Como sabem, acho que ele não teve tempo de se dar conta de que o Outro é o Mesmo.

• Aristides Alonso – *Você falou sobre a simulação no momento em que criticava o conceito de interpretação. É o exercício da clínica como “aparelho de simulação da suspensão dos recalques” (Arte & Psicanálise, 1995). Isso é compatível com sua noção de Artificialismo e com o conceito de Revirão como máquina plena do Haver. Então, trata-se de perceber que aquilo em que se está é da ordem de um processo de construção, de simulação, para o qual outra*

situação também será possível como disponibilidade revirante. Em havendo Revirão, está-se perante a plenitude da simulação. E a situação nossa contemporânea está promovendo por via tecnológica (deepfake, por exemplo) uma ordem de simulação tal que nos deixa sem saber o que aconteceu mesmo em certas situações ou quem realmente foram seus protagonistas. Isto será cada vez mais utilizado em campanhas políticas, etc.

Vejam que isso faz pendant com a chamada *Pós-verdade*. Essas coisas são possíveis porque estamos lidando com *formações*. Uma vez colocadas no liquidificador social, aquilo se mistura e não sabemos mais qual é qual. Por outro lado, é muito bom o exercício de estranhamento dentro da situação comum, o exercício de, de repente, lidarmos com o mundo de nosso vizinho radicalmente outro. Imaginem esses garotos ligados ao funk, por exemplo, no consultório do analista. Como ainda é certa burguesia que frequenta consultório analítico, demoraria um tempo para o analista entrar no mundo deles. Vemos, na televisão, que têm uma linguagem diferente da nossa, mas falam tudo direito. Como já lhes disse, falam o português do futuro. E mais, eles são nossos vizinhos e não os conhecemos.

Isso nos serve para ver como o Quarto Império está entrando, dissolvendo tudo. Aqueles que pensam pela via da NovaMente terão que dar conta disso. Ainda não compareceu discurso algum para pensar com a lucidez necessária. Suponho que o percurso do Quarto Império – e ainda estamos longe de ele se instalar – seja o que chamo de **verdade ad hoc**: buscar as possibilidades de uma situação por via tecnológica para decisões aqui e agora. Para isto ser possível, é preciso que o Quarto Império já tenha entrado. E para o Quarto Império já ter entrado, é necessário o perdão universal. Ou seja, qualquer coisa vale qualquer coisa. O importante é a decisão que nos pareça a melhor possível sem julgamento de valor ou das pessoas. A bagunça que acontece atualmente é preparatória desse reconhecimento. Quando não se tiver mais a cara de pau de acusar nada nem ninguém, só se lidará com o Vínculo Absoluto e com as circunstâncias do momento.

• P – *Como isso seria possível? A todo momento, alguém está ultrapassando limites. Se alguém pegar meu telefone, por exemplo, como não acusá-lo?*

No momento do Quarto Império, o telefone não será de ninguém. Não se trata de abolir a propriedade, e sim que a tecnologia pode ser tão avançada que não será preciso *ter*, usa-se. Estamos muito longe disso, e a travessia até lá será bem difícil. Por isso, ao invés de dar para trás, quem está mais certo são os chamados *aceleracionistas*, sobre quem já falamos aqui. Há que acelerar o movimento para ser possível uma situação minimamente adequada. Por enquanto, estamos dando para trás.

• P – *Como ficaria a questão penal no Quarto Império? É possível uma sociedade em que não haja crime ou ato de violência em relação ao outro?*

Já disse que quem faz o *crime* é a lei. A violência em relação ao outro será considerada um defeito sintomático. Por que alguém está agressivo com outro? Vamos ver o que está acontecendo. Ao produzir uma lei, está-se produzindo uma exclusão. Num mundo acelerado tecnologicamente, não precisaremos propriamente de leis de exclusão, e sim de recomendações de desigualdade. Vejam o caso dos presídios no Brasil. O Estado tem o direito de fazer o que faz lá com as pessoas? Num cubículo para quatro, colocar dez pessoas? O Estado está roubando no jogo, pois não tem direito de prender alguém se não tiver condições de proporcionar um lugar adequado. Portanto, não pode prender. Então, deixará bandido na rua? Sim, igual ao Estado na rua.

• P – *Mas essa prática faz a contenção do desejo de ódio, de destruição, que é da espécie. No Quarto Império não haveria para esta espécie, sendo o que é, essa contenção policial?*

A polícia seria outra, e não essa que aí está.

• P – *Quanto ao ódio, há o caso real de uma mãe que disse em análise que perdoava seu genro, que, por ciúme, havia assassinado sua filha. Depois de muito tempo, ela – que cuidava da filha deles, sua neta – foi à prisão e lhe disse isso. Foi algo importante para ela...*

...só para ela. Ela não perdoou, e sim tirou o dela da reta. A psicanálise precisa ser distribuída no planeta para que seja possível entender que fazemos as coisas para nós. Alguém tão caridoso está ganhando o quê com isso? A caridade é para quem? Para o outro ou para ele? Quando houver um mundo em que esse tipo de coisa seja de fácil pensamento, a situação será diferente da atual. Os sintomas se dissolvem. Esse tal aí matou a mulher por ser doente, porque lhe

enfiaram na cabeça que não pode ser corno. Pode sim. Se essas coisas forem amaciadas, isso desaparecerá. O cara está achando ruim porque a mulher teria dado uma trepada com outro? Todos sabem que eles próprios também já deram. Assim pensado, o sintoma se dissolve – esse é o futuro. Quem inventou a posse das mulheres? O orangotango. (Lacan dizia: o *père orang-outang*). O Segundo Império conseguiu reconhecer as forças de determinação reprodutiva do Primeiro Império. É uma coisa de animal determinado que só ele vai reproduzir. E isso é da tal natureza que quer que a reprodução seja a melhor possível do ponto de vista genético. A humanidade aprendeu isso e transformou em Segundo Império. E por que isso precisaria perdurar? O que temos com isso? Se os costumes se diluírem e cada um for deixado à vontade, na sua, isso não funcionará mais assim. Corno e veado são complexos que fazem matar os outros. É difícil entender por que corno e veado são os assassinos? Com um entendimento cada vez mais refinado do psiquismo, saberemos o que estamos fazendo. Sempre que tivermos raiva de alguém, há que desconfiar de nós mesmos. Algo que é do lado de cá está incomodando. A psicanálise veio para entender essas coisas. É um discurso que não existia, é recente, tem pouco mais de cem anos – há que esperar mais uns quinhentos.

- P – *E tudo em torno da sexualidade?*

Ela é o fundamental, sempre foi. Está lá no Haver. Mas ela pode ser refinada entre as IdioFormações.

- AA – *Do ponto de vista político, o Quarto Império será diferocrático. Do ponto de vista econômico, será capitalista, sim, mas de que ordem?*

Resolva você esse ponto. Chame algum economista.

- AA – *Se tiver transporte à minha disposição, não precisarei ter carro...*

Isso não será socialismo ou comunismo, e sim disponibilidade – e Diferocracia. É a riqueza que cria a Indiferenciação. Em minha infância, era unimaginável que houvesse bicicletas e patins na rua para serem usadas por qualquer um. Uma bobagem dessa não era imaginável naquele tempo, pois tudo estava pespegado à posse de cada um. Então, só o fato de haver essas coisas disponíveis muda a perspectiva. A tecnologia tem que servir para não haver escassez. Chegará o dia em que nem será preciso pagar. Repito, isso não

é socialismo ou comunismo – a tese do comunismo está errada. A distribuição será automática, tecnicamente feita. Aí, não se tem mais com quem brigar.

- P – *Não há sempre o problema do ego, de querer se exhibir?*

Ego também tem cura. Há, primeiro, que matar *O Sujeito*.

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

Psicanalista.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NovaMente, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em SóPapos e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus ou on-line e publicados regularmente.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 3ª ed., 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: Psicanálise & Polética
Quatro sessões, sobre Las Meninas, de Velázquez, reunidas em Corte Real, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: A Música
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 329 p.
9. 1983: Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 2ª ed., 264 p.
10. 1984: Escólios
Parcialmente publicado em Revirão: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.
11. 1985: Grande Ser Tão Veredas
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.
12. 1986: Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos
Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise.
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.
13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Ainda // Juízo Final
Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise.
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.
14. 1988: De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.
15. 1989: Est’Ética da Psicanálise: Introdução
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.
16. 1990: Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 2ª ed. rev., 628 p.
17. 1991: Est’Ética da Psicanálise - Parte II
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 2ª ed., 622 p.
18. 1992: Pedagogia Freudiana
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: *A Natureza do Vínculo*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 310 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 264 p.
22. 1996: “*Psychopathia Sexualis*”
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 224 p.
26. 2000: “*Arte da Fuga*”
Publicado em: *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito*
Publicado em: *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.

30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfozes da Pulsão
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2010. 260 p.
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.
32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2014. 158 p.
35. 2009: Clownagens
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2012. 210 p.
36. 2010: Falatório [a sair]
37. SóPapos 2011
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2016. 218 p.
38. SóPapos 2012 [a sair]
39. SóPapos 2013
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2016. 218 p.
40. Razão de um Percurso
(Conferências Simplórias 2013, para divulgação da Nova
Psicanálise, realizadas na Universidade Candido Mendes)
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015.
41. SóPapos 2014
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2019. 284 p.

42. SóPapos 2015
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2016. 176 p.
43. SóPapos 2016
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 188 p.
44. SóPapos 2017 [a sair]
45. SóPapos 2018
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2020. 216 p.
46. SóPapos 2019
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2021. 306 p.
47. SóPapos 2020 [a sair]
48. SóPapos 2021 [em curso]

OBRA LITERÁRIA

1. *Oferta do Meu Mistério*

Livro composto e reproduzido pelo autor (mimeografado). Rio de Janeiro, 1966.

2. *Aboque/Abaque: Crestomatia*

Rio de Janeiro: Editora Rio, 1974. 200 p.

3. *Sebastião do Rio de Janeiro*

Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro / Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1978. 142 p.

4. *CantoProLixo*

Aoutra editora / Matias Marcier, 1985. 90 p.

5. *Kaluda* (O Nando e Eu)

Letras, Revista do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), edição especial, jan/jul 1995, p. 254-285. Republicado em: PUCHEU, Alberto (org.). *Poesia (e) Filosofia: por poetas-filósofos em atuação no Brasil*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. p. 29-50. Terceira publicação: *Et Cetera*: Revista de Literatura e Arte, n. 3, março 2004, p. 170-177. Curitiba: Travessa dos Editores. ISSN 1679-2734.

6. *S'Obras* (1982-1999)

Coletânea de poemas. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002. Editada por Fábio Campana, com coordenação gráfica e editorial de Jussara Salazar.

7. *Literadura*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 564 p.

Este livro foi composto nas fontes Times New Roman e Wingdings,
impresso pela AlphaGraphics Guanabara sobre papel offset 80 g/m².

